

INVESTIGANDO A BÍBLIA – ESTÁGIO 1: VALE A PENA ESTUDAR A BÍBLIA?

[1]

SUMÁRIO

1.	POR QUE CONSIDERAR A BÍBLIA? UM CONTO NÁUTICO	3
1.1.	INDEPENDENTEMENTE DE A BÍBLIA SER VERDADEIRA OU NÃO, ELA É IMPORTANTE?	3
1.2.	UM DOCUMENTO AFIRMA QUE O NAVIO ESTÁ AFUNDANDO	4
1.3.	O QUE FARIÁAMOS?	4
1.4.	TRÊS OPÇÕES POSSÍVEIS.....	4
1.5.	APRENDER COM OS ERROS DOS OUTROS	5
1.6.	UMA QUARTA OPÇÃO MAIS RAZOÁVEL	5
1.7.	ONDE ENTRA A BÍBLIA NISSO?	5
1.8.	VOCÊ ESTÁ ENTRE A MAIORIA?	6
2.	VERDADE.....	6
2.1.	O QUE É VERDADE?	6
2.2.	IGUALMENTE CERTO OU IGUALMENTE ERRADO?	7
2.3.	UMA PARTE MENOR DE UM TODO MAIOR.....	7
2.3.1.	ADIÇÃO NÃO SE APLICA.....	8
2.3.2.	DIVERSIDADE NÃO SE APLICA.....	8
2.3.3.	SUBTRAÇÃO NÃO SE APLICA	8
2.3.4.	VERDADE ABSOLUTA NÃO EXISTE?	9
2.4.	A BÍBLIA VERSUS PROBABILIDADE.....	9
2.5.	A BÍBLIA VERSUS SEUS RIVAIS.....	9
2.6.	ONDE ISSO NOS DEIXA?	10
3.	HÁ UM DEUS? O ARGUMENTO COSMOLÓGICO	10
3.1.	POR QUE AS COISAS SÃO COMO SÃO?	10
3.2.	O UNIVERSO TEVE UM COMEÇO?	11
3.3.	TUDO QUE PASSA A EXISTIR DEVE TER UMA CAUSA.....	11
3.4.	O QUE CAUSOU O UNIVERSO?	11
3.5.	A CAUSA DO UNIVERSO TEM QUE TER VONTADE E VOLIÇÃO.....	12
3.6.	ALGUMA FORMA DE FORÇA IMPESSOAL OU ENERGIA PODE SER A ORIGEM DE TUDO?	13
4.	DEUS, EVIDÊNCIA E ATEUS.....	13
4.1.	DE ACORDO COM A BÍBLIA, QUAL O NOSSO RELACIONAMENTO COM DEUS?	14
4.2.	DEUS SE FEZ CONHECIDO A NÓS?	14
4.3.	QUÃO CLARA PRECISAMOS QUE A EVIDÊNCIA SEJA?	14
4.4.	QUANTA EVIDÊNCIA É SUFICIENTE?.....	15
4.5.	SE HÁ UM DEUS, POR QUE HÁ ATEUS?	17
4.6.	POR QUE APENAS OS HEBREUS FORAM SEPARADOS PARA SEREM NAÇÃO DE DEUS?	17
4.7.	QUESTÕES QUE DESAFIAM A VISÃO DE MUNDO ATEÍSTA	18
5.	A CIÊNCIA DESCOBRIU DEUS?	19
5.1.	UM COMEÇO DE UMA ÚNICA VEZ	20
5.2.	TUDO DO NADA	20
5.3.	AJUSTADO FINAMENTE PARA A VIDA.....	21
5.4.	ACIDENTE OU MILAGRE	21
5.5.	DNA: A LINGUAGEM DA VIDA	23
5.6.	DIGITAIS DE UM CRIADOR	23
5.7.	UM CRIADOR PESSOAL?	24
6.	VISÃO DE MUNDO	25
6.1.	UMA BOA VISÃO DE MUNDO	25
6.2.	A VISÃO DE MUNDO CRISTÃ	27
6.3.	A VISÃO DE MUNDO NATURALISTA OU MATERIALISMO CIENTÍFICO	27

6.3.1.	UMA RESPOSTA AO MATERIALISMO CIENTÍFICO	29
6.4.	A VISÃO DE MUNDO DA NOVA ERA E DA RELIGIÃO/FILOSOFIA ORIENTAL	32
6.5.	VOLTANDO O FOCO PARA A VISÃO DE MUNDO CRISTÃ	35
6.6.	A VISÃO DE MUNDO CRISTÃ É UMA BOA VISÃO DE MUNDO?	38
7.	PRESSUPOSIÇÕES, INTERPRETAÇÃO DE INFORMAÇÕES E LÓGICA	42
7.1.	A LÓGICA VEM DE DEUS.....	43
7.2.	A INFORMAÇÃO VERDADEIRA VEM DE DEUS.....	45
7.3.	CONHECER AQUILO EM QUE SE ACREDITA.....	46
7.4.	AS TRÊS LEIS DA LÓGICA	46
7.5.	ABSOLUTOS LÓGICOS	47
7.6.	O ARGUMENTO TRANSCEDENTAL: ABSOLUTOS LÓGICOS E DEUS.....	48
7.6.1.	RESPOSTA A UMA TENTATIVA DE REFUTAÇÃO DO ARGUMENTO TRANSCENDENTAL	51
7.7.	APENAS DUAS OPÇÕES	52
7.8.	A DESCULPA DA FALTA DE CRENÇA EM DEUS.....	53
7.9.	NÃO SE PODE AFIRMAR QUE NÃO HÁ PROVA DE QUE DEUS EXISTE.....	54
7.10.	DESCRENÇA PORQUE A VIDA NÃO É JUSTA	55
7.11.	PRECISAMOS DE SINAIS PARA CRER EM DEUS?	56
8.	CRISTÃOS: TENDENCIOSOS, PRECONCEITUOSOS, INTOLERANTES E JULGADORES?	57
8.1.	GUERRA CULTURAL: BEM-VINDO À FRENTE DE BATALHA.....	57
8.2.	O QUE É SER TENDENCIOSO?	57
8.3.	O QUE É SER PRECONCEITUOSO?.....	58
8.4.	O QUE É SER INTOLERANTE?.....	58
8.5.	O QUE É SER JULGADOR?	58
8.5.1.	NÃO JULGUE.....	58
8.5.2.	JULGUE O EXTERIOR, NÃO O INTERIOR	59
8.5.3.	VOCÊ É UM JUIZ OU UMA TESTEMUNHA?	59
9.	O CRISTIANISMO FOI COPIADO E COLADO DE OUTRAS RELIGIÕES?	60
9.1.	O BÁSICO SOBRE COMPARAÇÃO ENTRE RELIGIÕES	61
9.2.	O QUE PARECE?	61
9.3.	SIMILARIDADES COM AS RELIGIÕES ANTIGAS DO ORIENTE MÉDIO?	62
9.4.	SIMILARIDADES COM A ANTIGA RELIGIÃO BABILÔNICA?	62
9.5.	SIMILARIDADES COM OUTRAS CULTURAS VIZINHAS?.....	63
9.6.	A BÍBLIA FOI FORMADA CONFORME A HIPÓTESE EVOLUCIONÁRIA?	64
9.6.1.	E QUANTO ÀQUELAS OUTRAS HISTÓRIAS DE DILÚVIO?	64
9.7.	ASTROTEOLOGIA, ASTROS E A BÍBLIA.....	66
9.7.1.	QUE DIZER DA ESTRELA QUE ORIENTOU OS SÁBIOS A ENCONTRAREM JESUS?	68
9.7.2.	PODE HAVER ALGUMA RELAÇÃO ENTRE A ASTRONOMIA E A REVELAÇÃO ESCRITA?	68
9.7.3.	UMA REFUTAÇÃO DA PARTE DE UM NÃO CRISTÃO	69
9.8.	RESPOSTAS CONTRA ALEGAÇÕES DO ZEITGEIST	71
9.9.	COM O QUE UMA RELIGIÃO COPIADA E COLADA DEVERIA SE PARECER?	74
9.10.	POR QUE NÃO DEVEMOS NOS SURPREENDER COM SIMILARIDADES?	75
9.10.1.	EXPECTATIVAS RAZOÁVEIS SOBRE A DIVINDADE.....	76
9.10.2.	AS MITOLOGIAS FALHAM EM PROVAR QUE JESUS É UM MITO	77
9.10.3.	A MOTIVAÇÃO POR TRÁS DAS MITOLOGIAS	79
9.10.4.	MITOLOGIAS PODEM APONTAR PARA A VERACIDADE DAS ESCRITURAS	80
9.11.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
10.	TERMOS BÁSICOS: VAMOS COMEÇAR A FALAR A MESMA LINGUAGEM	83
10.1.	O QUE É RELIGIÃO?.....	84
10.2.	O QUE É ADORAÇÃO?.....	85
10.3.	O QUE É FÉ?	85
10.3.1.	VOCÊ VÊ O QUE EU VEJO?	85

10.3.2.	O FUNDAMENTO DA LÓGICA	86
10.3.3.	A EXTENSÃO DA CONFIANÇA	87
10.4.	O QUE É UM CRISTÃO?	87
10.4.1.	QUEM DIZ QUE É CRISTÃO?	87
10.4.2.	O BÁSICO	91
10.4.3.	A IGREJA BÍBLICA	91
10.4.4.	COMO É ORGANIZADA A IGREJA BÍBLICA?	92
10.4.5.	DENOMINAÇÕES	94
10.4.6.	VOCÊ SÓ VIVE DUAS VEZES.....	94
10.5.	O QUE É JUSTIÇA?	95
10.5.1.	NÃO QUERO VENENO, OBRIGADO	95
10.5.2.	DEUS NOS DEU LEIS QUE NÃO PODEMOS CUMPRIR?	96
10.5.3.	SEM ALTERNATIVA.....	96
10.6.	PECADO	97
10.7.	MORTE	98
10.8.	AMOR	99
10.9.	MUNDO	101
10.10.	OS CHAMADOS “PAIS DA IGREJA”	101
11.	SOBRE O QUE É A BÍBLIA?.....	102
11.1.	MAIS DO QUE UM LIVRO.....	102
11.2.	ANTIGO TESTAMENTO E NOVO TESTAMENTO	102
11.3.	PARA QUE SERVIRAM OS SACRIFÍCIOS NO CONTEXTO BÍBLICO?	103
11.4.	SOBRE O QUE É O JULGAMENTO?	104
12.	REFERÊNCIAS.....	104

Este primeiro estágio do estudo demonstra que vale a pena investir tempo para estudar a Bíblia, além de ser também uma resposta a críticas e acusações frequentemente expressas.

1. POR QUE CONSIDERAR A BÍBLIA? UM CONTO NÁUTICO

Falando apenas em termos de alocação de recursos de tempo, a religião não é muito eficiente. Há muito mais que eu poderia estar fazendo em um domingo de manhã. (*Bill Gates*).

Não passo muito tempo pensando se Deus existe. Não considero essa uma questão relevante. É irresponsável e irrelevante para minha vida, então a coloco na categoria de coisas com as quais não posso me preocupar. (*Wendy Kaminer*).

Não sei se o cristianismo tem mais algo importante para o mundo. Está acabado, jogado fora. O único problema está em como se livrar do corpo antes que comece a cheirar muito. (*John Beevers*).

Cada um de nós tem apenas certa quantidade de tempo e há um milhão de formas de usá-lo.

É necessário um longo tempo para ler a Bíblia e uma vida inteira para estudá-la. Assim, é melhor que o chamado para examiná-la valha a pena. Será que vale? Vamos ver.

“Cale-se. Cale-se, eu estou ocupado.” Essa foi a última mensagem que o navio S. S. Titanic mandou ao navio Californian em 14 de abril de 1912, logo antes de atingir um *iceberg* naquela noite. Em resposta aos avisos de *icebergs* do Californian, a mensagem foi transmitida de maneira irritadiça pelo operador de rádio que estava preocupado com o envio dos telegramas das saudações de passageiros.

1.1. INDEPENDENTEMENTE DE A BÍBLIA SER VERDADEIRA OU NÃO, ELA É IMPORTANTE?

Inegavelmente, é muito difícil dizer quem crê na Bíblia e quem não crê baseado somente na aparência externa. Os ricos, os pobres, os intelectuais, os ignorantes, os felizes, os tristes – não vamos encontrar nenhuma

pessoa perfeita nesses grupos. Então, a pergunta que pode passar por nossas mentes é: “Independentemente de a Bíblia ser verdadeira ou não, ela é importante?”

Determinar a credibilidade da Bíblia é importante por várias razões. A Bíblia alega ser a voz na Terra do verdadeiro Deus. Alega ser fundamental para aprender a respeito do criador do universo, sobre sermos feitos espiritualmente vivos por Deus e sobre amar uns aos outros. Mas o mais importante é que **a Bíblia alega nos assegurar como podemos sobreviver a morte que cada um de nós vai sofrer.**

A seguir, segue uma história que ilustra a razão pela qual se deveria considerar a Bíblia.

1.2. UM DOCUMENTO AFIRMA QUE O NAVIO ESTÁ AFUNDANDO

Imagine que estamos em um prazeroso longo cruzeiro, um quente anoitecer com a primeira brisa do início da noite vindo sobre a proa do transatlântico que desliza sobre as águas em direção ao horizonte à frente. Silenciosamente de pé contra a grade do convés mais alto, olhamos para baixo para ver abaixo de nós uma multidão de outros passageiros que vão aproveitando seus momentos. Alguns passeiam por ali, outros estão envolvidos em diferentes atividades, uns poucos gargalhando e outros se retirando para suas cabines.

O que vemos a seguir nos espanta de uma forma estranhamente diferente: certas pessoas estão vestindo coletes salva-vidas e estão tentando convencer outros a fazerem o mesmo. Um deles nota nossa curiosidade e nos mostra um documento que dá a entender ser do capitão, o qual diz a seguinte mensagem: **o navio está afundando.**

1.3. O QUE FARIAMOS?

Antes de tudo: a mensagem é mesmo do capitão? A mensagem é mesmo importante?

A importância da mensagem se encontra dentro da sua veracidade. Se não é verdadeira, então não é importante. Mas se é verdadeira, então precisamos acreditar nela e agir de acordo. Então, após tomarmos nota da informação, qual o nosso próximo passo?

Nós olhamos ao redor. **De momento, tudo parece normal.** A observação casual nem confirma nem refuta que o navio está ou pode estar em risco, mas é um navio grande. Se o navio estivesse com problemas, um aviso de algum tipo é o que esperaríamos. Esperaríamos ouvir um alerta bem antes de vermos membros familiares se afogando.

Por um lado, os passageiros que estão se retirando para suas cabines tentam nos assegurar dizendo que o navio está bem, sempre esteve, e sempre vai estar. O fato de que tantas pessoas acreditam nisso fornece certa dose de conforto.

Por outro lado, não podemos negar que o chão do oceano negro, quilômetros abaixo do navio, está cheio (“cheio” no sentido de que os navios afundados não precisam que nos juntemos a eles) de navios como o Titanic, o qual tomou “garantias” similares ao invés de se importar mais com a segurança. Para esse fim, as outras vezes dizem para colocarmos o colete salva-vidas por ser a única forma de escapar.

A sinceridade de ambas as vozes apenas eleva o mistério: o navio está mesmo afundando? Como podemos saber? O que faremos agora?

Vamos considerar algumas opções a seguir.

1.4. TRÊS OPÇÕES POSSÍVEIS

1. **Nós podemos não fazer nada.** Ignorar totalmente a mensagem nos deixa no navio e sem usar o colete salva-vidas. Então, se vamos ficar, podemos aproveitar a estadia ao máximo, bem como ir à opção dois.
2. **Nós podemos assumir que a mensagem está errada e voltar à nossa cabine.** A nossa cabine é confortável, muitos amigos e família estão fazendo isso, e também a cabine é onde todas as nossas

coisas estão. É claro, a desvantagem é que, se o navio for água abaixo, vamos junto. Uma terceira opção é...

3. **Nós podemos assumir que a mensagem é correta e ir para o bote salva-vidas.** Parece que há bastante tempo para abordar o bote salva-vidas. Os botes ainda estão acessíveis e, se o navio afundar, lentamente ou repentinamente, nós seremos salvos. Contudo, há vários detalhes a serem observados. Entre eles, vestir o colete salva-vidas (que resulta em desconforto e restrição nos movimentos), deixar para trás as coisas que o bote salva-vidas não pode acomodar, e nos colocar em submissão à autoridade do chefe do bote até que ele parta e que sejamos resgatados.

Seria difícil para as pessoas abandonarem os muitos confortos imediatos do navio. Vestir um colete restritivo e se submeter a uma autoridade desconhecida não são as melhores ideias de férias em um cruzeiro. Por outro lado, quem poderia colocar o aviso completamente para fora de sua mente?

Algumas pessoas dizem que o aviso não é autêntico. Elas sabem sobre todos os tipos de pessoas que têm olhado para o navio e dito que parecia bem para elas. Nós devíamos ter fé na sua refutação do aviso. Devíamos mesmo? **Seria hipocrisia condenar a fé no aviso somente para assumir a fé na refutação dele sem pelo menos investigar algum dos dois.** Então, de novo, o que devemos fazer?

O que outros em situações similares fizeram?

1.5. APRENDER COM OS ERROS DOS OUTROS

Testemunhas nos dizem que o Titanic lançou alguns dos seus poucos preciosos botes salva-vidas apenas com um terço ou um quarto da capacidade deles. Aquele transatlântico antes elogiado agora escarnece dos 1.517 que permaneceram a bordo – alguns que podem estar se lembrando de como podiam ter aproveitado a oportunidade perdida enquanto morriam. Enquanto ainda havia uma esperança de escapar, certos passageiros tinham estado confortáveis em arriscar dizer que o amanhã viria e acabaria, assim como o dia anterior, e que os botes salva-vidas que eles tinham observado partir logo estariam retornando com pessoas bem resfriadas e envergonhadas.

Com isso em mente, será que estamos em uma posição similar? Embora possamos pensar que um navio afundando é improvável, não obstante, é uma possibilidade. Portanto, uma quarta opção, demonstrada a seguir, parece ser a mais razoável.

1.6. UMA QUARTA OPÇÃO MAIS RAZOÁVEL

Podemos checar o documento para saber se é verdade.

O documento representa a [Bíblia](#). O navio representa o mundo, o bote salva-vidas representa a salvação em Jesus Cristo fornecida por Deus, e o colete salva-vidas representa o Espírito Santo de Deus com o qual cada [cristão](#) é selado como um guia e garantia da graça de Deus.

Então, qual consequência de vida ou morte a Bíblia diz que deve ser levada em conta?

1.7. ONDE ENTRA A BÍBLIA NISSO?

A mensagem da Bíblia diz ser uma mensagem amplamente positiva do amor de Deus para a humanidade, coletivamente e pessoalmente. A mensagem diz ser também sobre a desesperada necessidade da humanidade para receber o perdão e a regeneração de Deus, não apenas coletivamente, mas pessoalmente. Isso inclui a [conversão](#) das pessoas a Deus e, de uma maneira pessoal, do recebimento do seu perdão, o qual foi deixado disponível a todos por Jesus Cristo.

De acordo com a Bíblia, as pessoas, ao serem chamadas por Deus por meio do evangelho para crerem em Cristo e receberem seu perdão, após a conversão, recebem o Espírito Santo e são espiritualmente renascidas (ou

“nascidas de novo”). São seladas e legalmente postas de lado de tudo que é corrompido por pecado e morte – coisas que o caráter de justiça de Deus tem programado para destruição.

Tendo em mente os termos da história narrada acima, as pessoas podem tanto receber a segurança e orientação do Espírito Santo de Deus hoje, garantindo seu resgate eterno em sua presença, ou eventualmente [ir abaixo com o mundo](#), o qual Deus alertou de antemão que tem que ser destruído. **O ponto é que a mensagem da Bíblia alega ser uma questão de morte ou vida eterna. Portanto, se a mensagem for verdadeira, é extremamente importante.**

1.8. VOCÊ ESTÁ ENTRE A MAIORIA?

Há um Deus? Jesus é Deus? A morte e ressurreição de Jesus assegurou o perdão às pessoas ou não? Se o navio está afundando, o bote salva-vidas chamado Jesus é um bote salva-vidas que não está furado e que não vai quebrar ou afundar?

Com a eternidade potencialmente em jogo, investigar o documento que nos foi deixado é, positivamente, o caminho mais razoável para evitar jogar fora o futuro.

Curiosamente, a Bíblia prediz que muitas pessoas vão, na verdade, acabar negligenciando Cristo, perdendo suas ofertas de vida. Mas não é difícil imaginar isso se considerarmos que botes salva-vidas deixaram o Titanic com a minoria dos tripulantes e que a maioria deles permaneceu a bordo e se afogou.

2. VERDADE

O que é verdade é o que é verdade para você. (*L. Ron Hubbard*).

O que sou eu para o universo, ou, o universo, o que é para mim? Quem forjou as correntes do certo e do errado...? E devo usá-las? (*Ralph Waldo Emerson*).

Não existe conhecimento absoluto. E aqueles que o afirmam, sejam cientistas ou dogmáticos, abrem a porta para a tragédia. (*Jacob Bronowski*).

Bill O'Reilly: “Você acha que o presidente Clinton é um homem honesto?” Dan Rather: “Bem, eu acho que ele é. Acho que no fundo ele é uma pessoa honesta [...]. Mas acho que você pode ser uma pessoa honesta e mentir sobre inúmeras coisas.” (*The O'Reilly Factor*).

Os homens tropeçam na verdade de vez em quando, mas a maioria se levanta e sai correndo como se nada tivesse acontecido. (*Sir Winston Churchill*).

Nós – com a ajuda de Deus – convocamos todo muçulmano que crê em Deus e deseja ser recompensado para cumprir a ordem de Deus para matar americanos e saquear seu dinheiro onde e quando os encontrarem. (*Osama Bin Laden*).

Uma exploração da verdade da Bíblia começa com a verdade em si mesma.

[Se a verdade fosse sempre relativa, se não houvesse diferença absoluta entre certo e errado, então tanto a Bíblia quanto a mais racional discussão seriam inúteis.](#) No entanto, se existem verdades absolutas, se certo e errado existem, então temos justificativa para começar a avaliar a verdade ou falsidade da Bíblia.

Bertrand Russell escreveu:

Há um tipo de gente presunçosa que gosta de afirmar que “tudo é relativo”. **Isso é claramente um absurdo, pois se tudo fosse relativo, seria relativo em relação a quê?** É possível, porém, sem incorrer em absurdos metafísicos, sustentar que tudo no mundo é relativo a um observador [2].

2.1. O QUE É VERDADE?

Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.” (*João 14:6, “Nova Versão Internacional”*).

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. (João 17:17, “Nova Versão Internacional”).

Verdade é aquilo que reflete realidade. Verdade corresponde ao fato e é consistente com aquilo que ocorreu na realidade. Isso é chamado **verdade absoluta** ou **sentido absoluto** de verdade.

Outro sentido de verdade é o **sentido relativo**. Ele ocorre quando um evento ou declaração é considerado **consistente com a percepção de alguém**.

Por exemplo, considere a declaração: “Os prédios do World Trade Center foram destruídos em 11 de setembro de 2001.” Isso é verdade no sentido absoluto. Contudo, aqueles que derrubaram os prédios podem argumentar que eles já tinham sido efetivamente destruídos, de antemão, anos antes, por causa das ações dos Estados Unidos no mundo. Isso pode ser verdade em um sentido relativo: relativo às percepções e políticas de alguém.

Encontrar a verdade relativa em um dado evento é sempre possível, mas não quer dizer que o sentido absoluto de verdade não se aplica mais. Muito pelo contrário, cerca de 2.800 pessoas morreram naquela manhã de terça-feira, independentemente de quando os responsáveis decidiram destruir os prédios.

Isso engloba a Bíblia. Independentemente do quão exata você acredite que a Bíblia seja, ou ela reflete a história que ocorreu na realidade, ou não. A Bíblia ou corresponde à realidade e fato, ou não.

2.2. IGUALMENTE CERTO OU IGUALMENTE ERRADO?

Todo mundo que já ouviu falar da Bíblia tem algum tipo de opinião sobre ela. Há opiniões diferentes quer ela seja verdadeira, quer não, ou se ela é verdadeira em um sentido relativo, ou absoluto, e assim por diante. Algumas pessoas creem nela como revelação literal e específica de Deus. Outros acreditam que as origens da Bíblia são menos divinas e mais abertas à interpretação. Em um mundo tão cheio de diferentes opiniões sobre ela, uma coisa é certa: **todo mundo não pode estar certo. Pelo menos algumas opiniões devem estar erradas.**

Uma tentativa clássica de refutar a ideia de certo e errado, especificamente a **verdade absoluta considerando religião**, acontece como nesta analogia, a “**analogia do elefante**”: vários homens cegos estão tocando uma parte diferente de um elefante. Tentando determinar no que estava tocando, com base nas informações que coletou, um dos homens cegos, tateando a perna do elefante, a descreve como sendo uma árvore. Outro, tateando seu tronco, descreve como sendo uma rocha. Outro, tateando sua cauda, a descreve como sendo uma cobra... E assim por diante.

Um ponto dessa analogia é ilustrar a falsa ideia de que não há sentido absoluto de verdade considerando religião, ou seja, “verdade e Deus são apenas como você percebe que são”. Isso é altamente enganador. É equivalente a dizer que “ $2+2=3$ ” e “ $2+2=6$ ” são igualmente corretos. Na realidade, nenhum é correto. É mais exato dizer que cada homem cego estava igualmente errado, não igualmente certo.

Na analogia, cada homem cego falhou em descobrir a verdade objetiva: eles estavam todos reunidos em volta de um elefante. Claro que, nessa analogia, é bem intencional que não haja lugar para quem sabe que o elefante da história é realmente um elefante. A ideia é deixar os cegos chegarem às suas conclusões sem interferência, uma vez que a analogia considera a verdade como pessoalmente não conhecível, ou considera que o discernimento do certo do errado é mais intolerável do que contradições ou erros. É uma analogia enganadora.

2.3. UMA PARTE MENOR DE UM TODO MAIOR

Outro ponto da [analogia do elefante](#) é que ela assume que cada homem possui apenas uma parte pequena de uma verdade global maior. O homem cego que tateou a perna do elefante, por exemplo, fez, basicamente, observações corretas sobre o formato da perna e sobre a textura dela. Mas enquanto essas observações particulares podem ter sido exatas, faltando outros pontos de vista, o homem cego chegou à conclusão errada. A analogia assume que a verdade maior apenas seria visível quando todos os pontos de vista fossem combinados.

Porém, quando essa filosofia é aplicada à Bíblia, o cristianismo é reduzido a apenas um de muitos modos de vida que podem ser igualmente válidos ou igualmente equivocados.

Será que a combinação do cristianismo com outras religiões e filosofias revelaria a suposta “verdade maior”? Vamos ver.

2.3.1. ADIÇÃO NÃO SE APLICA

Combinar cada uma das religiões e filosofias do mundo tem um problema: contradições. O que um grupo acredita ser verdade, outro grupo acredita ser falso. O hinduísmo diz que há muitos deuses, o ateísmo diz que não há deuses, o panteísmo diz que tudo é Deus, a “crença da Nova Era” diz que nós somos Deus, o mormonismo diz que nós podemos nos tornar deuses, a cientologia diz que nós somos (essencialmente) deuses, e o cristianismo diz que há um único Deus trino.

Essas diferenças, como muitas, muitas outras, absolutamente não podem ser reconciliadas sem que o resultado pareça “forçado e artificial” – seria como tentar misturar água e óleo e esperar uma mistura homogênea. Portanto, o problema das contradições se opõe à tentativa de combinar religiões para se chegar a uma descrição de realidade não contraditória. Assim, **adição não é aplicável para encontrar a “verdade maior”.**

2.3.2. DIVERSIDADE NÃO SE APLICA

Nós devemos realmente rejeitar conclusões contraditórias sobre a Bíblia? Não devíamos abraçar diferentes crenças em prol da diversidade cultural ou religiosa?

Ouvimos isso frequentemente. Por exemplo, se o cristão diz que a história aconteceu de acordo com a Bíblia, mas o descrente diz que aconteceu de uma forma diferente, poderia alguém mais “moderado” oferecer a melhor solução ao dizer para que cada um fique com sua própria crença? A história aconteceu de uma das duas maneiras ou das duas ao mesmo tempo? **A história só pode ter acontecido de uma das duas maneiras, ou de nenhuma dessas maneiras, mas não pode ter ocorrido das duas maneiras ao mesmo tempo.** Portanto, a resposta às duas primeiras perguntas é não.

Perguntar se a Bíblia é um registro exato da história, ou se não é, não é como perguntar qual cor é a mais bonita. Ou o cristão está errado, ou o descrente está errado, ou os dois estão errados. Eles podem até perceber a verdade de forma honesta e diferente. No entanto, **percepções erradas, independentemente de quão honestas sejam, não mudam a história.** É como o caso de cada [cego tasteando o elefante](#). Em consideração ao sentido absoluto de verdade, **a história nunca permite o compromisso impossível de aceitar resultados contraditórios. A diversidade também não se aplica para encontrar a “verdade maior”.**

2.3.3. SUBTRAÇÃO NÃO SE APLICA

O cenário da [analogia do elefante](#) sugere ainda outro caminho pelo qual a ilusória “verdade maior” pode ser encontrada. Ao invés de adição, nós poderíamos tentar subtração. Será que a verdade pode ser encontrada se nos livrarmos de tudo que as pessoas não concordam, ao invés de abraçar todas as formas de crença?

Isso significaria reduzir as ideologias do mundo a uns poucos elementos que elas compartilham. Uma vez que eliminemos cada aspecto de existência no qual há desacordo, o que nos resta? Nada. Na verdade, ainda menos que nada, uma vez que o **niilismo** é uma concepção filosófica baseada na ideia de não haver nada ou nenhuma certeza que possa servir como base o conhecimento, e esse conceito teria que ser jogado abaixo também. Então, quando se trata de explicar a história humana e a existência, é fácil ver que **nem combinar ideologias, nem reduzir elas a denominadores comuns, vai nos fornecer uma resposta racional, prática e provável.**

É uma impossibilidade lógica acreditar em todas as ideologias, e é irracional concordar apenas no “menos do que nada” que as muitas ideologias têm em comum. Assim, nossa afirmação inicial ainda permanece: existem respostas corretas e respostas incorretas. Mesmo as [pessoas que dizem que a crença em verdade absoluta é errada](#) ainda têm que concordar com isso.

Então, o problema diante de nós é **como faremos para discernir entre as possíveis respostas**. Especificamente, qual análise da Bíblia melhor reflete a realidade?

2.3.4. VERDADE ABSOLUTA NÃO EXISTE?

A posição de que “não existe verdade absoluta” é bastante problemática. Imagine que alguém declare confiantemente: “Não existe verdade absoluta.” Outra pessoa ouve isso e pergunta: “Você tem certeza?” Qual seria a resposta da primeira pessoa?

Se ela dizer que sim, acabou de declarar uma verdade absoluta: não existe verdade absoluta. Porém, essa resposta destrói a si mesma, pois está sendo declarado que não existe verdade absoluta ao mesmo tempo e no mesmo sentido em que existe a verdade absoluta que afirma “não existe verdade absoluta”... Isso é um absurdo lógico e não pode ser verdadeiro.

Se a resposta for não, então a pessoa não tem competência para afirmar que não existe verdade absoluta, pois não está certa disso.

Se a pessoa disser que acredita que não existe verdade absoluta, está apenas dando sua opinião (por mais fundamentada que possa parecer). Está colocando **fé** nessa crença, estando passível de estar incorreta.

Por outro lado, a crença de que há verdade absoluta e que [a verdade tem sentidos absolutos e sentidos relativos](#) é muito mais consistente com a realidade.

2.4. A BÍBLIA VERSUS PROBABILIDADE

A Bíblia é um retrato exato de lugares, pessoas e eventos? Ela não apenas diz ser uma reflexão exata da história passada, mas também da história ainda por vir. Em resposta a isso, o ceticismo natural pergunta: “Nós podemos acreditar em tudo que lemos na Bíblia?”

É fácil acreditar que a Bíblia contém algumas verdades, mas ela é uma coleção de escritos muito extensa e muito antiga. É difícil aceitar qualquer livro como completamente confiável, pior ainda quando se trata de uma coleção de livros. Porém, ao mesmo tempo, a improbabilidade de que tal coleção de livros possa ser completamente confiável, ou a improbabilidade de que sequer exista um livro totalmente confiável, sugere algo muito único.

Considerando que a Bíblia poderia, de fato, ter sido orquestrada por um fiel e [transcendental Deus](#), temos que considerar dois fatos impressionantes sobre ela:

1. **O grau em que as escrituras bíblicas podem ser provadas verdadeiras;**
2. **A inabilidade que os críticos da Bíblia têm tido em mais de dois milênios em provar que ela é falsa.**

2.5. A BÍBLIA VERSUS SEUS RIVAIS

O próprio fato de que a Bíblia oferece a si mesma aos leitores como um verificável registro da história real é único no campo da religião, mesmo quando comparada a seus rivais mais populares.

Por exemplo, o **humanismo** ou **humanismo secular** (similar ao ateísmo) **não oferece critério objetivo pelo qual julgar sua validade**. Julian Huxley fundou o humanismo especificamente com base na crença de que toda a verdade é relativa. O **hinduísmo** e outras **religiões orientais** se assemelham a isso acreditando que há muitos caminhos para Deus. As maiores facções do **moderno judaísmo**, assim como algumas novas “[igrejas](#)” e seitas “[cristãs](#)” neo-ortodoxas, espiritualizam as Escrituras ao ponto de acreditarem que elas são verdadeiras apenas nos mais generalizados e figurados caminhos. Veremos mais sobre algumas dessas [visões de mundo](#) adiante.

O **islã**, o qual abordaremos em detalhes no sexto estágio deste estudo (história), também não tem um real teste empírico de sua própria validade. Alguns muçulmanos possuem uma “codificação matemática secreta” do número dezanove do Alcorão (na linguagem original apenas). Essa é uma de apenas duas confirmações de sua

veracidade, pois o islã refuta misticamente quaisquer evidências ou descobertas que testemunhem de outra maneira. A outra das duas confirmações é que Maomé disse que um dia retornaria para Meca, e retornou. Quanto aos muitos que vivem sobre a **Lei Sharia** (o corpo da lei islâmica), a ameaça de tortura ou desmembramento é sua prova chefe de que nenhuma outra maneira de pensar precisa ser considerada.

2.6. ONDE ISSO NOS DEIXA?

Em forte contraste com as outras religiões competidoras e filosofias, a Bíblia coloca a si mesma aberta à verificação para constatar se contém verdade tanto literal quanto figurada. A Bíblia relata os começos do universo e da própria vida. A Bíblia profetizou eventos que são verificados como ocorridos séculos depois que os autores estavam mortos. O terceiro estágio deste estudo (veracidade) explora todas essas coisas para verificar a fé cristã em termos de concordância com a história, lógica, plausibilidade e confiabilidade.

3. HÁ UM DEUS? O ARGUMENTO COSMOLÓGICO

Seria muito difícil explicar por que o universo deveria ter começado exatamente dessa maneira, exceto como ato de um Deus que pretendia criar seres como nós. (*Stephen Hawking*).

Mesmo as leis quânticas não poderiam ter precedido ou originado o universo do qual elas próprias são meramente uma propriedade ou descrição resultante. (*ProvetheBible.net*).

Se o universo foi projetado por Deus, então deve ter um propósito. Se esse propósito nunca for alcançado, Deus terá falhado. Se for alcançado, então a continuação do universo será desnecessária. (*Paul Davies*).

O ancestral de toda ação é um pensamento. (*Ralph Waldo Emerson*).

Minha religião consiste em uma humilde admiração do espírito superior ilimitado que se revela nos mínimos detalhes que somos capazes de perceber com nossa mente frágil e débil. (*Albert Einstein*).

Você não pode convencer um crente de nada; pois sua crença não é baseada em evidências, é baseada em uma profunda necessidade de crer. (*Carl Sagan*).

Uma interpretação de bom senso dos fatos sugere que um super intelecto brincou com a física, bem como com a química e a biologia, e que não há forças cegas dignas de nota na natureza. (*Sir Fred Hoyle*).

Constatamos que [verdades possuem sentidos absolutos](#). Uma verdade absoluta é que os cristãos acreditam que há um Deus.

É importante dizer que **são as observações que determinam as teorias, e não vice-versa**. Não é necessário construir uma teoria para a existência de Deus para que as considerações das testemunhas oculares de Jesus Cristo sejam críveis.

O que demonstraremos a seguir é que **uma premissa que declara que Deus pode de fato existir é racional, lógica e considerável para o universo observável**.

3.1. POR QUE AS COISAS SÃO COMO SÃO?

Você já pensou no significado ou no propósito de sua própria existência? O inegável fato de que existimos nos leva a perguntar: “Por quê?” De fato, por que uma coisa qualquer existe?

Para descobrir porque existimos individualmente, um bom ponto de partida é olhar para o próprio universo do qual somos uma parte minúscula. O universo estava aqui muito tempo antes que fôssemos nascidos. Assim, a “missão” para entender por que ou como ele veio a existir deve começar do começo: a origem do universo.

Essencialmente, há apenas duas possibilidades para a existência do universo:

- **O universo sempre existiu (é de idade infinita);**

- **O universo teve um começo (é de idade finita).**

3.2. O UNIVERSO TEVE UM COMEÇO?

Em 1929, o astrônomo Edwin Hubble fez uma observação que levou à descoberta de que o universo está se expandindo para fora, de certa maneira “inflando”, em todas as direções. O primeiro momento dessa expansão é o que é popularmente conhecido como *big bang*, o que abordamos com mais detalhes no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Contribuições científicas subsequentes, incluindo a descoberta de Albert Einstein do relacionamento especial entre espaço, tempo e matéria, levou o Congresso de Astrônomos de 1969 a oficialmente declarar que **o universo definitivamente teve um começo.**

Os estudos contemporâneos por astrofísicos renomados como Stephen Hawking e o matemático Roger Penrose continuaram a validar essa crença científica. Assim, a observação científica do universo, pelo menos por agora, decidiu o debate sobre se o universo teve ou não teve um começo. **Por todas as observações, o universo de fato teve um começo.**

3.3. TUDO QUE PASSA A EXISTIR DEVE TER UMA CAUSA

Todo mundo é pelo menos familiar com a lei da causalidade. A lei da causalidade basicamente diz que **para cada efeito deve haver uma causa.** A causa precede o efeito. Esse é o caso com todas as coisas conhecidas que têm tido um começo, **até mesmo as partículas quânticas. Leis quânticas não poderiam ter precedido ou originado um universo no qual as próprias leis são meramente uma propriedade resultante dele mesmo ou uma descrição dele mesmo. Mesmo as leis precisam de um início.**

Sem exceção, cada mínimo organismo vivente da Terra hoje veio a existir como resultado de primeiro ter sido produzido ou reproduzido. Portanto, como é concordado entre muitos astrônomos que o universo começou a existir, **a lógica dita que deve ter havido uma causa que precedeu o universo. Alguma coisa existindo antes do universo tem que existir para causar o universo.**

3.4. O QUE CAUSOU O UNIVERSO?

O universo, por definição, é espaço, tempo e matéria/energia (matéria e energia são intercambiáveis). **Qualquer coisa consistindo de espaço, tempo e matéria/energia, ou limitado por eles, é, por si mesma, meramente uma parte componente desse universo natural.** A matéria é inconcebível sem movimento e o movimento da matéria sempre se processa no espaço e no tempo. Por isso, o espaço e o tempo são tão inseparáveis da matéria como o movimento. Não há objeto material que não tenha extensão e não exista no tempo. Espaço e tempo são interdependentes e relativos. Então, **o que quer que seja que causou o universo, não poderia ter consistido dessas características das quais ele foi subsequentemente produzido.** Portanto, raciocinamos que a “força causal” tem que ser:

- **Independente do espaço (ilimitada);**
- **Independente do tempo (eterna);**
- **Independente de matéria/energia (imaterial).**

Essas características sugerem que:

- Se a causa é sem limites, existe em todo lugar;
- Se a causa é eterna, ela: (a) nunca veio a existir; (b) nunca pode cessar de existir; e (c) é por si mesma sem causa e autoexistente;
- Se a causa é imaterial, ela é: (a) não natural, ou seja, sobrenatural; e (b) não restrita por qualquer lei física do universo causado, conhecido ou desconhecido, que é trazido à existência.

Dadas todas essas características, **o termo de certa forma ambíguo “deus” é um “rótulo” adequado para descrever a causa do universo no qual o raciocínio nos levou a deduzir como ilimitada, eterna, imaterial, sobrenatural e onipotente em relação ao universo conhecido.**

Alguém poderia tentar argumentar que o universo conhecido é apenas um entre muitos – é a ideia do multiverso. Não vamos entrar em detalhes sobre isso, mas é suficiente dizer que tal ideia é muito mais baseada em especulação do que em evidências. Além do mais, **a ideia do multiverso não responde à questão do que gerou o universo.** Tudo que é tempo, espaço e matéria/energia tem que ter tido um começo. Ainda que houvesse um universo que tenha criado outro, o problema continua – sempre se pode perguntar o que criou o universo anterior. Tal raciocínio, portanto, recai sobre um absurdo lógico conhecido como **regressão infinita.**

Para simplificar o entendimento do problema da regressão infinita, pense em uma gigantesca linha de dominós, na qual um dominó derruba o outro. Em algum momento, algo tem que ter empurrado o primeiro dominó para que todos os demais continuassem a cair um sobre o outro. O que foi esse algo? Se recairmos sobre um raciocínio de regressão infinita nesse contexto, nunca haveria um primeiro dominó caindo sobre o outro e, conseqüentemente, não haveria o movimento dos demais dominós.

Note bem o problema: descobrir qual foi **a primeira causa de tudo.** A regressão infinita que ocorre na ideia do multiverso, ou até mesmo na ideia de que o ser humano possa ter sido gerado a partir de alienígenas (ou seja, “Quem criou o alienígena?”), **simplesmente não soluciona o problema, apenas o ignora.**

Porém, apenas isso não nos permite ainda descrever um deus pessoal e de vontade própria de escrituras antigas.

3.5. A CAUSA DO UNIVERSO TEM QUE TER VONTADE E VOLIÇÃO

Uma vez que cada efeito material, incluindo o começo do universo, requer uma causa, raciocinamos que **deve haver uma causa eternamente existente que, em si mesma, não foi causada por outra causa de onde cada efeito material se origina.** Essa causa nós “rotulamos” de “deus”.

Mas o que fez essa “causa” causar o universo? Em outras palavras, o que poderia ter estimulado “deus” a criar o universo? E como analisar tal problema sem recair no absurdo lógico da [regressão infinita](#)?

É nesse ponto que um deus pessoal e de vontade própria, **tal como o Deus da Bíblia,** se tornaria a solução à questão do que causou o universo. **A única coisa que poderia ter incitado uma causa que não pode ter sido causada antes a agir, antes que o universo existisse, é... Ela mesma.** Em outras palavras, **a única influência conhecida para “deus” antes que o universo existisse teria que ter sido ele mesmo, “deus”.**

Naturalmente, alguém poderia perguntar: “Se tudo que veio a existir deve ter uma causa predecessora, como ‘deus’ veio a existir?” É uma pergunta racional e, na verdade, a resposta é simples e, talvez, difícil para a mente humana conceber. **“Deus” tem que ser autoexistente, eterno – ele nunca teria vindo a existir, simplesmente sempre existiu, e é autossuficiente. Logo, a lei da causalidade não se aplica a “deus”.** O Deus da Bíblia é apresentado dessa forma.

As únicas coisas que conhecemos que causam a si mesmas a agir, a verdadeiramente iniciar um curso de ação, são coisas com vontade e volição, o que implica em uma mente. E, se alguma coisa tem uma mente, então é considerada um ser vivente e pessoal. **Assim, raciocínio simples e lógico converge sobre uma mente pré-existente: um ser ilimitado, eterno, imaterial, autoexistente, vivente e pessoal que voluntariamente iniciou o universo.**

A descrição de “deus” como chegou a nós por todo o raciocínio acima, desde o seu começo, corresponde à descrição do Deus dada por Moisés, Abraão, Davi, profetas do Antigo Testamento e escritores do Novo Testamento.

Será que o “deus” criador do universo é mesmo o Deus da Bíblia? Você pode continuar a ler o estudo e julgar por si mesmo.

3.6. ALGUMA FORMA DE FORÇA IMPESSOAL OU ENERGIA PODE SER A ORIGEM DE TUDO?

Há pessoas que creem que uma energia ou força impessoal é a resposta para a origem do universo – algo como a “força” de “Guerra nas Estrelas”.

Basicamente, nessa visão, tudo é energia e ela sempre existiu. Como apoio a isso, costuma-se citar que a energia não pode ser criada e nem destruída, mas apenas transformada (a Primeira Lei da Termodinâmica). No entanto, essa lei só se aplica em um **sistema fechado**, ou seja, se for considerado que o universo é tudo que existe e não há mais nada além dele. Se for assim, o universo não pode receber massa, matéria ou energia de mais nada, e nem pode fornecer massa, matéria e energia para mais nada. Por isso, **sem a existência de “deus”, é obrigatório que o universo deva ser considerado como um sistema que sempre foi fechado e que a energia/matéria seja de alguma forma eterna** (sempre tenha existido). Se massa, matéria e/ou energia pudessem entrar ou sair do sistema, o sistema **em algum momento** (o momento de sua criação) teria que ter sido um **sistema aberto** – e essa é a afirmação de um **criacionista**. **Portanto, o ateísmo tem que acreditar que o universo é e sempre foi um sistema fechado.**

No entanto, temos um impasse com essa visão. **Foi provado que tempo, espaço e matéria/energia tiveram um início.** Cada um deles é o universo: estão profundamente relacionados e um não pode existir sem o outro – **tudo que é parte do universo teve um início, até mesmo suas leis.** O universo é um sistema fechado que, pelo menos em algum momento (sua criação), **foi momentaneamente um sistema aberto.**

As **visões de mundo orientais**, por exemplo, têm uma cosmologia complicada em que tudo é energia e “deus” é tudo em todos e se resume à energia. Logo, nessa visão, a energia tem que ser eterna e “deus” é uma força impessoal – assim, ele não exige nada de ninguém (conveniente para o ser humano, não?). Mas a energia não é eterna – ela também teve um início. E, **mesmo que considerássemos que a energia seja eterna, ela seria apenas uma “força cega” e não poderia incitar a si mesma a criar todas as coisas, pois ela não tem vontade e volição.** Além do mais, como a energia/matéria poderia existir se não existe “espaço” para comportá-la? **Sem espaço não há nem sequer a menor chance de uma partícula “vir à existência do nada” como alguns afirmam ser possível.**

Mais uma vez se deduz que o universo demanda ter uma causa que seja imaterial, atemporal, e independente de espaço. **Uma força ou energia não pode incentivar a si mesma a criar algo – ela simplesmente continuaria a existir da mesma forma que sempre existiu.** Logo, a causa do universo tem que ter uma **mente**, pois tem que ter **vontade** e **volição**. Isso implica em um **ser**: um ser pensante que é independente de tempo, espaço e matéria/energia. Então, é um “deus pessoal”. E, **como “deus pessoal”, ele pode fazer exigências de nós.**

Uma atenção especial deve ser dada a isso: estão as pessoas querendo evitar a conclusão inevitável de que “deus” seja pessoal por causa do medo de terem que prestar contas a ele?

4. DEUS, EVIDÊNCIA E ATEUS

Adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o hábito de pensar. (*Albert Camus*).

Se ao menos Deus me desse algum sinal claro! Como fazer um grande depósito em meu nome em um banco suíço. (*Woody Allen*).

Os fariseus e os saduceus aproximaram-se de Jesus e o puseram à prova, pedindo-lhe que lhes mostrasse um sinal do céu. Ele respondeu: “Quando a tarde vem, vocês dizem: ‘Vai fazer bom tempo, porque o céu está vermelho’, e de manhã: ‘Hoje haverá tempestade, porque o céu está vermelho e nublado’. Vocês sabem interpretar o aspecto do céu, mas não sabem interpretar os sinais dos tempos! Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso, mas nenhum sinal será dado a vocês, a não ser o sinal de Jonas”. Então Jesus os deixou e retirou-se. (*Mateus 16:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

Digo deliberadamente que a religião cristã, organizada em suas igrejas, foi e ainda é a principal inimiga do progresso moral no mundo. (*Bertrand Russell em “Why I am not a Christian”*).

A religião cristã é, acima de todas as religiões que já prevaleceram ou existiram nos tempos antigos ou modernos, a religião da sabedoria, virtude, equidade e humanidade. (*Adams, John, “Diary and Autobiography of*

Examinamos uma [análise racional para acreditar que um “deus” criador existe](#). A seguir, exploraremos a natureza do que o nosso relacionamento seria para tal “deus”... Se esse “deus” é como está descrito na Bíblia.

Vamos examinar brevemente a natureza da evidência: quanto nós temos, o quanto é o suficiente, e por que não há mais.

4.1. DE ACORDO COM A BÍBLIA, QUAL O NOSSO RELACIONAMENTO COM DEUS?

A Bíblia descreve o relacionamento de Deus com a humanidade como sendo um **relacionamento pai-filho** de muitas maneiras. Uma criança nova sabe pouco dos pais que a geraram. Tal criança pode ignorar completamente que são os pais que fornecem a ela tudo que ela necessita.

A única forma na qual a criança nova pode saber qualquer coisa sobre seus pais é se os pais se fizerem conhecidos à criança. Ela é totalmente inapta a fazer uma “ponte” entre ela e os pais. Do ponto de vista da criança, essa “ponte” pode parecer um espaço infinito entre ela e os pais – mesmo que eles estivessem logo ali na esquina. Os pais podem até mesmo estar bem perto, mas a criança ainda não sabe como reconhecê-los. Da mesma forma, **a única forma na qual um homem finito e criado pode reconhecer um “deus” criador eterno, onisciente e onipotente, é se esse “deus” se fizer conhecido ao homem.**

4.2. DEUS SE FEZ CONHECIDO A NÓS?

A humanidade não possui todo conhecimento. Enquanto isso torna impossível para o ateísmo provar que Deus não existe, também não prova que ele existe. O fato de a humanidade não possuir todo o conhecimento pode até mesmo ser uma evidência positiva de que Deus tenha deixado algo para se tornar conhecido pelas pessoas.

A Bíblia ensina que Deus se fez conhecido à humanidade por meio da criação, da história, e de sua aparição na Terra na pessoa de Jesus Cristo. A Bíblia é um cumulativo registro disso. As Escrituras que compõem a Bíblia alegam ter sido dadas por Deus para que possamos conhecê-lo da forma como ele quer ser conhecido.

O cristianismo é único entre as [visões de mundo](#) no seguinte sentido: é um relacionamento com Deus em que Deus busca os seres humanos incapazes e ignorantes. **Outros “sistemas religiosos” frequentemente retratam homens buscando um “deus” – é o caso do indefeso bebê se esforçando para a tarefa impossível de conhecer seus pais apenas por seu próprio esforço.** Outras visões de mundo não refletem o maior buscando o menor. Apenas a Bíblia fala tão respeitosa de um “deus” criador que é verdadeiramente um pai espiritual de seus filhos.

Na Bíblia, independentemente de o ser humano desejar ou não desejar ter a mesma proximidade de Deus que Deus deseja ter com o ser humano, a humanidade é inegavelmente [pecadora](#). A Bíblia atribui a separação inicial do ser humano e Deus à escolha voluntária da própria humanidade, a qual persiste em desobedecer a Deus - essa é a escolha que a humanidade continua a fazer todo dia. Em termos gerais sobre o que ensina a Bíblia, a separação é também a fonte da inabilidade do ser humano de seguir perfeitamente a liderança do Espírito Santo de Deus. Assim, as Escrituras mostram que Deus fornece seu Espírito às pessoas para ajudar a “compensar” a surdez espiritual e descrença delas.

4.3. QUÃO CLARA PRECISAMOS QUE A EVIDÊNCIA SEJA?

Na verdade, a evidência suportando a credibilidade da Bíblia não é ausente – é abundante. Claro que vários desafios razoáveis com relação a esse ponto incluem perguntar:

- Por que nós temos que ler a Bíblia e estudar história para ter prova dessas coisas?
- Se a Bíblia explica a única verdadeira salvação, por que Deus não faz algo para tornar isso óbvio a nós?
- Se essas coisas são tão importantes e reais, por que não vemos evidência delas clara como cristal?

A resposta a essas perguntas se inicia com outra pergunta: **qual é a sua definição de clareza?**

Sem possuir todo o conhecimento, nada pode ser provado além de toda a dúvida. Essa é a base para declarar que **é impossível provarmos qualquer coisa com 100% de clareza ou certeza.** Por exemplo, a própria metrologia científica, nos resultados de medição contidos em certificados de calibração, fornece uma incerteza de medição – sempre existe uma incerteza (dúvida em relação ao valor medido). Outro exemplo: se nós exigirmos confirmações autenticadas da ausência de cada possível contaminante que nossa comida possa conter, e se fizermos um voto para não comeremos nada até conseguirmos comida confirmada e autenticada como não tendo nenhum contaminante, nós morreríamos de fome. Ninguém pode fornecer esse nível de certeza. Portanto, cada vez que nós mordermos algo sem submeter esse algo a uma centena de investigações, nós estamos aceitando como verdade a mera “certeza razoável” de que é seguro.

Nós agimos de acordo com o que sabemos. Nós não estamos escolhendo morrer de fome porque nos falta conhecimento total de todos os contaminantes da comida. Nós podemos ler um rótulo de produto, ou inspecionar nossa comida, **mas continuamos a comer baseados em fé – uma fé baseada nos pedaços de dados disponíveis que indicam que a comida em nossa mão é razoavelmente segura para comer.**

Embora a aceitação ou negação do cristianismo e da Bíblia possa ser um comprometimento de consequências potencialmente eternas, a decisão deve também ser feita com base no que sabemos. O físico John A. Bloom revelou que:

Cientistas descobriram há muito tempo que eles podem aprender mais sobre o universo ao estudarem a evidência disponível do que ao abandonarem um tópico até que os dados sejam perfeitos e as conclusões tiradas deles estejam filosoficamente irrefutáveis [3].

Nunca vamos saber tudo. O que sabemos é que a Bíblia nos informa que **Deus nos deu evidência suficiente para sabermos que ele existe, assim como para sabermos por que há pessoas que se dirigem a ele como Senhor.** Tomando isso como sendo o caso, vamos agora considerar a questão de suficiência.

Deus realmente deixou evidência suficiente para crermos nele?

4.4. QUANTA EVIDÊNCIA É SUFICIENTE?

Vamos começar perguntando: “Se Deus nos deu evidência dele mesmo e da salvação, e eu não a vejo, então Deus não falhou? Ele não falhou a nos dar evidência suficiente?”

A história demonstra que **não importa quão clara seja a evidência, ou quanto dela seja fornecida, sempre existirão pessoas dizendo que não é o bastante.** Isso acontece com religião, política e muitas outras áreas. O mero fornecimento de mais evidência não vai convencer a todos porque nós somos frequentemente mais subjetivos do que objetivos para isso. **Nós tendemos a filtrar nossas crenças através de nossas próprias preferências pessoais para usufruirmos de estilos de vida de máximo prazer possível.** Há também a questão das **visões de mundo** e das **pressuposições** de cada pessoa.

Chuck Swindoll descreveu esse problema como um algo que permite nosso estilo de vida dar forma à nossa teologia, ao invés de permitir que nossa teologia dê forma ao nosso estilo de vida. Como resultado dessa desorientação, de forma consciente ou não, **muitos permanecem como “deuses de suas próprias vidas”, indiferentes à existência potencial de qualquer autoridade divina sobre eles.** Superficialmente, nós podemos declarar que não temos visto evidência suficiente de Deus. Porém, sinceramente, quanto é o suficiente?

A liberdade que temos de sermos capazes de escolher entre a crença em Deus e a rejeição de Deus governa, categoricamente, até mesmo a possibilidade de se deparar com um milagre inegável pelo qual muitas pessoas poderiam dizer que estão esperando.

Por exemplo, se a Bíblia fosse descoberta em Marte, isso não daria lugar para dúvidas como a possibilidade do uso de efeitos especiais, fraudes, montagens, etc.? “É óbvio demais”, alguns podem dizer. Outros diriam: “é simplesmente impossível”.

Em contraste, e se eventos e circunstâncias bem sutis parecessem se alinhar com uma oração ou restaurarem a fé de alguém (como no filme “Sinais”)? Deixe-nos adivinhar: “Não é suficiente”.

Para algumas pessoas, nenhuma quantidade de evidência vai ser suficiente porque uma grande chave para crer é a motivação. Três motivos populares pelos quais pessoas resistem ao evangelho são os mesmos que movem a bolsa de valores: **esperança, querer e temer**. Pessoas simplesmente por natureza:

1. **Esperam** que as coisas vão seguir seus cursos sem a necessidade de fazer qualquer investigação substancial dos fatos e alegações.
2. **Querem** acreditar que seus estilos de vida e suas visões de mundo, quaisquer que sejam, estão bem com Deus exatamente da forma em que estão.
3. **Temem** algum equívoco sobre Deus e a Bíblia, ou temem que serão incapazes de aproveitar a vida se colocarem em prática preceitos bíblicos, ou temem a possibilidade de viver qualquer outro tipo de vida diferente daquela que elas têm agora.

No entanto, de todos os motivos que as pessoas têm para proteger sua descrença em Deus, o **orgulho** é o número um e o mais difícil de superar. Às vezes, o orgulho é exibido ousadamente, como uma recusa teimosa em acreditar que algo que venha de outra pessoa possa estar certo. Outras vezes, o orgulho de uma pessoa é mais sutil, como em insistir que é necessária mais evidência do que há disponível, ou a exigência de que uma experiência miraculosa aconteça com essa pessoa antes que ela creia.

Os mesmos motivos eram verdadeiros nos dias de Jesus. **Muitas pessoas desistiram de seguir Jesus depois de o terem visto realizar um ou mais milagres. Outras decidiram desistir após ouvirem alguns de seus ensinamentos duros.** No entanto, em contraste, a resposta de Pedro aos mesmos ensinamentos falou por todos aqueles que creram em Cristo:

Simão Pedro lhe respondeu: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna.” (*João 6:68, “Nova Versão Internacional”*).

Ao ser realizada uma análise sincera, **ninguém deveria deixar que o medo ou que a antipatia contra uma vida centrada em Cristo seja uma barreira emocional que impeça a consideração de Deus e da Bíblia.**

A evidência escrita da Bíblia alega ser prova suficiente para crer em Deus:

Abraão respondeu: **se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dos mortos.** (*Lucas 16:31, “Nova Versão Internacional”*).

Outra coisa a ser considerada é o que a Bíblia diz sobre a necessidade da **fé**:

Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam. (*Hebreus 11:6, “Nova Versão Internacional”*).

Considere o seguinte: se as evidências fossem “irrefutáveis” como alguns céticos gostariam que fossem para que “pudessem acreditar” (e, talvez, ainda assim alguns não acreditariam), **não seria gerada nas pessoas a fé que Deus deseja. Não é difícil de imaginar que Deus deseje confiança nele assim como desejamos a confiança daqueles com quem nos relacionamos.** Deus pode ter deixado apenas evidências suficientes para que se creia nele, permitindo que algumas coisas não sejam “tão visíveis”. Isso exigiria que a pessoa tivesse certa dose de fé – talvez aquela tão apreciada fé “do tamanho de um grão de mostarda” que Jesus falou a respeito.

As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei. (*Deuteronômio 29:29, “Nova Versão Internacional”*).

Ele [Jesus] respondeu: “Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu asseguro que, se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: ‘Vá daqui para lá’, e ele irá. Nada será impossível para vocês.” (*Mateus 17:20, “Nova Versão Internacional”*).

Enfim, no final das contas, **é cada pessoa que decide quanta evidência é suficiente para ela.** Ou, em outras palavras, em última análise, **tudo é aceito por fé.** As pessoas sempre têm fé. A questão é onde tal fé é depositada. Vamos continuar o estudo e você pode julgar se as evidências apresentadas são o bastante ou não para você.

4.5. SE HÁ UM DEUS, POR QUE HÁ ATEUS?

Essa questão é interessante para considerar e, na verdade, é até mesmo o título de um livro escrito por R. C. Sproul. O velho argumento sendo declarado novamente aqui sugere que Deus:

1. **Não é onipotente**, porque ele não pode fazer todos crerem.
2. **Não é amoroso**, porque ele não vai deixar todos crerem e, assim, vai permitir que algumas pessoas sejam condenadas ao inferno.

O questionador (nesse caso, Epicuro de Samos, um filósofo grego) pressupõe que os motivos de Deus são impotentes ou malignos, mas **nessas ideias há uma ignorância de que Deus possa ter maiores intenções em mente.** Deus é descrito como sendo autossuficiente na Bíblia e, portanto, **não é de nenhuma forma dependente de nossa crença nele.** A Bíblia ensina que Deus revela a si mesmo a nós **não para seu próprio benefício, mas para o nosso.**

Às vezes, a posição de Deus de “não atrair muita atenção” traz atenção ao nosso próprio e verdadeiro caráter. Isso é similar ao caso em que um pai sabe que o verdadeiro caráter do filho é mostrado quando ele não é vigiado por ninguém. O filho pode dizer “sim, pai” quando o pai está próximo, mas o que o filho diria se o pai saísse de perto? Será que se esqueceria de que o pai pode ouvir um resmungo ou insulto? Podemos citar outra ilustração: como as pessoas dirigem em uma rodovia quando não há polícia ou radar por perto, em comparação com quando há fiscalização?

Ao contrário da figura de autoridade terrena, a Bíblia ensina que Deus não tem que sair de perto ou fazer uso de fiscalização para conhecer os corações das pessoas. Assim, a vida pode estar testemunhando muito mais para as próprias pessoas do que para Deus. Quando as pessoas são permitidas a agir livremente, talvez amadureçam ao verem a si mesmas.

A Bíblia ensina que cada ser humano está, agora mesmo, tendo a permissão de testificar, por meio de sua vida, as suas verdadeiras intenções e o que realmente ele é. Não para Deus, pois ele já sabe, **mas para o próprio ser humano.**

Outra razão pela qual Deus pode não reagir instantaneamente a cada **pecado** cometido é porque isso não faria as pessoas aprenderem a seguir os seus ensinamentos. Isso também não as permitiria completar o testemunho chamado vida. Punição imediata apenas forçaria as pessoas a agir de acordo com as palavras de Deus pelo temor ao castigo – **a motivação seria o medo do castigo, não a vontade própria.** Na Bíblia, podemos ver que **Deus quer que as pessoas sigam a ele por vontade própria:**

De quem você teve tanto medo e tremor, a ponto de ser falsa comigo, não se lembrar de mim e não ponderar isso em seu coração? Não será por que há muito estou calado que você não me teme? (*Isaias 57:11, “Nova Versão Internacional”*).

À luz desses esclarecimentos, **a intenção de Deus não é forçar a crença nele e a obediência a ele sobre cada ser humano que existe, mas permitir que cada um responda livremente, de acordo com sua própria vontade. Se há ateus, é porque os ateus escolhem ser ateus.**

Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

4.6. POR QUE APENAS OS HEBREUS FORAM SEPARADOS PARA SEREM NAÇÃO DE DEUS?

Primeiramente, a pergunta dá a entender que Deus só se importou com os hebreus e entregou os outros povos a uma depravação, mais ou menos como se Deus fosse preconceituoso. Isso não está correto, pois é evidente que **qualquer um pode ser salvo por Cristo, independentemente de ser hebreu ou não.**

Todos os povos continuaram a ter os mesmos preceitos divinos desde a época de antes do dilúvio, de acordo com o que foi dito a Noé em Gênesis capítulo 9. Preceitos básicos, tais como não matar, não roubar e não mentir, sempre foram ordenados por Deus para o ser humano cumprir, o que também é atestado pela consciência humana que foi dada por Deus (Romanos 2). Deus nunca nos deixou sem testemunho de si mesmo (Atos 14:17).

A Bíblia ensina que a quem mais for dado, mais é cobrado (Lucas 12:42-48). Se os outros povos não tiveram uma revelação maior de Deus e suas leis como os hebreus tiveram, então a exigência divina para eles poderia ser considerada como “menor”. Por outro lado, para o povo hebreu, a exigência era “maior”, uma vez que eles conheciam mais profundamente as coisas de Deus. Então, deles era esperado mais. Mesmo assim, outros povos podiam conhecer o Deus dos hebreus e fazer parte da comunidade israelita/judaica como prosélitos.

Deus separou um povo para si porque ele deseja ter comunhão com as pessoas e se fazer conhecer mais a elas, e deseja que elas conheçam mais a ele, porque o amor demanda maior conhecimento entre as partes. Deus quer um povo compatível com seu caráter. Resumidamente, podemos dizer que ele separou uma nação específica para mostrar algumas coisas:

- Ninguém pode ser perfeito ainda que tenha um conjunto de leis e sistemas justos. O problema não é a lei, mas as pessoas que não conseguem cumprir integralmente a lei santa, justa e boa – isso demonstra que as pessoas carecem da misericórdia de Deus e do seu auxílio para serem justas, boas e compatíveis com o caráter divino. A lei é uma referência para identificar como o ser humano falha em termos de retidão;
- Deus preza pela qualidade, não pela quantidade. Deus prefere um remanescente fiel de pessoas que o amem, o busquem e o obedeçam de vontade própria, do que uma maior quantidade de pessoas que queiram ser “mais ou menos”;
- A nação de Israel foi consequência de uma promessa feita por Deus a Abraão. Esse patriarca veio de um meio pagão, de Ur dos Caldeus – a qual, na época, era cidade-estado do final do reino sumério. De todo aquele povo, Abraão ainda conhecia e acreditava em Deus. A promessa a Abraão está ligada à promessa de um descendente que iria salvar a humanidade (“esmagar a cabeça da serpente” em Gênesis 3:15). Esse descendente viria a partir de Abraão e estaria disponível para todas as nações da Terra. A nação de Israel foi o meio por onde o Messias que abençoaria todas as nações viria. O propósito maior da nação israelita, de fato, foi para gerar o Messias que está disponível a todos aqueles que nele creem. Desde o advento desse Messias, todos aqueles que nele creem se tornam parte da “nação” escolhida de Deus.

4.7. QUESTÕES QUE DESAFIAM A VISÃO DE MUNDO ATEÍSTA [4]

Para reflexão, seguem algumas questões que trazem um sério desafio para uma [visão de mundo ateuista](#):

- Como se explica a existência e a natureza das leis? Em particular, como se explicam as leis da moral, as leis da natureza, e as [leis da lógica](#)? Leis de moralidade fazem sentido na [visão de mundo cristã](#), onde Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, e, portanto, ele tem o direito de definir as regras para nosso comportamento;
- Se somos simplesmente acidentes químicos, por que deveríamos nos sentir compelidos a nos comportar de uma forma particular?
- Se as leis da moral são apenas o que traz a maior felicidade para o maior número de pessoas, então por que seria errado matar apenas uma pessoa inocente se isso fizesse que todos os outros fossem muito mais felizes?
- Se as leis da moral são apenas costumes sociais adotados, então porque o que Hitler fez foi errado?
- Por que diferentes objetos do universo obedecem às mesmas leis da natureza?

- Você tem confiança de que as leis da natureza se aplicarão no futuro assim como aconteceu no passado? Se não, então por que você se preocupou em responder essa pergunta? Você assumiu que suas cordas vocais e os nossos ouvidos iriam funcionar no futuro como eles têm funcionado no passado, caso contrário sua resposta não seria entendida;
- Uma vez que você ainda não experimentou o futuro, como você sabe que as leis da natureza irão se comportar no futuro como aconteceu no passado? A resposta “sempre foi assim antes” não é legítima, porque ela assume que o futuro será como o passado, o que é a própria questão que está sendo feita;
- Considerando a existência de Deus, há sentido na existência de leis imutáveis universais, imateriais. Elas são o padrão de Deus para o [raciocínio correto](#). Como você explica a existência e as propriedades de leis da lógica sem a existência de Deus?
- Você acredita que as leis da lógica são universais (se aplicam em todos os lugares)? Se assim for, por quê? Nós não temos conhecimento universal;
- Por que todos nós acreditamos que as leis da lógica serão as mesmas amanhã como são hoje, uma vez que não estamos além do tempo e ainda não experimentamos o futuro?
- Como existem leis imateriais se o universo é apenas material?
- Por que o universo material está compelido a obedecer às leis imateriais?
- Como o cérebro material tem acesso a essas leis imateriais?

Fazer perguntas é algo de grande importância. Jesus frequentemente fez perguntas a seus ouvintes. Em Marcos 11:29-33, Jesus refutou a posição dos principais sacerdotes, escribas e anciãos fazendo a eles uma pergunta.

Respondeu Jesus: “Eu lhes farei uma pergunta. Respondam-me, e eu lhes direi com que autoridade estou fazendo estas coisas. O batismo de João era do céu ou dos homens? Digam-me!” Eles discutiam entre si, dizendo: “Se dissermos: ‘Dos céus’, ele perguntará: ‘Então por que vocês não creram nele?’ Mas se dissermos: ‘Dos homens...’” Eles temiam o povo, pois todos realmente consideravam João um profeta. Eles responderam a Jesus: “Não sabemos.” Disse então Jesus: “Tampouco lhes direi com que autoridade estou fazendo estas coisas.” (*Marcos 11:29-33, “Nova Versão Internacional”*).

5. A CIÊNCIA DESCOBRIU DEUS? [5]

[O universo teve um início](#). Einstein não acreditou que fosse possível. Stephen Hawking disse que poderia ser a maior descoberta científica de todos os tempos.

Que descoberta tem confundido as maiores mentes científicas do século passado e, por isso, causou que eles repensassem a origem do nosso universo? Novos e mais potentes telescópios revelaram mistérios sobre o nosso universo que levantaram novas questões sobre a origem da vida.

A ciência descobriu Deus?

Mas espere um minuto! Não tem a ciência provado que não precisamos de Deus para explicar o universo? Relâmpagos, terremotos e até bebês costumavam ser explicados como atos de Deus. Mas agora sabemos melhor. O que há a respeito dessa descoberta que é tão fundamentalmente diferente e, por isso, tinha surpreendido o mundo da ciência?

Essa descoberta e aquilo que os biólogos moleculares têm aprendido sobre a codificação sofisticada dentro do DNA têm feito muitos cientistas admitirem que o universo parece ser parte de um grande projeto.

Um cosmólogo colocou desta forma: “Muitos cientistas, quando admitem seus pontos de vista, se inclinam em direção ao argumento teleológico ou de projeto” [6].

Surpreendentemente, muitos cientistas que estão falando sobre Deus não têm qualquer crença religiosa. Um ateu acredita que Deus não existe. Um agnóstico acredita que não podemos saber.

Então, quais são essas descobertas impressionantes que têm feito os cientistas de repente falarem de Deus? Três descobertas revolucionárias dos campos da astronomia e biologia molecular se destacam:

1. **O universo teve um início.**
2. **O universo é finamente ajustado para a vida.**
3. **A codificação do DNA revela uma inteligência por trás dele.**

5.1. UM COMEÇO DE UMA ÚNICA VEZ

Desde os primórdios da civilização, o homem tem olhado com admiração para as estrelas, imaginando o que elas são e como elas chegaram lá.

Embora em uma noite clara a olho nu possam ser vistas cerca de 6.000 estrelas, o Hubble e outros telescópios poderosos indicam que há trilhões delas agrupadas em mais de 100 bilhões de galáxias. Nosso Sol é como um grão de areia no meio das praias do mundo.

No entanto, antes do século vinte, a maioria dos cientistas acreditava que a nossa própria Via Láctea fosse o universo inteiro, e que apenas cerca de 100 bilhões de estrelas existiam.

A maioria dos cientistas acreditou que o nosso universo nunca teve um princípio. Eles acreditavam que massa, espaço e matéria/energia sempre tinham existido. Porém, no início do século vinte, o astrônomo Edwin Hubble descobriu que o universo está se expandindo. Rebobinando o processo matematicamente, ele calculou que tudo no universo, incluindo a matéria/energia, espaço, e até mesmo o próprio tempo, na verdade, tiveram um começo.

Toda a comunidade científica foi atingida. Muitos cientistas, incluindo Einstein, reagiram negativamente. No que Einstein mais tarde chamou de “o maior erro da minha vida”, ele falsificou as equações para evitar a implicação de um começo [7].

Talvez o adversário mais vocal de um início para o universo tenha sido o astrônomo britânico Sir Fred Hoyle, o qual sarcasticamente apelidou o evento de criação como um “*big bang*”. Ele teimosamente se apegou à sua teoria do estado estacionário, a qual afirma que o universo sempre existiu. Assim fizeram Einstein e outros cientistas, até que a evidência para um começo se tornou avassaladora. A implicação de um começo é que algo ou alguém além do alcance da investigação científica deve ter começado tudo.

Finalmente, em 1992, experimentos do satélite COBE provaram que o universo realmente teve um início de uma única vez [8]. Embora alguns cientistas o chamaram de “momento da criação”, o termo mais preferido se referiu a esse início como *big bang*.

O astrônomo Robert Jastrow tentou nos ajudar a imaginar como tudo começou: “A imagem sugere a explosão de uma bomba de hidrogênio cósmica. O instante em que a bomba cósmica explodiu marcou o nascimento do universo” [9].

5.2. TUDO DO NADA

A ciência é incapaz de nos dizer o que ou quem causou o universo a começar. Mas alguns acreditam que isso aponta claramente para um criador. O teórico britânico Edward Milne escreveu um tratado matemático sobre a relatividade, o qual concluiu dizendo: “Quanto à primeira causa do universo, no contexto de expansão, é deixado para que o leitor a insira, mas a nossa imagem é incompleta sem ela” [10].

Outro cientista britânico, Edmund Whittaker, atribuiu o início do nosso universo à “vontade divina constituindo a natureza do nada” [11].

Muitos cientistas ficaram impressionados com o paralelo de um evento de criação de uma só vez a partir do nada com o relato da criação bíblica em Gênesis 1:1: “No início, Deus criou os céus e a terra.” Antes dessa descoberta, muitos cientistas consideravam o relato bíblico da criação a partir do nada simplesmente como não científico.

Embora tenha chamado a si mesmo um agnóstico, Robert Jastrow foi compelido pela evidência a admitir: “Agora vemos como a evidência astronômica conduz a uma visão bíblica da origem do mundo” [12].

Outro agnóstico, George Smoot, o cientista vencedor do Prêmio Nobel por ser responsável pelo experimento COBE, também admitiu o paralelo: “Não há dúvida de que existe um paralelo entre o *big bang* como um evento e a noção cristã da criação a partir do nada” [13].

Alguns cientistas que costumavam zombar da Bíblia como um livro de contos de fadas agora estão admitindo que o conceito bíblico da criação a partir do nada esteve certo o tempo todo.

Cosmólogos, cientistas que se especializam no estudo do universo e suas origens, logo perceberam que uma explosão cósmica baseada em chance nunca poderia levar à vida mais do que uma bomba nuclear poderia – a menos que fosse projetada para fazê-lo. E isso significa que alguém deve ter planejado isso. Eles começaram a usar palavras como “super intelecto”, “criador”, e até “ser supremo” para descrever esse alguém.

5.3. AJUSTADO FINAMENTE PARA A VIDA

Físicos calcularam que, para a vida existir, a gravidade e as outras forças da natureza precisavam estar finamente ajustadas ou o nosso universo não existiria. Se a taxa de expansão tivesse sido ligeiramente mais fraca, a gravidade teria puxado toda a matéria de volta em um grande esmagamento.

Nós não estamos falando de apenas uma redução de um ou dois por cento na taxa de expansão do universo. Stephen Hawking escreveu:

Se a taxa de expansão um segundo após o *big bang* tivesse sido menor, até mesmo em uma parte em cem mil milhões de milhões, o universo teria reentrado em colapso antes que ele sequer atingisse o seu tamanho atual [14].

Por outro lado, se a taxa de expansão tivesse sido uma mera fração maior do que foi, galáxias, estrelas e planetas jamais poderiam ter se formado, e não estaríamos aqui.

E, para a vida existir, as condições em nosso Sistema Solar e em nosso planeta também precisam ser finamente ajustadas. Por exemplo, todos nós percebemos que, sem uma atmosfera de oxigênio, nenhum de nós seria capaz de respirar. E sem oxigênio a água não poderia existir. Sem água não haveria chuvas para as nossas plantações. Outros elementos como hidrogênio, nitrogênio, sódio, carbono, cálcio e fósforo são também essenciais para a vida.

Mas somente isso não é tudo que é necessário para a vida existir. O tamanho, a temperatura, a proximidade relativa e composição química do nosso planeta, Sol e Lua, também precisam ser finamente ajustados. E há dezenas de outras condições que precisavam ser finamente ajustadas ou não estaríamos aqui para pensar sobre isso [15].

Os cientistas que acreditam em Deus podem ter esperado tal ajuste fino, mas os outros não foram capazes de explicar as notáveis “coincidências”. O físico teórico Stephen Hawking escreveu:

O fato notável é que os valores desses números parecem ter sido ajustados muito finamente para tornar possível o desenvolvimento da vida [16].

5.4. ACIDENTE OU MILAGRE

Mas não poderia esse ajuste fino ser atribuído ao acaso? Afinal, calculadores de probabilidades sabem que até mesmo tiros no escuro podem, eventualmente, acertar o alvo. E, contra todas as probabilidades difíceis, loterias

5.5. DNA: A LINGUAGEM DA VIDA

A astronomia não é a única área onde a ciência tem visto evidência de projeto intencional. Os biólogos moleculares descobriram projeto intrincado e complexo no mundo microscópico do DNA. No século passado, os cientistas descobriram que uma pequena molécula chamada DNA é o “cérebro” por trás de cada célula do nosso corpo, bem como de qualquer outro ser vivo. Contudo, quanto mais eles descobrem sobre o DNA, mais espantados eles se tornam pelo brilho por trás dele.

Os cientistas que acreditam que o mundo material é tudo o que existe, como Richard Dawkins, argumentam que o DNA evoluiu pela seleção natural, sem um criador. No entanto, mesmo evolucionistas fervorosos admitem que a origem da intrincada complexidade do DNA é inexplicável.

A intrincada complexidade do DNA fez com que seu co-descobridor, Francis Crick, acreditasse que ele nunca poderia ter se originado naturalmente na Terra. Crick, crendo que a vida é complexa demais para ter se originado na Terra e que ela deve ter vindo do espaço, escreveu:

Um homem honesto, armado com todo o conhecimento disponível para nós agora, pode apenas afirmar que, em certo sentido, a origem da vida parece no momento ser quase um milagre, tantas são as condições que teriam que ter sido satisfeitas para fazê-la continuar [26].

A codificação por trás do DNA revela tamanha inteligência que supera a imaginação. Uma simples cabeça de alfinete de DNA contém informação equivalente a uma pilha de livros de bolso que circundariam a Terra 5.000 vezes. E o DNA funciona como uma linguagem com o seu próprio código de *software* extremamente complexo. Bill Gates, o fundador da Microsoft, disse que o software do DNA é “muito, muito mais complexo do que qualquer software que já desenvolvemos” [27].

Dawkins e outros [materialistas](#) acreditam que toda essa complexidade se originou por meio da seleção natural. No entanto, como observou Crick, a seleção natural nunca poderia ter produzido a primeira molécula. Muitos cientistas acreditam que a codificação dentro das moléculas de DNA apontam para uma inteligência muito superior que excede em muito aquilo que poderia ter ocorrido por causas naturais.

No início do século vinte e um, o notável ateu Antony Flew viu seu ateísmo chegar a um fim abrupto quando ele estudou a inteligência por trás DNA. Flew explicou o que o fez mudar de opinião.

O que eu acho que o material de DNA tem feito é mostrar que inteligência deve ter sido envolvida em fazer esses elementos extraordinariamente diversos se juntarem. A enorme complexidade pela qual os resultados foram alcançados parecem para mim como o trabalho de inteligência [...]. Agora me parece que a descoberta de mais de cinquenta anos de pesquisa de DNA têm fornecido materiais para um novo e extremamente poderoso argumento para projeto [28].

Embora Flew não fosse cristão, ele admitiu que o “*software*” por trás do DNA é demasiadamente complexo para ter se originado sem um projetista. A descoberta da incrível inteligência por trás DNA tem, nas palavras desse ex-líder ateu, “fornecido materiais para um novo e extremamente poderoso argumento para projeto”.

5.6. DIGITAIS DE UM CRIADOR

Embora muitos cientistas ainda estejam inclinados em tentar remover Deus do universo, muitos reconhecem as implicações religiosas dessas novas descobertas. Em seu livro “The Grand Design”, Stephen Hawking, o qual não acredita em um Deus pessoal, tenta explicar por que o universo não precisa de Deus. No entanto, quando confrontado com as evidências, mesmo Hawking admitiu: “Devem haver conotações religiosas. Mas eu acho que a maioria dos cientistas prefere fugir do lado religioso disso” [29].

Como agnóstico, Jastrow não tinha agenda cristã por trás de suas conclusões. No entanto, ele reconheceu livremente o caso convincente para um criador. Jastrow escreveu sobre o choque experimentado por cientistas que pensavam ter removido Deus para fora do seu mundo:

Para o cientista que viveu pela sua fé no poder da razão, a história termina como um sonho ruim. Ele escalou as montanhas da ignorância; ele está prestes a conquistar o pico mais alto; enquanto ele se puxa sobre a rocha final, é saudado por um bando de teólogos que têm estado sentados lá por séculos [30].

5.7. UM CRIADOR PESSOAL?

Se existe um criador super inteligente, surge a pergunta: como ele é? Ele é apenas uma força, como em “Guerra nas Estrelas”, ou ele é um ser pessoal como nós? Uma vez que somos seres pessoais e relacionais, não seria aquele que nos criou também um ser pessoal e relacional?

Muitos cientistas, como Arthur L. Schawlow, professor de física da Stanford University, vencedor do Prêmio Nobel de Física, acreditam que essas novas descobertas fornecem evidências convincentes de um Deus pessoal. Ele escreveu: “Me parece que, quando confrontado com as maravilhas da vida e do universo, deve-se perguntar ‘por que’ e não apenas ‘como’. As únicas respostas possíveis são religiosas [...]. Eu encontro uma necessidade de Deus no universo e na minha própria vida” [31].

Uma vez que Deus nos deu a capacidade de comunicação, não esperamos que ele se comunique conosco e nos deixe saber por que estamos aqui?

Como constatamos, a ciência é incapaz de responder a perguntas sobre Deus e o propósito para a vida. No entanto, uma vez que a Bíblia estava certa sobre a criação a partir do nada, pode também ser confiável a respeito de Deus, da vida e do propósito?

Há cerca de dois mil anos antes do presente, um homem pôs os pés em nosso planeta e afirmava ter a resposta para a vida. Embora seu tempo na Terra tenha sido breve, o seu impacto mudou o mundo, e ainda é sentido hoje. Seu nome é Jesus Cristo.

As testemunhas de Jesus Cristo nos dizem que ele sempre demonstrou poder criativo sobre as leis da natureza. Eles nos dizem que ele era sábio, humilde e compassivo. Ele curou os coxos, surdos e cegos. Ele parou violentas tempestades instantaneamente, criou alimentos para os famintos no local, transformou água em vinho em um casamento, e até mesmo ressuscitou os mortos. E alegaram depois de sua execução brutal que ele ressuscitou dos mortos.

Eles também nos dizem que Jesus Cristo é o único que colocou as estrelas no espaço, afinou o nosso universo e criou o DNA. Poderia ele ser aquele que Einstein, sem saber, se referiu como a “super inteligência” por trás do universo? Jesus poderia ser aquele que Hoyle, sem saber, se referiu como tendo “brincado com a física, química e biologia?”

Será que o mistério de quem estava por trás do início do universo e da inteligência do DNA foi revelado no seguinte relato do Novo Testamento?

Ele [Cristo] é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos sejam soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. (*Colossenses 1:15-17, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus falou com autoridade sobre o amor de Deus por nós e sobre a razão pela qual ele nos criou. Ele disse que tem um plano para nossas vidas que se centra em um relacionamento com ele. Mas para que o relacionamento seja possível, Jesus teve que morrer na cruz por nossos pecados. E era necessário que ele ressuscitasse dos mortos para que também nós pudéssemos ter a vida após a morte (João 3:16; 14:19).

Se Jesus foi o criador, ele certamente teria poder sobre a vida e a morte. E aqueles mais próximos a ele afirmam que o viram vivo depois que ele morreu e foi sepultado por três dias.

Em resumo, observa-se que, **embora a ciência não possa encontrar diretamente o criador de tudo, ela demonstra que é impossível que Deus não exista.** Em relação a origens, há apenas duas opções: ou Deus existe,

ou Deus não existe. Uma vez que a opção de que Deus não existe deve ser descartada, segue-se logicamente que a opção de que Deus existe está automaticamente validada.

6. VISÃO DE MUNDO [32]

O que é uma visão de mundo? De maneira bem simples, **a visão de mundo de alguém é a perspectiva usada para processar e interpretar as informações recebidas sobre o mundo.** James W. Sire coloca desta forma:

Uma visão de mundo é um conjunto de pressuposições (isto é, suposições) no qual nos apegamos sobre a composição básica do nosso mundo [33].

Vivemos em um mundo em que a [visão de mundo cristã](#) não é a norma para muitos (inclusive para muitos que frequentam regularmente “igrejas”, os quais não podem nem mesmo ser chamados de [cristãos](#)). Nossas instituições intelectuais são dominadas pela filosofia pós-moderna e pelo [materialismo científico](#). Muitos acreditam que todas as religiões são mais ou menos a mesma coisa. A própria existência da [verdade](#) é negada, tanto nas salas de nossas universidades quanto na mídia popular.

Analisaremos as visões de mundo mais influentes na cultura moderna, contrastando-as com a visão de mundo cristã. Ao mesmo tempo, explicaremos por que compreendemos que a Bíblia oferece uma visão de mundo que é superior tanto na sua consistência com o mundo como ele é quanto na forma em que ela resolve as questões fundamentais da pessoa humana. O assunto é extenso e, para aqueles que desejarem ir mais a fundo, livros como “The Universe Next Door” de James W. Sire e “Philosophical Foundations for a Christian Worldview” de J. P. Moreland e William Lane Craig são boas sugestões.

Primeiramente, descreveremos brevemente a visão de mundo cristã. É esperado que um cristão, quase por definição, deva entender a visão de mundo cristã e, claro, há um grão de verdade nisso. **No entanto, observa-se que muitos crentes em Jesus Cristo têm uma compreensão insuficiente da visão de mundo dele.** Por essa razão, a seguinte introdução será usada para definir, de forma mais cuidadosa, a visão de mundo que cristãos devem ter, a qual também será usada como um ponto de comparação para a discussão de outras visões de mundo.

Antes de tudo, perguntemo-nos como uma “boa” visão de mundo deveria se parecer. Uma “boa” visão de mundo, por definição, é aquela que nós gostamos? É aquela que concordamos naturalmente? É aquela que cria uma boa saúde física ou emocional? É aquela que cria a maior quantidade de felicidade humana? Talvez seja aquela que resulta na criação da maior quantidade de crescimento econômico e maior afastamento da pobreza e da perturbação política? Na verdade, de acordo com uma visão de mundo, o [naturalismo](#), não existe tal coisa como uma “boa” visão de mundo, uma vez que todos esses julgamentos de valor são sem sentido. Há um sentido em dizer que a questão do que constitui uma “boa” visão de mundo é uma decisão pessoal para todos nós.

Na prática, é cada um de nós que, no final, decide o que constitui uma visão “boa e legítima” do mundo. Coloquemos isso como uma tese de partida. No entanto, antes, é importante dizer que não é possível que alguém não tenha nenhuma visão de mundo – simplesmente teremos alguma visão de mundo por padrão, mesmo que optemos por não pensar sobre isso.

Uma vez que nossa visão de mundo, em grande medida, define quem nós somos e também define o modo como vivemos nossas vidas, certamente vale a pena o tempo e o esforço intelectual usado para examinar, avaliar e, talvez, até mudar a nossa visão de mundo para outra que reflita com mais exatidão a realidade, fazendo-nos “melhores cidadãos” no universo em que vivemos, nos movemos, e temos o nosso ser.

6.1. UMA BOA VISÃO DE MUNDO

O que constitui uma boa visão de mundo? Já foi dito que isso tem que ser uma decisão pessoal, mas vamos propor algumas qualidades para considerar quando olhamos para as visões de mundo em maior evidência.

A primeira qualidade que alguém poderia querer considerar é que **uma visão de mundo “boa” é aquela que é verdadeira.** Apegar-se a uma ideia falsa certamente não é preferível a apegar-se a uma ideia verdadeira. Não há virtude em estar errado e raramente há vantagem em estar errado. O que torna algo verdadeiro? Essa é uma

questão para a filosofia, mas vamos tentar manter isso relativamente simples. Algo é “verdadeiro” se é consistente com a realidade. Isso às vezes é chamado de **Teoria da Correspondência da Verdade**. Se uma crença está em clara contradição com fatos bem estabelecidos sobre o mundo, então não é verdadeira. Isso pode parecer um truísmo, mas veremos que **a visão de mundo pós-moderna não aceita a Teoria da Correspondência da Verdade**.

Se alguém se apegar à crença de que a gravidade não opera atraindo massas uma em direção à outra, esse ponto de vista vai ser refutado simplesmente ao se deixar uma bola de basquete cair. Se alguém se apegar à crença de que se recusar a se comunicar com os outros vai conduzir à paz, tal crença também será mostrada pela realidade que não é verdadeira.

A questão complicada vem com a definição de como alguém decide o que é realidade e o que é verdade. A perspectiva do empirista é que a verdade é determinada unicamente por aquilo que podemos observar com nossos sentidos e que podemos medir com nossos instrumentos. Outra perspectiva, a de racionalistas como Descartes, é que a verdade é o que nossa mente e raciocínio claro dizem ser verdade. A [verdade](#) deve ser [lógica](#). Aquele que diz “consideramos que verdades são evidentes por si mesmas” fala como um racionalista. Podemos combinar as duas ideias. **Essas coisas que nos apegamos como sendo verdade devem ser consistentes com o que podemos observar, com a nossa própria “história” e, esperançosamente, com a dos outros, e elas devem ser racionalmente e logicamente consistentes. Não devem ser apoiadas por um raciocínio circular ou patentemente pobre, ou exigir que acreditemos no que sabemos não ser verdade.**

A segunda qualidade que propomos a contribuir para uma “boa” visão de mundo é que ela deve responder com êxito as questões importantes que os seres humanos perguntam. O que essas questões importantes são e como se define se foram respondidas com sucesso é, naturalmente e em certa medida, subjetivo. No entanto, há certas perguntas comuns, para pessoas de todos os lugares, para as quais se busca respostas. Apresentamos a seguir uma lista do livro “The Universe Next Door” que contém essas perguntas redigidas de forma ligeiramente diferente:

1. Qual é a realidade primária? Ou “qual é a causa definitiva?”, ou “qual é a natureza de Deus?”
2. Qual é a natureza da realidade externa – o mundo ao nosso redor?
3. O que é o ser humano?
4. O que acontece com uma pessoa depois da morte?
5. Por que, afinal de contas, podemos conhecer alguma coisa?
6. Como nós sabemos o que é certo e o que é errado?
7. Qual é o significado da história humana?

A essas perguntas, acrescentemos:

8. Qual é o meu propósito?
9. Qual é a natureza do meu relacionamento com a “realidade primária ou definitiva”?

A terceira qualidade que propomos contribuir para uma “boa” visão de mundo é que ela torne aqueles que a assumirem em seres humanos melhores. Mais uma vez, é claro, a questão do que é “melhor” será subjetiva, mas há algumas medidas nas quais quase todas as pessoas podem concordar. Se uma visão de mundo de alguém resulta em uma maior probabilidade de genocídio, qualquer tipo de ódio social, pobreza, anarquia, sofrimento físico e emocional, ou guerra, então tal visão de mundo é facilmente identificada como deficiente.

Portanto, a seguir, submeteremos as visões de mundo em maior evidência ao escrutínio, baseando-se nas três definições propostas que constituem uma “boa” visão de mundo:

1. Corresponde com a realidade?

2. Responde com êxito as questões importantes das pessoas?

3. Faz daqueles que a assumirem pessoas “melhores”?

6.2. A VISÃO DE MUNDO CRISTÃ

Claramente, muitas coisas podem ser incluídas abaixo do título “visão de mundo cristã”. A intenção aqui é mantê-la bem simples, e não necessariamente fornecer uma grande quantidade de apoio bíblico. Adicionaremos a essas ideias à medida que avançamos, e daremos a elas substância de forma progressiva. A fim de proporcionar uma base útil à medida que avançamos para analisar, comparar e contrastar a visão bíblica com outras visões de mundo, os pontos serão delineados e numerados.

O mundo físico é: real, criado e essencialmente bom. Esses pontos são estabelecidos antes de sairmos do primeiro capítulo da Bíblia. Você deve estar ciente de que muitas das visões de mundo influentes, definitivamente, não se apegam a esses pressupostos. Muitos acreditam que o mundo físico é uma ilusão. Muitos acreditam que o universo sempre existiu (ou os universos, já que alguns acham que há mais de um). Outros incluem como parte de sua visão de mundo a crença de que a realidade física está corrompida e é maligna. Para resumir, considere:

E Deus viu **tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom**. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia. (*Gênesis 1:31, “Nova Versão Internacional”*).

Existe uma realidade espiritual paralela e invisível que não está limitada à realidade física, nem definida por ela. Um trecho das Escrituras que suporta tanto esse pressuposto quanto o anterior é:

Pela fé entendemos que **o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo se vê não foi feito do que é visível**. (*Hebreus 11:3, “Nova Versão Internacional”*).

Esse trecho bíblico pode também ser usado para suportar nosso terceiro ponto da visão de mundo cristã: **o criador tanto do mundo físico quanto do mundo espiritual é o Deus que se revela, e é revelado na Bíblia**.

Embora o mundo físico seja bom, o mal existe. Esse mal é o resultado da capacidade de escolha dada aos seres criados e sua posterior decisão de usar essa liberdade para o [pecado](#) (o qual é definido como a transgressão da vontade de Deus). Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

Os seres humanos têm tanto uma natureza física quanto uma natureza espiritual, mas a natureza espiritual é mais essencial por ser eterna.

Há certo e errado definitivos para o comportamento humano, os quais são determinados por Deus.

É interessante notar que todos esses pressupostos são declarados ou implícitos logo nos três primeiros capítulos de Gênesis, o primeiro livro da Bíblia. **Aparentemente Deus quis estabelecer logo de imediato como ele quer que seu povo veja o mundo.**

A intenção aqui é analisar [quão “boa” é a visão de mundo cristã](#), principalmente comparando-a e contrastando-a com as outras visões de mundo em evidência. Em outras palavras, a ideia de que o mundo físico criado é bom será suportada quando for contrastada com a ideia hindu de que o mundo físico é uma ilusão, ou com a ideia grega de que o mundo é essencialmente mau, ou com a visão naturalista de que o mundo não é criado. No final, voltaremos para a visão de mundo cristã, explicando o motivo pelo qual acreditamos que foi Jesus Cristo que nos forneceu o que é, de longe, a “melhor” visão de mundo que foi apresentada à humanidade.

6.3. A VISÃO DE MUNDO NATURALISTA OU MATERIALISMO CIENTÍFICO

Constatamos anteriormente por que [as pessoas devem pensar cuidadosamente a respeito de suas visões do mundo, bem como sobre a importância de formar e se apegar a uma visão de mundo coerente](#). Consideramos [um conjunto razoável de critérios para o que poderia ser uma visão “boa” do mundo](#). Além disso, consideramos uma [descrição do “esqueleto” da visão de mundo cristã](#).

A primeira visão de mundo alternativa que vamos contrastar com o cristianismo é o **naturalismo**, também conhecido como **materialismo científico**. Ele é, provavelmente, a visão de mundo mais simples de entender de todas as outras abordadas neste estágio do estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Consideremos algumas declarações definindo o naturalismo: “o único instrumento confiável ou válido para decidir a verdade, ou mesmo o valor de qualquer proposição, é o método científico” e “a única realidade é aquela que é observável por meios físicos”. Não há nenhuma realidade espiritual, nenhuma verdade moral, nenhum deus, nenhuma vida após a morte, não há alma, não há espírito, e não há consciência, exceto, talvez, como um epifenômeno (um fenômeno secundário e condicionado por processos fisiológicos).

Considere também a definição de Richard Lewontin:

Nós existimos como seres materiais em um mundo material, todos cujos fenômenos são as consequências de relações materiais entre entidades materiais. Em palavras, o público precisa aceitar o materialismo, o que significa que ele deve colocar Deus na lata de lixo da história onde tais mitos pertencem. (*Richard Lewontin*).

O que se segue não são definições do materialismo científico, mas algo que representa implicações óbvias dessa filosofia. Considere uma declaração do naturalismo de Richard Dawkins, um famoso ateu:

No universo de forças físicas cegas e replicação genética, algumas pessoas vão se machucar e outras pessoas vão ter sorte: e você não vai encontrar nenhuma rima ou razão para isso, nem qualquer justiça. O universo que observamos tem precisamente as propriedades que deveríamos esperar se, no fundo, não houvesse nenhum projeto, nenhum propósito, nenhum mal e nenhum bem. Nada além de cega, impiedosa indiferença. O DNA não sabe e nem se importa. O DNA apenas existe, e nós dançamos a sua música. (*Richard Dawkins*).

Segue uma declaração de Thomas Huxley, conhecido como “bulldog de Darwin”:

Nós somos o produto de forças cegas, como é a queda de uma pedra à terra, ou o fluxo e refluxo das marés. Nós apenas acontecemos, e o homem foi feito carne por uma longa série de acidentes singulares e benéficos. (*Thomas Huxley*).

Considere, por um momento, as implicações dessa visão de mundo bastante deprimente. **Se ela for verdade, então o nosso conceito pessoal de “eu” é uma ilusão. Nossa percepção da consciência é simplesmente o resultado acidental do disparo de sinais dos neurônios e químicas movendo-se em nosso cérebro (ou seja, a consciência é um epifenômeno)**. Quando alguém diz à sua esposa ou aos seus filhos “eu te amo” significa que, nessa visão de mundo, quando aquele que fez essa declaração pensou sobre eles, os seus caminhos neurais se ativaram de uma maneira particular e certos neurotransmissores alteraram seus níveis de atividade. O amor não é uma coisa em si (e, claro, a afirmação bíblica de que Deus é amor torna-se um absurdo).

Se o naturalista estiver correto, não há propósito algum para a vida, exceto, talvez, o “propósito” evolucionário para procriar e criar o máximo de cópias possíveis do material genético. Se o naturalista estiver certo, a crença pessoal de que assassinar, mentir e roubar são coisas erradas não tem qualquer fundamento em verdade, mas é simplesmente o parecer particular das pessoas – um parecer não ditado por verdade mas, no máximo, por uma predisposição genética para pensar dessa forma, criada por uma espécie de “seleção natural cultural”.

Virtualmente ninguém pode aceitar essa visão de mundo com todas as suas implicações. Apesar disso, em muitos “círculos intelectuais”, é a visão de mundo publicamente aceita, e gargalha-se daqueles que não se apegam a ela. As pessoas cultas que acreditam que existe uma realidade espiritual que supera a realidade física são tratadas com desdém como detentores de uma ideia imatura, boba e antiquada sobre o mundo. De fato, materialistas como Richard Dawkins e Christopher Hitchens declaram publicamente que religiosos são inimigos do progresso humano e, direta ou indiretamente, são a causa de todos os males do mundo (apesar do fato de que eles não acreditam que o mal existe).

Qual é a origem dessa visão de mundo? Para descobrir a fonte do naturalismo, é preciso voltar o relógio para a Revolução Científica. O fato é que os criadores da Revolução Científica – Roger Bacon, Copérnico, Galileu e outros – acreditavam na [visão de mundo cristã](#). Na verdade, a crença deles na ciência se seguiu diretamente a partir da visão de mundo cristã. A crença no Deus da Bíblia levou Bacon e outros a concluir que deve haver um

conjunto único, imutável, de leis que regem o universo físico (Jeremias 31:36-37). Eles também concluíram a partir de sua visão de mundo bíblica que um Deus pessoal de amor deve ter feito o universo físico para ser inteligível à razão humana e analisável por análise matemática. Tais suposições “cristãs” acabaram sendo verdadeiras (tanto quanto nós podemos dizer) e, portanto, a ciência foi “inventada”.

No entanto, no processo de descobrir como a natureza funcionava, cientistas como Isaac Newton descobriram que o universo funciona de acordo com o que parecem ser leis inteiramente mecânicas – leis que são tão regulares e previsíveis que parecia que Deus podia ser removido da equação. Na verdade, o matemático e físico francês Pierre-Simone La Place, quando Napoleão perguntou a ele “onde está Deus?”, respondeu (tendo em mente sua teoria da mecânica): “eu não tenho nenhuma necessidade dessa hipótese”. O filósofo escocês David Hume questionou se podemos saber alguma coisa absolutamente e, especialmente, se a crença em Deus tinha qualquer validade empírica. A ascensão do deísmo no final do século dezoito levou ao materialismo científico/naturalismo por volta do século dezenove. Embora o próprio Darwin não fosse estritamente um materialista, seu trabalho certamente forneceu alimento para o **cientificismo**. Somente no século vinte começamos a ver materialistas científicos agressivos, tais como Bertrand Russell e Carl Sagan, começando a atacar publicamente todas as outras visões de mundo como infantis e tolas.

6.3.1. UMA RESPOSTA AO MATERIALISMO CIENTÍFICO

Qualquer alegação de que o materialismo científico é uma visão de mundo superior à do cristianismo deveria ser analisada de acordo com critérios específicos. Começemos por citar um comentário sobre o materialismo como uma visão de mundo (infelizmente não encontramos a fonte de tal citação, mas ela ilustra bem o ponto deste estudo):

O teórico que sustenta que a “ciência é tudo e é o fim de tudo que não está em livros de ciência” não é digno de ser conhecido – é um ideólogo com uma doutrina peculiar e distorcida de sua autoria. Para ele, a ciência não é mais um setor do empreendimento cognitivo, mas uma visão de mundo que inclui tudo. **Essa doutrina não é a ciência, mas o científicismo. Tomar tal postura não é celebrar a ciência, mas distorcê-la.**

Propomos anteriormente um conjunto de [critérios para uma “boa” visão de mundo](#) que podemos usar para consideração. Uma visão de mundo “superior” vai ser aquela que:

1. É verdadeira (em outras palavras, consistente com a realidade).
2. Responde perguntas ou resolve problemas que os seres humanos, como um todo, realmente se preocupam.
3. Faz com que aqueles que se apegam a ela se tornem pessoas “melhores”.

O naturalismo pode ser rejeitado porque é patentemente falso – ele não responde a qualquer das perguntas que o ser humano, como um todo, se importa, nem lida com a raiz dos seus problemas. Também não ajuda aqueles que o sustentam a serem pessoas melhores do que teriam sido caso se apegassem a visões alternativas do mundo.

O naturalismo derrota a si mesmo. Por muitas razões, **produz suposições que simplesmente não estão de acordo com a experiência humana comum. Portanto, não é “verdadeiro”** (o primeiro critério citado acima). A visão de mundo científica pressupõe que o universo é ordenado e essencialmente imutável. Assume-se que as leis que governam o universo são invioláveis e que o universo é observável e compreensível para os seres humanos. Assume-se que a mente humana tem uma correspondência de um para um em relação à forma de como é a realidade. O naturalista então procede a aplicar essas suposições para descartar todas as outras visões de mundo. O espiritual ou o sobrenatural são, por definição, irrealis.

Nenhuma das suposições feitas como fundamento da ciência pode ser provada por experimento ou por observação. Nesse sentido, em seu nível mais fundamental, a própria ciência não é científica. Isso não quer dizer, de forma alguma, que as descobertas da ciência estão erradas. Claramente a ciência nos deu acesso a conhecimento confiável sobre como o mundo físico funciona. Se limitada à sua própria esfera de ação, a ciência funciona.

No entanto, **a crença de que a ciência é a única visão de mundo válida e é o único meio legítimo para adquirir conhecimento sobre a realidade se baseia em raciocínio circular.** Em um fórum realizado no Reino Unido, um famoso químico naturalista foi questionado sobre como ele sabe que todos os fenômenos podem ser explicados pelas leis da física. Depois de ser questionado várias vezes, e de tentar contornar a questão, no final, esse naturalista foi forçado a confessar “eu simplesmente acredito que é verdade”. Esse é um exemplo de que a razão pela qual o materialismo científico sabe que “existimos como seres materiais em um mundo material, cujos fenômenos são as consequências de relações materiais entre entidades materiais” é porque ele **assume a conclusão antes da investigação.** Essa é uma base muito fraca para se construir uma visão de mundo. Deve-se entender que **a ciência é uma ferramenta do ser humano e deve ser limitada dentro de sua esfera de ação.**

Há uma série de razões pelas quais podemos simplesmente rejeitar o naturalismo por ser uma visão de mundo patentemente falsa. Vamos fornecer uma breve lista aqui, sem tomar o tempo para prover evidências para tais razões (o que levaria a um texto muito extenso). Ao invés disso, deixaremos para você decidir a verdade das declarações – cada uma das quais, se for verdade, faz do naturalismo patentemente e demonstravelmente falso.

- Moralidade é real. Algumas atividades são inerentemente erradas.
- A existência de bem e mal não é apenas um epifenômeno. O mal é real.
- Justiça não é apenas um conceito. Alguns comportamentos são justos e alguns não são justos.
- Uma vida humana é mais valiosa que a vida de uma barata.
- Deus existe.
- O universo foi criado.
- A vida foi criada.
- A beleza é real e não é descoberta por quaisquer meios científicos.
- A Bíblia é inspirada por Deus.
- Jesus de Nazaré ressuscitou dos mortos.

A lista poderia ser muito mais longa. **Em última análise, os conceitos de certo e errado não são apenas uma invenção humana. Pode-se observar que mesmo aqueles que afirmam que não há certo ou errado, ou que não há nenhum mal ou bem, não são consistentes com a sua própria crença.** É irônico testemunhar naturalistas expressando indignação moral sobre as coisas feitas por “religiosos”. Eles podem protestar que não é verdade, mas podemos dizer que o “eu” existe. Não somos apenas um saco de química movendo-se, cujas sinapses nervosas disparam de acordo com padrões orientados por nossa composição genética, determinados por nosso ambiente. Somos pessoas com uma realidade distante de nossas químicas. Temos cérebros. Não somos apenas cérebros. **O naturalismo é simplesmente não verdadeiro – ele não condiz com a realidade das pessoas.**

Ponto número dois do argumento de por que o naturalismo não é uma “boa” visão de mundo: ele **não responde a nenhuma das perguntas e não resolve nenhum dos problemas que os seres humanos, como um todo, realmente se preocupam.** A ciência é boa para responder perguntas como: “Quando?”; “Quanto?”; “Onde?”; e “Quanto tempo?” Ela pode responder a perguntas provisionais de “Por quê?”, como: “Por que chove?”; “Por que as estrelas se formam?” No entanto, a ciência não pode responder a qualquer “por quê?” fundamental, ontológico (isto é, relativo ao ser) ou teleológico (isto é, relacionar um fato com sua causa final), até mesmo quando se trata do mundo natural. Por exemplo, a ciência não é de forma alguma útil para responder a questões básicas como: “Por que a gravidade é tão forte como ela é?”; “Por que a gravidade funciona?”; “Por que a força eletromagnética existe?”; “Por que o universo existe?” Se a ciência não pode responder essas questões, certamente não pode sequer sugerir uma resposta a uma única das perguntas nas quais as pessoas realmente se preocupam, como: “Por que estou aqui?”; “Qual é o meu propósito?”; “Será que Deus existe?”; “O que acontece comigo quando eu morrer?”;

“Como devo me comportar?”; “Como devo tratar as outras pessoas?”; “Por que é possível para os seres humanos compreenderem como o universo funciona?”; “Por que existe o mal no mundo?”

O materialismo científico nem sequer dá respostas erradas a essas perguntas – ele simplesmente não dá nenhuma resposta. Há uma exceção, no entanto: a ciência fornece uma resposta para a pergunta “O que acontece quando eu morrer?” A resposta é: “A vida simplesmente termina e a entropia assume”. O naturalismo diz que essas são perguntas sem sentido. No entanto, considere que **ignorar questões importantes e fingir que problemas difíceis não existem é uma maneira ruim de lidar com essas questões e problemas**. Não se trata de dizer que os naturalistas não façam essas perguntas ou que, em uma base individual, não tentem ajudar a resolver alguns dos importantes problemas humanos. O problema é que **a visão de mundo naturalista simplesmente não ajuda nessas coisas**.

O terceiro critério da lista proposta de qualidades que fazem uma “boa” visão de mundo é que, se alguém se apegar a ela, vai ser uma pessoa “melhor” do que teria sido se não tivesse se apegado a ela, ou se tivesse se apegado a outras visões de mundo alternativas. Certamente esse critério é subjetivo, mas há um número de “medidas de bondade” nas quais praticamente todos os seres humanos concordam. Acreditamos que o naturalismo também não é uma visão de mundo “boa” se julgada por esse critério.

Consideremos a motivação para “fazer o bem” sob a visão de mundo naturalista. Em teoria, o naturalismo acredita que não há propósito para a vida e que não há moral inerentemente correta. Mesmo a ética é extremamente difícil, ou impossível, de derivar dessa visão de mundo. Claro que materialistas fazem boas ações, mas provavelmente não é porque eles estão motivados com algo que venha de sua visão de mundo. Algo mais deve estar operando.

Correndo o risco de ofender alguém, apresentaremos uma declaração ousada. O materialismo científico é, potencialmente, uma visão de mundo perigosa. Na visão de mundo naturalista, os seres humanos não têm nenhum valor definível, exceto como uma fonte de material genético para as gerações posteriores. Claro, a vasta maioria de naturalistas não são pessoas violentas e valorizam a vida humana. No entanto, **na sua visão de mundo, não há nenhum imperativo moral contra assassinato, estupro, roubo, ou qualquer outra das atividades que um cristão e outras visões de mundo consideram como moralmente erradas**. Onde alguém encontra a bússola moral dessa forma? Levando isso em conta, qualquer categoria de comportamento sexual parece aceitável, desde que ninguém seja ferido. Mentir pode ser vantajoso para a sobrevivência e, portanto, “bom”.

Muito mal foi feito em nome de religião. Qualquer um que nega isso não está olhando para a história ou está da mesma forma negando a existência do mal. A diferença da visão de mundo cristã em comparação com o naturalismo, no entanto, é que um cristão que tem preconceito racial, ou que mente, ou que gera guerra por poder ou ganância, está violando sua visão de mundo e está sujeito a ser repreendido por estar fazendo errado. Há responsabilidade e justiça sob a visão de mundo cristã. Para o cristão há um imperativo em ajudar a humanidade. Jesus ordenou para aqueles que o seguem:

Assim, em tudo, **façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam**; pois esta é a Lei e os Profetas.
(Mateus 7:12, “Nova Versão Internacional”).

Tal altruísmo “bate direto na cara” da filosofia do naturalismo. Na visão de mundo cristã, como exemplificado por Jesus Cristo e como ensinado pelas Escrituras, há um forte imperativo para amar os outros, para ser honesto, para servir os outros, para evitar a violência, a ganância, arrogância, e assim por diante. **Muitos naturalistas seguem uma ética pessoal forte e admirável, mas qual é o imperativo para esses “bons” comportamentos sob a visão de mundo do materialismo científico?** Não vimos nenhum imperativo como esses nessa visão de mundo até agora, embora alguns materialistas tenham feito tentativas. Daí se diz que **o naturalismo precisa “importar” elementos de outras visões de mundo para enfrentar essa questão**.

Tendo admitido que muito mal tem sido feito por “crentes” (o que inclui o desmerecimento do próprio Deus diante das outras pessoas – leia Romanos 2:24), vamos considerar o pequeno, mas significativo, número de sociedades que confessam publicamente a visão de mundo dos ateus ou visões de mundo que se opõem a Deus. Exemplos desse tipo que vêm à mente são a França imediatamente após a Revolução Francesa, a Rússia comunista, a China comunista, Camboja sob Pol Pot e Coreia do Norte. A inspeção dessa lista de regimes fala por si mesma.

Em cada uma dessas sociedades, pessoas foram tratadas como se tivessem pouco valor, com resultados trágicos. **É um fato empírico que o comprometimento da sociedade com a descrença em Deus tem um registro pobre na história na produção do “bem humano”** – veja o sétimo estágio deste estudo (objeções). Claro que isso não é uma prova de que tal sociedade não pode fazer o “bem humano”, mas esse registro histórico não é algo que deve ser ignorado. “Crentes” não têm se saído bem na questão de fazer o bem, mas “antirreligiosos” não têm se saído melhor.

E o que dizer a respeito da justiça e dos direitos humanos? Nos Estados Unidos, muitos assinam embaixo da ideia de que “consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens foram criados iguais”. Será que essa ideia vem da investigação científica? Com base em DNA, alguns são mais aptos do que outros para certas coisas. O cristão deve acreditar que todos os seres humanos são infinitamente valiosos à medida que são criados à imagem de Deus. **Qual é a fonte inerente da dignidade humana e do valor humano se for verdade o que Huxley disse: “o homem se fez carne por uma longa série de acidentes singularmente benéficos”?**

Resumindo, um naturalista que é realmente comprometido com sua visão de mundo acredita que a única verdade no universo é aquela que pode ser descoberta pelo método científico, através da experimentação e análise racional da informação derivada de evidência empírica. **Essa visão de mundo falha miseravelmente com os três critérios propostos neste estudo para sabermos o que é uma “boa” visão de mundo.** O apoio do naturalismo é circular, uma vez que a razão pela qual ele sabe que “existimos como seres materiais em um mundo material, cujos fenômenos são as consequências de relações materiais entre entidades materiais” é porque ele **assume a conclusão antes da investigação – suas conclusões são patentemente falsas.** O materialismo científico não pode responder às questões mais importantes ou resolver os problemas fundamentais que os seres humanos se preocupam. Essa visão de mundo não pode, por si só e dentro de si só, fazer com que aqueles que a detêm se tornem indivíduos “melhores”.

6.4. A VISÃO DE MUNDO DA NOVA ERA E DA RELIGIÃO/FILOSOFIA ORIENTAL

Consideramos anteriormente a [definição de visão de mundo e por que a consideração da visão de mundo é importante](#). Consideramos também a visão de mundo do [naturalismo ou materialismo científico](#), suas implicações para a humanidade e se é uma [“boa” visão de mundo](#). Estudemos agora a respeito da visão de mundo que é mantida mais ou menos em comum pelos **povos orientais** (geralmente culturas na Ásia), bem como sua prima próxima, a visão de mundo do **movimento da Nova Era**.

Pode parecer presunçoso descrever, em termos razoavelmente simples, a visão de mundo de quase metade da população do mundo (levando em conta apenas a população da Índia e China). Obviamente, nós estaremos “pintando” a visão de mundo na qual se apegam os hindus, budistas, jainistas, sikhistas, taoístas e confucionistas com um “pincel largo”. Incluir o moderno movimento da Nova Era nesse grupo é fazer com que a “pincelada” seja ainda mais “larga”. No entanto, **a visão de mundo detida pelos seguidores dessas ideias religiosas é tão radicalmente diferente da visão de mundo do cristão que mesmo uma descrição geral vai nos dizer muito sobre como as pessoas do oriente pensam sobre o mundo.**

A visão de mundo oriental é, essencialmente, panteísta. Isso é uma simplificação grosseira e as nuances serão discutidas adiante. Não obstante, essa descrição será muito útil na comparação com a visão cristã e para o propósito deste estudo. **O panteísta vê Deus como sendo coextensivo com o universo. Pan significa “tudo” e panteístas acreditam que Deus é tudo e todos os lugares. Esse não é, absolutamente, um deus pessoal.** Se o panteísta estiver certo, então os seres humanos são parte de Deus. Não podemos ter um relacionamento com Deus porque somos Deus. A meta do panteísta é ser “engolido” para dentro do inefável “deus-essência do universo” que a tudo impregna. O panteísta acredita que o mundo físico ao nosso redor é uma ilusão. A palavra usada para esse conceito, tanto para o hinduísmo quanto para o budismo, é *maya*. A realidade física é uma casca para conter a unidade cósmica. Budistas, jainistas, sikhistas e hindus têm uma cosmologia bastante complicada. Eles acreditam que a realidade existe em vários níveis, ou planos, e estamos em um dos mais baixos desses planos. Essa é a cosmologia oriental comum. A meta é chegar a um nível mais elevado de realidade, onde o espiritual é mais real e a realidade física é menos pervasiva. Em última análise, o objetivo é perder a si mesmo e ser “engolido” para dentro da “bondade” que permeia tudo.

Se a ideia oriental estiver certa, o objetivo não é conhecer e ter um relacionamento pessoal com Deus fora de nós, mas descobrir a natureza de Deus dentro de cada um de nós. A busca de Deus é essencialmente uma busca dentro de nós mesmos. É literalmente uma viagem egoísta. Encontramos *brahman*, a expressão inefável de Deus, e um estado de plena felicidade conhecido ao hindu como *nirvana*, encontrando *atman* (alma) dentro de nós mesmos. Utilizamos a maneira hindu de descrever as coisas por ser ela a mais comum das religiões orientais e, também, porque é a essência da religião da Nova Era.

A ideia budista tem muito em comum com o hinduísmo, mas é muito diferente também. O Buda deu a seus seguidores uma filosofia, o **Nobre Caminho Óctuplo** para viver corretamente. As quatro verdades nobres de Buda são:

1. Sofrimento é não obter o que se deseja.
2. A causa do sofrimento é desejo.
3. O caminho para terminar o sofrimento é terminar o desejo.
4. O modo para terminar o desejo é o Nobre Caminho Óctuplo.

Buda ensinou o desapego ao invés de compaixão.

Gautama se recusou a abordar a questão de Deus com seus crentes porque ele sentiu que não era particularmente relevante. Tem-se a sensação de que o Buda não era um ateu e que seu conceito de Deus era panteísta. Sua religião incluiu os conceitos do *maya* (a crença que o mundo físico é uma ilusão) e da reencarnação.

As religiões jainista e sikhista podem ser pensadas como “sabores” do hinduísmo. Na verdade, sikhistas tendiam a considerar a si mesmos como uma seita do hinduísmo até uma perseguição relativamente recente e, também, até que a tendência britânica de definir as coisas de uma perspectiva ocidental os definiu como uma religião separada. Ambas as religiões possuem cosmologias de níveis múltiplos, mas rejeitam um sistema de casta sacerdotal altamente estruturado. O jainismo é completamente panteísta. O sikhismo e o jainismo incluem a crença de que a realidade física é uma ilusão (*maya*), a reencarnação, e um “pensamento cármico” sobre “pecado”.

O taoísmo, religião oriental de origem chinesa fundada por Lao Tzu, retém uma forte visão panteísta do mundo. Iluminação é adquirida pela contemplação de si mesmo e da natureza. Como o budismo, entramos em contato com a nossa natureza cósmica por meio do não envolvimento no mundo. **Desapego ao invés de compaixão é a chave para a iluminação nessa visão de mundo.**

Então, o que é a religião da Nova Era? Leitura da palma da mão? Canalização? Comunicação com os espíritos? Meditação? Reencarnação? Ocultismo? Gurus? Paganismo? Gnosticismo? Adoração à deusa mãe? Misticismo? Astrologia e astroteologia? Sim, todos esses, mas em sua essência é um **panteísmo ocidental**. O traço comum nas crenças um tanto ecléticas da Nova Era é que todos nós somos Deus. É monismo (ou seja, a realidade é constituída por um princípio único, um fundamento elementar, sendo os múltiplos seres redutíveis em última instância a essa unidade). Deus é tudo e nós somos Deus. Uma citação de um membro da religião da Nova Era seria: “Uma vez que nós começamos a ver que todos nós somos Deus, então acho que todo o propósito da vida é a repossuir a semelhança de Deus dentro de nós.”

Vamos analisar essa visão de mundo. É uma “boa” visão de mundo? Vamos aplicar os [três critérios propostos](#). A visão de mundo oriental e da Nova Era é verdadeira? Vai ser muito difícil dar uma resposta totalmente satisfatória para essa questão em um estudo breve.

Coloquemos desta forma: **a cosmologia das religiões orientais, com o seu ciclo de repetição interminável de criações e destruições, e com seus vários níveis de realidade, não é verdadeira.** Evidências materiais do início do universo parecem excluir essa cosmologia. A Segunda Lei da Termodinâmica não permite uma repetição cíclica da história cósmica. A mente oriental acredita que este universo não é real. Alguns tentaram amarrar a descoberta da mecânica quântica do século vinte com suas vistas probabilísticas da realidade física e suas descobertas do princípio da incerteza como evidência de que a cosmologia budista é válida. O problema é que a ciência

definitivamente assume que o universo é real, tanto que um [materialista científico](#) acredita que o universo físico é a única realidade. **Ao contrário da situação entre a ciência e a “teologia cristã”, há um conflito inerente e insolúvel entre ciência e cosmologia oriental.** O mundo físico é muito real. **Não vai nos ajudar a resolver os problemas neste mundo se fingirmos que ele não é real (e, portanto, fingindo que os próprios problemas não são reais).**

É discutível se a ciência pode ajudar a resolver a questão de saber se “deus” é panteísta e impessoal ou teísta e pessoal. No entanto, podemos perguntar qual é a evidência apoiando as alegações centrais do cristianismo e as de várias religiões orientais. A fé cristã tem a vantagem das Escrituras com profecias cumpridas, exatidão histórica verificável, e muito mais, conforme está exposto no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Religiões orientais são totalmente desprovidas de tal suporte com evidências lógicas/racionais. Na verdade, não se pode nem mesmo encontrar verdadeiros apologistas para essas religiões, como regra geral. “Evidência racional” parece ser quase imaterial para essas crenças.

Será que a religião oriental responde às questões humanas importantes? A resposta é sim e não. Certamente faz melhor nesse ponto do que o materialismo científico. Religião oriental fornece respostas possíveis (sejam certas ou erradas) para questões como “Qual é a realidade definitiva?” e “Como cheguei aqui e para onde vou?” Em relação às outras questões, a visão de mundo oriental não é tão bem-sucedida. “Qual é a natureza da realidade e do mundo externo ao nosso redor?” – quem acredita em religiões orientais diria que não é real. Isso não ajuda. Para questões como “Qual é a solução para o problema do mal?” e “Como posso me tornar justo?”, religiões orientais não fornecem respostas muito úteis. O sofrimento não é real e pecado não existe (a menos que se permita a ideia de *karma*, que tem tanto ou mais a ver com as ações de supostas vidas passadas do que com a nossa própria vida).

Os praticantes da religião/filosofia oriental se tornam pessoas melhores por se apegarem a suas crenças? Se os compararmos à visão de mundo naturalista, a resposta certamente é sim. Com suas ideias de *karma* e com o ideal de se tornar um com a “alma universal panteísta”, certamente um budista ou hindu devoto é mais propenso a ser calmo, paciente, e mais dotado de um senso de responsabilidade pelas consequências de suas ações do que a média de descrentes. No entanto, existem alguns pontos fracos. Assim como a filosofia da Nova Era diz a seus crentes, o “pecado”, se é que existe, é a falta de compreensão pessoal de que você é Deus. O pensamento hinduísta inclui uma medida de responsabilidade pessoal por atos errados, mas também inclui a possibilidade de “expição” dos erros desta vida em alguma vida ainda no futuro. Ele também carrega a responsabilidade de vidas desconhecidas passadas na atual encarnação. Certamente isso enfraquece o senso de responsabilidade pessoal por nossas ações nesta vida, pelo menos para um crente mediano.

A visão de mundo oriental faz que alguém olhe para dentro, não para fora. Ela inspira desapego ao invés de paixão e não envolvimento no mundo ao invés de envolvimento. Não estamos afirmando que praticantes de religiões orientais não têm amor. Obviamente, existem muitos que praticam “o amar e o dar”. No entanto, essas religiões ensinam que o sofrimento não é real.

Não é por acaso que se observa que a maioria dos “programas beneficentes” organizados em países hindus e budistas é feito por “cristãos”. Isso não é apenas um acidente e não pode ser completamente explicado pela riqueza nos países ocidentais. O “padrão de benevolência cristão” é repetido nas pequenas comunidades cristãs nesses países.

Juliano, o Apóstata – o neto pagão do imperador Constantino – afirmou o seguinte a respeito de cristãos e judeus no Império Romano:

Ateísmo [a fé judaica/cristã era vista como “ateísmo” pelos romanos] foi especialmente avançado por meio do **serviço amoroso prestado a estranhos e por meio de seus cuidados para o enterro dos mortos.** É um escândalo que não há um único judeu que seja um mendigo, e que os galileus sem deuses [se referindo aos deuses pagãos comuns da época] **se importam não só com seus próprios pobres, mas com nosso bem; enquanto aqueles que pertencem a nós procuraram, em vão, a ajuda que devemos dar a eles.** (*Juliano, o Apóstata*).

Essa crítica de Juliano de sua própria religião pagã, assim como seu “elogio” aos cristãos de sua época, se aplica muito bem à situação em países onde predomina a religião oriental. Por quê? Porque são pessoas más? Não. Em grande parte, é por causa de sua visão de mundo.

Resumindo, a essência da visão de mundo do oriente e de suas muitas “encarnações” ocidentais, como os crentes da religião da Nova Era, é o panteísmo. É uma crença em que o universo é preenchido com um “deus força” impessoal, sendo que uma faísca dele está em nós. O mundo físico é uma ilusão, o pecado não é real, e o problema humano é escapar das paixões que nos aprisionam nestes corpos físicos. Você terá que decidir sobre essa visão de mundo, mas é uma visão de mundo defeituosa. É defeituosa, em primeiro lugar, porque não é verdadeira. O suporte de evidências para tal visão de mundo não é forte. Além disso, em sua essência, é egoísta.

6.5. VOLTANDO O FOCO PARA A VISÃO DE MUNDO CRISTÃ

Até agora estudamos, como visões de mundo, o [naturalismo ou materialismo científico](#) e a [religião/filosofia oriental e sua prima, a filosofia da Nova Era](#). Uma vez definidos, os avaliamos com respeito aos [critérios propostos para uma “boa” visão de mundo](#).

Obviamente, não abordamos tudo. Não avaliamos a visão de mundo pós-modernista (que, em essência, diz nenhuma visão de mundo é “verdadeira” – é o tipo de visão de mundo “conveniente” para o orgulho e egoísmo humano por ser altamente relativista, o que ocasiona em uma perda de discernimento), nem a niilista (que é de certa forma intimamente relacionada com a naturalista), ou as visões de mundo existencialista, estoica, dualista, neoplatônica ou muçulmana – examinaremos o islã no sexto estágio deste estudo (história). Todas elas, com exceção da visão de mundo pós-modernista e muçulmana, podem ser vistas mais ou menos como estreitamente relacionadas com as visões de mundo que temos considerado. Precisaríamos escrever um livro extenso para cobrir tudo em detalhes. No entanto, para o propósito deste estudo, temos material suficiente para prosseguir.

Retornemos o foco para o cristianismo. Vamos considerar mais cuidadosamente e em detalhe o que a visão de mundo cristã realmente é. Também vamos analisar essa visão de mundo no que diz respeito aos três critérios propostos para definir uma “boa” visão de mundo.

Muitos cristãos podem pensar que a visão de mundo cristã é bastante óbvia e, para o seguidor experiente de Jesus, relativamente pouco precisaria ser dito sobre ela. A título de resposta, digamos que uma das razões deste estudo ter sido realizado é que o entendimento da visão de mundo cristã é essencial para cristãos que procuram influenciar seus próximos, assim como para que os cristãos tenham uma compreensão sólida e profunda do que realmente é o cristianismo e o que são as visões de mundo “concorrentes”. Muitos daqueles que se dizem “[cristãos](#)” não têm uma compreensão suficientemente profunda da visão de mundo que eles deveriam ter se realmente aceitam, pela fé, a visão bíblica do mundo. **[Igrejas locais em dezenas de países mostraram uma perturbadora falta de compreensão de quem é o Deus da Bíblia.](#)**

Naturalmente, alguns vão perguntar: “Qual visão de mundo bíblica?” Em outras palavras, [alguns afirmam que há mais do que uma visão de mundo encontrada na Bíblia](#) e que leva tempo para cada cristão escolher dessas supostas “visões concorrentes” qual vai ser a visão bíblica real para ele. Essa é outra questão que merece resposta cuidadosa e sistemática. **Há uma visão de mundo consistente, única, não contraditória, demonstrada na Bíblia, que retrata a imagem de quem é Deus. O Deus de Gênesis é o Deus de Isaías, e é o Deus de João, e de Tiago e de Paulo.**

Então, qual é a visão de mundo cristã? Tentaremos descrevê-la por uma série de proposições, cada uma das quais será um pouco ampliada, sendo utilizadas passagens bíblicas como meio de apoio.

O mundo físico é: real, criado e essencialmente bom. Os capítulos 1 a 3 de Gênesis são o mais brilhante “pequeno pedaço de filosofia”.

No princípio Deus criou os céus e a terra. (*Gênesis 1:1, “Nova Versão Internacional”*).

Como o autor de Hebreus escreveu:

Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo se vê não foi feito do que é visível. (*Hebreus 11:3, "Nova Versão Internacional"*).

Se essa afirmação for verdadeira, então o animismo, politeísmo, panteísmo, dualismo, naturalismo, niilismo e o pós-modernismo são todos falsos. Outra coisa que é igualmente significativa para a visão de mundo cristã é que Deus não somente criou o universo físico, mas essa criação era essencialmente boa. Eis a maneira como Deus analisa sua criação em Gênesis:

E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom. (*Gênesis 1:31, "Nova Versão Internacional"*).

A filosofia oriental se apega à ideia que o mundo físico é uma ilusão efêmera. A filosofia grega concorda, acrescentando que o mundo físico está se deteriorando e é essencialmente mau. O naturalismo concorda que o mundo físico é real, mas nega que existe uma realidade sobrenatural que o criou. Ele certamente não é "bom", pois a descrição de "bom" não tem sentido em um "universo aleatório e acidental".

Há uma questão a ser observada: **quando Deus disse que sua criação era boa em sua essência, a existência do mal não é negada.** A questão do mal será abordada a seguir.

Existe uma realidade espiritual paralela e invisível que não está limitada à realidade física, nem definida por ela. Os seres humanos têm um aspecto espiritual em sua natureza. O fato de que o Deus "invisível" criou o universo estabelece que existe uma realidade não física que é, pelo menos em algum sentido, maior do que a física. O universo físico é real, mas não é tudo que existe. Jesus confirmou essa ideia:

Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. (*João 4:24, "Nova Versão Internacional"*).

Reconhecer que existe uma realidade espiritual não é o mesmo que a visão de mundo do dualismo. No dualismo, o mundo é governado por forças mais ou menos equilibradas do bem e do mal. Também não é como o monismo naturalista, o qual nega inteiramente a existência da realidade espiritual. Na visão de mundo cristã, os seres humanos têm uma alma e um espírito. A forma como as Escrituras posicionam a criação dos humanos, criados à imagem de Deus (*Gênesis 1:27*), é uma alegação espiritual ao invés de uma alegação física. Não é uma declaração de que o ser humano é igual a Deus, mas uma descrição de sua natureza espiritual. Humanos têm corpos, mas não são apenas corpos. O "eu" existe, e o "eu" não é definido pelos produtos químicos que compõem o corpo. A consciência não é um mero epifenômeno, como o naturalismo requer. A semelhança do ser humano com Deus tem a ver com a sua natureza espiritual, sua posse de um espírito e uma alma, sua compreensão inerente do bem e do mal, sua capacidade de exercer domínio sobre o mundo físico, e sua capacidade de criar e amar.

O criador tanto do mundo físico quanto do mundo espiritual é o Deus que se revela, e é revelado na Bíblia. Deus não apenas criou o universo físico (*Gênesis 1*), ele também criou o espiritual – o reino celestial. Paulo disse de Jesus:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. (*Colossenses 1:15-16, "Nova Versão Internacional"*).

Deus se fez conhecer ao seu povo a partir das coisas criadas, conforme Romanos 1:20. Ele também se revelou e revelou sua vontade nas Escrituras. Mais particularmente, ele se revelou por meio de seu Filho, Jesus Cristo, a imagem de Deus:

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. (*Hebreus 1:1-2, "Nova Versão Internacional"*).

Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido. (*João 1:18, "Nova Versão Internacional"*).

Deus se revelou por meio da criação, por meio do Antigo e do Novo Testamento, e por meio da pessoa de Jesus Cristo.

Embora toda a criação, inclusive o mundo físico, seja boa, o mal existe. Esse mal é o resultado da capacidade de escolha dada aos seres criados e sua posterior decisão de usar essa liberdade para o [pecado](#) (o qual é definido como a transgressão da vontade de Deus).

Isso nos traz de volta ao livro de Gênesis. A história de Adão e Eva é a história do ser humano. Deus deu tudo para o prazer e aproveitamento da humanidade. Por quê? Porque ele ama os humanos e porque ele quer que o ser humano o ame. Mas o que faz o ser humano? Rebelar-se e escolhe fazer as coisas que são erradas. A forma como Agostinho colocou o mal é interessante:

O mal não é uma coisa em si. Se fosse, haveria dualismo. Em vez disso, o mal é o bem que foi corrompido por agentes morais livres. Algo que foi criado para bons propósitos é direcionado para o mal. Enquanto há capacidade de escolha, há a possibilidade de corromper algo bom e fazer o mal. No entanto, sem capacidade de escolha, não há amor verdadeiro. (*Agostinho*).

Nada do que Deus criou é mau, mas algumas das criações de Deus são capazes de fazer o mal. Deus deu uma escolha ao ser humano. Ele pede para “escolher a vida” (Deuteronomio 30:19), mas muitos escolhem rebelião. As leis físicas que podem ser descobertas pela ciência não são as únicas “leis naturais”. **Existem leis morais, as quais são tão inevitáveis quanto a própria lei da gravidade.** A rebelião contra a santidade de Deus produz sofrimento neste mundo (Êxodo 20:5-6), tanto para aqueles que pecam quanto para aqueles que os rodeiam (as consequências do pecado às vezes atingem inocentes). Essa é a resposta para o “problema” da dor, sofrimento e mal. Entenda que Deus não apenas dita os padrões morais e o que é certo, ele mesmo é o padrão moral e o certo. Se alguém escolhe fazer algo que é contra o caráter de Deus, faz o mal.

Os seres humanos têm tanto uma natureza física como uma natureza espiritual, mas a natureza espiritual é mais essencial, pois é eterna. Nossa natureza física é, obviamente, mais evidente para nós do que a nossa natureza espiritual, mas isso é enganoso quando comparado à nossa realidade final. Como Jesus disse:

Eu lhes digo, meus amigos: não tenham medo dos que matam o corpo e depois nada mais podem fazer. Mas eu lhes mostrarei a quem vocês devem temer: temam aquele que, depois de matar o corpo, tem poder para lançar no inferno. Sim, eu lhes digo, esse vocês devem temer. (*Lucas 12:4-5, “Nova Versão Internacional”*).

Como Paulo disse:

Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno. (*2 Coríntios 4:18, “Nova Versão Internacional”*).

Deus não pode ser facilmente definido, mas ele pode ser caracterizado por certas qualidades. Deus é amor, Deus é justo, Deus é santo, Deus é onisciente, onipotente e onipresente. Deus é independente de tempo, espaço e matéria/energia. O que Deus é, ele é de maneira total e infinita. Deus não é meramente amoroso: ele é o amor. Amor define e determina todas as suas ações em direção a nós. De uma perspectiva humana, isso parece entrar em conflito com a sua justiça e a sua santidade. Mas **o amor não se alegra com a injustiça** (1 Coríntios 13:6). **Deus não é apenas justo: ele é a justiça.** Ele é incapaz de um ato injusto, mesmo quando é aparente ao ser humano que seu amor e sua justiça estão em conflito. Deus é santo, e “não há nele treva nenhuma” (1 João 1:5).

Esses são os fatos sobre Deus. Como isso afeta a visão de mundo cristã? De todas as formas. Todo ato em nossa vida e na vida dos nossos próximos estão sujeitos à justiça de Deus. Isso tem um efeito profundo de como visualizamos nossas próprias vidas e como devemos reagir à injustiça: “Não se vingue [...]” “Minha é a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.” Se Deus realmente é amor, então isso tem um efeito insondável sobre como podemos compreender os acontecimentos que cercam nossas vidas. Todos eles são ou causados ou permitidos por um onipotente, onipresente e onisciente Deus que **age em direção a tudo por amor, não deixando, no entanto, de ser justo.**

Por causa da justiça de Deus e de sua santidade, quem optar por se rebelar contra ele vai, em última análise, ser julgado e separado dele por toda a eternidade. A escolha do ser humano em se rebelar e pecar não apenas trouxe sofrimento físico e emocional nesta vida, mas também traz julgamento no mundo por vir:

[...] Pois todos compareceremos diante do tribunal de Deus. (*Romanos 14:10, “Nova Versão Internacional”*).

Pois conhecemos aquele que disse: “A mim pertence a vingança; eu retribuirei”; e outra vez: “O Senhor julgará o seu povo.” Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo! (*Hebreus 10:30-31, “Nova Versão Internacional”*).

De Deus não se zomba. Ele é paciente e bondoso, ele quer que todos os humanos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). Mas “o salário do pecado é a morte” e, novamente, como acontece com todas as qualidades de Deus, esse fato é inevitável. **Deus não muda seu caráter ou compromete sua santidade.**

Uma boa forma de entender as consequências eternas do pecado é que o inferno é um lugar onde Deus não está. Aqueles que escolherem se afastar dele, e assim permanecerem, terão o que desejam: estarão, pela eternidade, em um lugar onde Deus não está. Sem Deus, não há amor, não há justiça, não há luz, não há “coisas boas”. Portanto, tudo o que resta é “choro e ranger de dentes” – uma sensação tão ruim que é transmitida a nós com palavras como “estar para sempre atormentado em chamas” e “ser para sempre comido por um verme que não morre”.

A solução para o mal e suas consequências eternas é fornecida por Deus por meio do sacrifício substitutivo e expiatório de Jesus Cristo. Essa é a essência do evangelho. Como foi profetizado:

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. (*Isaías 53:4-6, “Nova Versão Internacional”*).

E também:

Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores. (*Romanos 5:8, “Nova Versão Internacional”*).

A santidade e a justiça de Deus não foram substituídas ou violadas nessa morte substitutiva:

Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, **a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.** (*Romanos 3:25-26, “Nova Versão Internacional”*).

Como isso afeta a visão de mundo de alguém? **Se isso for verdade, então tudo é diferente. O sofrimento faz sentido. A existência do mal faz sentido. Nosso senso inato e universal da justiça faz sentido também.** No entanto, podemos viver como homens e mulheres livres, não usando nossa liberdade como uma desculpa para fazer o mal, mas usando esse dom de liberdade para amar e servir os outros (parafrazeando Gálatas 5:13-15), sem viver em constante medo de julgamento quando morreremos, o que inevitavelmente vai acontecer.

6.6. A VISÃO DE MUNDO CRISTÃ É UMA BOA VISÃO DE MUNDO?

Após apresentarmos um [resumo razoável de como a Bíblia descreve o mundo](#), vamos agora verificar se, de acordo com os critérios propostos neste estudo, a visão de mundo cristã é [uma “boa” visão de mundo](#).

Em primeiro lugar, é “verdadeira”? Lembre-se que consideramos uma visão de mundo como “verdadeira” se ela for consistente com o que sabemos do mundo ao nosso redor. Não estamos nos referindo ao fornecimento de “prova científica”.

O mundo físico é real? Em desafio ao pós-modernismo ou à religião oriental sobre essa questão, o mundo físico é real. Uma vez, um filósofo cristão sábio desafiou o seu amigo hindu para provar sua própria confiança de que a realidade física não é real – o cristão pediu permissão a ele para golpeá-lo com uma clava. O guru recusou educadamente a oportunidade de mostrar confiança em sua própria filosofia. A ciência (entenda-se que aqui fazemos uso da ciência como ela realmente é – **uma ferramenta** do ser humano) tem demonstrado que “esta

ilusão”, ou seja, o mundo físico, é **surpreendentemente e estranhamente consistente e previsível. Fantasias e ilusões raramente são tão previsíveis.** Os [naturalistas](#) podem estar errados ao dizerem que não há mal e não há justiça, mas certamente eles têm crédito quando dizem que o mundo físico é real.

A criação física é boa como afirma a Bíblia? Tendo em vista a existência de doenças e desastres naturais, é certamente razoável questionar a afirmação de que a criação física é “muito boa”, como Deus diz em Gênesis. Falando em termos gerais, sim, a criação é muito, muito boa para os propósitos de Deus. Os físicos nos dizem que [o universo em que vivemos é absolutamente e espetacularmente ajustado de maneira fina, de forma que formas de vida avançadas podem existir](#). Se um ou mais parâmetros dentre as duas dúzias de parâmetros que definem como o universo funciona fossem alterados, mesmo em uma pequena fração, não estaríamos aqui. Para evitar as implicações óbvias, alguns naturalistas especulativamente propuseram que há um número infinito de universos e que tivemos a sorte de viver no universo certo. Seria, de fato, muita sorte. Analogamente, pode-se dizer que, para isso ocorrer, seria necessária mais sorte do que se uma mesma pessoa ganhasse na Mega-Sena muitas vezes com o mesmo bilhete – veremos mais a respeito das chances no terceiro estágio deste estudo (veracidade). O sofrimento causado por terremotos pode ser preocupante, mas sem as placas tectônicas (e seus terremotos associados) a Terra seria estéril e praticamente não teria nenhuma atmosfera. Bactérias causam doenças, mas sem elas não teríamos nitrogênio no solo e nenhum oxigênio no ar. **A criação de Deus é espetacularmente sábia e boa.** Para aqueles que não concordam, fica o desafio de conceber um melhor conjunto de leis físicas que funcionem e, em seguida, trazer tal concepção à existência.

A realidade física é a única existente, ou a visão bíblica do mundo é correta quando descreve uma realidade espiritual coexistente? Isso é mais difícil de provar. No entanto, há uma série de coisas que são verdadeiras que apontam nessa direção. Seres humanos são conscientes. São capazes de entender o universo. Humanos têm um sentido aparentemente universal do que é certo e moral. O próprio universo existe e [tudo indica que teve um início](#). Tudo isso, e mais coisas não abordadas aqui, apontam para um criador não físico e uma natureza não física para os seres humanos. O naturalismo pode optar por descartar a realidade da beleza, do amor, dos direitos humanos naturais, da consciência, do bem e do mal, e de muitas outras coisas, mas muito poucas pessoas podem realmente aceitar que essas coisas não são reais. Mesmo as pessoas que as negam parecem tê-las em suas vidas. As existências dessas coisas implicam que há uma realidade espiritual. Certamente não é sempre que a maioria determina a verdade, mas é de se considerar que muito poucas pessoas acreditam que não são nada além de corpos – a maioria das pessoas acredita que possuem corpos e concorda que existe uma realidade espiritual. A visão bíblica de que existe uma realidade espiritual que supera a realidade física concorda com o que sabemos.

É verdade que o mal existe? Em caso afirmativo, qual é a causa desse mal? A existência do mal é difícil de negar. A vasta maioria das pessoas reconhece que o mal é muito real: abuso sexual de crianças, homicídio, genocídio, guerra para fins egoístas, corrupção, ganância, entre muitos outros exemplos. Ignorar esse fato é uma maneira ruim de lidar com a questão. Mesmo ateus como Christopher Hitchens e Richard Dawkins, enquanto negam a existência do mal, tornam-se até poéticos ao reclamarem do “mal feito em nome de religião”. A Bíblia afirma que Deus não criou o mal – mas ele traz o mal no sentido de punição pelos pecados e consequência dos pecados. Como está escrito no primeiro capítulo da epístola de Tiago, aqueles que pecam não devem alegar que Deus os está tentando, pois Deus não tenta as pessoas a fazer o mal. O mal é o resultado de quem escolhe se rebelar contra as leis de Deus. **A criação é boa e o mal neste mundo resulta da corrupção do que é bom por agentes moralmente livres.** Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

A realidade do juízo de Deus sobre o mal e sua graça e misericórdia para aqueles que se arrependem são provados pela história de Israel. Naturalmente, o apoio a essa alegação exige muitas referências à história, citações de profecias bíblicas e descrições dos prenúncios históricos do Antigo Testamento – o conhecimento bíblico e seu contexto são necessários e indispensáveis aqui. Para aqueles interessados em se aprofundar no assunto, o livro “From Shadow to Reality” de John Oakes é uma sugestão.

Vejamos um bom exemplo. Em Deuteronômio capítulo 28, Deus disse a seu povo que, se não andasse nos seus caminhos e se não seguisse cuidadosamente seus mandamentos, o povo seria levado a uma nação desconhecida, sofreria nas mãos de seus inimigos e seria espalhado entre as nações (lembre-se de ter em mente que, na visão de mundo cristã, Deus não apenas dita o certo, ele é o certo). O povo desobedeceu e Deus cumpriu o que disse. Deus julgou seu povo por meio da Assíria e da Babilônia. Mas Deus também disse ao povo que, se ele se

arrependesse, ainda que estivesse espalhado pelas partes mais distantes do mundo, Deus iria trazê-lo de volta e abençoá-lo na terra que deu a ele. Um remanescente fiel do povo se arrependeu e Deus fez como havia prometido. Ele permitiu que o rei persa Ciro enviasse o povo de volta para edificar Jerusalém. A história de Israel é a história de rebelião e julgamento, seguida por arrependimento e salvação. A rebelião produziu a submissão de Israel a outras nações, mas quando o povo clamou por misericórdia, Deus sempre enviou um salvador para salvá-lo – seja tal salvador José, Moisés, Davi, ou até Ciro. Deus profetizou no Antigo Testamento que a salvação viria por meio daquele que seria traspassado (Isaías 53:5) e crucificado (Salmo 22:16). É difícil “provar de forma matemática” que Deus julga sua criação por causa da maldade e que ele proporciona salvação por meio da morte de Jesus Cristo, mas a história de Israel e as profecias cumpridas – as quais abordaremos no terceiro estágio deste estudo (veracidade) – tornam a realidade dessa alegação uma conclusão razoável.

E então, a visão de mundo cristã é verdadeira? O que podemos dizer, com confiança, **é que a visão de mundo cristã é consistente com o que sabemos do mundo ao nosso redor, em um grau demonstradamente muito maior do que outras visões de mundo “competidoras”.**

Em segundo lugar, será que a visão de mundo cristã responde às perguntas nas quais as pessoas realmente se preocupam? Vejamos resumidamente: “Como cheguei aqui?” – Deus nos criou. “Para onde estou indo?” – para eterna honra ou vergonha. “Qual é o meu propósito na vida?” – conhecer a Deus e ser conhecido por ele, tendo um relacionamento íntimo com ele, mútuo em amor. “Qual é o meu valor?” – valioso ao ponto de Jesus dar sua vida por você.

Outras perguntas são: “Qual é a minha relação com a realidade definitiva?”; “Qual é a coisa certa a fazer?”; “Porque existe o mal e o sofrimento no mundo?”; “Por que existimos?”; “Por que podemos entender o universo?” Todas essas grandes questões da vida são respondidas pelas Escrituras. A visão bíblica do mundo aborda o problema do [pecado](#):

Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De modo que, com a mente, eu próprio sou escravo da Lei de Deus; mas, com a carne, da lei do pecado. (*Romanos 7:24-25, “Nova Versão Internacional”*).

Não apenas as Escrituras nos dizem por que há sofrimento, também nos dizem o que fazer sobre isso:

Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. (*Mateus 9:35-36, “Nova Versão Internacional”*).

A visão bíblica do mundo faz sentido até mesmo da morte:

Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “A morte foi destruída pela vitória.” “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. (*1 Coríntios 15:54-56, “Nova Versão Internacional”*).

A verdade objetiva de todas essas respostas bíblicas é algo que se pode debater. Alguns podem chamar tudo isso de “ilusório” ou “pensamento positivo”. No entanto, o ponto que não pode ser negado é que **a visão de mundo cristã fornece respostas razoáveis e satisfatórias para cada uma das questões importantes comuns ao ser humano.** Nenhuma outra visão de mundo, seja filosofia humana, religião oriental, ou qualquer outra, chega perto.

Em terceiro lugar, será que a aceitação da visão de mundo cristã nos torna em pessoas “melhores”? Como afirmamos anteriormente, embora a questão do que é “melhor” seja subjetiva, há algumas medidas nas quais quase todas as pessoas podem concordar. Se a visão de mundo de alguém resulta em uma maior probabilidade de genocídio, qualquer tipo de ódio social, pobreza, anarquia, sofrimento físico e emocional, ou guerra, então tal visão de mundo é facilmente identificada como deficiente.

Já abordamos a questão de saber se visões de mundo alternativas fazem daquele que se apega a elas uma pessoa melhor. Cada visão de mundo tem seu mérito em, pelo menos, algumas coisas. No entanto, em cada caso, essas visões de mundo nos deixaram com questões sérias. **O naturalismo nega a existência da verdade moral**

absoluta. Como o pós-modernismo, nos deixa sem um padrão de como devemos tratar uns aos outros. A filosofia grega e a filosofia oriental negam a bondade da criação física e ensinam desapego ao invés de compaixão. A teologia muçulmana, com sua ênfase sobre o destino e predestinação, em certa medida, remove a responsabilidade humana para com os demais seres humanos. Pode-se dizer que, com grande confiança, tanto na teoria como na prática, a visão de mundo cristã é superior a todas as outras em seu efeito, tanto sobre a humanidade como um todo quanto sobre as pessoas individuais.

Na visão de mundo cristã, cada ser humano tem um valor ilimitado. O Filho de Deus morreu para redimir as pessoas individualmente. Todas as pessoas são de igual valor e importância aos olhos de seu criador, mesmo sendo dados diferentes papéis e capacidades a cada um:

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. (*Gálatas 3:26-28, "Nova Versão Internacional"*).

Olhando de nossa perspectiva ocidental do vigésimo primeiro século, é difícil entender como uma declaração radical como essa foi feita no primeiro século. Se alguém investigar a história, vai descobrir que foi a ética cristã que levou à ideia de dignidade humana individual e direitos humanos. De onde surgiu a ideia de que "todos os homens foram criados iguais"? É claro que a Bíblia estava muito à frente dos autores da constituição dos Estados Unidos a esse respeito, uma vez que direitos plenos e iguais não foram dados aos escravos até 1863 e, para as mulheres, até o século vinte. A escravidão tinha sido uma instituição sempre presente desde os primórdios da história humana (embora o problema não seja exatamente a relação entre senhor e servo, mas sim o tratamento comumente dado aos escravos, os quais muitas vezes não eram nem sequer considerados seres humanos). Foram homens e mulheres, agindo motivados pela visão cristã do mundo, que viraram isso de cabeça para baixo. William Wilberforce não estava sozinho em empurrar a abolição da escravidão por causa de suas convicções cristãs. Jesus Cristo foi um revolucionário na forma como ele tratava as mulheres, os pobres, os doentes, os deficientes físicos, e aqueles que não eram de sua nacionalidade. Veja o sétimo estágio deste estudo (objeções).

Naturalmente, cristãos não são as únicas pessoas "boas" no mundo, mas vale a pena perguntar de onde humanistas, ateus e outros têm as suas ideias sobre o que é "bom". É possível que eles tenham "sequestrado" esses conceitos das ideias cristãs? A história certamente dá uma dica para essa conclusão. Jesus disse que toda a Lei se resume no mandamento de amar a Deus e amar aos outros como a si mesmo. Essa ideia da centralidade da nossa necessidade de amar e sermos amados vem da visão de mundo cristã. Por quê? A razão pela qual fomos criados é por causa do amor e para o amor. De acordo com a visão de mundo cristã, as pessoas são valiosas além de comparação. Jesus deu a entender que uma única alma é mais valiosa do que o mundo inteiro:

Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo? (*Lucas 9:25, "Nova Versão Internacional"*).

Essa visão de mundo dá a cada pessoa uma dignidade inimaginável, até mesmo convidando aqueles que acreditam nela a derramarem suas vidas no amor aos outros. Ao se tratar do efeito positivo que uma visão de mundo tem sobre aqueles que a aceitam, a visão de mundo cristã é a melhor do que todas as imagens concorrentes oferecidas por religiões e filosofias humanas.

A visão de mundo cristã nos diz que o sofrimento não é inerentemente mau. Na verdade, o sofrimento é bom por muitas razões. Ele fortalece as pessoas e as ajuda a compreenderem e experimentarem a alegria. Quando o ser humano sofre por causa do seu próprio pecado, o sofrimento é como um treinamento para mudar, deixa as pessoas mais propensas a conhecerem Jesus e, quando se responde ao sofrimento de uma maneira devota, abre-se uma possibilidade de glorificar a Deus. Assim, o sofrimento não é inerentemente mau, mas a visão de mundo cristã, não obstante, impele os fiéis para responderem ao sofrimento com compaixão. Por quê? Por causa do amor, é claro. Tiago nos diz:

A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo. (*Tiago 1:27, "Nova Versão Internacional"*).

No Antigo Testamento, Jeremias disse:

“Você acha que acumular cedro faz de você um rei? O seu pai não teve comida e bebida? Ele fez o que era justo e certo, e tudo ia bem com ele. Ele defendeu a causa do pobre e do necessitado, e, assim, tudo corria bem. Não é isso que significa conhecer-me?”, declara o SENHOR. (*Jeremias 22:15-16, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus foi, talvez, o homem mais compassivo que já existiu. Na ocasião da morte de Lázaro, Jesus chorou. Por quê? Por causa da morte de Lázaro? Não, uma vez que ele estava ali para ressuscitá-lo. Ele chorou porque Maria e Marta choraram. Outro exemplo é:

Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. (*Mateus 9:36, “Nova Versão Internacional”*).

Obviamente os cristãos não são as únicas pessoas do mundo que amam, mas quando eles são egoístas, gananciosos, ou arrogantes, eles estão violando o mandamento direto e o exemplo do fundador de sua visão de mundo. Na maioria de países hindus, budistas ou muçulmanos, os cristãos, mesmo sendo uma pequena minoria, fazem a maior parte do trabalho benevolente nessas sociedades. Por quê? Eles agem dessa forma por causa da visão de mundo cristã e pelo exemplo pessoal de Jesus de Nazaré. Além disso, aqueles que aceitam a visão de mundo cristã devem ser responsáveis de forma a colocar seus princípios em prática. Prestação de contas pode ser uma poderosa motivação.

Será que aceitar a visão de mundo cristã torna a pessoa que se apega a ela em uma pessoa “melhor”? A resposta é que, se não ocorre esse efeito, podemos ter certeza que a visão de mundo cristã não foi de fato aceita pela pessoa. Não desrespeitemos qualquer religião ou filosofia do mundo – certamente há muitas pessoas sinceras que não são cristãs que querem fazer o certo. Cada uma dessas filosofias tem o seu mérito, mas o exemplo de Jesus, o ensino do cristianismo, a visão de mundo cristã e os fatos da história levam inexoravelmente à conclusão de que, de todas as bem conhecidas visões de mundo, a cristã é, de longe, a melhor na questão fazer com que aquele que se apegue a ela se torne uma pessoa melhor, por quase qualquer medida aceita pelas pessoas. Por quê? Porque a ética fundamental dessa visão de mundo combina grande dignidade pessoal com amor, altruísmo e serviço generoso para com os outros.

Apesar de termos visto que a visão de mundo cristã é “boa”, há uma pergunta importante a considerar: será que aqueles que acreditam no cristianismo já violaram a ética implícita em sua visão de mundo? Na verdade, essa é uma pergunta fácil de responder, e a resposta é sim. Na prática, o mal tem sido feito “em nome do cristianismo” (ou, em muitas ocasiões, no que pessoas pensavam ser o cristianismo). **No entanto, é certo que atos malignos não são inspirados na vida ou no ensinamento de Jesus.** Resumidamente, tais atos são uma rejeição à visão de mundo cristã e, mais ainda, são atos pecaminosos. O ser humano não é perfeito e, eventualmente, mesmo um cristão experiente pode pecar. Porém, se isso acontecer, o próprio Jesus intercede pelo pecador, como “advogado diante do Pai”, se o pecador se arrepender verdadeiramente e pedir perdão a Deus. O sangue de Jesus, derramado uma única vez na cruz, também é a solução para expiação do pecado de cristãos que caem.

Por fim, a visão de mundo cristã é superior a todas as outras em muitas áreas. Primeiramente, mais do que qualquer outra, é consistente com a realidade humana (sendo, portanto, “verdadeira”). Em segundo lugar, fornece respostas racionais, razoáveis e úteis às questões humanas importantes. Em terceiro lugar, aqueles que se apegam à visão de mundo cristã, não apenas como filosofia, mas como modo de vida, transformam-se nos “melhores seres humanos possíveis”. Na verdade, a própria conversão a Cristo tem o objetivo de transformar a pessoa em “alguém melhor” – uma nova criatura (2 Coríntios 5:17).

7. PRESSUPOSIÇÕES, INTERPRETAÇÃO DE INFORMAÇÕES E LÓGICA [34]

Falando em termos práticos, **uma pressuposição é uma suposição que é tida como certa – é aquilo em que se acredita com antecedência e que governa como informações serão interpretadas.** Pressuposições estão relacionadas com [visões de mundo](#).

As pressuposições de uma pessoa são extremamente importantes quando se discute um assunto qualquer. Não é diferente ao ser debatida a [existência de Deus](#) ou a validade do cristianismo, uma vez que **são as pressuposições de uma pessoa que efetivamente governam a forma como ela interpreta as informações.**

Quando alguém já tem uma visão de mundo com pressuposições que negam o sobrenatural, tipicamente tais pressuposições não vão permitir que essa pessoa aceite evidências favoráveis à Bíblia. Se tal pessoa já tem uma pressuposição de que Deus não existe, não importa o que seja apresentado sobre as evidências da existência dele – ela vai interpretar as informações de forma coerente com a sua pressuposição, ou seja, que Deus não pode existir. Por exemplo, ao serem apresentadas profecias do Antigo Testamento que foram cumpridas no Novo Testamento, a pessoa cuja pressuposição não admite coisas sobrenaturais vai dizer que tais profecias foram forjadas, ou que foram datadas incorretamente, ou não que não são profecias reais. Ainda que fossem apresentadas “provas irrefutáveis” para tal pessoa, a pressuposição dela de que “o sobrenatural é impossível” vai fazer com que ela não veja as “provas irrefutáveis” como provas.

Assim, torna-se difícil debater assuntos contrários às pressuposições dos outros. Porém, **pressuposições incorretas podem fazer com que as pessoas se tornem cegas em relação ao que é verdadeiro.** Assim, a questão é: será que pressuposições contrárias a Deus e à Bíblia são realmente consistentes com a realidade?

A argumentação a partir dos pressupostos da existência de Deus e da [visão de mundo cristã](#) evidencia os erros dos pressupostos contrários, mostrando a validade do teísmo cristão (a crença de que Deus existe e está envolvido no mundo percebido). Uma vez que são identificados os pressupostos e a visão de mundo não cristã, eles são confrontados pelos pressupostos e pela visão de mundo cristã – e isso deixa em destaque as falhas dos primeiros. Essa abordagem também pressupõe a verdade das Escrituras e baseia-se sobre a validade e o poder do evangelho para mudar vidas:

Não me envergonho do evangelho, **porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê:** primeiro do judeu, depois do grego. (*Romanos 1:16, “Nova Versão Internacional”*).

A partir das Escrituras, a incredulidade é um pecado na mente que torna alguém incapaz de entender as coisas espirituais:

Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, **porque elas são discernidas espiritualmente.** (*1 Coríntios 2:14, “Nova Versão Internacional”*).

Nessa perspectiva, não importa o quão convincente seja a evidência ou quão boa seja a lógica, um descrente pode continuar a recusar a fé cristã, uma vez que **seus pressupostos e sua visão de mundo vão distorcer a forma como ele percebe as informações.** Assim, é importante que cada um compare sua visão de mundo e seus pressupostos com a revelação bíblica e, com sinceridade, verifique se não está se apegando a pressupostos e a uma visão de mundo falha. Sendo detectado o erro, abre-se uma excelente oportunidade para mudar, pois:

Todo o que ama a disciplina ama o conhecimento, mas aquele que odeia a repreensão é tolo. (*Provérbios 12:1, “Nova Versão Internacional”*).

7.1. A LÓGICA VEM DE DEUS

Lógica: do grego *logos* que significa “palavra”. A lógica é o estudo dos princípios de raciocínio, um conjunto de premissas que são examinadas e dispostas de modo a trazer uma conclusão. Vejamos um exemplo de raciocínio lógico: o “objeto A” é igual ao “objeto B” e o “objeto B” é igual ao “objeto C” – logo, o “objeto A” é igual ao “objeto C”. Os princípios básicos da lógica são sempre verdadeiros – são [absolutos lógicos](#). Um exemplo é que **alguma coisa não pode, ao mesmo tempo e no mesmo sentido, ser ela mesma e não ser ela mesma.**

A lógica é uma ação conceitual baseada em absolutos transcendentais. Em outras palavras, a lógica é verdadeira, independentemente de quem está falando, de onde está falando, ou quando está falando. A lógica não é dependente da capacidade da pessoa de pensar. A lógica é independente do que uma pessoa é ou do que ela acredita.

Na lógica, o que é aceito como sendo verdadeiro no início afeta diretamente o que se conclui no fim. As coisas aceitas no começo são chamadas **premissas:** inclinações do pensamento sobre qual o raciocínio é construído. Nenhuma premissa pode ser dita como tendo sido derivada logicamente porque, se fosse, seria o produto final de algum raciocínio anterior ao invés de um ponto de partida em si mesmo. [Premissas são simplesmente aceitas como verdadeiras.](#)

Em última análise, a lógica vem de Deus – a lógica pertence a Deus. Isso ocorre porque Deus é o autor de todo o pensamento correto. Deus não se autocontradiz, ele é consistente e perfeito em todos os seus caminhos. Em última análise, **a lógica é um reflexo do pensamento perfeito de Deus e de sua natureza absoluta. Portanto, a lógica tem seu lugar na caminhada cristã e, é claro, no pensamento crítico.**

Biblicamente, todos os seres são criados. No entanto, apenas o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Qual a principal diferença entre o homem e as demais criaturas? **Deus deu ao homem entendimento. O ser humano tem sabedoria e bom senso – ele raciocina e é o único ser capaz de desfrutar relacionamento íntimo com seu criador.** Um trecho do Livro de Jó ilustra bem como Deus não deu entendimento aos animais com uma ilustração protagonizando uma fêmea de avestruz:

Ela [a avestruz fêmea] abandona os ovos no chão e deixa que a areia os aqueça, esquecida de que um pé poderá esmagá-los, que algum animal selvagem poderá pisoteá-los. Ela trata mal os seus filhotes, como se não fossem dela, e não se importa se o seu trabalho é inútil. **Isso porque Deus não lhe deu sabedoria nem parcela alguma de bom senso.** (Jó 39:14-17, “Nova Versão Internacional”).

O Livro de Provérbios demonstra uma ilustração de como a sabedoria vem de Deus. O temor de Deus é o princípio da sabedoria e do conhecimento para o ser humano:

Eu, a sabedoria, moro com a prudência, e tenho o conhecimento que vem do bom senso. Temer o SENHOR é odiar o mal; odeio o orgulho e a arrogância, o mau comportamento e o falar perverso. **Meu é o conselho sensato; a mim pertencem o entendimento e o poder.** (Provérbios 8:12-14, “Nova Versão Internacional”).

O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento, mas os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina. (Provérbios 1:7, “Nova Versão Internacional”).

O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento. (Provérbios 9:10, “Nova Versão Internacional”).

Aquele que teme o SENHOR possui uma fortaleza segura, refúgio para os seus filhos. **O temor do SENHOR é fonte de vida, e afasta das armadilhas da morte.** (Provérbios 14:26-27, “Nova Versão Internacional”).

É melhor ter pouco com o temor do SENHOR do que grande riqueza com inquietação. (Provérbios 15:16, “Nova Versão Internacional”).

Deus disse para sermos transformados pela renovação de nossa mente:

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas **transformem-se pela renovação da sua mente,** para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Romanos 12:2, “Nova Versão Internacional”).

As Escrituras nos dizem para amarmos a Deus com nosso entendimento, ou seja, com nossas mentes:

Respondeu Jesus: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e **de todo o seu entendimento.**” (Mateus 22:37, “Nova Versão Internacional”).

Ao amarmos a Deus com nosso entendimento, deixamos nossas mentes pensarem em coisas puras e boas, focando os pensamentos nas “coisas superiores do alto”:

Finalmente, irmãos, **tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.** (Filipenses 4:8, “Nova Versão Internacional”).

Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas (Colossenses 3:2, “Nova Versão Internacional”).

Deus nunca nos diz para pararmos de pensar. Pelo contrário, ele nos diz para usarmos nossas mentes. Somos ordenados a crer e confiar, sendo que ele também disse para que pensemos. Reflexões e meditações sobre nossas escolhas e ações são temáticas bíblicas em evidência. Temos que pensar. Uma vez que Deus é o maior

pensador e ele nos diz para usarmos nossas mentes, então somos livres para fazê-lo sem vergonha e com confiança. **Paulo fez isso ao explicar, provar e discutir sobre as coisas de Deus com os outros:**

Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados **discutiu com eles com base nas Escrituras, explicando e provando** que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos. E dizia: “Este Jesus que lhes proclamo é o Cristo.” (Atos 17:2-3, “Nova Versão Internacional”).

Por isso, [Paulo] **discutia** na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam (Atos 17:17, “Nova Versão Internacional”).

Deus é o autor da verdade. Deus pensa perfeitamente e sempre logicamente. Portanto, a lógica ajuda a expor o erro e estabelecer a verdade. A lógica pertence ao domínio do cristão e pode ser usada repetidamente e completamente para expor o erro da linha de pensamento não cristã. O pensamento crítico é um exercício que vem da sabedoria divina.

7.2. A INFORMAÇÃO VERDADEIRA VEM DE DEUS

Informação é conhecimento obtido por meio da experiência, aprendizagem, ensino, etc. Informações verdadeiras são uma coleção de fatos e verdade. **Uma vez que a informação verdadeira é uma coleção de verdades, em última análise, informação verdadeira vem de Deus.** Não estamos tentando ser demasiadamente filosóficos sobre o que é informação, mas deve-se compreender que **toda verdade é verdade de Deus.** Portanto, informação adequada e exata é sinônima de verdade.

No entanto, **ter informação adequada é inútil se não puder ser aplicada logicamente em uma discussão.** Assim, não se deve apenas aprender a pensar criticamente, de maneira a expor pressuposições e conclusões errôneas, mas também apoiar asserções com fatos, com informação. Portanto, se alguém quiser pensar bem, também deve ter conhecimento suficiente para permitir a aplicação dos princípios de pensamento adequados. De modo geral, quanto mais se sabe, melhor se pode pensar. Isso não é um axioma da verdade, mas não seria necessário dizer que, com informações incorretas, conclusões podem ser errôneas.

Conforme alguém aprende em ambas as áreas, lógica e conhecimento, uma vai se alimentando da outra. Então, chega-se a um limiar no qual “avanços importantes” virão com mais facilidade. Esses “avanços importantes” são aqueles momentos em que alguém percebe uma verdade que não tinha conhecido antes, ou aqueles momentos em que alguém estava discutindo algo com outra pessoa e esse mesmo alguém se surpreende com o que acabou de dizer. Em outras palavras, às vezes, uma pessoa coloca as coisas juntas de tal maneira que ajuda a si mesma a aprender, mesmo depois de ter falado.

O pensamento crítico requer experiência. A experiência traz informação. A experiência é baseada no que alguém faz. Alguém pode se lembrar do que tem feito, onde teve sucesso, onde falhou, e assim sua experiência aumentada traz informações e, esperançosamente, sabedoria.

Fatos são muito importantes para argumentar, expor o erro, e estabelecer a verdade da Palavra de Deus. Por exemplo, alguém pode argumentar que a Bíblia foi traduzida tantas vezes que não é confiável. Até onde o pensamento crítico vai, **primeiramente deve ser perguntado se tal premissa está correta.** A Bíblia foi mesmo traduzida muitas e muitas vezes? Além disso, o que se quer dizer com “traduzida tantas vezes”? Será que a pessoa quer dizer que a Bíblia foi traduzida de uma língua para outra língua, e dessa para outra língua, isso se repetindo muitas vezes e, finalmente, para a nossa língua, e que essas múltiplas progressões inevitavelmente levam à perda de sentido, e que tal perda invalida a verdade da Palavra de Deus? Isso é, geralmente, o que as pessoas querem dizer quando afirmam que a Bíblia foi “traduzida tantas vezes que não se pode confiar”. Isso não é verdade, pois a Palavra de Deus não é traduzida de uma língua para outra, e dessa para outra, e assim por diante. **A Palavra de Deus é traduzida diretamente das linguagens originais para nossa linguagem atual** – examinamos isso no segundo estágio deste estudo (veracidade).

Ainda considerando o mesmo exemplo, sabendo que a Bíblia não é repetidamente traduzida de uma língua para outra língua até finalmente chegar à nossa, mas que é traduzida corretamente a partir das línguas originais (hebraico e aramaico para o Antigo Testamento, grego para o Novo Testamento) para o português, então são abertas oportunidades para não apenas serem feitas as perguntas certas para quem está fazendo a asserção, mas

também para oferecer uma correção fatural. Ao fazer isso, **a objeção é removida ao serem fornecidas informações exatas.**

Portanto, **é necessário ter informação, ter os fatos, a fim de debater adequadamente e estabelecer a verdade da Palavra de Deus.** Não é possível pensar criticamente sem informação, e não é possível usar a informação corretamente sem pensar criticamente. **Ninguém pode dizer que suas asserções contra a Bíblia estão corretas se não saber os fatos corretos, ou se não admitir os fatos corretos.**

7.3. CONHECER AQUILO EM QUE SE ACREDITA

Não precisaria ser dito que alguém deve conhecer aquilo em que acredita, bem como a razão pela qual acredita. **A fundação do pensamento correto é a [verdade](#).** Se alguém não conhece o que acredita, não será capaz de reconhecer adequadamente os erros dos outros quando defende e estabelece sua crença.

A verdade não é apenas um empreendimento conceitual. A verdade tem aplicação e, em última análise, reflete a majestade de Deus.

7.4. AS TRÊS LEIS DA LÓGICA

Voltemos a falar sobre lógica. A lógica é a “coluna vertebral” do pensamento crítico. Ela é extremamente útil para descobrir erros e estabelecer a verdade. Existem princípios da lógica e, a seguir, apresentaremos suas primeiras três leis, as quais são muito importantes:

1. **A lei da identidade.**
2. **A lei da não contradição.**
3. **A lei do terceiro excluído.**

A lei da identidade declara que “A” é “A”. Uma maçã é uma maçã. Em outras palavras, algo é o que é. Se algo existe, tem uma natureza, uma essência. Por exemplo, um livro tem uma capa na frente e atrás e contém páginas. Um carro tem quatro rodas, bancos, portas, janelas, etc. Uma árvore tem ramos, folhas, um tronco e raízes. Isso significa que **algo que existe possui características.** Somos capazes de reconhecer algo pela **observação de suas características.** Ao olhar para uma árvore, sabemos que uma árvore é uma árvore porque vemos seu tronco, ramos, folhas, etc.

Além disso, se algo tem uma identidade, tem uma identidade única. Não tem mais do que uma identidade. Em outras palavras, se algo existe, possui um conjunto de atributos que são consistentes com sua própria existência. Uma coisa não possui um conjunto de atributos que são inconsistentes consigo mesma. Portanto, podemos concluir facilmente que um carro não é um paraquedas, uma maçã não é um carro de corrida e uma árvore não é um filme cinematográfico.

A lei da não contradição nos diz que “A” não pode ser “A” e não ser “A” ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Em outras palavras, alguma coisa (uma declaração, por exemplo) não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo e no mesmo sentido. A lei da não contradição é aplicada constantemente em discussões e debates, uma vez que as pessoas são naturalmente aptas para reconhecer quando alguém está se contradizendo. Se alguém nos dissesse que ontem foi fazer compras e, depois, nos disse que ontem não foi fazer compras, estaríamos corretos em dizer que ocorreu uma contradição. Uma contradição ocorre quando uma declaração exclui a possibilidade de outra declaração e, mesmo assim, ambas são alegadas como verdadeiras. Uma vez que sabemos que ambas não podem ser verdadeiras, detectamos uma contradição. A partir desse princípio, pode-se concluir que **a [verdade](#) não é autocontraditória.** Isso é um conceito muito importante.

A lei do terceiro excluído nos diz que uma declaração ou é verdadeira ou é falsa. Por exemplo, sabemos que o cabelo de determinada pessoa é castanho. Uma alegação de que o cabelo daquela pessoa é castanho só pode ser verdadeira ou falsa, sendo nesse caso verdadeira. Outro exemplo seria a declaração de que certo homem está grávido. Essa declaração ou é verdadeira, ou é falsa – nesse caso, como não é possível para um homem estar

grávido, a declaração é falsa. Se a mesma declaração se tratasse de uma mulher, seria possível que estivesse grávida. Uma mulher não está “meio grávida” – ou ela está grávida, ou não. A lei do terceiro excluído é importante porque auxilia a lidar com absolutos. Isso é particularmente importante numa sociedade onde o relativismo é promovido e declarações da verdade são negadas.

Para que alguém possa pensar corretamente, essas três leis devem ser bem familiares. São extremamente importantes para desenvolver um pensamento crítico.

7.5. ABSOLUTOS LÓGICOS

Absolutos lógicos são os blocos de construção da discussão e da análise. Ao procurar estabelecer a [verdade](#), o pensamento deve incluir a posição de que **existem verdades absolutas**. Não é possível ter uma discussão racional se não há absoluto lógico, uma vez que o pensamento seria autocontraditório. Como vimos anteriormente, quando alguém se [contradiz](#), outra pessoa estaria correta ao apontar isso como um erro. Essa observação estaria correta por causa da **lei da não contradição**. O entendimento disso é muito importante em razão de que racionalidade, descobrimento da verdade, estabelecimento da verdade, exposição do erro, etc., não podem ser realizados se estivermos ilógicos.

O pensamento crítico, o debate, a exposição de pensamentos errados, etc., todos pressupõem a existência de absolutos lógicos. Isso não significa que todas as pessoas que tentam ser lógicas estão cientes de que elas estão, necessariamente, pressupondo a existência dos absolutos lógicos. No entanto, invariavelmente, a discussão racional baseia-se sobre esses absolutos – quer uma pessoa os reconheça ou não.

Sem um padrão de racionalidade, não podemos expor o que é irracional. Quer alguém reconheça esse pressuposto, quer não, é irrelevante diante do fato de que a **base da racionalidade é construída sobre a verdade absoluta e sobre absolutos lógicos. Não podemos ter uma discussão racional se a verdade for apenas relativa.**

Pense em uma conversa entre duas pessoas, sendo que uma acredita em verdade absoluta e outra não. Uma delas diz que a verdade é relativa ao indivíduo e que não há tais coisas como absolutos lógicos. A outra, então, responde com a frase “azul dorme mais rápido do que a quarta-feira”, esperando pela resposta da outra pessoa. Após um pouco de silêncio, a pessoa que não acredita em verdade absoluta pergunta o que a outra estava dizendo, a qual respondeu “eu voo na grama colorida pescando cascas de árvore”. Naturalmente, a pessoa que não acredita em verdade absoluta comenta que a outra não estava fazendo absolutamente nenhum sentido. Então, a pessoa que acredita em verdade absoluta diz que a outra está correta. Isso porque, **se tudo for relativo, nenhuma conversa vai ter sentido**. Para que ambas possam ter um diálogo racional, as duas teriam que ter uma verdade comum, uma “absoluteza comum”. Se não tiverem isso, não podem ter diálogo algum.

Portanto, **para que se tenha uma discussão racional, temos de assumir que existem princípios da lógica sobre os quais baseamos discussões, pontos, contrapontos, etc.** Na conversa acima, absolutos lógicos foram referenciados várias vezes, até o momento em que a pessoa que não acredita em verdade absoluta perguntou: “O que são absolutos lógicos?”

Absolutos lógicos são verdades lógicas que são absolutas. Em outras palavras, eles são sempre verdadeiros, em todos os lugares, o tempo todo. Um bom exemplo é: “**Algo não pode trazer a si mesmo à existência.**” Sabemos que isso é verdade uma vez que, se algo não existe, não pode ter quaisquer [atributos](#) (conforme declarado pela [lei da identidade](#)) e, conseqüentemente, não seria capaz de executar qualquer ação. Trazer algo à existência é uma ação. Portanto, se algo não existe, não possui qualquer atributo pelo qual poderia executar uma ação. Uma vez que algo que não existe não pode executar nenhuma ação, nada pode ser realizado e, assim, esse algo não poderia vir a existir sozinho. **Assim, a declaração “algo não pode trazer-se à existência” é uma verdade absoluta.**

Outro exemplo de um absoluto lógico é a declaração: “**Algo não pode ser si próprio e não ser si próprio ao mesmo tempo e no mesmo sentido.**” Isso lembra a [lei da não contradição](#). Quando essa questão é levantada para pessoas que negam que exista tal coisa como verdades absolutas, elas têm que ser lembradas que, caso indiquem que alguém esteja sendo autocontraditório, elas não teriam direito de fazer essa asserção (uma verdade absoluta) se a lei da não contradição não fosse válida. **Pressupor a validade de absolutos lógicos a fim de ter uma discussão**

racional e, então, negar os absolutos lógicos é, em última análise, irracional. Portanto, se alguém diz que não há verdade absoluta, esse alguém acaba denegando o fundamento do seu próprio argumento. Além disso, a afirmação de que “não há verdade absoluta” é, em si mesma, uma afirmação absoluta da verdade. Uma declaração como essa é autocontraditória e, portanto, não tem como ser uma afirmação verdadeira. Até mesmo o materialista Bertrand Russell escreveu:

Há um tipo de gente presunçosa que gosta de afirmar que “tudo é relativo”. Isso é claramente um absurdo, pois se tudo fosse relativo, seria relativo em relação a quê? É possível, porém, sem incorrer em absurdos metafísicos, sustentar que tudo no mundo é relativo a um observador [35].

A questão do observador é interessante levando-se em conta a seguinte ilustração: um mesmo fenômeno pode parecer diferente aos olhos de observadores diferentes, **mas isso não significa que uma verdade absoluta por trás dele foi suprimida**. Suponha que o ponto de vista de um “observador A” seja melhor para estudar um determinado fenômeno do que o ponto de vista do “observador B”. O “observador A” demonstra isso ao “observador B”, o qual acaba concordando com o ponto de vista do primeiro. Então, o “observador B” passa a estudar o fenômeno com o ponto de vista mais adequado do “observador A”, realmente constatando que a mudança de posição permitiu que ele passasse a entender melhor o fenômeno em questão. Note que, em todo esse processo, o fenômeno não mudou. O que mudou foi o ponto de vista do “observador B”. Agora, se preferir, releia a ilustração, substituindo “ponto de vista” por “[visão de mundo](#)”.

Lembremos que a [verdade](#) corresponde ao fato e é consistente com aquilo que ocorreu na realidade. Isso é chamado verdade absoluta, ou o **sentido absoluto** de verdade. Outro sentido de verdade é o **sentido relativo**. Ele ocorre quando um evento ou declaração é considerado consistente com a percepção de alguém. **Encontrar a verdade relativa em um dado evento é sempre possível, mas não quer dizer que o sentido absoluto de verdade não se aplica mais.**

Em última análise, tanto o sistema de pensamento relativista quanto o sistema de pensamento ateu apresentam defeito nos seus próprios fundamentos. Um relativista, por exemplo, diz que todos os pontos de vista são igualmente válidos. Mas como isso é possível se um ponto de vista contradizer outro ponto de vista? **Ambos os pontos de vista não podem ser corretos se eles forem mutuamente exclusivos**. Isso violaria a [lei da não contradição](#). O sistema de pensamento ateu, por outro lado, não pode verdadeiramente explicar as leis da lógica, uma vez que, [se não há mente absoluta \(Deus\), não é possível ter lógica absoluta](#).

Entenda que o pensamento racional pressupõe verdade absoluta. Não é possível ter uma base para discussão racional sem verdades absolutas – e essas verdades absolutas incluem absolutos lógicos. Se não existissem tais coisas como absolutos lógicos, tudo seria relativo e nenhuma verdade real poderia ser estabelecida.

Assim, é de suma importância compreender três pontos principais:

1. **A fim de haver diálogo racional, deve-se assumir que existem verdades absolutas.**
2. **Não é possível haver diálogo racional sem pressupor absolutos lógicos.**
3. **Se não existem coisas tais como absolutos lógicos, tudo é relativo e nenhuma verdade real pode ser estabelecida.**

Em última análise, pessoas se apegam a uma visão de mundo relativista porque ela é conveniente e parece funcional para essas pessoas.

7.6. O ARGUMENTO TRANSCEDENTAL: ABSOLUTOS LÓGICOS E DEUS

A discussão racional requer a existência de [absolutos lógicos](#). Muitas vezes é fácil para uma pessoa apontar quando alguém é autocontraditório. No entanto, a única razão pela qual isso pode ser feito é por causa da [lei da não contradição](#): não há como “A” ser “A” e não ser “A” ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Essa é a segunda lei da lógica e, talvez, seja o absoluto lógico mais utilizado em diálogos. Assim, podemos ver que nenhum pensamento racional é possível sem a base do absoluto lógico. Mas da onde vêm esses absolutos lógicos?

O chamado **argumento transcendental** é poderoso para estabelecer a existência de Deus e fornece a base de entendimento de que a fonte da racionalidade se encontra, em última análise, com o próprio Deus.

Existem absolutos lógicos. Sabemos que a lei da não contradição afirma que algo não pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo no mesmo sentido. Vamos tomar a lei da não contradição (uma lógica absoluta), bem como todo o conceito da existência de absolutos lógicos, e tentar explicar suas existências. Em outras palavras, como podemos explicar a existência dos absolutos lógicos?

A natureza da lógica é conceitual. O pensamento lógico é um processo mental. Por essa razão, absolutos lógicos (as bases do pensamento lógico) não podem ser encontrados por meio de quaisquer meios físicos – incluindo toda e qualquer experimentação científica. Como são de natureza conceitual, torna-se intrigante perguntar de onde os absolutos lógicos vêm. É comum que as pessoas digam que foram os seres humanos que inventaram as leis da lógica. Mas há um problema com essa explicação. As mentes das pessoas são bem diferentes e frequentemente uma contradiz a outra. O que uma pessoa considera absolutamente verdadeiro e lógico pode ser negado por outra pessoa que vê as coisas de outra forma. No entanto, existem absolutos lógicos que sempre são verdadeiros, independentemente do que as pessoas acham. Assim, não é possível que absolutos lógicos sejam dependentes das mentes humanas.

A natureza dos absolutos lógicos é que eles são transcendentais. Isso significa que transcendem espaço e tempo. Se alguém fosse para o futuro, absolutos lógicos ainda seriam verdadeiros. Se alguém viajasse para trás no tempo, absolutos lógicos ainda seriam verdadeiros. Não dependem do tempo. Da mesma forma, se alguém viajasse para qualquer parte do universo, absolutos lógicos continuariam sendo verdadeiros. Não dependem do espaço. Em poucas palavras, **absolutos lógicos não são dependentes de tempo e espaço e nem são alterados por eles.** Eles transcendem tempo e espaço, daí vem o título “argumento transcendental”.

Observe três pontos importantíssimos estabelecidos nessa linha de raciocínio:

1. **Absolutos lógicos são conceituais por natureza, não são físicos.**
2. **Absolutos lógicos não são dependentes de mentes humanas.**
3. **Absolutos lógicos transcendem espaço e tempo, não são afetados por eles.**

Absolutos lógicos não são físicos. Portanto, não são dependentes de propriedades da matéria encontrada no universo. Eles são conceituais por natureza, mas não são produtos do pensamento humano. Portanto, é lógico concluir que os seres humanos simplesmente descobrem os absolutos lógicos. Eles não os estabelecem.

A lógica é um processo da mente e as leis da lógica são declarações de verdade que também são produtos da mente. Expandindo: **ou as leis da lógica são conceituais por natureza, ou não são.**

Pergunta importante: é justo dizer que os pensamentos de uma pessoa são um reflexo de sua mente? **Se uma pessoa tem uma mente irracional, então seus pensamentos e seus discursos vão refletir essa irracionalidade. Se ela tem uma mente lógica, então esperaríamos que seus pensamentos sejam lógicos também.** Ao admitirmos que os absolutos lógicos têm natureza transcendente e que são absolutos e conceituais, então não é justo concluir que existe uma mente transcendente e absoluta que tem os absolutos lógicos como “parte” dos seus próprios processos de pensamento? Parece muito racional dizer que sim. A existência de lógica, com base na existência dessa **mente transcendental**, é realmente uma coisa necessária, uma vez que seria uma “parte” dos próprios processos do pensamento singular dessa mente. A lógica seria então algo inato, natural, e ontologicamente necessário, porque essa mente existe, e ela não é contingente sobre nada. Ser contingente significa depender que outro acontecimento seja verdadeiro primeiro. **Portanto, a lógica não seria uma criação dessa mente, mas uma existência necessária porque essa mente transcendental existe.**

Pensamentos refletem a mente. Pensamentos de uma pessoa são produtos da mente da pessoa. Uma mente que é irracional irá produzir pensamentos irracionais. Uma mente que é racional irá produzir pensamentos racionais. Parece lógico dizer que uma mente absolutamente perfeita iria produzir pensamentos perfeitos. **Uma vez que as leis da lógica são transcendentais, absolutas, perfeitamente consistentes e independentes do universo,**

então parece apropriado dizer que elas refletem uma mente transcendente, absoluta, perfeita e independente do universo. Nós chamamos essa mente transcendente, absoluta, perfeita e independente de Deus.

Assim, concluímos que essa mente transcendental e absoluta é Deus. Não há outra explicação melhor. [O Deus da Bíblia é descrito como independente de tempo, espaço e matéria/energia](#). Adeptos de [visões de mundo](#) que pressupõem que Deus não existe, obviamente, não gostam dessa conclusão. No entanto, **não se pode oferecer uma explicação mais racional para a existência dos absolutos lógicos a partir de uma visão de mundo que exclui Deus.**

Tipicamente, pessoas que se apegam a visões de mundo cujos pressupostos excluem a existência de Deus dizem que os absolutos lógicos são o resultado da observação da natureza. Elas respondem afirmando que uma pedra não faz nada além de existir como uma pedra. Ao ser observado que uma pedra não muda e que uma pedra não é um pássaro, então elas incluem que absolutos lógicos não são nada mais do que observações de matéria.

Certamente elas estão corretas em dizer que uma pedra não muda. O problema é que estão fazendo observações e análises que são de natureza conceitual, mas estão fazendo conclusões racionais baseadas em observação. **O fato de que elas estão fazendo uma observação, e atribuindo um absoluto lógico a essa observação, ainda não explica a origem dos absolutos lógicos.** Em outras palavras, dizer que absolutos lógicos existem porque eles existem não fornece uma explicação para a existência deles. Simplesmente dizer que eles existem não é uma resposta. Dizer que as leis da lógica se auto-autenticam, da mesma forma, não explica as origens delas – apenas significa que elas validam a si mesmas. É uma declaração verdadeira, mas não explica suas existências.

Se uma pessoa disser que as leis da lógica sempre existiram, então como é que elas poderiam existir sem uma mente absoluta e transcendente? Afinal, **a lógica é um processo da mente.**

Se alguém disser que as leis da lógica não têm causa, temos o seguinte problema: uma vez que a natureza da lógica é conceitual, e as leis da lógica constituem esse quadro conceitual sobre o qual os processos lógicos são baseados, é lógico concluir que **a única maneira em que as leis da lógica possam ser sem causa é se existir uma mente sem causa e absoluta da qual elas são parte.**

Há ainda um problema adicional: como se sabe que uma pedra nunca se transforma em um pássaro? Seria possível que, se a pedra fosse observada por tempo suficiente, isso poderia ocorrer? A resposta óbvia é a de negar essa possibilidade, mas a negação é uma suposição. Se qualquer pessoa declarar que é impossível para uma pedra se tornar espontaneamente em um pássaro, queira ou não, ela reconheceu a primeira lei da lógica – [a lei da identidade](#): a pedra tem características de pedra, e o pássaro tem características de pássaro. A declaração “Uma pedra é uma pedra, não um pássaro” cita novamente e indiretamente um [absoluto lógico](#), sem levar em conta a sua existência. O fato suporta a verdade do absoluto lógico. É o absoluto lógico que estabelece que pedras não se transformem espontaneamente em pássaros, e não a observação em si. Não importa se tal pessoa acredita em absolutos lógicos ou não, ou se acredita em Deus ou não – **observações apenas suportam a verdade dos absolutos lógicos, mas não dizem qual é a origem deles.**

Outra objeção típica é dizer que as leis da lógica são convenções. A convenção, nesse contexto, é um acordo sobre um princípio. Porém, **uma vez que as pessoas diferem sobre o que é e o que não é verdade, as leis da lógica não podem ser produtos de mentes humanas e, portanto, não são convenções humanas**, isto é, não vêm de acordos humanos.

Assumir que as leis da lógica são convenções significaria meramente que elas foram inventadas como resultado de um acordo de um número suficiente de pessoas. Isso significaria que elas são um produto da mente humana, o que está fora de questão. Além disso, a natureza das leis da lógica é que elas transcendem o espaço e o tempo (não dependem de espaço e tempo para serem válidas) e são absolutas (não mudam) por natureza. Portanto, leis da lógica não podem ser produtos de mentes humanas, as quais são finitas e não absolutas.

Se as leis da lógica fossem convenções, no futuro, as pessoas discordariam sobre o que é um absoluto lógico e, então, os absolutos lógicos iriam mudar com base em uma votação ou em um consenso – assim, as leis da lógica não seriam absolutas. Portanto, está fora de questão dizer que leis da lógica são convenções.

7.6.1. RESPOSTA A UMA TENTATIVA DE REFUTAÇÃO DO ARGUMENTO TRANSCENDENTAL [36]

Estudamos que o [argumento transcendental](#) propõe provar a existência de Deus argumentando que a lógica, moral e ciência, em última instância (embora involuntariamente) pressupõem a visão de mundo cristã e que **a natureza absoluta de Deus é a fonte da lógica e da moral.**

Alguns afirmam que o argumento transcendental é falho. Uma afirmação como essa vem de Michael Martin do website Infidels.org [37], um site que é flagrantemente anticristão. Vamos apresentar, a seguir, os trechos relevantes do texto do Sr. Martin com a devida réplica. O texto é intitulado “o argumento transcendental para a não existência de Deus”. É um texto digno de leitura, mas é falho:

Considere a lógica. A lógica pressupõe que os seus princípios sejam necessariamente verdadeiros. No entanto, de acordo com a marca do cristianismo assumido pelo seu “argumento transcendental para a existência de Deus”, Deus criou tudo, incluindo a lógica; ou que, pelo menos tudo, inclusive a lógica, é dependente de Deus. Mas, se algo é criado por, ou é dependente de Deus, já não é necessário – já é contingente em Deus [...] [38].

Se Deus existe, então Deus tem atributos tais como pensamentos, caráter, essência, natureza, etc. Seus atributos seriam perfeitos, uma vez que ele seria, por padrão, perfeito: o padrão de perfeição, o onisciente, onipotente criador. Seus pensamentos seriam necessariamente consistentes dentro de si mesmos: perfeitos. Deus é, por natureza, não autocontraditório, uma vez que uma coisa contraditória em si mesma não pode existir. **Lógica, então, não seria uma coisa criada, mas um atributo da existência perfeita de Deus no que se refere aos seus processos de pensamento. Uma vez que Deus existe eternamente em todos os lugares, a lógica não pode ter sido criada, mas é, por assim dizer, eterna também. Em outras palavras, a existência de lógica, com base na existência de Deus, é realmente uma coisa necessária, uma vez que seria uma “parte” dos próprios processos do pensamento singular de Deus. Seria então algo inato, natural, e ontologicamente necessário, porque Deus existe, e não é contingente sobre nada.** Portanto, a lógica não seria uma criação de Deus, mas uma existência necessária porque Deus existe. A lógica é algo conceitual, e coisas conceituais precisam de uma mente.

E, se os princípios da lógica são contingentes em Deus, eles não são logicamente necessários. Além disso, se os princípios da lógica são contingentes em Deus, Deus poderia mudá-los. Assim, Deus poderia tornar a lei da não contradição falsa. Em outras palavras, Deus poderia arranjar as coisas de modo que uma proposição e sua negação sejam verdadeiras ao mesmo tempo. Mas isso é um absurdo. Como Deus poderia arranjar as coisas de modo que a Nova Zelândia está ao sul da China e que a Nova Zelândia não está ao sul dela? Então, deve concluir-se que a lógica não é dependente de Deus, e, na medida em que a visão de mundo cristã assume que a lógica é tão dependente dele, ela é falsa [39].

Como afirmamos antes, a lógica é uma condição necessária, não criada, e uma necessidade não contingente dada a existência absoluta, perfeita e eterna de Deus. **A lógica é parte do processo mental de Deus porque Deus raciocina. A lógica não seria mutável porque Deus não é mutável. Isso explica por que verdades lógicas são sempre verdadeiras. Elas são absolutas e transcendentais, por natureza, porque Deus é absoluto e transcendente por natureza. A lógica não é contraditória porque Deus não é autocontraditório.**

Considere a ciência. Ela pressupõe a uniformidade da natureza: que as leis naturais governam o mundo e que não há violações de tais leis. No entanto, o cristianismo pressupõe que existem milagres nos quais as leis naturais são violadas. Uma vez que, para se fazer sentido da ciência, deve-se assumir que não há milagres, deve-se ainda supor que o cristianismo é falso. Colocando isso de uma maneira diferente: milagres, por definição, são violações das leis da natureza que só podem ser explicadas pela intervenção de Deus. Porém, a ciência assume que há um determinado evento que age como uma explicação para tudo, para tudo há uma explicação científica – uma explicação que não pressupõe Deus. Assim, fazendo isso, a ciência assume que a visão de mundo cristã é falsa [40].

Não sabemos todas as leis do universo. Deus sabe, uma vez que ele trouxe o universo à existência e criou aquilo que nossas leis descritivas quantificam. **O que poderíamos considerar sobrenatural pode ser simplesmente o trabalho de Deus de leis naturais desconhecidas em um nível que apenas Deus entende. A asserção do Sr. Martin não necessita de uma violação das leis naturais, mas uma “violação” das leis naturais conhecidas e percebidas até agora.**

Considere a moralidade. O tipo de moral cristã assumida pelo “argumento transcendental para a existência de Deus” é alguma versão da teoria do mandamento divino, a visão de que a obrigação moral é dependente da vontade de Deus. Mas tal visão é incompatível com a moralidade objetiva. Por um lado, nessa visão, o que é moral é uma função da vontade arbitrária de Deus; por exemplo, se Deus quiser que a crueldade pela sua própria causa seja boa, então ela é. Por outro lado, determinar da vontade de Deus é impossível, uma vez que existem diferentes supostas fontes dessa vontade: a Bíblia, o Alcorão, o Livro de Mórmon, etc., e diferentes interpretações do que essas fontes dizem; além disso, não há nenhuma maneira racional para reconciliar essas diferenças. Assim, a existência de uma moralidade objetiva pressupõe a falsidade da visão de mundo cristã assumida pelo “argumento transcendental para a existência de Deus” [41].

O Sr. Martin usa a expressão “moralidade objetiva”, uma expressão que é digna de uma longa discussão. Não obstante, não vemos nenhuma razão para concluir que a verdade moral que vem de Deus é incompatível com a moralidade objetiva. Além disso, a vontade de Deus não é arbitrária. É consistente com a própria natureza e propósitos dele. Em outras palavras, o Deus onisciente sabe eternamente todas as coisas e trabalha seu conhecimento de acordo com sua natureza imutável/absoluta. Portanto, a moralidade não pode ser arbitrária, isto é, **Deus não afirma arbitrariamente que mentir é errado. É errado porque Deus não pode mentir. Não é a falta de poder que impede que ele minta, mas seu próprio caráter.** A moralidade não é um conjunto de regras confeccionadas. A moral é baseada na natureza absoluta de Deus.

A posição do Sr. Martin também falha em ver a diferença filosófica entre o islã e o mormonismo. No islã, Alá é “caprichoso”. No mormonismo, “Deus” é mutável e não absoluto. O Deus do cristianismo é eternamente imutável (absoluto e imutável). Há uma grande diferença entre o Deus cristão e os outros que ele mencionou.

Existem, é claro, formas de evitar as conclusões do “argumento transcendental para a não-existência de Deus”. Uma maneira é rejeitando a lógica, ciência, e moralidade objetiva. Outra é manter a crença em Deus, mas argumentar que a lógica, ciência e moralidade não são dependentes da existência de Deus. No entanto, a primeira maneira se autoderrota, uma vez que apologistas cristãos usam a lógica para defender a sua posição, e a segunda forma supõe que o “argumento transcendental para a existência de Deus” é inválido, uma vez que assume que lógica, ciência e moralidade não assumem a existência de Deus. Finalmente, alguém pode se opor aos aspectos particulares do “argumento transcendental para a não existência de Deus”, por exemplo, se opondo à alegação de que não há nenhuma maneira racional de conciliar diferentes interpretações da Bíblia. No entanto, essa aderência envolveria uma defesa detalhada do “argumento transcendental para a existência de Deus” – algo que ainda tem que ser provido [42].

O Sr. Martin está afirmando que é o teísta que necessitaria rejeitar a lógica. No entanto, uma vez que seu “argumento transcendental para a não existência de Deus” tem equívocos e fraquezas lógicas, parece que esse argumento teria que rejeitar a lógica a fim de ser validada uma posição ateuista.

As questões de interpretação da Bíblia serão examinadas no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

7.7. APENAS DUAS OPÇÕES

Até agora, temos estudado como a existência de Deus pode ser demonstrada por meio da utilização das leis da lógica. Em resumo, constatamos que:

1. **As leis da lógica existem.**
2. **As leis da lógica são conceituais por natureza – não são dependentes de espaço, tempo, propriedades físicas, ou da natureza humana. Elas não são o produto do universo físico (espaço, tempo, matéria/energia), pois, ainda que o universo físico desaparecesse, as leis da lógica ainda seriam verdadeiras.**
3. **As leis da lógica não são o produto de mentes humanas, pois as mentes humanas são diferentes uma da outra e não são absolutas – são até mesmo contraditórias.**
4. **Uma vez que as leis da lógica são sempre verdadeiras em todos os lugares e não dependem de mentes humanas, são realmente necessárias, uma vez que são uma parte dos próprios processos do pensamento singular de uma mente transcendente e absoluta. Essa mente é chamada de Deus.**

Deus existe ou não existe. Não há terceira opção. [Visões de mundo](#) cujos pressupostos excluem a existência de Deus não podem lidar satisfatoriamente com as [leis da lógica](#) e os [absolutos lógicos](#) a partir apenas de suas perspectivas, sem “importarem” elementos de outras visões de mundo. Logo, a opção de que Deus não existe é negada. Como só há outra opção, a opção que afirma que Deus existe, ela está automaticamente validada. Ou seja, **se existem apenas duas possíveis opções pelas quais algo pode ser explicado, e uma delas está eliminada, é lógico assumir que a outra opção está validada, pois é impossível negar ambas as opções, uma vez que são as únicas possíveis.**

Em outras palavras, visões de mundo cujos pressupostos excluem a existência de Deus não podem explicar as condições prévias necessárias para a inteligibilidade, o saber, e a existência de leis da lógica. Portanto, elas são invalidadas como opções viáveis para a explicação dessas condições. Assim, a única outra opção, “Deus existe”, é validada.

No entanto, não é a lógica, ou o pensamento crítico, ou o intelecto humano, que vão conduzir a Deus. O mais longe que eles podem fazer é demonstrarem que é impossível que Deus não exista. Não é possível que o ser humano, por si só, descubra Deus. Deus que tem que se revelar ao ser humano para ser conhecido, e ele fez exatamente isso.

7.8. A DESCULPA DA FALTA DE CRENÇA EM DEUS

A declaração “Eu não tenho crença em um deus” é uma posição comum de ateus. Há muitos deles que dizem que não têm crença em Deus da mesma maneira que não têm crença em “unicórnios invisíveis cor-de-rosa”. Em outras palavras, eles dizem que não têm uma posição, não tomam nenhuma ação intelectual, e não têm nenhuma crença ou descrença sobre a questão a respeito de Deus. Para eles, isso não é um problema.

Embora isso possa parecer sensato para alguns, o problema é que, **uma vez que é apresentada uma ideia a alguém, não é possível ser neutro sobre ela. As pessoas invariavelmente fazem um “juízo automático” sobre uma ideia que é introduzida a elas.** A ideia pode ser tida como ridícula, ou alguém pode ponderar sobre sua possibilidade, ou aceitá-la, ou rejeitá-la, ou ignorá-la, ou fazer algo mais com ela. Mas não se pode retornar a uma posição de falta de crença, uma vez que a falta de crença é definida como um compromisso não intelectual ou uma não ação concernente à crença. Embora alguém possa afirmar que carece de crença mesmo depois que tenha sido exposta a uma ideia e que tenha sido contemplada a sua racionalidade, **ainda é necessária uma posição de algum tipo.**

Consideremos um bebê que não tem conhecimento do conceito de “unicórnios invisíveis cor-de-rosa”. Mais tarde na vida, quando o bebê está maduro, é introduzido o conceito a ele. Então, ou ele aceita a existência de “unicórnios invisíveis cor-de-rosa”, ou ele a rejeita como uma ideia ridícula, ou ele ri sobre isso e descarta esse conceito, ou ele se torna incerto sobre a ideia, ou deixa para julgar o conceito para mais tarde, etc. De qualquer forma, ele **desenvolve uma posição** sobre o conceito dos “unicórnios invisíveis cor-de-rosa”. Ele tem que fazer algo com o conceito, uma vez que tal conceito foi exposto a ele. **Ele não continua em um estado de mente de falta de crença ou de falta de ciência, pois o fato é que algum tipo de ação intelectual deve ocorrer em relação a isso. Ele não pode se tornar inafetado pelo conceito.**

Não obstante, alguns podem dizer que a ação de adiar o julgamento até mais tarde é ser “ateu” sobre o conceito exemplificado com “unicórnios invisíveis cor-de-rosa” e, portanto, tal ação apoia a posição ateu de “falta de crença”. Porém, como explicado anteriormente, após ser exposta a um conceito, uma pessoa faz uma decisão sobre esse conceito, mesmo que seja para reter o julgamento. **Este é o ponto: sempre é tomada uma posição. Isso não é o mesmo que voltar a um estado de desconhecimento ou inconsciência do conceito.**

Suspender a crença em um assunto é adiar o julgamento até que mais informações sejam adquiridas. Isso se aproxima mais do agnosticismo do que do ateísmo. É uma admissão de que nem toda a informação está adquirida, assim logicamente requerendo a possibilidade da existência da coisa a ser considerada. Isso é algo que a visão de mundo ateu não faz por definição – em vez disso, a visão de mundo agnóstica faz isso. Agnosticismo é a posição, em parte, de que a “suspensão da crença” é mantida até nova informação ser adquirida.

Se alguém dissesse que há uma fábrica de sorvete em Júpiter, o que você pensaria? Você tomaria a ideia como uma possibilidade séria? Você rapidamente a descartaria como um absurdo estranho? Você solicitaria provas para isso? Ou você teria repentinamente um desejo de ir a Júpiter? Claro, a ideia de uma fábrica de sorvetes em Júpiter é ridícula, sabemos automaticamente disso e, de uma forma natural, fazemos um julgamento sobre tal ideia. O exemplo demonstra como **não podemos permanecer em um estado de falta de crença acerca de um conceito, uma vez que já fomos apresentados a ele**. No caso da fábrica de sorvetes em Júpiter, atribuímos ao conceito algo que cai na categoria de ridículo.

Portanto, a defesa baseada na “falta de crença” não é lógica. Ela ignora a realidade de que as pessoas categorizam conceitos em uma faixa entre total aceitação e rejeição total. É nossa natureza fazer isso. Nós não podemos deixar de fazer alguma coisa com a informação.

Animais não têm crença em Deus. Eles são ateus? Devemos incluir ateus, crianças, plantas, rochas, água e ar na categoria de ateísmo, uma vez que eles também não têm crença em Deus? Claro que não. Não obstante, alguns ateus podem afirmar que a posição de “falta de crença” refere-se apenas aos seres sencientes. Isso seria uma posição necessária, **tendo em vista que animais não podem ser ateus, ou seja, eles não podem fazer uma escolha para aceitar ou negar a existência de Deus**. Por isso, aquele que persiste nessa postura deveria alterar sua declaração e dizer algo similar a “como pessoa, me falta crença”, ou “eu decidi não ter crença em Deus”, ou ainda “falta de crença em Deus é uma posição apenas para os seres sencientes”. Isso seria negar animais ou plantas como sendo incluídos nessa linha de raciocínio, uma vez que descrever uma posição ateuista como simplesmente “falta de crença” é muito amplo.

Então, o que realmente é essa posição de “falta de crença”? **É uma tentativa de evitar enfrentar os problemas de uma [visão de mundo](#) que exclui a existência de Deus**. A ideia é que se alguém que se apegua a esse tipo de visão de mundo persiste em alegar que “não tem posição”, dizendo que “não tem crença”, sua posição não está aberta a ataque e examinação e, assim, essa pessoa pensa que pode “permanecer quietamente sendo ateu sem contestação alguma”.

7.9. NÃO SE PODE AFIRMAR QUE NÃO HÁ PROVA DE QUE DEUS EXISTE

Há alguns ateus que fazem a asserção de que não há nenhuma prova de que Deus existe. O único problema é que um ateu não pode logicamente fazer essa alegação.

Para declarar que não há provas da existência de Deus, alguém teria que saber todas as alegadas provas que existem a fim de, em seguida, afirmar que não há nenhuma prova da existência de Deus. Porém, uma vez que nenhuma pessoa pode saber todas as coisas, não se pode declarar logicamente que não há nenhuma prova da existência de Deus.

Na melhor das hipóteses, só se pode afirmar que, de todas as alegadas provas vistas até agora, nenhuma delas realmente prova que Deus existe. Alguém poderia até mesmo dizer que **acredita** que não há provas da existência de Deus. Mas isso significa que há a possibilidade de existirem provas que simplesmente ainda não foram encontradas.

Não obstante, se houvesse uma prova que realmente conseguisse provar a existência de Deus, será que alguém que persiste em ter uma [visão de mundo](#) que refuta qualquer deus seria verdadeiramente capaz de aceitá-la? Seus pressupostos estão em oposição à existência de um deus. **Em outras palavras, uma vez que alguém tenha uma base pressuposicional em que não há Deus, para que esse alguém aceite uma prova da existência de Deus seria necessário mudar sua base pressuposicional**. Isso não é fácil de fazer e envolve uma grande mudança de paradigma em sua estrutura de crenças.

Portanto, uma visão de mundo ateuista é pressupostamente **hostil** a quaisquer provas da existência de Deus. Aqueles que se apegam a tal visão de mundo tendem a ser menos propensos à objetividade se for apresentada a eles uma tentativa de provar que Deus existe.

7.10. DESCRENÇA PORQUE A VIDA NÃO É JUSTA [43]

Um dos mais comuns motivos de descrença em Deus é a injustiça da vida. Inocentes sofrem, pessoas boas e jovens morrem, crianças são vítimas de terríveis crimes, empregados honestos e dedicados são demitidos enquanto seus colegas corruptos e preguiçosos são promovidos, pessoas casadas e fiéis sofrem com doenças graves contraídas dos seus cônjuges traidores, etc. Não é muito difícil ouvir alguém dizer que não consegue crer em um Deus que deixa tais coisas acontecerem na vida de pessoas inocentes.

Se o universo foi criado por um Deus perfeito, onipotente, definido como sendo “amor”, como devemos entender tais injustiças?

O escritor do Salmo 73, Asafe, quase perdeu sua fé por causa dessa questão. Os amigos de Jó debateram com ele e até acusaram esse homem fiel de ter praticado ao menos algum pecado terrível para explicar seu sofrimento. O profeta Habacuque perguntou para Deus sobre as injustiças que viu ao seu redor, descrevendo a situação com as seguintes palavras:

Por isso a lei se enfraquece e a justiça nunca prevalece. Os ímpios prejudicam os justos, e assim a justiça é pervertida. (*Habacuque 1:4, “Nova Versão Internacional”*).

Deus criou o homem à sua imagem, não uma raça de robôs que fariam as coisas certas por obrigação ou programação – seres humanos possuem entendimento, são capazes de raciocinar e amar. Deus deseja que os seres humanos o amem – **a capacidade de amar implica que o ser humano possui livre arbítrio, pois o amor não é forçado.** Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

Cada um decide amar ou não, obedecer ou não, crer ou não. Tendo isso em mente, é importante ressaltar que não é exatamente o **cristão** que “converte” as outras pessoas – o cristão prega, exorta, alerta e trabalha para o reino de Deus, certamente fazendo um papel importante na conversão dos outros. No entanto, **em última análise, é cada pessoa que escolhe se converter ou não.** O próprio Jesus não forçou ninguém a se converter a ele. Na verdade, muitas vezes ele demonstrou as dificuldades em ser seu discípulo – o “negar a si mesmo e tomar a sua cruz”, por exemplo. Um “crente” que persiste em “papagaiair” versículos bíblicos para uma mesma pessoa que já demonstrou não ter interesse no assunto não tem uma atitude cristã.

Escolhas têm consequências. A decisão de não amar a Deus e de não respeitar suas orientações traz uma série de efeitos. Em termos simples, **há injustiça nesta vida por causa da injustiça do ser humano.** Deus não apenas dita o que é correto, ele próprio é o padrão correto. Ainda assim, ele não obriga ninguém a segui-lo.

Um dos efeitos injustos do pecado é o sofrimento das vítimas específicas da maldade dos outros. O pecado de uma pessoa pode trazer consequências para outras vítimas inocentes. Uma pessoa pode roubar, estuprar ou matar, e outras pessoas sofrem. Outro efeito é a **consequência geral** da presença do pecado no mundo. Desde a desobediência do primeiro casal, o ser humano passou a viver em um mundo corrompido. Dores, dificuldades e doenças afligem o ser humano por causa do pecado, afligindo até mesmo pessoas inocentes que não participaram daquele pecado. O apóstolo Paulo disse que essa corrupção aflige até mesmo a própria criação:

Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. (*Romanos 8:19-22, “Nova Versão Internacional”*).

Neste mundo manchado pelo pecado, muitas coisas não fazem sentido e não seguem a ordem que poderíamos esperar em um mundo perfeito. Além das consequências diretas de atos intencionais, há uma certa aleatoriedade no mundo (Eclesiastes 9:11). Não devemos imaginar que todo o sofrimento seja causado diretamente por algum pecado específico. Por vivermos em um mundo danificado pelo pecado, coisas ruins acontecem.

Seja por consequência do nosso próprio pecado, da maldade de outra pessoa, ou devido à presença do pecado no mundo, o sofrimento não é culpa de Deus. Ele criou um paraíso e colocou o ser humano nele, mas o ser

humano escolheu desprezar esse presente. A injustiça, porém, é temporária. **A mensagem bíblica afirma a justiça eterna de Deus e promete um acerto final.** Malaquias encerrou o Antigo Testamento com a seguinte expectativa:

Então vocês verão novamente a diferença entre o justo e o ímpio, entre os que servem a Deus e os que não o servem. (*Malaquias 3:18, "Nova Versão Internacional"*).

João, provavelmente o último apóstolo a deixar registro escrito, encerrou o Livro de Apocalipse com a promessa do julgamento justo.

Um salmista disse para Deus:

A verdade é a essência da tua palavra, e todas as tuas justas ordenanças são eternas. (*Salmo 119:160, "Nova Versão Internacional"*).

Há injustiça **nesta vida**. Na eternidade, Deus acertará as contas.

7.11. PRECISAMOS DE SINAIS PARA CRER EM DEUS? [44]

Afirmações como "Se Deus existe, que faça um sinal irrefutável", "Deus vai mostrar o caminho", "Ele vai tocar no meu coração", "Jesus vai me dar um sinal para saber a verdade", "O Espírito Santo vai me revelar, ele não vai me deixar ser enganado", entre outras, são comuns. Muitas vezes são usadas para adiar decisões ou fugir de responsabilidades em relação à vontade de Deus. **Ao invés de se esforçar para entender a Palavra de Deus, a pessoa confia em algum sinal ou revelação especial e particular para decidir crer ou para iluminar seu caminho. Recusa-se a examinar as evidências já dadas, pedindo mais um sinal divino.**

Há um problema sério com isso. Atitudes como essas são características de pessoas que não querem aceitar a vontade de Deus. Vamos considerar alguns exemplos bíblicos a seguir.

"Mande alguém dentre os mortos para falar com a minha família". Após negligenciar a vontade de Deus durante toda a sua vida, um homem que vivia no conforto das suas riquezas se encontrou no tormento da separação de Deus. Esse homem estava conversando com Abraão, o qual negou qualquer alívio do sofrimento do homem. Então, os pensamentos do condenado se voltaram para os parentes ainda vivos. Ele pediu que Abraão enviasse alguém dentre os mortos para falar com eles. Abraão recusou, uma vez que eles já tinham evidências suficientes para evitar o tormento. Veja o pedido do homem rico e a resposta de Abraão:

Ele respondeu: "Então eu te suplico, pai: manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este lugar de tormento." Abraão respondeu: "Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam." "Não, pai Abraão", disse ele, "mas se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam." Abraão respondeu: **"Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos."** (*Lucas 16:27-31, "Nova Versão Internacional"*).

"Mostre um sinal do céu". Jesus já estava no final do seu ministério terrestre e os últimos três anos de sua vida foram dedicados à apresentação da vontade divina aos homens. Ele realizou milagres, ensinou seus seguidores e respondeu às dúvidas e críticas dos céticos. Alguns chegaram a Jesus com um pedido. Queriam ver um sinal do céu. **Jesus ficou frustrado com eles e recusou o sinal que pediram.** Ele comparou a sua ressurreição, que aconteceria pouco tempo depois, com a aparição de Jonas vivo depois de ser jogado ao mar:

"Uma geração perversa e adúltera pede um sinal miraculoso, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas." Então Jesus os deixou e retirou-se. (*Mateus 16:4, "Nova Versão Internacional"*).

Ou seja, se não acreditassem nas evidências da ressurreição, outro sinal não faria diferença.

"Se descer da cruz, creremos!" Durante a agonia de Jesus na cruz, seus inimigos se achavam fortes e vitoriosos. Não admitiam que o sacrifício de Jesus fosse um ato de amor para oferecer a salvação até para os mesmos homens que pediram sua morte. Acharam na crucificação mais uma oportunidade para zombar de Jesus:

Os que passavam lançavam-lhe insultos, balançando a cabeça e dizendo: “Você que destrói o templo e o reedifica em três dias, salve-se! Desça da cruz, se é Filho de Deus!” Da mesma forma, os chefes dos sacerdotes, os mestres da lei e os líderes religiosos zombavam dele, dizendo: “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo! E é o rei de Israel! **Desça agora da cruz, e creremos nele.** Ele confiou em Deus. Que Deus o salve agora, se dele tem compaixão, pois disse: ‘Sou o Filho de Deus!’” (*Mateus 27:39-43, “Nova Versão Internacional”*).

A triste ironia desse desafio é que Jesus poderia ter descido da cruz para dar o sinal que pediram. No entanto, se assim fosse, ele não teria cumprido sua missão para salvar os mesmos pecadores que blasfemavam dele.

Deus já nos revelou todas as evidências, provas e respostas necessárias para chegar à fé e a salvação. Ao invés de pôr Deus à prova pedindo mais sinais, é preciso encarar essas evidências e responder ao Deus que se revelou.

8. CRISTÃOS: TENDENCIOSOS, PRECONCEITUOSOS, INTOLERANTES E JULGADORES?

Antes de me acusar, olhe para si mesmo. (*Renascimento de Creedence Clearwater*).

Zombar dos cristãos nascidos de novo é como caçar vacas leiteiras com um rifle de alta potência com mira. (*P. J. O'Rourke*).

Ser dona de casa é uma profissão ilegítima... A escolha de servir e ser protegida e planejar ser uma fazedora de família é uma escolha que não deveria existir. (*Vivian Gornick, palestrante “pró-escolha”*).

A tolerância se torna um crime quando aplicada ao mal. (*Thomas Mann*).

A evaporação dos quatro milhões que acreditam nessa porcaria [o retorno de Cristo] deixaria o mundo um lugar melhor. (*Andrei Codrescu, Rádios Públicas Nacionais – “All Things Considered”*).

Depois de entrar em contato com um homem religioso, sempre sinto que devo lavar as mãos. (*Friedrich Nietzsche*).

Talvez porque cristãos sejam percebidos como se constituíssem uma “maioria”, suas crenças e estilos de vida não sejam tão protegidos da ridicularização pública como no caso de outras crenças e estilos de vida. Mas essa injustiça aparente não é tão perturbadora. É um tanto fácil estabelecer os fatos diretamente sobre as acusações típicas.

8.1. GUERRA CULTURAL: BEM-VINDO À FRENTE DE BATALHA

Qualquer grupo no qual pessoas possam ser categorizadas tem um grupo rival o acusando de ser culpado de alguma coisa. Enquanto grupos consistirem de pessoas, é duvidável que qualquer grupo vai viver perfeitamente em relação aos ideais que professa. No entanto, muitas vezes, a rivalidade entre grupos e ideologias competidores se torna tão intensa que tem financiado uma **guerra cultural**.

Uma tática comum para atacar a ideologia cristã e seus aderentes é associá-los com palavras tais como “tendenciosos”, “preconceituosos”, “intolerantes” e “julgadores”. Esteja ciente que livros inteiros existem se dedicando às guerras culturais, mas nosso estudo não é para isso. Esta é apenas uma clarificação de quatro das mais frequentes associações feitas a **cristãos**: “[tendenciosos](#)”, “[preconceituosos](#)”, “[intolerantes](#)” e “[julgadores](#)”.

8.2. O QUE É SER TENDENCIOSO?

“Rotular” qualquer um como “tendencioso” parece implicar uma certa falsidade naquele que é “rotulado”. Chamar alguém de “tendencioso” até mesmo sugere que o acusador é “não tendencioso”. Será que um lado é “tendencioso” e o outro não? Especificamente, os cristãos são “tendenciosos”? A resposta é descoberta ao aprender a definição da palavra.

“Tendencioso” é definido como um favorecimento de um tipo de argumento sobre outro. Em si mesmo, o fato de ser “tendencioso” não é bom nem ruim, mas simplesmente uma inclinação em direção de uma ideia

sobre outra. Ser cristão não é ser mais “tendencioso” do que não ser cristão. Exemplos seriam uma preferência por sorvete ao invés de brócolis, acreditar que a Terra é esférica ao invés de plana, ou acreditar que a Bíblia faz mais mal do que bem. A questão não deve ser “Você é tendencioso?”, mas **“Você é tendencioso a quê? E por quê?”**

Em respeito à essa clarificação, chamar alguém de “tendencioso” é frequentemente e incorretamente usado para dizer que tal pessoa chegou às conclusões sem os fatos, ou que voluntariamente distorce a verdade.

Por exemplo, digamos que um cristão esteja prestes a ser nomeado como juiz. Então, os oponentes da nomeação desse cristão como juiz objetam que as crenças dele vão influenciar suas ações, ou seja, é uma forma de dizer que tal pessoa é “tendenciosa” demais para ser juiz. Ora, essa objeção é absurda em face de que as ações de qualquer pessoa se correlacionam com suas crenças. Além disso, é notoriamente incorreto imaginar que as leis e a constituição só podem ser interpretadas corretamente por alguém que seja “neutro”, ou seja, nesse contexto distorcido, um “não cristão”. Nesse caso, os oponentes são tão “tendenciosos” quanto o cristão que pode ser nomeado juiz. Note que, nesse caso, a “tendência” dos oponentes contra a crença em Deus resulta em uma conclusão irracional. Em poucas palavras, essa hostilidade sem fundamento é por si mesma definida como preconceito.

8.3. O QUE É SER PRECONCEITUOSO?

Fora da associação indireta, porém comum, da palavra com o preconceito racial, a definição de um “preconceituoso” inclui **aquele que se detém rigidamente a uma ideia.** Mais uma vez, o fato de alguém se apegar firmemente ao que acredita ser verdade não é, em si mesmo, inerentemente ruim. Até mesmo o simples ato de uma pessoa crer que outra seja uma fanática, recusando-se a ser convencida do contrário, é em si mesmo um excelente exemplo de ser uma pessoa “preconceituosa”.

8.4. O QUE É SER INTOLERANTE?

Intolerância é outro rótulo frequentemente colocado sobre cristãos, usualmente por aqueles que são eles próprios intolerantes com relação aos valores morais cristãos. A definição de intolerância inclui **não poder suportar ou tolerar alguma coisa.**

Entenda que “intolerante”, assim como “tendencioso”, não é inerentemente ruim. Todos nós somos intolerantes a certas coisas. **A questão real é “Você é intolerante a quê? E por quê?”**

A intolerância, em contexto adequado, pode ser um excelente valor. Por exemplo, assassinato, estupro, sequestro e brutalidade são exemplos de muitas coisas que pessoas deveriam se recusar a tolerar.

8.5. O QUE É SER JULGADOR?

O rótulo de ser “jugador” é, talvez, o mais comum aplicado contra aqueles que aderem à moralidade bíblica. Descrentes, como um todo, não têm um código de certo ou errado formalizado no qual possam se apoiar. De uma maneira geral, parecem ter pouco desejo disso. Cristãos, por outro lado, têm o que acreditam ser os padrões de Deus na Bíblia. É esperado que eles sejam inquestionavelmente apoiados neles.

Sabendo que o comportamento de um cristão é apoiado em um padrão publicado, e sabendo que a Bíblia inclui a frase “não julgue”, descrentes às vezes sugerem (ou julgam?) que cristãos estão cometendo hipocrisia. Eles sugerem que cristãos estão pecando contra essa instrução bíblica para não julgar quando eles condenam ações ou valores não bíblicos.

Será que os descrentes estão certos? Isso é hipocrisia?

8.5.1. NÃO JULGUE...

As duas palavras da frase “não julgue” podem corresponder à parte das Escrituras que os não cristãos mais tendem a se lembrar. No entanto, seria interessante se a passagem em que essas palavras estão escritas, bem como

o contexto em que são usadas, ou mesmo o resto das palavras da frase, fossem citadas tão frequentemente quanto a expressão “não julgue”.

Em adição a “não julgar”, considere estas outras frases bíblicas igualmente importantes: “julgue seu próximo justamente” e “julgue cuidadosamente”. **Essas frases curtas indicam, coletivamente, que a Bíblia tem que ser vista de uma maneira mais ampla do que enxergar apenas três ou quatro palavras para entender quando, como, ou se devemos julgar.**

Os termos “julgar” e “julgamento” não são usados com pouca frequência na Bíblia. Para o propósito deste estudo, o julgamento bíblico pode ser considerado em dois diferentes campos. Esses dois campos dizem respeito à **pessoa exterior** e à **pessoa interior**.

8.5.2. JULGUE O EXTERIOR, NÃO O INTERIOR

A Bíblia é tão enfática que julguemos a pessoa exterior como é para que não julguemos a pessoa interior. A pessoa exterior consiste de nossas palavras e ações, as quais são discerníveis aos sentidos. Essas são as coisas em que a Bíblia expressamente manda que passem por julgamento. A pessoa interior, reciprocamente, é composta daquilo que não é confiavelmente discernível aos nossos sentidos, como intenções e motivações – áreas de julgamento que a Bíblia reserva a Deus apenas. Veremos mais detalhes dos princípios bíblicos de quando julgar e quando não julgar no segundo tópico especial deste estudo (princípios do julgamento de Deus).

Aqui está um exemplo de julgamento errado: se um cristão declara alguém como mau, ou que inquestionavelmente vai para o inferno, esse cristão está sendo pecaminoso e julgamentalista. Isso porque ele está fazendo um pronunciamento do estado interior de alguém, algo que ele não pode saber com certeza.

Mas e se um cristão ler ou compartilhar com um não cristão algumas coisas descritas na Bíblia nas quais Deus já julgou como sendo certas ou erradas? E se um cristão condenar as palavras e ações de um não cristão como sendo perversas com base nos padrões bíblicos? Será que isso é ser pecaminoso e julgamentalista?

Pode-se entender que uma pessoa que contesta a autoridade divina da Bíblia iria interpretar isso negativamente. Mas o coração da questão é: **a Bíblia permite que cristãos compartilhem os padrões de Deus, ou que condenem comportamento mau como pecado? A resposta para isso é sim.**

Na verdade, **a Bíblia especificamente manda que os padrões de Deus sejam compartilhados com o mundo todo e que o comportamento maligno seja condenado onde quer que seja encontrado.** A Bíblia apresenta “deus” como Deus, e **apresenta as características de Deus como a própria definição do certo.** Portanto, se o caráter de Deus comparativamente faz com que o comportamento de alguém pareça imoral, ou pecaminoso, ou errado, esse mesmo alguém deveria seriamente considerar que seu comportamento possa de fato ser imoral, ou pecaminoso, ou errado.

Assim, **quando um cristão coloca as palavras ou ações de alguém em comparação com o caráter de Deus, ele não está sendo um julgamentalista hipócrita. Enquanto é errado julgar no sentido de acusar duramente um indivíduo, é absolutamente certo julgar no sentido de discernir o comportamento como sendo certo ou errado.**

A chave para o julgamento aceitável e bíblico está em **restringir as avaliações críticas à pessoa exterior** (as palavras e ações) e em **discernir com exatidão o certo do errado de acordo com as definições de Deus.** Uma ilustração final vai ajudar a clarificar as ideias demonstradas.

8.5.3. VOCÊ É UM JUIZ OU UMA TESTEMUNHA?

Imagine que seu amigo está dirigindo no carro dele e você, como seu passageiro, nota que ele está indo mais rápido do que o permitido. Como você aplica adequadamente os princípios de Deus sobre julgamento? A forma errada seria dizer ao seu amigo: “Você é um perigo no trânsito!” Isso é olhar além das ações erradas, implicando que elas são deliberadas e repetitivas, acusando seu amigo como se você tivesse a percepção de ver que a ação em particular revelou exatamente o verdadeiro caráter de seu amigo. Isso é ser um julgamentalista pecaminoso.

A forma adequada de aplicar julgamento seria restringir suas observações ao comportamento exterior: “Você está indo a 90 km/h em uma rua de 60 km/h, você está passando dos limites.” Por que essa forma de julgar não é julgamentalista pecaminosa?

A legalidade de dirigir a 90 km/h naquela rua não é para o seu amigo julgar... E nem para você. Dirigir a 90 km/h naquela rua foi julgado errado há muito tempo. Tornou-se ilegal desde que a placa de 60 km/h foi colocada ali. **Então, ao testificar o que a placa diz diante da ação desrespeitosa de dirigir a 90 km/h naquele local, isso não faz de você um juiz, mas uma testemunha.**

Essa é a posição em que aqueles que creem na Bíblia devem se restringir. Fazer observações cuidadosas como testemunhas, com discernimento apropriado, sem hipocrisia, e de uma forma que expresse gentileza e respeito. A ideia é que as confrontações não são feitas com o propósito de sujeitar alguém ao julgamento eterno aqui e agora – elas são feitas aqui e agora para salvar as pessoas do julgamento diante de Deus na eternidade.

9. O CRISTIANISMO FOI COPIADO E COLADO DE OUTRAS RELIGIÕES?

Essas histórias são recauchutadas de antes. Mas diga a um cristão isso – Não, não! O que torna a situação duplamente triste é que eles mal conhecem o livro, muito menos suas origens. (*Isaac Asimov*).

O Deus cristão pode existir; assim como os deuses do Olimpo, ou do antigo Egito, ou da Babilônia. Mas nenhuma dessas hipóteses é mais provável do que qualquer outra; (*Bertrand Russell*).

Quase todas as religiões incluem procedimentos cerimoniais durante os quais os seguidores de uma divindade em particular podem se dedicar a complexas atividades em grupo. Isso é essencial como demonstração do poder dos deuses... (*Desmond Morris*).

Do Egito vieram as ideias de uma trindade divina, o juízo final [...] da Trácia, talvez o culto de Dionísio, o deus moribundo e salvador. Da Pérsia [...] o dualismo de Satanás e Deus, [...] (*Will e Ariel Durant*).

De minha parte, devo dizer que, tendo feito por muitos anos as evidências do cristianismo objeto de estudo minucioso, o resultado tem sido uma convicção firme e crescente da autenticidade e inspiração plena da Bíblia. É de fato a Palavra de Deus. (*Simon Greenleaf*).

Muitas vezes a Bíblia é descartada pelos céticos por causa da generalização de que todas as religiões são iguais. Elas não são.

Ou a Bíblia é descartada sob a acusação de que o cristianismo roubou todas as suas crenças antigas das religiões “x”, “y” e “z”. Isso não aconteceu.

Não aconteceu, mas digamos que aconteceu. Digamos que os céticos estejam certos e os “super estudiosos mosaicos” roubaram tudo no Antigo Testamento (eles tinham que ser “super estudiosos” para conhecerem todas as partes convenientes das religiões do mundo antigo que já existiram antes deles ou ao redor deles).

A cada 30 ou 40 anos, por um milênio, a mesma repetida ofensa foi cometida por outro “super estudioso plagiador” porque os hebreus nunca tiveram ideias originais (e os livros do Antigo Testamento foram escritos ao longo de muitos séculos por muitos autores).

A cada vez, “super estudiosos plagiadores” roubaram falsas profecias de religiões aleatórias com personagens imaginários em contos impossíveis de coisas que nunca aconteceram e as misturaram mal, tanto que “qualquer um com senso crítico” pode ver isso.

E toda vez que isso foi passado para a próxima geração, a próxima geração recebeu os escritos todos bagunçados.

Assim, os “super estudiosos plagiadores” fizeram isso tudo... E então Jesus nasceu, coincidentemente cumprindo falsas profecias aleatórias no tempo, lugar, propósito e maneira, e então revelou a seus discípulos como aquelas “peças de quebra-cabeça imaginárias bagunçadas e desconectadas” formam um retrato singular perfeito dele e da razão pela qual ele veio. Sua explicação é o Novo Testamento, confira.

Essa alegação da parte dos cétricos faz sentido? Claro que não.

9.1. O BÁSICO SOBRE COMPARAÇÃO ENTRE RELIGIÕES

Primeiramente, em qualquer estudo comparativo sério entre religiões, **não se pode afirmar que uma cultura copiou da outra com base em coisas gerais que são valores comuns do ser humano**. Por exemplo, o ser humano sabe que roubar, matar, e mentir são coisas consideradas erradas. A sua consciência sabe disso. Então, não devemos dizer que os hebreus copiaram esses valores gerais de outras culturas. Nós, simplesmente, vamos encontrar leis contra assassinato, roubo e falso testemunho (mentira) em todas as culturas. Outros exemplos são os termos básicos de justiça, como a retribuição na medida do crime – o famoso “olho por olho, dente por dente”. Isso é, simplesmente, uma expressão básica de retribuição justa por um delito, e todas as culturas vão ter uma versão desse princípio por ele ser inerente ao ser humano. O apóstolo Paulo declarou que o ser humano foi projetado com uma consciência comum que sabe quais coisas são erradas (Romanos 2:12-15).

Comparemos coisas mais específicas de diferentes culturas. Um estudo sério não leva em conta apenas semelhanças, mas também diferenças... E principalmente as diferenças. Tomemos como exemplo os hebreus e os sumérios.

O coração da lei dos hebreus, a Lei de Moisés, são os dez mandamentos. Os quatro primeiros mandamentos são direcionados para relação entre homem e criador. Os seis subsequentes são voltados para relação somente entre as pessoas. Os seis mandamentos que focam na relação das pessoas entre si são honrar os pais, não matar, não adulterar, não roubar, não mentir (falso testemunho) e não cobiçar coisas alheias. Note que essas coisas são inerentes à consciência humana e, por isso, não podemos dizer que uma cultura as copiou da outra. Todas as culturas vão ter leis declarando esses princípios, como por exemplo o famoso **código de Hamurabi**, presumivelmente o último rei sumério.

Porém, os quatro primeiros mandamentos são mais interessantes para comparar religiões: **não ter outros deuses além de Deus, não fazer representações divinas (ídolos), não tomar o nome de Deus em vão, e guardar o dia de sábado**. Note especialmente o primeiro mandamento (ter só um Deus), o segundo (não fazer ídolos) e o quarto (guardar o sábado). Eles não existem na cultura suméria. Na verdade, a cultura suméria fazia o oposto do que o primeiro e o segundo mandamento ordenam. Eles tinham vários deuses e faziam ídolos. Sumérios não guardavam o sábado, mesmo porque a semana de sete dias e o *shabat* hebreu só faziam sentido por causa da semana da criação de Gênesis e o relato do êxodo do Egito. Isso era só dos hebreus. O terceiro mandamento possivelmente também não tinha paralelo sumério, embora seja compreensível que um povo teria receio de usar o nome de um dos seus deuses em vão (isso seria, na verdade, uma [expectativa comum](#) de quaisquer povos).

Portanto, com base em diferenças profundas entre as duas religiões, não se pode dizer que uma copiou da outra. Coisas gerais sempre irão ser encontradas. No caso da comparação da lei hebraica e a religião suméria, as duas diferenças mencionadas acima já são suficientes para evidenciar que são sistemas muito diferentes e não compatíveis.

9.2. O QUE PARECE?

Imagine forçar peças de diferentes quebra-cabeças para ficarem juntas e então colorir os espaços entre essas peças. O resultado seria uma bagunça incoerente. Alguns críticos teorizam que a Bíblia foi montada dessa forma: uma coleção “copiada e colada” de filosofias emprestadas e de folclore (a Teoria Pan-Babilônica de Friedrich Delitzsch é um exemplo). No entanto, os aderentes dessas ideias minimizam, ou falham em reconhecer, que a Bíblia, na verdade, é consistente como um todo.

Não se pode razoavelmente explicar, a partir de um ponto de vista que assume que a Bíblia foi “copiada e colada”, a unidade de tema, propósito e consistência de todos os 66 livros/cartas que a compõem. São muitas obras produzidas por diferentes autores de diferentes meios sociais e culturais, ao longo de muitos séculos diferentes. Essas obras, coletivamente, são lidas como uma composição única, e assim alguns até acham que a Bíblia é um livro só.

Uma das melhores evidências da harmonia entre as muitas obras que compõem a Bíblia é o estudo do relacionamento das Escrituras do Antigo Testamento com o Novo Testamento. As relações entre as duas coleções são muito numerosas. Com base na qualidade e profundidade dessa harmonia, uma origem por meio da metodologia “copiar e colar” não se encaixa nos fatos e torna-se irracional.

No terceiro estágio deste estudo (veracidade) também examinaremos algumas alegadas similaridades entre Jesus e deuses mitológicos.

9.3. SIMILARIDADES COM AS RELIGIÕES ANTIGAS DO ORIENTE MÉDIO?

Vamos fazer a seguinte pergunta: “Considerando as antigas Escrituras bíblicas, podem ser encontradas quaisquer similaridades entre seus eventos, ou pessoas, com outras antigas culturas ou religiões?”

Enquanto alguns críticos teorizaram que os maiores elementos das Escrituras evoluíram do código de Hamurabi ou das religiões antigas do Oriente Médio, é suficiente para esta discussão admitir que certas similaridades, sejam reais ou percebidas, já têm sido indicadas há muito tempo. Portanto, a questão é nos preocuparmos com a natureza, extensão e significância dessas alegadas similaridades.

É um princípio do Departamento de Tesouro americano que cópias falsificadas de moeda são rejeitadas pelas diferenças com as verdadeiras, e não pelas similaridades. Nessa base, as similaridades percebidas, por si só, não são suficientes para igualar ou ligar as origens da Bíblia a seus contemporâneos. A avaliação correta não pode ter em vista apenas as similaridades, mas também as diferenças.

Talvez o mais fácil e mais comum método de comparação adotado pelos defensores da teoria do “copiado e colado” é a **“culpa por associação”**. Incapazes ou muito preguiçosos para diretamente examinarem a Bíblia, certos críticos têm refutado “adversários menores”, ou seja, “religiões de charadas com contradições politeístas e erros fatuais”. Então, deduzem que o cristianismo, que para eles é “apenas outra religião”, é igualmente errado. Esse tipo de abordagem não reproduz uma análise confiável.

Segue um exemplo de como o cristianismo pode ser mal representado pela falsa ligação com outras religiões. **Os termos “batismo”, “ressurreição” e “sacrifício” têm significado específico e significância única dentro do pensamento cristão. Essas palavras são usadas também para descrever práticas em outras religiões. Cada um desses termos expressa significado diferente e possui um diferente nível de significância dentro do contexto de cada sistema de pensamento. Então, quando esses termos são usados de “forma solta” na comparação de religiões, o observador casual pode facilmente se enganar com uma suposta “correlação” que, na realidade, não existe.**

O princípio é o mesmo quando são abordadas alegações com relação a um “nascimento virginal”, por exemplo. Por mais que teóricos do “copiado e colado” defendam que a deusa egípcia Ísis era chamada de “a grande virgem” e que ela era capaz de “renovar sua virgindade”, isso **jamais seria aceito no contexto judaico ou cristão – um judeu ou cristão simplesmente não veria Ísis como uma virgem, mesmo que a alegação de que “Ísis era uma grande virgem que renovava sua virgindade” fosse realmente o entendimento dos egípcios antigos.** Portanto, considerando o contexto judaico-cristão, é altamente improvável que o nascimento virginal de Cristo tenha sido baseado em algum aspecto dessa mitologia. Um antigo judeu ou cristão possivelmente diria algo como: “Não me importa se os egípcios entendiam que Ísis era virgem ou não, para mim, Ísis não é o que entendo ser uma virgem – é um ídolo dos egípcios.”

Em poucas palavras, Jesus deve ser estudado no contexto da Palestina do primeiro século, e não das mitologias pagãs – examinaremos isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

9.4. SIMILARIDADES COM A ANTIGA RELIGIÃO BABILÔNICA?

Um bom exemplo de correlação errônea é a crença de que a criação do mundo do **Enuma Elish** babilônico foi anexada à religião de Israel. Aqui está como o Enuma Elish apresenta a criação:

Fala da revolta de Tiamat contra os deuses, da escolha deles de Marduque ser seu campeão na luta contra esse monstro, [...] do seu resultado bem-sucedido, da ordenação de Marduque dos céus e da terra [...] [45].

Na verdade, **a única similaridade com a Bíblia aqui é a ideia geral de que poder sobrenatural estava envolvido na iniciação dos céus e da terra.** O relato bíblico da criação vai ser explorado em mais detalhes no terceiro estágio deste estudo (veracidade). A presença de uma história de criação no Enuma Elish é inteiramente insuficiente tanto para acusar como para condenar autores bíblicos por “plágio teológico”.

O mito sumério de Enki e Ninmah descreve a criação da humanidade e a subsequente discordância entre as duas divindades a respeito do valor e da utilidade dos humanos deficientes:

O mito começa quando a terra era recém-criada e os deuses menores estavam encarregados de trabalhar para servir as divindades maiores. Enviados para escavar canais de irrigação e prover o alimento para seus superiores, o trabalho se tornou tão exaustivo que eles se rebelaram contra o grande deus Enki. Então, a deusa-mãe, Namu, **aconselhou Enki a aliviar o trabalho dos deuses, formando uma criatura que pudesse realizar o trabalho deles. Enki delineou então a forma da humanidade e comissionou Namu a criar o homem e a mulher** com uma pinça de cerâmica.

Depois disso, Namu gabou-se de poder fazer uma pessoa com a forma que desejasse, ao que Enki respondeu que poderia encontrar compensação para qualquer deformidade. Namu, então, formou uma série de indivíduos com várias deficiências (cegos, aleijados, etc.) para os quais Enki procurou uma ocupação honrosa em que a incapacidade deles não fosse um obstáculo. O texto termina com um louvor à superioridade de Enki.

Agora, **a narrativa bíblica da criação da humanidade é muito diferente do mito sumério. Na Bíblia, o homem e a mulher não são uma ideia posterior, mas o ponto alto da criação de Deus.** O trabalho em si (a atenção e o cuidado de Deus por suas criaturas) é uma vocação concedida por Deus, um meio de **participar de sua obra criadora e uma oportunidade de agir como seus representantes na terra, não uma forma de escravidão com o propósito de aliviarem a carga de Deus.** Doenças e deformações humanas, longe de ser o resultado de algum tipo de jogo divino, são o produto da condição decaída da humanidade e do plano soberano de Deus, veículos que Deus utiliza para mostrar sua grandeza na vida do ser humano [46].

A suméria **Gênese de Eridu** constitui a versão suméria da criação, os primeiros governantes, as primeiras cidades e o dilúvio:

De acordo com sua perspectiva única na história antiga, depois que os deuses terminaram de formar a humanidade, a deusa-mãe, Nintur, de algum modo enviou dos céus à terra, intactas, as instituições do reinado (na forma de cetro, coroa e trono). Cada rei foi encarregado de aconselhar o povo, supervisionar seu trabalho e guiá-lo como o vaqueiro ao seu gado. Esperava-se desses reis que cultuassem os deuses e fundassem cidades, por cujo empenho seriam economicamente recompensados. Cada cidade deveria nomear sua deidade patronal responsável por protegê-la.

A Gênese de Eridu encerra nesse ponto, mas outras versões indicam que originariamente se seguia uma relação dos governantes que viveram antes do dilúvio e o relato de que **o clamor dos povos havia irritado tanto os deuses que eles decidiram destruir a humanidade com uma grande inundação.** O texto prosseguia com Enki, o deus das águas, revelando a intenção dos deuses a um mortal, o rei Ziusudra, instruindo-o a construir um imenso barco e a enchê-lo com pares de animais. Quando as águas baixaram, Ziusudra desembarcou do navio e ofereceu generosos sacrifícios aos deuses, os quais, em troca, **concederam a ele a vida eterna** como recompensa por ter salvado o futuro da humanidade e o reino animal [47].

O Noé bíblico não recebeu vida eterna por ter salvo a humanidade – ele foi apenas um instrumento de Deus para a continuação das criaturas na terra. O dilúvio bíblico ocorreu por causa da maldade dos habitantes da terra, não por clamores que fizeram com que Deus se irritasse. Como se pode constatar, as similaridades entre os mitos aqui apresentados e o relato bíblico são de cunho muito geral. As diferenças são muito mais significativas. A acusação de plágio teológico aqui não tem apoio.

9.5. SIMILARIDADES COM OUTRAS CULTURAS VIZINHAS?

Uma alegação de alguns cétricos é que a ressurreição de Jesus Cristo da Bíblia foi uma ideia inspirada por culturas vizinhas. Tabuetas descobertas na Síria em Ras Shamra, por exemplo, contam a história dos deuses

canaanitas ou ugaríticos Baal (filho de El) e Anate (irmã de Baal e consorte). Na história, Baal batalha com Mot, deus da estação seca, e é morto. Anate reúne os pedaços do corpo de Baal e os enterra. Ela então sai e corta Mot em pedaços e, algum tempo depois, Baal retorna à vida [48].

Em outras culturas, essa mesma história de um deus cortado retornando à vida é similarmente refletida: registros sumérios e mesopotâmios de Adonis e Tamuz e Istar, de Orfeu e Perséfone, de Telepinu [49], e de Osíris e Ísis do Livro dos Mortos egípcio. São quaisquer desses, ou todos esses, algum tipo de “Jesus místico”?

O Livro dos Mortos não alega quaisquer testemunhas a seus eventos, nem a egiptologia revela qualquer evidência realmente convincente. As demais fontes não se saem melhor. Na verdade, muitas dessas fontes não bíblicas eram caracterizadas **explicações de ciclos de fertilidade ou mudanças nas estações. Nenhuma dessas histórias é verdadeiramente similar aos eventos envolvendo a morte e ressurreição de Jesus Cristo, tanto em simbolismo quanto em detalhe.**

Jesus não foi feito em pedaços em combate mortal, nem remontado por uma deusa contraparte, nem usado com o propósito de simbolizar os ciclos de fertilidade ou da natureza. **Jesus, por significativo contraste, é um personagem histórico com suporte de boa quantidade de material existente, inclusive material escrito em antigas fontes não cristãs,** como veremos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

9.6. A BÍBLIA FOI FORMADA CONFORME A HIPÓTESE EVOLUCIONÁRIA?

Todas as religiões são fundadas no medo de muitos e na esperteza de poucos. (*Stendhal*).

Até que, quando ele [o viajante Zul-qarnain] alcançou o local do pôr-do-sol, ele o encontrou descendo em uma fonte lamacenta [...] (*Sura 18:86*).

Cada religião, tão querida por aqueles cuja vida ela santifica [...] contradiz necessariamente todas as outras religiões, e provavelmente contradiz a si mesma. (*Jorge Santayana*).

Se a religião primitiva pode ser explicada como uma aberração intelectual, como uma miragem induzida por estresse emocional ou por sua função social, fica implícito que as religiões superiores podem ser desacreditadas e eliminadas da mesma maneira. (*E. E. Evans-Pritchard*).

Evidências históricas registradas por antigos não cristãos têm efetivamente forçado estudiosos modernos que criticam a formulação da Bíblia em adotar a **hipótese evolucionária**, isto é, a crença que livros específicos da Bíblia foram continuamente sendo anexados e mudados, ao invés de terem sido escritos por autores específicos e terem permanecido nas formas básicas originais.

Há muitos trabalhos modernos escritos para iluminar a história e a autenticidade das Escrituras, livro por livro, do Antigo Testamento. Eles fazem um excelente trabalho ao apresentar a hipótese evolucionária e em se defender dela, em detalhes. Livros de autores como Daniel B. Wallace (<http://danielwallace.com/>), por exemplo, são excelentes referências. Daniel B. Wallace é perito na área e fundador e diretor executivo do Center for the Study of New Testament Manuscripts. Estudaremos sobre os manuscritos bíblicos no segundo estágio deste estudo (integridade).

Contudo, uma faceta dessa hipótese é muito interessante e importante para não ser abordada aqui. Essa faceta se relaciona com aquelas vezes que distintos e inequívocos paralelos são descobertos entre as Escrituras e outros escritos antigos. Certos críticos da Bíblia tendem a dizer que se uma história na Bíblia lembra uma história em outro lugar, a conclusão é que a Bíblia tomou emprestada aquela história, e não vice-versa. A defesa contra essa alegação, na verdade, é bem forte e constrangedora.

O exemplo particular que vamos abordar envolve muitas histórias similares de um **dilúvio terrível**.

9.6.1. E QUANTO ÀQUELAS OUTRAS HISTÓRIAS DE DILÚVIO?

Além da antiga nação de Israel, **culturas ao redor do mundo registram um dilúvio devastador.** Gleason Archer revelou alguns paralelos muito interessantes entre as diferentes alegações:

Mas o que diremos da lenda de Manu preservada entre os hindus (de acordo com que Manu e outros sete foram salvos em um navio de um dilúvio mundial); ou de Fah-he entre os chineses (que foi o único sobrevivente, junto com sua esposa, três filhos e três filhas); ou de Nu-u entre os havaianos; ou de Tezpi entre os índios mexicanos; ou de Manabozho entre os algonquinos? Todos esses concordam que toda a humanidade foi destruída por um grande dilúvio (usualmente representado como mundial) como resultado do desgosto divino com o pecado humano, e que um único homem e sua família, ou muitos poucos amigos, sobreviveram a catástrofe por meio de um navio, ou jangada, ou uma grande canoa de algum tipo.

Os kurnai (uma tribo de aborígenes australianos), ilhéus Fiji, nativos da Polinésia, Micronésia, Nova Guiné, Nova Zelândia, Novas Hébridas, os antigos celtas de Gales, os tribais do Lago Caudieno Sudão, os hotentotes, e os groenlandeses, todos têm suas tradições de um dilúvio universalmente destrutivo que destruiu toda a raça humana, exceto por poucos sobreviventes. A mais completa coleção dessas lendas do dilúvio de todo o mundo está contida no trabalho alemão “Die Flutsagen” (1891) de Richard Andree [50].

O Épico de Gilgamés é a versão babilônica na qual Utnapishtim constrói uma arca para sobreviver o dilúvio e finalmente parar sobre o Monte Nisir [51]. Veremos mais sobre isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade), mas é suficiente para o momento dizer que, **ao contrário do que pensam os céticos, esse relato antigo valida a ocorrência do dilúvio bíblico.**

Então, o que diremos das similaridades de um dilúvio devastador em que apenas um punhado de pessoas sobreviveu?

Antes de tudo, é importante dizer que a examinação das evidências demonstra que lendas de inundações de todo o mundo existem porque dilúvios ocorreram em muitas partes da Terra em um momento ou outro. Na verdade, todas essas histórias de dilúvio – **exceto aquelas de dentro e ao redor da Mesopotâmia** – são essencialmente diferentes da narrativa bíblica e têm apenas alguns elementos em comum com ela. Examinaremos a questão do dilúvio bíblico no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Porém, para o propósito do assunto aqui em pauta, ao invés de saltar para a conclusão altamente improvável de que há cerca de 3.000 anos os hebreus roubaram a ideia do dilúvio dos índios mexicanos ou dos aborígenes australianos, algo mais tem que ser considerado. **Elementos remanescentes de verdade existentes dentro das variadas religiões do mundo são exatamente o que nós deveríamos esperar se os eventos foram reais. No caso do dilúvio, é perfeitamente possível que as diversas lendas de inundações encontradas em diferentes culturas tenham sido ao menos influenciadas por relatos de uma ocorrência real de um dilúvio devastador, o qual deve ter sido tão terrível ao ponto de ser lembrado na história até os dias de hoje.**

Naturalmente, elementos remanescentes de verdade dentro das religiões do mundo se aplicam a culturas que pré-datam Moisés, bem como a qualquer religião que veio depois dele. No entanto, **uma vez que o conhecimento de Moisés sobre a criação e o dilúvio é alegado como tendo vindo do próprio Deus, a Bíblia deve conter o relato mais fiel sobre os eventos reais.**

Os desvios nas religiões das outras culturas, bem como nas suas alegações da criação e do dilúvio, podem ter sido, em parte, uma razão pela qual Deus inspirou o registro adequado dos eventos reais. As alegações de Moisés podem ter sido usadas para corrigir os equívocos sobre os eventos registrados por outras culturas. Evidência para isso existe por toda a Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, onde os atributos de Deus estão constantemente sendo colocados em contraste com crenças pagãs vizinhas e em contraste com suas práticas do dia-a-dia. Assim, seria consistente com esse precedente acreditar que Deus confiou a Moisés os fatos do dilúvio, conforme observados por testemunhas oculares, para o propósito de os registros bíblicos serem os relatos corretos do evento, de forma que pudessem refutar relatos distorcidos que estavam em circulação.

Sendo assim, a Bíblia não foi copiada de outras religiões. Os registros bíblicos dos eventos, independentemente de terem sido registrados antes ou depois dos relatos de outras culturas, são os relatos mais exatos porque vieram de Deus. Os relatos das outras culturas podem se referir aos mesmos eventos na história, mas são versões distorcidas. Em outras palavras, temos relatos independentes de mesmos eventos, mas o relato de Moisés é aquele que teve Deus como fonte e, portanto, é o correto.

9.7. ASTROTEOLOGIA, ASTROS E A BÍBLIA

Basicamente, **astroteologia** é o estudo de origens astronômicas das religiões. Ela procura explicar que deuses e seres sobrenaturais são personificações de fenômenos astronômicos, tais como eclipses lunares, alinhamentos planetários e interações aparentes de corpos planetários com estrelas. O termo “astroteologia” foi usado nos séculos dezoito e dezenove por estudiosos que objetivavam a descoberta de uma suposta “religião original”.

É importante notar as diferenças entre os termos **astroteologia**, **astrolatria** e **astrologia**, embora tais termos tenham ligações.

A **astrolatria** é a adoração de estrelas e outros corpos celestes como deidades, ou a associação de deidades com corpos celestes. Como qualquer tipo de idolatria, é fortemente desaprovada pelos escritos bíblicos. Os casos mais comuns de astrolatria são “deuses sol” e “deuses lua” de sistemas religiosos politeístas.

A **astrologia** é uma pseudociência na qual se acredita que as posições relativas dos corpos celestes podem prover informações sobre assuntos relacionados à vida do ser humano. Pode também ser usada como ferramenta para “definição de personalidades humanas”.

Muitos têm atacado a Bíblia com alegações de que seus escritos contêm astroteologia subliminar, assim como outras religiões. **Questões sobre astrologia e astroteologia são frequentemente discutidas em “movimentos de verdade alternativa”**. Considerando essa linha de pensamento, de maneira genérica, acredita-se que todas as religiões podem ter vindo de um ponto comum em que os antigos buscavam explicações para os fenômenos que ocorriam ao seu redor. O raciocínio é mais ou menos como este: há muito tempo, quando o homem tinha poucos recursos, o simples fato de obter alimento era uma tarefa perigosa, especialmente durante a ausência de luz e calor do Sol. Os primeiros inimigos do homem seriam a escuridão e o frio e, nesse contexto, o Sol, a Lua e as estrelas seriam “salvadores”. Tendo isso em mente, raciocina-se que a observação dos astros teria gerado um sistema teológico. Desse sistema teriam evoluído as religiões, inclusive o cristianismo. Sendo assim, a astroteologia seria o fator comum no qual se baseiam muitas alegações dos teóricos do “copiado e colado”.

Um exemplo de raciocínio para tal linha de pensamento é apresentado a seguir:

- Se os mitos de religiões pagãs são amplamente astroteológicos em natureza, e...
- Se o cristianismo for influenciado por religiões pagãs em parte significativa, então...
- O cristianismo também deve representar mito astronômico ou astroteologia.

Ainda nessa linha de pensamento, a ideia básica é algo como isto: “Os criadores do evangelho tomaram vários temas e ideias principais das religiões pré-cristãs e mitos, incluindo (e especialmente) a egípcia, e costuraram todos juntos, usando também as escrituras judaicas, para produzirem uma nova versão de sistema religioso. Em outras palavras, os criadores do ‘mito de Cristo’ não tomaram simplesmente uma história já formada, riscaram o nome de Osíris ou de Hórus, e trocaram com o nome de Jesus. Eles escolheram as ideias principais cuidadosamente, de todos os mais populares símbolos religiosos, mitos e rituais, estando certos que eles encaixam a certo grau com as escrituras messiânicas judaicas, como são chamadas, e criaram uma nova história em que centenas de milhões desde então têm sido levados a acreditar que realmente e verdadeiramente tomou lugar na história.” Essa explicação é tão falha para explicar a Bíblia quanto o caso ridículo dos [“super estudiosos mosaicos plagiadores”](#) que apresentamos anteriormente.

Conforme abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade), para que tal hipótese ao menos pudesse ser considerada, **teria que ser provada uma relação causal entre o cristianismo do contexto da Palestina do primeiro século e as religiões pagãs** (as quais trazem a astroteologia no pacote). Basta para esta discussão dizer que, simplesmente, não há prova de causalidade, razão pela qual o alto nível acadêmico considera essas alegações como espúrias. Além do mais, ainda teríamos que adotar a hipótese tremendamente improvável sobre [“super estudiosos mosaicos” que teriam sido capazes de roubar partes convenientes de outras religiões para montar o Antigo Testamento](#). E não acaba por aí: se a Bíblia fosse um amálgama de partes tiradas de outras religiões, como

se explica a unidade de assunto dos 66 livros/epístolas que a compõem? Como se explica o aparecimento do Cristo, cumprindo profecias e as Escrituras? **A abordagem do “copiado e colado” simplesmente não serve para explicar a Bíblia. Se ela fosse realmente algo “copiado e colado” de outros sistemas religiosos, deveria se [parecer com outra coisa](#), não com a Bíblia na qual temos acesso hoje.**

É importante ressaltar que **os próprios autores bíblicos condenam completamente a busca de revelações fora da Palavra de Deus. A busca de revelações nos astros está inclusa nisso. Aqui já se desqualifica tanto a astrologia quanto a astroteologia.** Por exemplo, a qualquer momento em que a nação de Israel começasse a se envolver em tais coisas, os profetas de Deus veementemente condenariam a adoção de tais práticas. **A confiança unicamente em Deus é o que a Bíblia prega, sendo que a confiança nas forças humanas e em falsos deuses é fortemente reprovada, assim como qualquer tipo de culto a astros, anjos ou demônios.**

O fato é que Deus nunca autorizou adoração a nenhuma criatura (Romanos 1:25), inclusive as coisas criadas, como os astros. **Quando algumas pessoas em Jerusalém adoraram o Sol, Deus chamou o ato de abominação** (Ezequiel 8:15-17), uma palavra bem forte usada para descrever os piores dos [pecados](#). **Manassés, um dos piores reis de Judá, cometeu a abominação de se prostrar “diante de todo o exército dos céus”** (2 Reis 21:3). O neto dele, o bom rei Josias, mandou que fossem removidas do templo as coisas usadas na adoração ao “exército dos céus” (2 Reis 23:4). **Deus prometeu destruir os lugares onde “queimaram incenso a todo o exército dos céus”** (Jeremias 19:13). **Sofonias condenou pessoas que adoravam ao Senhor e, ao mesmo tempo, adoravam “o exército do céu”** (Sofonias 1:5).

Embora alguém poderia dar uma desculpa ao dizer que não adora corpos celestes, mas apenas os consulta “para saber mais sobre o futuro”, entra em cena a importância da abordagem bíblica: Deus condena qualquer fonte de revelação fora da palavra dele. Deuteronômio 18:9-14 é um trecho interessante a esse respeito. **Deus incluiu entre as abominações os adivinhadores, prognosticadores, agoureiros, feiticeiros, encantadores, necromantes e mágicos. Ele não somente condenou tais práticas entre os israelitas, mas também disse que elas eram os motivos pelos quais foi determinada a destruição dos povos gentios que habitavam a terra de Canaã.** Assim, ele mostra que a busca de revelações de qualquer outra fonte, a não ser o próprio Deus, sempre foi pecado entre qualquer povo, em qualquer época.

A crença na **ressurreição de Jesus**, centro do cristianismo, só pode ser proveitosamente estudada considerando o pano de fundo das crenças judaicas da ressurreição, e não as crenças da mitologia pagã (as quais se relacionam com astroteologia). Com isso em mente, os paralelos alegados entre Cristo e a mitologia pagã/astroteologia tornam-se espúrios. Não há nenhuma conexão causal entre os mitos pagãos e a origem das crenças cristãs sobre Jesus ou as Escrituras. Não há relação genealógica entre as mitologias e Cristo e seus milagres. **Tentar usar a astroteologia como um fator comum para afirmar que as outras religiões são similares ao cristianismo é uma abordagem espúria.**

Há certa relação entre Deus e os astros, mas está longe de ser o que aqueles que defendem a presença de astroteologia subliminar na Bíblia pregam. Basicamente, **toda a criação simplesmente serve a Deus e testemunha dele como criador.** Todo o universo está submetido ao poder de Deus e a própria criação observada nos céus é um registro testemunhando disso. A ordem do universo é obra do criador. O Salmo 19 é um exemplo onde isso é ilustrado.

O próprio Deus disse, em Gênesis 1:14, que o Sol, a Lua e as estrelas foram criados para separar o dia da noite e para serem sinais para marcar estações, dias e anos. Logo no início observa-se que foram criados com um propósito. **Astros são apenas criações de Deus e, como tais, cumprem seus propósitos, testemunhando do criador. Portanto, na visão bíblica, foram criados com o propósito de serem vistos pelo homem, seja para a distinção de dia e noite, seja para auxílio para orientação durante a noite por meio da iluminação da Lua ou pelo uso das constelações, ou pela observação do comportamento do Sol para saber quando determinada estação do ano começa e outra termina. Há também a questão de os astros estarem relacionados com o [ajuste fino do universo](#), o qual abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).** Isso não se trata da observância e estudo dos astros como busca de revelações ou obtenção de informações para guiar a vida, como fazem os astrólogos. Muito menos se trata de transformar a criação em sistemas religiosos, como sugerem teóricos que pregam astroteologia contra a Bíblia.

Outra questão é que **passagens Bíblicas que citam Cristo como a luz da manhã, por exemplo, são apenas analogias para que o ser humano possa compreender melhor a ideia do divino por meio da exemplificação de algo bem conhecido.** Se Cristo brilha como o Sol, ele afasta a escuridão em que o ser humano vive (sua vida pecaminosa), concedendo a ele condições para viver a verdadeira vida, assim como a luz solar é importante para a vida física conhecida. É em um contexto como esse que tais passagens devem ser entendidas. Retirar versículos do contexto e torcer o significado deles para defender certo ponto de vista não é algo muito difícil de fazer. Por essa razão, **o conhecimento bíblico é fundamental na abordagem do assunto de comparar religiões.**

9.7.1. QUE DIZER DA ESTRELA QUE ORIENTOU OS SÁBIOS A ENCONTRAREM JESUS?

Uma coisa que os teóricos que pregam astroteologia contra a Bíblia gostam de apontar é a estrela usada pelos sábios do oriente para se orientarem e chegarem até o menino Jesus (Mateus 2:2).

É possível que tal estrela tenha sido um cometa visível por setenta dias entre março e abril de 5 a.C., chamado em chinês de Sui-hsing (“estrela-vassoura”), ou seja, cometa com uma cauda. Ao percorrer seu caminho ao redor do Sol, o cometa fica temporariamente invisível, como a estrela dos sábios que desaparece enquanto eles viajam de Jerusalém a Belém. Pode ser que Deus tenha permitido que esse evento, ou algum outro fenômeno celeste, levasse os sábios a Jesus.

É verdade que as Escrituras veementemente proíbem a busca de revelações dos astros para obter orientação para a vida. No entanto, esses sábios eram gentios (não judeus) que muito provavelmente se dedicavam ao estudo da astrologia. Como o Messias estava na Terra, nada impede que Deus tenha permitido que esses homens encontrassem aquele que traria salvação à humanidade pelos seus próprios métodos, ou seja, por meio do sinal da tal estrela. Isso não significa, de modo algum, que Deus aprove a astrologia, mas apenas significa que aqueles sábios, os quais já estavam no erro, mas tinham interesse em conhecer o salvador do mundo, tiveram permissão de Deus para encontrar seu Filho usando seus próprios métodos.

O fato de que Deus tenha permitido que ocorressem algumas coisas proibidas por ele não significa, de forma alguma, que ele aprove essas coisas – apenas significa que ele concedeu permissão para que tais coisas se sucedam. É o ser humano que escolhe se quer seguir os mandamentos de Deus ou não. Se o ser humano quiser procurar e seguir o erro com coração obstinado, Deus o entregará a essas coisas (Romanos 1:24-32). No entanto, mesmo que o ser humano esteja em meio ao erro, Deus pode prover salvação a ele.

9.7.2. PODE HAVER ALGUMA RELAÇÃO ENTRE A ASTRONOMIA E A REVELAÇÃO ESCRITA?

Talvez haja a possibilidade de alguma relação entre a **astronomia** (a ciência que observa e estuda os astros) e a revelação da Bíblia. Em seu livro “The Witness of the Stars”, E. W. Bullinger demonstrou detalhadamente a possibilidade dos formatos desenhados pelas estrelas nos céus, ou seja, as constelações e o “zodíaco” (o “zodíaco” hebreu é chamado *mazzaroth*), serem interpretados como **um testemunho de fatos bíblicos.** É como se fosse uma apresentação cíclica do plano da redenção de Deus de modo sintetizado, colocada nos céus antes que o ser humano sequer escrevesse o primeiro livro. Basicamente, cada constelação (“signo”) do *mazzaroth* (“zodíaco”) seria **uma representação de um evento no plano da salvação**, começando com Virgem (o nascimento virginal de Jesus) e terminando em Leão (o leão da tribo de Judá, Jesus, que derrota o inimigo). Tal apresentação sempre se repete ciclicamente, sendo que Bullinger revolve sua teoria em torno do que Deus disse no momento da criação:

Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite. Sirvam eles de **sinais** para marcar **estações, dias e anos.** (*Gênesis 1:14, “Nova Versão Internacional”*).

A astronomia remonta a eras muito antigas e era observada por muitas nações. Não entraremos em detalhes sobre a teoria de Bullinger neste estudo, mas **não se pode afirmar que é impossível que Deus tenha deixado impresso nos céus algum testemunho sobre seus planos.** Se Bullinger tiver um bom nível de razão sobre sua teoria, podemos considerar a seguinte hipótese:

- Se considerarmos que religiões pagãs antigas buscavam revelações pela observação nos céus e as incorporaram em seus sistemas religiosos, e...

- Se Deus permitiu que os céus, de fato, testemunhassem de alguma coisa sobre o seu plano de redenção por meio de Cristo, como Bullinger defende, e...
- Considerando que é possível encontrar algumas similaridades de cunho geral entre as muitas religiões antigas, mas considerando que...
- **Não há nenhuma conexão causal entre os mitos pagãos e a origem das crenças cristãs sobre Jesus ou das Escrituras, então...**
- Talvez os antigos sempre tenham tido acesso a algum tipo de revelação de Deus impressa nos céus, mas não a interpretaram adequadamente e, “tateando no escuro”, criaram seus sistemas religiosos (veja Atos 17:24-28).

Similaridades gerais percebidas nas religiões eram [expectativas comuns dos antigos](#). Talvez algumas dessas expectativas possam ter vindo de uma possível observação de algo que Deus pode ter deixado impresso nos céus.

Independentemente da possibilidade, não se deve buscar nenhuma fonte de revelações fora da Palavra de Deus. Olhar para as estrelas para contemplar possíveis desenhos nos céus ou para contemplar a grandeza da criação de Deus (como no Salmo 19) é uma coisa. Buscar revelações por meio de interpretações astrológicas ou astroteológicas, ou praticar astrolatria, é outra coisa bem diferente, terminantemente proibida nas Escrituras. **A única coisa certa entre a Bíblia e os astros é que eles são criações que testemunham do poder criador de Deus e servem aos propósitos dele.**

9.7.3. UMA REFUTAÇÃO DA PARTE DE UM NÃO CRISTÃO [52]

Um estudo astronômico foi realizado por um não cristão identificado como Virtual Bill para checar alegações astroteológicas sobre fatos bíblicos, especialmente com respeito ao nascimento e a crucificação de Cristo. Basicamente, tais alegações defendem que o nascimento e morte de Jesus correspondem à observância dos movimentos do Sol, implicando que Jesus é um “deus sol”.

A utilização de um programa de astronomia capaz de visualizar padrões celestes no passado e no futuro (por exemplo, o programa “Starry Night” utilizado por Virtual Bill) ajuda muito na análise de tais alegações. Sendo assim, veremos a seguir, detalhadamente, algumas alegações de astroteologia na Bíblia (notavelmente do filme [Zeitgeist](#)) e comparemos com a verificação astronômica realizada por Virtual Bill.

A estrela no oriente é Sirius, a estrela mais brilhante no céu noturno que, em 24 de dezembro, se alinha com as três estrelas mais brilhantes no Cinturão de Órion. Essas três estrelas no Cinturão de Órion são chamadas hoje do que elas foram chamadas em tempos antigos: “Os Três Reis.” (“Zeitgeist”, 20:05).

A alegação força um paralelo com o Evangelho de Mateus, o qual relata que [sábios vindos do Oriente chegaram até o menino Jesus seguindo uma estrela](#). Tal estrela seria Sirius. Os sábios seriam as três estrelas do Cinturão de Órion, “Os Três Reis”. Primeiramente, Mateus relatou apenas que eram “sábios vindos do Oriente”, não diz que eram três e, muito menos, que eles eram “reis”. **A tradição de que o número de sábios era três não é bíblica.**

Em relação a Sirius ser a estrela no oriente, a alegação está correta. Em 24 de dezembro, Sirius, de fato, vem acima do horizonte, logo após o pôr do sol, quando vista de Jerusalém. Naturalmente, pode-se perguntar que ano está sendo utilizado como referência. A resposta é simples: não importa, uma vez que Sirius sempre vem sobre o horizonte no céu sul-sudeste logo após o pôr do sol em 24 de dezembro. **Na verdade, Sirius aparece no céu do leste depois do pôr do sol em novembro e em janeiro também.** Tendo isso em mente, não se deve esperar que, de alguma forma, a ocorrência desse evento de 24 para 25 de dezembro (exatamente no suposto “aniversário de Jesus”) seja um evento “astrologicamente único” – afinal de contas, ele também ocorre em novembro e em janeiro. Não se pode utilizar isso como um marco para um acontecimento importante, como o nascimento de um salvador. **Há também de se considerar o fato de que o nascimento de Jesus, biblicamente, não ocorreu em 25 de dezembro.**

Quanto ao alinhamento de Sirius com as três estrelas mais brilhantes do Cinturão de Órion, **isso sempre acontece**. Embora constelações se movam através do céu dependendo do ponto de visualização, elas não se movem umas em relação às outras. Não importa qual seja o dia, mês, ou ano, Sirius sempre vai se alinhar com as três estrelas do Cinturão de Órion. A aparência das constelações pode mudar, como quando elas aparecem no céu ao longo do tempo. Por exemplo, em 24 de dezembro de 2008 a.C., Órion e Sirius não foram visíveis juntos no céu noturno até cerca de 17 h 45 min. Já em 24 de dezembro de 2008 d.C., Órion e Sirius não foram visíveis até cerca de 7 h 24 min de 2008 d.C. Essa distorção da hora do aparecimento dessas estrelas ocorre devido à **precessão planetária**. Porém, o que importa é que **Sirius sempre se alinha com o Cinturão de Orion, e tem aparecido no céu do leste em 24 de dezembro por mais de 4.000 anos. Não é nenhum evento místico ou marco excepcional – é um fenômeno comum que não serve para ser um marco de algo importante, como o nascimento do salvador.**

As três estrelas no Cinturão de Órion são, de fato, chamadas de “Os Três Reis”. No entanto, não é possível encontrar uma referência a essas três estrelas, com esse nome, que seja mais antiga do que o século dezessete. Isso sugere que, **talvez, tais estrelas foram assim chamadas a mais de mil anos após a redação do Novo Testamento grego.**

E os três reis, e a estrela mais brilhante, Sirius, todos apontam para o lugar do nascer do sol em 25 de dezembro. É por isso que os três reis seguem a estrela do oriente – a fim de localizarem o nascer do sol – o nascimento do Sol. (“Zeitgeist”, 20:20).

A ideia dessa alegação é forçar um paralelo com o Evangelho de Mateus, onde sábios (Cinturão de Órion ou “Os Três Reis”) seguiram uma estrela (Sirius) e encontraram o menino Jesus na manjedoura, a qual seria o “lugar do nascer do Sol”, ou seja, o nascer de um “deus sol”.

A respeito das estrelas se erguerem acima do horizonte em 25 de dezembro de cada ano, **Órion e Sirius não estão no céu até depois do pôr do sol**. Isso não significa que talvez Sirius e Órion estejam realmente lá na parte da manhã durante o nascer do sol e, assim, estejam simplesmente invisíveis ao olho humano. Significa que, **simplesmente, essas estrelas não vêm acima do horizonte leste antes do pôr do sol**. A título de exemplo, em 25 de dezembro do ano 4 a.C. (o ano estimado para o nascimento de Jesus), Sirius não aparece acima do horizonte até 18 h do tempo local (dependendo de obstruções no horizonte). Esse fato não muda ao longo de milhares de anos. Órion e Sirius simplesmente nunca estão no céu oriental durante o nascer do sol em Jerusalém no dia 25 de dezembro.

O Sol viaja uma linha conhecida como **eclíptica**. Esteja o Sol nascendo, se pondo, ou fazendo o seu caminho através do céu diurno, ele nunca deixa a eclíptica. Se for desenhada uma linha através Cinturão de Órion e através de Sirius, nota-se que a linha nunca vai interceptar a eclíptica. Isso quer dizer que **o Cinturão de Órion e Sirius nunca podem apontar para o caminho pelo qual o Sol viaja – assim, considerando um mesmo dia, Sirius e Órion jamais vão apontar para o lugar onde o Sol nasce.**

A alegação também implica que, durante o céu noturno em 24 de dezembro, o Cinturão de Órion e Sirius apontam para o local do nascer do sol no dia seguinte, 25 de dezembro. Isso de fato acontece, **juntamente com um grande número de outros pontos no horizonte**. Na verdade, quando Órion e Sirius aparecem pela primeira vez no céu de determinado dia, a linha traçada através deles cai quase exatamente na marca leste-sudeste, aproximadamente 112 graus na bússola, **que não é o lugar onde o Sol vai nascer em 25 de dezembro**. Conforme a noite vai continuando, essa linha vai varrendo todo o horizonte leste e sul. Em 24 de dezembro, por volta de 21 h 30 min do horário local de Jerusalém (nem sequer cinco horas depois do pôr do sol), a linha já varreu a bússola de aproximadamente 112 graus para aproximadamente 135 graus. Portanto, **tal alegação é astronomicamente sem significado, uma vez que podem ser referenciados vários marcos ou pontos distintos por meio da linha projetada por Órion e Sirius, a qual vai se movendo com o tempo**. Se a referência para que Sirius e o Cinturão de Órion apontem para o nascer do sol for o momento em que aparecem no céu, o fato é que tais estrelas simplesmente não apontam para o nascer do sol – elas só vão apontar para o nascer do sol em algum momento em que a linha varrer os 23 graus da bússola. **Simplesmente não se pode confiar no apontamento da linha projetada por Sirius e o Cinturão de Órion para se encontrar o local de nascimento do Sol em 25 de dezembro, uma vez que o Sol pode se encontrar em qualquer local da varredura da linha – com esse artifício, não é possível prever onde o local do nascer do sol ocorrerá.**

E, durante a pausa de três dias, o Sol reside na vizinhança do Cruzeiro do Sul, ou *CruX*, constelação. (“Zeitgeist”, 22:21).

A implicação dessa alegação é que o Sol (Jesus) parando na “cruz dos céus” (a constelação Cruzeiro do Sul ou *CruX*) é um paralelo com a crucificação de Cristo, sendo que ele esteve morto por três dias (os dias em que o Sol “parece não se mover”). **Tal alegação é completamente falsa.**

Lembre-se que, anteriormente, identificamos o fato de que o Sol segue uma linha conhecida como eclíptica. **Isso nunca muda – o Sol sempre segue a eclíptica.** Como exemplo, pode-se verificar a visão da posição da eclíptica, vista de Jerusalém, nos dias 22 de dezembro de 2008 a.C. e 22 de dezembro de 2008 d.C. O Cruzeiro do Sul, ou *CruX*, está presente em 2008 a.C., mas não em 2008 d.C. em decorrência da precessão planetária. **Mas o que realmente importa é que a localização da eclíptica nunca está nas proximidades do Cruzeiro do Sul ou *CruX*.** Na verdade, de 2008 a.C. a 2008 d.C., **o Sol está na vizinhança de Sagitário.** Esteve por ali há 4.000 anos. **Essencialmente, nosso planeta teria que praticamente “virar do outro lado”, ou cair mais de 40 graus fora da órbita, a fim de que o Sol resida nas imediações do Cruzeiro do Sul ou *CruX*.**

E, por volta de 22 de dezembro, o desaparecimento do Sol foi totalmente realizado, pois o Sol, tendo se movido para o sul continuamente por seis meses, fez disso seu ponto mais baixo no céu. Aqui ocorre uma coisa curiosa. O Sol para de se mover em direção ao sul, pelo menos perceptivelmente, por três dias [então aparece a legenda: “22, 23 e 24 de dezembro”]. (“Zeitgeist”, 21:45).

A implicação de tal alegação é que o Sol (Jesus) fica parado por três dias, ou seja, “morre por três dias”. Seria um paralelo com a morte e ressurreição de Cristo, um evento de “três dias”. No entanto, **a lógica dessa alegação é falha.**

A Terra segue uma órbita elíptica em torno do Sol. O solstício de inverno (o ponto onde o Sol está mais baixo no céu), no caso do hemisfério norte (onde se situa Jerusalém), acontece quando a Terra atinge o ponto mais distante na elipse (tecnicamente conhecido como a extremidade do eixo maior da elipse) a partir do Sol, com o polo norte inclinado para longe do Sol. Em contraste, o solstício de verão ocorre na extremidade oposta da elipse (a extremidade oposta do eixo maior) quando o polo norte está apontando para o Sol. **O problema inicial é que a Terra não segue nosso calendário – o solstício de inverno pode ocorrer em qualquer momento entre 20 a 23 de dezembro, dependendo da localização.** A título de exemplo, o solstício de inverno de Jerusalém para o ano de 2008 d.C. ocorreu em 21 de dezembro às 0 h 04 min (GMT) e, em 22 de dezembro de 2007 d.C., ocorreu às 6 h 08 min (GMT).

Por uma questão de simplicidade, digamos que o Sol sempre atinge seu ponto mais baixo no céu, ou seja, o solstício de inverno, em 22 de dezembro. A alegação declara que uma “coisa curiosa” acontece: o Sol percebivelmente não se move por três dias, ou seja, “fica parado” em 22, 23 e 24 de dezembro. Se considerarmos que 22 de dezembro é o dia em que a Terra atinge o final do eixo maior da elipse que marca o solstício de inverno, e que o movimento continuado da Terra ao longo da elipse é percebivelmente tão pequeno que o Sol parece “parar de se mover” nos dias 22, 23 e 24, então **temos que considerar que o Sol também pareceria “parar de se mover” nos dias 20 e 21 de dezembro.** Portanto, **pela lógica da alegação, a morte e ressurreição de Jesus deveria ter sido um evento de cinco dias, e não de três.** Além do mais, os evangelhos deixam claro que Jesus não estava no túmulo por três dias inteiros, apenas parte de sexta-feira, sábado, e parte do domingo (ele se ergueu do túmulo no terceiro dia).

Em resumo, um não cristão identificado como Virtual Bill usou o programa “Starry Night” para reproduzir os padrões astronômicos que supostamente teriam sido usados pelos autores dos evangelhos para inventar Jesus. Mas a reprodução dos padrões astronômicos simplesmente não corresponde às alegações do filme Zeitgeist.

9.8. RESPOSTAS CONTRA ALEGAÇÕES DO ZEITGEIST

Não refutaremos todas as alegações que usam mitologia pagã e astroteologia contra a Bíblia neste estudo. No entanto, a seguir, apresentaremos uma coletânea de pontos válidos do Dr. Ben Witherington a respeito de alegações envolvendo a religião egípcia e questões astroteológicas que são usadas contra a Bíblia, as quais foram popularizadas principalmente pelo filme Zeitgeist [53]. Ben Witherington é professor do Novo Testamento no

Asbury Theological Seminary em Wilmore, Kentucky. Ele é considerado um dos principais estudiosos do evangelho no mundo e é membro de uma sociedade dedicada a estudos do Novo Testamento.

1. O pensamento egípcio era politeísta e desprezado pelos judeus antigos. Aquilo que é discutido no Livro dos Mortos e em outros lugares na literatura egípcia é uma vida após a morte em outro mundo, não o retorno a este mundo no mesmo corpo.
2. Não há nenhum indício de qualquer influência direta da religião egípcia, por si só, no Antigo Testamento ou no Novo Testamento. Você não vai encontrar seminários no encontro nacional SBL sobre como a religião zoroastriana e a religião egípcia explicam tudo o que precisamos saber sobre as origens da religião bíblica. O que você pode encontrar na Bíblia é a desconstrução de mitos de outras culturas, ou melhor, a desmitificação de tais materiais.
3. George Earnest Wright de Harvard costumava salientar que os judeus não foram, em geral, um povo criador de mitos – eles fundavam suas histórias na história, particularmente, a história da salvação. Quando eles usaram imagens mitológicas (como a imagem do grande monstro do mar Leviatã), usaram-nas em formas históricas para fins históricos (por exemplo, Apocalipse 12).
4. Certos teóricos do “copiado e colado”, como os criadores do filme *Zeitgeist*, não se incomodaram em consultar nenhum comentarista perito nos textos hebraicos ou gregos da Bíblia. Eles simplesmente citaram a versão King James. O filme é baseado em pesquisa fraca que, na verdade, não tem um entendimento histórico sobre Jesus e as origens do cristianismo.
5. É parcialmente verdadeiro que culturas sempre têm personificado e antropomorfizado o Sol e as estrelas, mas certamente não é uma explicação para as origens da religião hebraica, a qual criticava a adoração a deuses sol e deuses lua, negava que havia várias divindades nos céus, e ridicularizava a noção de que as estrelas eram deuses que controlavam os destinos das pessoas. No Antigo Testamento você vai notar que o Sol e a Lua são vistos como controlados por Deus.
6. Quando aparece o assunto de “filhos de Deus” e o “único Deus verdadeiro”, a frase em Gênesis 6 refere-se possivelmente aos desobedientes que se acasalam com as mulheres humanas. Mais tarde, no Antigo Testamento, refere-se ao rei e, finalmente, ao último grande rei – o Messias. O ponto é que não há absolutamente nada nisso que seja remotamente próximo da ideia de adoração do Sol, ou de ver o próprio Sol como uma divindade.
7. Não há nenhuma razão para associar a palavra *sun* (“sol”, em inglês) com a palavra *son* (“filho”, em inglês), e simplesmente misturar todas as ideias sobre ambos na antiguidade. Um pensamento sincretista está no centro do filme *Zeitgeist*, o que leva a grandes distorções de história religiosa.
8. A análise da mitologia egípcia no filme *Zeitgeist* tem poucas coisas certas. Toma a maior parte da história de Hórus incorretamente. Afirma o que o mito de Hórus diz que ele nasceu no dia 25 de dezembro, que nasceu de uma virgem ou concepção virginal, que havia uma estrela no oriente, que ele foi adorado por reis, que ele era um professor na idade aos 12 anos. Essa desinformação é refutada pela análise das fontes adequadas.
9. O filme *Zeitgeist* é culpado de falsamente misturar juntas várias religiões diferentes, as quais se desenvolveram em grande parte regionalmente e independentemente uma da outra. Ele falsificou as alegações feitas nos mitos egípcios. Ironicamente, ele fez um desserviço a todas as religiões.
10. Outros erros notórios na apresentação de Hórus no *Zeitgeist*: ele não foi chamado o “Cordeiro de Deus”, não foi crucificado e ressuscitado, nem mesmo no mito.
11. A história de Hórus é, naturalmente, a história do “renascimento do Sol no Oriente” e baseia-se nos ciclos da natureza, não em quaisquer alegações históricas, ao contrário da história de Jesus. A história de Hórus não inclui muitos dos elementos afirmados no *Zeitgeist*.

12. Não é verdadeiro que se acreditava que todas as divindades abordadas no *Zeitgeist* nasceram no dia 25 de dezembro. De qualquer forma, a Bíblia nunca diz, ou mesmo sugere, que Jesus tivesse nascido em tal data.
13. Também não é verdadeiro que todas as histórias dos deuses abordados no *Zeitgeist* têm basicamente os mesmos elementos e o mesmo padrão. O filme distorceu as religiões do mundo em geral.
14. O *Zeitgeist* leu a história de Jesus voltando-se para as histórias mitológicas e, em seguida, afirmou que a história de Jesus vem dessas outras histórias. Isso é história ruim e análise religiosa ruim.
15. Até onde o Dr. Ben Witherington sabe, não há nenhuma história datada de antes da época de Jesus que tenha a maioria dos elementos específicos da sua história: concepção virginal, crucificação e ressurreição corporal de um divino Filho de Deus.
16. Os hebreus já tinham uma religião quando eles foram para o Egito, tanto no tempo de José quanto no tempo de Moisés. Especialistas na antiga religião hebraica (por exemplo, “Ancient Israel” de Roland DeVaux) demonstram que as diferenças são consideráveis entre uma religião monoteísta ou henoteísta, baseada em pessoas históricas e ações, e a mitologia egípcia, fundamentada nos ciclos da natureza, no nascer e o pôr do sol, nos movimentos das estrelas. Veja, por exemplo, o antigo poema no Salmo 8 – o Sol, a Lua e as estrelas são vistos como obras dos dedos de Deus, como uma criança moldando coisas a partir de massa de modelar. O Deus da Bíblia é um Deus da criação, aquele que fez todas as coisas que existem. Nesse mesmo salmo (Salmo 8), vemos que os seres humanos são a coroa da criação de Deus, criados à imagem de Deus. Note a teologia anti-anthropomórfica aqui: Deus não é o Sol, ele não tem um filho que é o Sol, de fato a criação é simplesmente algo que o único e verdadeiro que Deus fez. A parte mais importante é que isso dessacraliza a natureza. A natureza não é uma deusa ou deusas, não é divina (Romanos 1:20-25).
17. A ideia judaico-cristã sobre o mundo e suas criaturas é a base da ciência moderna, que assume que a criação não é Deus e, portanto, não é “contaminada” por serem realizadas investigações, exames científicos, experiências, etc. Quem persiste na tentativa de retratar a religião bíblica como “anticiência” não conhece nem as origens da religião bíblica nem as origens da ciência moderna.
18. O trabalho acadêmico sobre a estrela no oriente, se for histórico, centra-se na conjunção de planetas, especificamente Júpiter e Vênus. Ele não se centra em Sirius, a estrela do cão. Belém certamente significa “casa do pão”, mas isso não tem nada a ver com a constelação de Virgo, que de fato é a abreviação de virgem – tem a ver com essa região ser fértil o suficiente para suportar tanto grama como trigo e, portanto, pastores e agricultores (isto é, o “Crescente Fértil” ao longo do Nilo). O nome da mãe de Jesus é “Miryam” – como a irmã de Moisés, “Miriã”. Maria, ou Mary, é simplesmente a forma de nossos idiomas se referirem a esse nome.
19. A tentativa de explicar as origens da história da morte e ressurreição de Jesus na base do solstício de inverno e no que acontece de 22 a 25 de dezembro é risível. Os evangelhos deixam claro que Jesus não estava no túmulo por três dias inteiros, apenas parte de sexta-feira, sábado e parte do domingo (ele se ergueu do túmulo no terceiro dia). Se fosse realizada uma tentativa pelos evangelistas para conformar esse fato a alguns fenômenos ou padrões astroteológicos, isso seria inexplicável.
20. Não existe uma associação no Novo Testamento da morte ou da ressurreição de Jesus com o solstício de inverno, ou com o que acontece em seguida. A história do nascimento, morte e ressurreição de Jesus absolutamente não é contada à luz de tal linha de pensamento. Na verdade, a noção de ressurreição corporal existia no judaísmo antes da época de Jesus (ver, por exemplo, “Resurrection of the Son of God” de N. T. Wright) e não foi inventada à luz da astroteologia ou de qualquer outra religião baseada em natureza.
21. Religiões baseadas na natureza se baseiam no ciclo das estações do ano e se focam em deuses da fertilidade. Isso é muito diferente de religiões baseadas em história e revelação ou profecia. A lógica

sincretista do filme *Zeitgeist* não permite que existam diferentes tipos de religiões do mundo com origens diferentes.

22. Os doze discípulos não representam as doze constelações do zodíaco. Havia essa pequena entidade chamada “as doze tribos de Israel” voltando-se para Jacó e seus 12 filhos. Essas histórias em Gênesis absolutamente não são astroteológicas em caráter, são explicações das origens históricas de um povo. Os doze discípulos são escolhidos por Jesus (Mateus 10), não porque ele era um contemplador das estrelas, mas porque ele estava tentando “reformatar”, e de fato “reformou”, Israel. Os doze discípulos representam as doze tribos de Israel, e Jesus prometeu que eles estariam sentados em doze tronos para julgar aquelas doze tribos. Mais uma vez, esse é o pensamento histórico e escatológico – o pensamento não é astroteológico. A afirmação de que “a Bíblia tem mais a ver com a astroteologia do que qualquer outra coisa” só pode ser chamada de um erro de categoria.
23. Claramente, os criadores do *Zeitgeist* não têm feito qualquer trabalho de estudo dos vários gêneros de literatura bíblica, o qual poderia ter sido feito a partir de qualquer introdução padrão à Bíblia, e nem mesmo de material escrito por agnósticos e céticos.
24. As origens do símbolo da cruz não são derivadas da cruz imposta no círculo dos doze signos astrológicos do zodíaco. Considere o padrão mais básico do zodíaco antigo que temos, por exemplo, o chão da sinagoga em Séforis: os judeus, como quaisquer outros grupos de povos agrários, estavam interessados no tempo e nas estações. Encontramos um padrão de cruz? Não. Os criadores do *Zeitgeist* não têm feito nenhuma obra histórica de primeira mão sobre antigos símbolos do zodíaco – eles simplesmente acreditaram em ideias bobas, embebidos de várias fontes desatualizadas e inexatas.
25. A origem do símbolo da cruz, é claro, deriva da prática romana da crucificação, não de algum suposto padrão astroteológico. Jesus morreu em 30 d.C. em uma cruz fora de Jerusalém, uma vítima da injustiça romana.
26. Alega-se que “Jesus Cristo, Filho de Deus, foi criado em 1 d.C. sobre o começo de uma nova era ou ciclo astrológico, após a era do Carneiro.” No entanto, Jesus nasceu entre 2 a 6 a.C., não em 1 d.C., e sabemos disso porque Jesus nasceu enquanto Herodes, o Grande, ainda era rei da “terra santa”. Os registros são claros: Herodes morreu em torno de 2 a.C. Portanto, Jesus tinha que ter nascido antes disso.
27. O nascimento de Jesus, certamente, não inaugurou a era de Peixes ou o peixe – o símbolo do peixe vem a partir do valor gemátrico da palavra grega *ICHTHUS* – com cada letra significando uma palavra, nesse caso, *Insous, Christos, Theos, Huios e Soter* – Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.
28. Será que Moisés representa a nova era de Áries? Não. O bezerro de ouro foi uma tentativa de adorar a constelação de Touro? Não. Será que os israelitas usaram uma corneta de chifre de carneiro porque Moisés jogou as tábuas da lei abaixo, desgostoso com a adoração de Touro, inaugurando assim a era de Áries? Moisés ficaria surpreso ao ouvir isso.
29. Os espectadores de um filme como o *Zeitgeist*, em uma cultura “assombrada por Jesus” que é bíblicamente analfabeta, precisam verificar tudo cuidadosamente (conforme 1 Tessalonicenses 5:21 e 1 Pedro 3:15), especialmente bizarras alegações históricas e religiosas.

9.9. COM O QUE UMA RELIGIÃO COPIADA E COLADA DEVERIA SE PARECER?

É necessário considerar quais seriam as motivações por trás de uma metodologia de “copiar e colar” ao ser inventada uma religião. Por que, por exemplo, o Livro de Jó da Bíblia, claramente escrito centenas de anos antes de Cristo, e possivelmente no segundo milênio antes de Cristo, iria contradizer todas as crenças populares da sua época? Ele descreve a terra como “estando em espaço vazio e suspensa no nada” (Jó 26:7).

É duvidoso que “espaço vazio” era entendido antigamente como nós entendemos agora, mas considere as crenças vizinhas nas quais se alega que Israel “copiou e colou” para montar sua religião. **Se as Escrituras meramente refletissem as crenças populares de seu tempo, deveriam ter descrito a terra como as costas de um**

elefante incrivelmente grande, ou tartaruga. Mas, ao invés disso, as Escrituras contêm uma percepção que não foi seriamente considerada pelo mundo até literalmente milhares de anos depois.

Se a religião de Israel fosse derivada de seus contemporâneos, devia ter abraçado o sexo ritual, politeísmo, divindades masculinas e femininas companheiras e adoração de ídolos. Contudo, a qualquer momento em que a nação de Israel começasse a se envolver em tais coisas, os profetas de Deus veementemente condenariam a adoção de tais práticas.

Se a religião de Israel realmente fosse uma religião “copiada e colada” das outras religiões de seus contemporâneos, e se também apenas refletisse as culturas ao seu redor, **deveria ter exibido todas essas coisas. Mas não exibiu.** Em adição a isso, **há também elementos da religião de Israel que definitivamente não deveriam ter existido se ela fosse meramente derivada das outras.** Entre eles se incluem a **afirmação de um único Deus, cujo caráter é santo, que sacrifica a si mesmo pelos outros, que não é sujeito à ganância e lascívia como o homem, e que expressa mandamentos contra a confecção de ídolos.**

Na verdade, essas características únicas da religião de Israel, bem como o nível de exatidão e a percepção dentro das Escrituras, são apenas alguns de muitos exemplos de como **o cristianismo pode ser provado como consistente, coerente, e inexoravelmente ligado à história registrada, pessoas reais e fatos verificáveis.**

9.10. POR QUE NÃO DEVEMOS NOS SURPREENDER COM SIMILARIDADES? [54]

Céticos alegam que Jesus era simplesmente uma criação mitológica do passado, formado e modelado a partir dos deuses mitológicos que o precederam. Ainda que Bart Ehrman (o proeminente cético e estudioso da Bíblia) tenha concluído que Jesus realmente existiu, muitos outros céticos continuam a argumentar contra essa conclusão. Em um esforço para apoiar o caso de que Jesus seja simplesmente uma recriação de divindades anteriores, muitos têm referenciado semelhanças entre ele e seus supostos antecessores imaginários. Enquanto essas semelhanças são sempre exageradas, é justo refletir por que podem existir algumas semelhanças entre Jesus e as mitologias antigas com as quais ele é muito frequentemente comparado.

Realmente, não deveríamos nos surpreender que possam haver semelhanças entre Jesus e as divindades imaginadas antes de sua vinda. É razoável visionar algo que mais tarde se torne uma realidade (mesmo que apenas em parte), e existem bons exemplos da história para ilustrar isso.

Um homem chamado Morgan Robertson, por exemplo, escreveu certa vez sobre um transatlântico britânico que tinha cerca de 800 pés de comprimento, pesava mais de 60.000 toneladas e podia transportar cerca de 3.000 passageiros. O navio tinha uma velocidade de cruzeiro de 24 nós, três hélices, e cerca de 20 botes salva-vidas. Esse transatlântico colidiu com um *iceberg* em sua viagem inaugural no mês de abril, rasgando uma abertura no lado estibordo, e afundou juntamente com cerca de 2.000 passageiros. Outra pista: o nome do navio foi escrito T-I-T-A-N... Parando por aqui, é bem provável que o navio fosse reconhecido como sendo o Titanic. Mas não é o Titanic. Embora a descrição seja assustadoramente semelhante ao Titanic, o navio descrito por Robertson é o **Titan**, um navio fictício de seu livro “The Wreck of the Titan” (também chamado “Futility”), publicado pela Buccaneer Books (Cutchogue, Nova York) em 1898. **Esse livro foi escrito 14 anos antes do desastre do Titanic ter ocorrido e vários anos antes da construção do Titanic ter sido iniciada.**

Morgan não era o único que parecia ser capaz de visionar o futuro: na década de 1880, o bem conhecido jornalista inglês W. T. Stead também escreveu um relato de um transatlântico afundando no meio do Atlântico e, por volta de 1882, tinha adicionado o detalhe de que um *iceberg* seria a causa do desastre.

Esses autores não estavam sozinhos em sua visão do futuro. Muitos potenciais passageiros do Titanic cancelaram seus bilhetes na última hora, citando premonições de que o navio iria sofrer um destino semelhante.

Como todas essas pessoas foram capazes de visionar com tanta exatidão o destino do Titanic? Como poderia Robertson descrever um “Titanic” com tal nível de exatidão? É razoável imaginar que essas pessoas tenham observado o mundo ao redor delas, pensado nas possibilidades, examinado a história da construção naval que conduziu àquela era e, com exatidão, imaginaram aquilo que o Titanic algum dia se tornaria.

Vamos avançar mil anos e imaginar que estamos a examinar a verdade histórica do Titanic. Se descobríssemos a história de Robertson sobre o Titan, poderíamos dizer: “Espere um instante, essa história sobre o Titanic é uma mentira! Ela é apenas uma recriação de uma obra de ficção de um navio chamado Titan!” Não seria prudente parar por aí. Seria melhor avaliar a evidência relacionada com a existência do Titanic, ler os relatos de testemunhas, estudar o impacto que o evento teve na história e, só então, tomar uma decisão sobre o evento. Uma ficção anterior não deveria parar a busca pela verdade.

As semelhanças entre o Titan e o Titanic são muito maiores do que as semelhanças entre qualquer “deus mitológico pré-cristão” e o Jesus descrito nas páginas da Bíblia. Não seria surpreendente que os antigos sonhassem e ansiassem por uma melhor compreensão do Deus do universo. A Bíblia afirma que Deus colocou a sua verdade moral em nosso coração (Romanos 2:14-15) e que deixou sua existência evidenciada com a maravilha do mundo criado ao nosso redor (Romanos 1:18-19). Portanto, é razoável que homens e mulheres pensassem, imaginassem e ansiassem a respeito da natureza de Deus, mesmo antes de ele ter sido revelado na Bíblia. Aliás, o ser humano conheceu a Deus desde o início, pois ele se revelou a Adão. **É possível esperar que as mitologias suportem uma semelhança com a realidade de Deus, assim como o Titan se assemelhou ao Titanic.**

9.10.1. EXPECTATIVAS RAZOÁVEIS SOBRE A DIVINDADE

Embora as semelhanças entre Jesus e os “divinos” personagens mitológicos que o precederam sejam exageradas, devemos esperar alguns paralelos entre Jesus e as criações imaginativas daqueles que viveram antes da aparição de Jesus na Terra. **Como os povos antigos consideraram a existência de um criador, uma série de inferências razoáveis certamente deve ter guiado a fabricação de suas divindades mitológicas.** Considere as seguintes conclusões razoáveis em que se poderia chegar ao se pensar sobre a possível existência de um criador:

1. Um deus criador seria incrivelmente poderoso e provavelmente emergiria em nosso mundo de uma forma que desafia a ordem natural das coisas.
2. Um deus criador teria o poder de fazer milagres e controlar as forças do ambiente natural.
3. Um deus criador, se quisesse que o conhecêssemos, provavelmente nos forneceria algum tipo de mediador.
4. Um deus criador, se estivesse para vir à Terra, certamente chamaria a atenção para si mesmo, reunindo discípulos.
5. Um deus criador seria poderoso o suficiente para vencer a morte.
6. Um deus criador gostaria de salvar seus filhos e vir em seu socorro, particularmente se eles estiverem enfrentando uma ameaça eterna.
7. Um deus criador, se nos ama, provavelmente tornaria possível para nós nos juntarmos a ele em sua vida eterna.
8. Um deus criador teria infinita sabedoria e seria o mestre de nossas vidas.

Todas essas expectativas são razoáveis. Se existe um deus, podemos sensatamente esperar que ele possua essas características. Então, não deveríamos nos surpreender quando encontramos descrições mitológicas antigas de deuses pré-cristãos que emergem no mundo natural de alguma forma não natural, realizando ações milagrosas, intervindo com mediadores, reunindo discípulos, derrotando a morte, resgatando aqueles que creem neles, fornecendo um caminho para a vida eterna e servindo como fonte de toda a sabedoria. É de se esperar que aqueles que estão sonhando e pensando em Deus descrevessem essas características comuns nos deuses que eles criam – essas características emergem de expectativas razoáveis. Isso é, em grande parte, a razão pela qual existem algumas semelhanças entre mitologias antigas e Jesus.

Paulo reconheceu essa inclinação para criar deuses a partir de nossas expectativas. Dirigindo-se ao povo de Atenas, no Areópago, há cerca de dois mil anos antes do presente, ele disse aos seus ouvintes que, enquanto eles

tinham imaginado a natureza de Deus, há, na verdade, um verdadeiro Deus, Jesus Cristo, que veio ao mundo e excedeu suas expectativas:

Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e **encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio.** O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. **Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo,** embora não esteja longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele.’ Assim, **visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem.** No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.” (*Atos 17:22-31, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo pareceu reconhecer que Deus tinha uma resposta para aqueles que têm sonhado a respeito de sua natureza. Deus estava ciente de todas as mitologias que precederam sua verdadeira aparência. Ele estava consciente dos sonhos e expectativas desses povos antigos. Ele sabia como eles tinham formado seus deuses. Não deveria nos surpreender, então, que Deus acabaria por aparecer e provar que ele era o único e verdadeiro Deus, cumprindo as nossas expectativas, ponto por ponto, e então superasse dramaticamente essas expectativas em uma demonstração de poder e glória.

Nas palavras de Paulo no Areópago, pode-se ouvir algo como um “eco distante de encorajamento” de Deus – algo como: “Eu sei que vocês já me imaginaram sendo de uma determinada maneira. Em uma pequena medida vocês imaginaram corretamente. De muitas outras maneiras vocês estiveram muito longe da marca. Deixe-me mostrar a vocês quem eu sou. Observem como satisfaço todas as expectativas que vocês tinham sobre a minha natureza. Deixem-me assegurar e apontar a vocês a vida milagrosa que vivi entre vocês. Deixem-me mostrar a vocês como os resgatei de uma maneira que vocês nunca poderiam ter sonhado.”

No final, Paulo destacou a confirmação de testemunhas oculares da ressurreição de Cristo, em um esforço para convencer os atenienses que Jesus era o único e verdadeiro Deus que satisfaz as suas expectativas. Jesus foi descrito como o verdadeiro Deus que iria julgar o mundo com justiça, e Paulo disse que Deus havia dado provas disso a todos, ressuscitando-o dos mortos. **Como sabemos que Jesus não é apenas mais uma criação mitológica de homens mais antigos que tiveram expectativas razoáveis? Porque, de acordo com Paulo, temos relatos de testemunhas oculares confiáveis relacionados com a ressurreição.** Examinaremos isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

9.10.2. AS MITOLOGIAS FALHAM EM PROVAR QUE JESUS É UM MITO

De uma forma geral, ao serem seguidos os passos a seguir, pode-se compreender o sentido das evidências:

1. Ver a mitologia mais de perto.
2. Ver a estratégia mais de perto.
3. Ver as expectativas mais de perto.
4. Ver a influência mais de perto.
5. Considerar a natureza confiável das testemunhas oculares nos evangelhos.

Ver a mitologia mais de perto. Mitologias pré-cristãs são muito menos parecidas com a história de Jesus Cristo do que os críticos alegam. Os deuses da mitologia não nasceram de uma virgem da mesma forma que Jesus nasceu de Maria, eles não viveram uma vida que era semelhante à vida de Jesus, eles não tinham a grande maioria

dos títulos atribuídos a Jesus, e eles não foram ressuscitados de uma forma que seja remotamente semelhante à ressurreição de Cristo. Mitologias primitivas simplesmente deixam de “ser tão parecidas” com o relato bíblico de Jesus quando são examinadas de perto.

Ver a estratégia mais de perto. Os críticos tipicamente “catam as cerejas” dos atributos mitológicos de uma variedade de deuses pagãos e exageram as semelhanças para criar um perfil que se torne semelhante ao de Jesus. Eles procuram semelhanças singulares com o Cristo da Bíblia e, em seguida, montam essas semelhanças de uma variedade de deuses abrangendo os séculos e originados de diversas regiões geográficas (como se os “criadores do conto de Jesus” [tivessem tido acesso a essas mitologias](#) em primeiro lugar...). Dada essa estratégia, praticamente qualquer pessoa da história pode ser uma recriação de personagens anteriores, quer sejam fictícios ou históricos. Não há mitologia prévia significativamente semelhante a Jesus.

Ver as expectativas mais de perto. Muitas das alegadas semelhanças são de natureza geral e seriam esperadas de qualquer um que considerasse a existência de Deus. As culturas primitivas que estavam interessadas na natureza de Deus raciocinaram que um deus tem que ter a capacidade de realizar milagres, ensinar os seres humanos e formar discípulos. São exemplos de [expectativas universais](#) como esses que falham em invalidar a historicidade de Jesus. Como Paulo reconheceu no Areópago (Atos 17:22-31), os homens pensaram profundamente sobre a natureza de Deus antes da sua chegada como Jesus. Às vezes eles imaginavam os detalhes corretamente, mas muitas vezes não.

Ver a influência mais de perto. Não é razoável acreditar que “conspiradores cristãos” criariam uma história concebida para convencer judeus de que Jesus era Deus por meio da inserção de elementos mitológicos pagãos na narrativa. O judaísmo é uma religião unicamente monoteísta e o Deus do judaísmo fornece proibições rigorosas contra a adoração de deuses pagãos, adoração e consulta de corpos celestes, bem como a qualquer tipo de feitiçaria e necromancia. Não é razoável pensar que os autores do Novo Testamento iriam utilizar mitologia pagã, astrologia ou astroteologia em uma tentativa de influenciar os aderentes do judaísmo. Esse tipo de abordagem é espúrio.

Considerar a natureza confiável das testemunhas oculares nos evangelhos. Há razões suficientes para acreditar que a história de Jesus é confiável, mesmo que existam algumas similaridades entre Jesus e mitologias pagãs. As evidências das datações antigas dos evangelhos, a corroboração das suas alegações, a transmissão confiável de seu conteúdo e a ausência de tendências fraudulentas por parte dos seus autores – coisas que abordamos no segundo estágio deste estudo (integridade) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade) – fornecem razões suficientes para acreditar que eles, com exatidão, descrevem a vida, morte e ressurreição de Jesus. Mitologias anteriores não foram escritas como história verdadeira e nem sequer consideradas como tal. O relato bíblico de Jesus é um registro histórico confiável.

Ao ser estudada a verdade sobre alegadas semelhanças entre Jesus e antigas mitologias pré-cristãs de “salvadores que morrem e ressuscitam”, nota-se que tais semelhanças são exageradas e têm base na promoção seletiva das expectativas comuns de culturas que contemplavam a natureza de Deus. **A antiga audiência pública dos autores judeus dos evangelhos nunca teria aceitado elementos pagãos**, e a natureza dos evangelhos pode ser estabelecida além de dúvida razoável.

Quanto mais se examina a natureza dos deuses que eram adorados antes de Jesus, mais se nota suas diferenças, bem como a desonestidade daqueles que os comparam com Jesus. Semelhanças são apenas uma parte da investigação. A avaliação correta não pode ter em vista apenas as similaridades, mas também as diferenças.

Falando em diferenças, há ainda uma questão final quanto ao assunto: **o tratamento e expiação de pecados**. Que mitologia pagã aborda a questão do pecado e sua expiação como o cristianismo o faz? Nenhuma. **O pecado é a razão de toda a desgraça da humanidade**. Uma forma diferente de “pecado” pode ter sido conhecida pelos outros povos, mas o termo “pecado” denota o não cumprimento da vontade de Deus e gera a [morte espiritual](#).

Os outros deuses não expiavam pecados, pelo menos não da forma que é abordada no cristianismo. Até mesmo a concepção de sacrifícios antigos oferecidos aos deuses era diferente. Por exemplo, para pagãos, sacrifícios

eram vistos até mesmo como “comida para os deuses”. Já para os hebreus, [sacrifícios eram para a expiação de pecados](#).

Uma ideia pagã típica da avaliação sobre “quem iria para um paraíso” era a pesagem dos seus “atos bons” e dos seus “atos maus” em uma balança: quem tivesse os atos pesando mais para o “lado bom” iria para o paraíso. O cristianismo demonstra que [ninguém é digno de herdar o paraíso sem a justificação de Deus, não importa o quão “bom” esse alguém seja](#).

9.10.3. A MOTIVAÇÃO POR TRÁS DAS MITOLOGIAS

É realmente possível que alguém possa imaginar algo que posteriormente torna-se realidade, mesmo que apenas em parte. Constatamos que um homem chamado Morgan Robertson escreveu certa vez sobre um [transatlântico britânico chamado Titan](#), o qual é muito parecido com o Titanic, antes que o Titanic tivesse sua construção iniciada.

Há algo no coração do homem que o leva a buscar a Deus e tentar o seu melhor para tentar entendê-lo e conhecê-lo? Há algo no coração de todo homem que o encoraja a sonhar e imaginar mitologias sobre Deus, assim como ele poderia imaginar um navio como o Titanic? A Bíblia certamente sustenta que Deus tem colocado a verdade de sua existência no mundo ao nosso redor:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, **pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis.** (*Romanos 1:18-20, “Nova Versão Internacional”*).

A Bíblia também diz que Deus tem nos dado uma consciência que testifica de sua existência:

Todo aquele que pecar sem a Lei, sem a Lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado. Porque não são os que ouvem a Lei que são justos aos olhos de Deus; mas os que obedecem à Lei, estes serão declarados justos (de fato, quando os gentios, que não têm a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a Lei; **pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os**). Isso tudo se verá no dia em que Deus julgar os segredos dos homens, mediante Jesus Cristo, conforme o declara o meu evangelho. (*Romanos 2:12-16, “Nova Versão Internacional”*).

Por que deveríamos nos surpreender que pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus teriam uma mente e um coração que sonha com a natureza do criador? Se Deus tem colocado a sua verdade moral no coração das pessoas e indicado sobre a sua existência com a maravilha do mundo criado ao nosso redor, é razoável que, mesmo antes de qualquer coisa ser diretamente revelada na Bíblia, homens e mulheres pensassem, imaginassem e sonhassem a respeito de natureza de Deus, assim como alguns pensaram sobre grandes transatlânticos.

É de se esperar, portanto, que mitologias carregassem uma semelhança com a realidade da natureza de Deus, assim como o Titan pareceu com o Titanic, uma vez que ela foi revelada. Pensemos sobre o raciocínio e a motivação dos criadores de mitologias. Eles argumentaram com a noção de Deus, com base no que viram em seu meio ambiente e nas sementes da consciência de Deus plantadas em seu coração, e decidiram que, se existe um Deus, ele:

1. Deve ser de alguma forma diferente da ordem natural que ele criou.
2. Pode aparecer em sua ordem natural de uma forma sobrenatural.
3. Nos ama o suficiente para juntar para si mesmo discípulos que continuariam a compartilhar a verdade com os outros.
4. Deve ter o poder de realizar milagres e controlar as forças do meio ambiente natural.

5. Deve ser poderoso o suficiente para derrotar a morte.

6. Deve ter poder e majestade que justificam o fato de ter títulos que refletem sua natureza.

Essas seis motivações certamente contribuíram para o pensamento daqueles que originalmente criaram mitologias. Como humanos, podemos avaliar o ambiente ao nosso redor e formar uma noção razoável sobre o Deus que o criou. É interessante observar que Deus eventualmente satisfaz e superou as expectativas daqueles que tentavam determinar a divindade. Jesus é tudo o que se poderia esperar, e ainda mais: ele é poderoso e desafiou a expectativa natural após a sua emergência em nosso mundo. Ele ama os seres humanos suficientemente para juntar para si mesmo discípulos que continuarão a compartilhar a verdade com os outros. Ele tem o poder para realizar milagres e controlar as forças do meio ambiente natural. Ele é poderoso o suficiente para derrotar a morte. Seu poder e majestade justificam o fato de ele ter títulos que refletem sua natureza.

Cristo satisfaz a expectativa que os primeiros buscadores de Deus tiveram e excede as suas expectativas em todos os sentidos. Isso realmente não deveria nos surpreender, porque Paulo disse a mesma coisa quando ele estava dirigindo-se ao povo de Atenas no Areópago. Ele disse que, [enquanto sua audiência imaginava a natureza de Deus, há, na verdade, um Deus verdadeiro que veio ao mundo e superou as suas expectativas.](#)

Deus não estava desinformado de todas as mitologias que precederam o aparecimento de Jesus Cristo. Ele sabia tudo o que as diferentes culturas tinham imaginado sobre ele. Ele viu como elas tinham moldado os seus deuses. Ele sabia como elas tinham descrito os deuses com poderes e habilidades miraculosas. Por que deveria nos surpreender que Deus eventualmente apareceria e provaria para a humanidade que ele era o único Deus verdadeiro ao atender às expectativas dos humanos, ponto por ponto, superando essas expectativas ao longo do caminho?

Talvez seja por isso que, na longa linhagem de mitologias e descrições de Deus, Jesus “completa a lista”. Não há mitologias significativas que realmente sejam como Jesus. É possível que Deus tenha decidido que o tempo em que ele havia tolerado tal ignorância estava completo, então ele apresentou-se de uma forma que acabou com toda mitologia. Ele apareceu em poder e glória verdadeira, colocando todas as mitologias anteriores para “descansarem para sempre”, satisfazendo e superando o que o ser humano verdadeiramente tinha esperado.

Se há semelhanças entre as religiões, essas semelhanças são referentes às expectativas fundamentais que pessoas tiveram sobre Deus. Jesus simplesmente vai de encontro com as esperanças e sonhos desses buscadores como sendo o verdadeiro Deus encarnado. Embora muitas mitologias agora sejam religiões mortas, o cristianismo continua a progredir. Por quê? Porque a tradição mitológica é inconsistente com a história geológica de nosso mundo, inconsistente com a história arqueológica da humanidade, e não apoiada pela evidência textual. Em contraste, o cristianismo ainda continua a falar para as mentes dos buscadores de hoje. Ele tem forte consistência geológica e arqueológica com o que vemos em nosso mundo – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade) – e forte evidência textual para apoiar as mais antigas alegações – veja o segundo estágio deste estudo (integridade). Alguns têm tentado retratar deuses pagãos como algo que não são a fim de tentar provar que Jesus jamais existiu. No entanto, é encorajador acreditar no Deus que excede as expectativas humanas.

9.10.4. MITOLOGIAS PODEM APONTAR PARA A VERACIDADE DAS ESCRITURAS [55]

Alguns têm a mitologia apenas como prazer literário, outros a desprezam por suas fantasias. Outros a analisam e percebem traços que revelam grandes questões sobre o ser humano. O que as mitologias têm a dizer sobre o nosso passado?

Existe um fator de interesse que pode apontar para a veracidade do relato histórico e sóbrio das Escrituras: assim como há outros mitos sobre “messias”, como Thor, Osíris ou Balder, há diversos mitos sobre serpentes, a queda do homem, o mundo dos mortos, o mundo celestial, dilúvios, entre outros, em comum. Isso acontece com os mais diversos povos da antiguidade, ao longo de milhares de anos e em todos os cantos da Terra, não havendo possibilidade de influência entre eles – ou seja, **isso representa uma memória ou anseio geral, com base em um passado comum.**

Sobre a origem do ser humano, o relato do Gênesis bíblico demonstra que o homem foi feito do pó da terra. Para os gregos antigos, os homens atuais são frutos de três tentativas, sendo que a única que deu certo foi a criação “a partir do barro” [56]. Outro mito de origem do homem, dessa vez originário na China, também trata da questão do barro como matéria-prima [57]. Para certos ameríndios do nordeste dos Estados Unidos, os homens foram criados do barro por “aquele que segura o céu” [58].

Sobre a queda do homem, o cenário bíblico inclui a árvore do conhecimento do bem e do mal, o fruto, o casal humano e a serpente, a qual levou o ser humano à tentação. O chamado “Selo de Adão e Eva”, ou “Selo da Tentação”, achado em 1932, pertencente ao segundo milênio antes de Cristo, mostra duas pessoas sentadas ao lado de uma árvore frutífera e, por trás de uma das pessoas, uma serpente ereta [59]. No mito nórdico de Thor, filho de Odin e representante dos deuses diante dos homens, ele enfrenta ferozmente a “serpente do mundo”, Nidhogg, que se enrola ao redor da árvore da vida, alimentando-se dela [60]. Na mitologia grega, a figura de Thor como enfrentador da serpente se transfere para Apolo, deus ligado às faculdades humanas [61], em combate feroz contra Píton [62]. Podemos, ainda, nos lembrar de Hércules, o maior semideus e o mais humano, que, em um de seus “12 trabalhos” (no penúltimo), teve que enfrentar o dragão que protegia os frutos dourados do Jardim de Hespérides [63].

O pavor do homem em relação à “serpente” ainda pode ser encontrado nos “cabelos ofídios” da famosa Medusa [64]. Para os hindus, o “rei do mal” é conhecido por “senhor das serpentes” e seu inferno é constituído por elas. Krishna, um deus hindu, é retratado em determinadas esculturas pisando a cabeça de uma cobra. Os egípcios tinham como senhor de seu “inferno” a imensa serpente Nehebkau e, para os antigos habitantes de Fiji, a serpente do mundo subterrâneo se chamava Ratu-mai-mbula. Em Lagash, Mesopotâmia, encontrou-se uma escultura de cerca de 2200-2025 a.C. representando Ningizzida, “o senhor da árvore da verdade”, carregando duas serpentes [65].

A respeito da árvore da vida, Gênesis 3:22 demonstra que ela é fonte de eternidade ao homem. Para os nórdicos, a árvore que sustenta o mundo era tida como “árvore da vida”, sendo que os deuses de Asgard cultivavam outra árvore, a qual produzia frutos que lhes garantiam a longevidade eterna [66]. Podemos lembrar, também, do Épico de Gilgamés, onde o herói do mito foi informado que existia uma planta que conferia juventude eterna no fundo do lago do “mundo subterrâneo”, para onde ele se dirigiu imediatamente e, por fim, encontrou a planta. Na volta, ao se banhar em outro lago, por infelicidade, uma cobra roubou e comeu a “planta da eternidade” – o que lembra a relação da serpente com a queda do homem [67].

Sobre o “mundo dos mortos”, a Bíblia fala do *sheol/hades*. Em muitos contextos, o “mundo dos mortos” fica abaixo dos “ossos da Terra”, o lugar mais baixo imaginável. Os gregos viam o *hades* nos pés de Gaia. Os nórdicos viam seu *niflheim* na parte inferior de sua “árvore do mundo”. Há um mito grego em que Hércules desceu ao “mundo subterrâneo” para salvar Alceste. Outro herói grego, Orfeu, também foi ao “mundo subterrâneo”. O mito babilônico de Gilgamés mostra Enkidu sendo aprisionado no “mundo subterrâneo”. Também da Babilônia, encontramos a deusa Inana descendo a esse mesmo território. Os egípcios antigos viam o “além” como um vale cortado por um rio, isolado por montanhas, onde se encontram sete salões, sendo o último o “salão das duas verdades” onde os “bons e maus atos” do morto eram pesados para definir seu destino final.

Em cada diferente mitologia o “mundo dos mortos” tinha um determinado governante: Hades, no caso dos gregos; Hel na *niflheim* nórdica; Kali para muitos indianos; Ereshkigal para os antigos sumérios e babilônios; Mot para os cananeus; Mictlantecuhtli para os astecas; Anúbis para os antigos egípcios [68].

Quanto ao dilúvio, o Gênesis bíblico apresenta um relato onde Noé, seus filhos e suas respectivas esposas sobrevivem, juntamente com os animais, dentro de uma enorme arca. Para os chewongs da Malásia, o criador, Tohan, costuma submergir em água, de tempos em tempos, toda a humanidade, exceto alguns que avisa previamente. Para os hindus, o dilúvio vem precedido de Vishnu transformando-se em peixe para alertar Manu. Viracocha, dos mitos peruanos, insatisfeito com os gigantes, destruiu-os com um dilúvio (lembrando os quatro versículos iniciais do sexto capítulo de Gênesis). Para os gregos, o dilúvio em Atlântida veio como uma punição divina por sua arrogância, mas Deucalião, advertido por Prometeu, salvou-se em uma arca, encalhando no monte Parnaso e terminando com um sacrifício a Zeus. Outro dilúvio na mitologia grega aconteceu quando Poseidon levantou as águas do Mar Egeu e inundou a planície de Elêusis e Atenas por um longo período. O “dilúvio de sangue” da mitologia egípcia também se baseava no julgamento pela iniquidade, da mesma forma como foi com o

dilúvio narrado pelos mitos chineses, onde Yu decidiu acalmá-lo [69]. Há aproximadamente 300 [histórias sobre dilúvios](#) difundidas entre povos do mundo todo ao longo da história [70].

De todos os mitos sobre dilúvios, os mais interessantes são os dos sumérios e babilônios. O Épico de Gilgamés, escavado em 1853, em seu décimo primeiro livro, descreve um dilúvio que aborda a inundação, a arca e o preparo da arca de forma similar   Bíblia: o dilúvio foi programado por um deus que instruiu divinamente o herói da história. O mito sum rio também relata a respeito de uma arca e da salva o pela fidelidade   divindade [71]. Abordamos sobre a questão do dilúvio no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Embora muitos acreditem que encontrar semelhanças bíblicas em mitologias   um “problema” para o cristianismo, C. S. Lewis achava isso maravilhoso:

Existe uma espera universal por um salvador, isso ao longo de toda a história e nos quatros cantos da Terra, não se sabe por qual motivo. O homem espera por algo... Ele sente uma carência determinada e deseja ser salvo, especialmente se for pelo filho dos deuses.

O cora o do cristianismo   um “mito” que   também um fato. O “velho mito” do Deus que morre, sem deixar de ser um “mito”, desce do céu da lenda e imagina o para a terra da história. Ele acontece numa data determinada, num lugar determinado, seguido de consequências históricas definíveis. Passamos de um Balder ou de um Osíris, que morrem ninguém sabe onde nem quando, para uma pessoa histórica que   crucificada... Sob P ncio Pilatos. Tornando-se fato, o “mito” não deixa de ser “mito”: eis o milagre. [...] Deus   mais do que deus, não menos: Cristo   mais do que Balder, não menos. Não devemos nos envergonhar da “auréola mítica” presente em nossa teologia. Não devemos ficar nervosos com “paralelos” e “Cristos pagãos”: eles precisam estar ali – seria um empecilho se não estivessem [72].

9.11. CONSIDERA OES FINAIS

Similaridades com outras culturas e religiões apoiam a ideia do Gênesis bíblico de que a humanidade conheceu a Deus por meio de Adão e Eva e, posteriormente, Noé. Seus filhos conheceram Deus. Tenhamos em mente o que o caráter do ser humano   inclinado a se afastar de Deus, tendendo ao ego simo – o ser humano quer cuidar de seus próprios interesses em primeiro lugar. Conforme mais e mais filhos nasceram, as verdades conhecidas sobre Deus se distorceram e se fragmentaram. A humanidade passou a inventar seus próprios deuses e alguns fragmentos da verdade se mesclaram com as inven es do ser humano em outros sistemas religiosos.

  bem possível que o ser humano tenha inventado deuses para ter um tipo de “aprova o” das coisas que aprecia. Por exemplo, foram criados “deuses da guerra” para aqueles que gostam de guerra. Foram criados “deuses de fertilidade” para aqueles que gostam dos aspectos relacionados a isso. Foram inventados deuses que explicam ciclos naturais ou fenômenos observados para que eles tenham alguma explica o.

O Sol foi contemplado na antiguidade, assim como a Lua e as estrelas – o “exército dos céus”, como descrito na Bíblia. Todos eles são cria o de Deus. Todos “obedecem” a Deus e dão testemunho do criador – todos executam as fun es a eles atribuídas. Deus sempre ordenou que apenas ele fosse adorado – qualquer tipo de adora o ao “exército dos céus” ou qualquer busca de orienta o na vida baseada nesse “exército dos céus”   estritamente proibida. Quando a na o de Israel tendia ir para algum desses lados, profetas de Deus veementemente reprovavam tais práticas. Afirmar que tanto o juda simo quanto o cristianismo se relacionam com astroteologia torna-se inconsistente por causa desse contexto.

Algumas alega es de paralelos entre outros sistemas religiosos e o cristianismo servem para notar o anseio do ser humano por um mediador divino. Por exemplo, o “ciclo de nascimento divino do faraó” serviu para fundamentar que o faraó tinha autoridade divina, reforçando a razão para que o povo se submetesse a ele. Alega-se que, nesse ciclo divino (comumente fazendo-se referência   inscri o de Amenófis III no Templo de Luxor), a rainha egípcia mãe do faraó representa Ísis, a deusa “capaz de restaurar sua virgindade” – ela, como “virgem”, d    luz a um filho de um deus, um “rei”/“deus”/“sacerdote” na Terra, o faraó, e então Hórus encarna nesse faraó. Assim, nesse sentido, ele “nasce de uma virgem”. No entanto, como não há rela o causal entre o cristianismo e a religião egípcia, ainda que consideremos que tal interpreta o do ciclo divino do nascimento do faraó de fato seja correta, constatar amos apenas o anseio da humanidade pela existência de um mediador entre o criador e os homens, alguém tanto humano quanto divino para guiar o povo. Jesus veio para cumprir esse anseio. O ser

humano apenas “tateava no escuro” tentando de alguma forma encontrar esse mediador, sem saber exatamente como isso se sucederia – mas Deus mostrou como isso ocorreria de fato, em Cristo.

Não se pode deixar de considerar que ideias pagãs alegadamente associadas com o cristianismo, na verdade, foram incorporadas em tradições que vieram depois do cristianismo, o qual foi revelado e completado no primeiro século com a revelação bíblica. Algumas dessas tradições são incorretamente vistas como cristãs no contexto moderno, ainda que não tenham base nas Escrituras. As práticas que vêm de uma tradição humana contaminada com bases pagãs que são ditas “cristãs” passam um péssimo testemunho para os céticos. Esses céticos, por sua vez, por associação, atacam o cristianismo. De fato, para alguém que não estuda a Bíblia no contexto, é difícil discernir o que é o cristianismo hoje em dia, graças à [confusão religiosa](#) criada pelo próprio homem.

Os deuses das mitologias não têm o mesmo tipo de atitude para remir seu povo e livrá-lo do [pecado](#). De fato, esses “deuses” não estão verdadeiramente preocupados com o pecado – muitos mentem, falham, adulteram, têm uma vida moralmente reprovável, são violentos, malignos, vingativos, etc. O cristianismo demonstra que o pecado é a causa da desgraça do ser humano, e as demais religiões não abordam o problema dessa forma.

As outras religiões são o caso do “menor buscando o maior”, ou seja, é o caso do ser humano tentando conhecer a Deus por sua própria força. [Assim como um recém-nascido é incapaz de conhecer seus pais por si mesmo, o ser humano não pode conhecer a Deus por si mesmo.](#) No cristianismo, Deus, que é maior, se revelou a humanidade, assim como os pais se fazem conhecer à sua criança recém-nascida.

Deve-se entender que a Bíblia demonstra que o cristianismo não veio de religiões pagãs, veio do judaísmo – o cristianismo (Nova Aliança) é o cumprimento do judaísmo (Antiga Aliança) na pessoa e obra de Jesus Cristo. Religiões e práticas pagãs sempre foram vistas como abominação diante de Deus, sendo que o povo de Deus sempre foi fortemente advertido quanto a isso.

Seria de se esperar que um mediador celeste enviado da divindade para interceder pelos humanos tivesse uma natureza tanto humana quanto divina. É uma [expectativa razoável](#) imaginar que um “enviado dos céus” para ensinar seres humanos, e interceder por eles, tenha que experimentar na prática o que é realmente ser humano. Experimentar as tentações, vida prática, dificuldades e contexto dos humanos. Sentir na carne a dor e as sensações físicas. Um “ser meio homem meio deus” seria esperado como tendo autoridade para reinar sobre os homens também. A mitologia está repleta de semideuses e filhos dos deuses, possivelmente por causa dessa expectativa. O fato de uma mulher humana ser impregnada por um deus seria algo nesse sentido. Isso se refletiu verdadeiramente em Jesus Cristo no caso de seu nascimento da virgem Maria. Ainda que existisse algum deus mitológico que tivesse nascido de uma forma similar, teria sido por causa dessa expectativa razoável.

Além das possíveis considerações demonstradas acima, podemos observar que, na verdade, o que se pode encontrar na Bíblia é a **desconstrução de mitos de outra cultura**, ou melhor, a **demitologização desse material**. George Ernest Wright, especialista em arqueologia do Oriente Próximo e célebre por seus trabalhos de datação de cerâmicas, costumava salientar que os judeus não foram, em geral, um povo criador de mitos. Eles fundamentavam seus contos na história, particularmente o que veio a ser conhecido como “história da salvação”.

Quando os judeus usaram imagens mitológicas (como, por exemplo, a imagem do grande monstro do mar Leviatã), usaram-nas de formas históricas. Um bom exemplo desse tipo de prática é encontrado no Livro de Apocalipse. Apocalipse capítulo 12 descreve um conto sobre uma mulher, a qual representa um grupo de pessoas históricas, com um dragão que tenta destruir o filho dela e, quando falhou, o dragão tentou destruir a mulher. O que é interessante sobre o uso dessas imagens é que elas são usadas para servir a propósitos históricos – o autor não só acredita que há um povo histórico de Deus, ele acredita que há um ser espiritual verdadeiro conhecido como Satanás. Então, foram usadas imagens apropriadas para descrevê-lo. Isso é chamado de “desmitificar imagens mitológicas e usá-las para fins históricos”.

10. TERMOS BÁSICOS: VAMOS COMEÇAR A FALAR A MESMA LINGUAGEM [73]

A religião nada mais é do que um substituto para um cérebro com defeito. (*Gene Roddenberry*).

A religião é o ópio do povo. (*Karl Marx*).

A religião organizada é uma farsa e uma muleta para pessoas de mente fraca que precisam de força em números. Ela diz às pessoas para saírem e meterem o nariz nos negócios de outras pessoas. (*Jesse Ventura*).

A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo. (*Tiago 1:27, “Nova Versão Internacional”*).

Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. (*Hebreus 11:1, “Nova Versão Internacional”*).

Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele. (*João 14:21, “Nova Versão Internacional”*).

Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. Aquele que diz: “Eu o conheço”, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. (*1 João 2:3-4, “Nova Versão Internacional”*).

Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?” Então eu lhes direi claramente: nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês que praticam o mal! (*Mateus 7:21-23, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado. Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. (*Romanos 3:20-24, “Nova Versão Internacional”*).

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos. (*Mateus 5:6, “Nova Versão Internacional”*).

Os sábios são instruídos pela razão; as mentes comuns pela experiência; os estúpidos, por necessidade; e os brutos, por instinto. (*Cícero*).

Clarificar terminologias é importante porque palavras comuns carregam associações únicas para cada pessoa. Algumas palavras também têm tanto boas quanto más conotações. Existem palavras que são frequentemente usadas e raramente explicadas, o que ocasiona que a própria definição seja perdida pelo ouvinte e, às vezes, até mesmo por quem fala.

10.1. O QUE É RELIGIÃO?

Religião, em latim *religare*, descreve o vínculo de uma coisa à outra. **Em um sentido verdadeiro, todo mundo é religioso no sentido que todos se apegam a algum tipo de [crença de como as coisas estão ligadas entre si](#), questões como: “De onde tudo veio?”; “Por que estamos aqui?”; “Qual o significado da vida?”; e assim por diante.** O particular conjunto de crenças baseado na vida e ensinamentos de Jesus Cristo, como dado na Bíblia, é referido como religião cristã ou cristianismo.

O ateísmo é definido por seus proponentes como uma deliberada “[ausência de crença em Deus](#)”, mas é **também é uma religião de pleno direito**, como afirmado em 1977 pela suprema corte dos Estados Unidos. Em 1985, uma decisão escrita pelo juiz Antonin Scalia, com apoio do chefe da suprema corte William H. Rehnquist, declara que **a suprema corte americana explicitamente sustenta o humanismo secular como sendo uma religião. Mesmo um ateu tem uma forma de entender como as coisas no mundo se ligam. Logo, um ateu também tem “religião”**.

Obviamente, cristianismo, ateísmo e todas as outras crenças têm conflitos entre si. Portanto, é um fato que nem todas as religiões podem estar refletindo exatamente à verdadeira natureza de como tudo se relaciona. Assim

como perguntar “quanto é dois mais dois?”, a verdadeira natureza da realidade não é uma questão que pode ser respondida com “cada um fique com sua crença”. **Se existe uma verdadeira religião ou [visão de mundo](#), ela vai ser verdadeira independentemente da pessoa (goste ela ou não), e quaisquer outras devem ser falsas.**

Por exemplo, o humanismo alega que não há criador sobrenatural, enquanto a Bíblia alega que há – **as duas alegações não podem estar certas.** Ou há um criador ou não há. Isso não é uma “estreiteza mental”, é apenas a [natureza da verdade](#).

Por outro lado, a palavra “religião” é também usada para descrever meramente os gestos externos, cerimônias e costumes nos quais as pessoas se submetem ao exercerem suas crenças. Nesse sentido, isolada de um verdadeiro relacionamento com o “deus”, a religião tem uma conotação terrivelmente ruim.

Algumas pessoas que se descrevem como religiosas, que frequentam “[igrejas](#)” regularmente, e que se submetem a coisas externas, não são verdadeiramente [cristãs](#). Inversamente, há muitos cristãos autênticos que resistem em ser rotulados como “religiosos” para evitarem ser associados com os “cristãos que não são cristãos”. Há cristãos autênticos que não gostam de ser chamados de “crentes” por causa da “má fama” que a palavra carrega em nossa cultura.

10.2. O QUE É ADORAÇÃO?

A palavra “adoração”, às vezes, evoca imagens de selvagens prostrados diante de um “ícone de face feia”. Mas a adoração, por sua definição geral, **é algo que todo mundo pratica.** Adoração é simplesmente demonstrar grande amor, devoção ou admiração. Isso é adoração. E pessoas adoram muitas coisas, como pessoas amadas, times de esportes, atividades e assim por diante. Aproveitar tais coisas, até um certo ponto, não nos faz politeístas, mas podemos fazer bem em **reavaliar as coisas que recebem a maior parte de nosso tempo, recursos e atenção.**

O que ou quem você mais adora? Por quê? E para que fim?

Voltando-se às Escrituras, encontra-se que a adoração que Deus considera aceitável é estreitamente definida. **A adoração aceitável para Deus, de acordo com a Bíblia, requer adorar o verdadeiro Deus, com a atitude adequada e de forma obediente.** Com base nisso, é claro ver que, **hoje em dia, muitos daqueles que se dizem “[adoradores de Deus](#)” na verdade não o são.**

Adorar qualquer ideia falsa sobre Deus não é adorar a Deus. Arrastar a si mesmo para a “igreja” apenas porque “é o que se deveria fazer” não é adorar Deus. Sentir-se orgulhoso que você até conseguiu ir para a igreja hoje não é adorar Deus. Cantar e orar na manhã e então mentir e ser egoísta pela tarde não é adorar Deus. Se você acredita que ama a Deus, mas está descrito em qualquer uma dessas situações, reveja como é que você adora. Se estiver em alguma dessas situações, você poderia passar o domingo vendo TV e estaria menos mal do que se tivesse oferecido uma patética adoração a Deus, a qual seria mais uma zombaria do que uma adoração.

10.3. O QUE É FÉ?

Muitas das discordâncias sobre assuntos relacionados à Bíblia ocorrem por uma falha na definição de fé.

10.3.1. VOCÊ VÊ O QUE EU VEJO?

O que causa que alguns homens vejam evidência de Deus onde outros não veem nada? Ou, perguntando de outra forma, o que cega alguns homens à evidência de Deus que outros veem claramente? Uma forma de responder isso é dizer: “É uma questão de fé.” Mas o que exatamente é fé? O autor do Livro de Hebreus respondeu:

Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. (*Hebreus 11:1, “Nova Versão Internacional”*).

Um velho sofisma atribuído a Mark Twain diz algo como “fé é acreditar em algo que você sabe que não é verdade”. Essa resposta soa como uma daquelas coisas que apenas uma criança iria dizer, mas adultos raramente fazem um melhor trabalho em explicar a fé.

Céticos rotineiramente dizem que fé é algo como “o ato de desligar o intelecto, papagaiar versículos das Escrituras, e se apegar a esperanças e alegações sem evidências”.

Movimentos inteiros têm sido centrados ao redor de falsas definições de fé, como os movimentos dos “evangelhos da prosperidade” (“Word of Faith”, “Health and Wealth”, “Name It and Claim It”, etc.) e [denominações](#). Ideologias desse tipo não são um retrato exato da fé que a Bíblia instrui. Mesmo em doutrinas onde grupos de falsa fé concordam com posições ortodoxas, frequentemente, as conclusões dessas doutrinas são atingidas por uma lógica pobre, onde seus ensinamentos são detrimenais ao ensino efetivo do verdadeiro evangelho descrito na Bíblia. Falamos do evangelho no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?). Tais “crentes” apenas substituíram a verdadeira fé por uma “preguiça intelectual”.

Então, para eles, e para o restante de nós, seguem duas definições verdadeiras de fé para mostrar a razão pela qual ela é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos (Hebreus 11:1) e, também, sua relevância e aplicação em nossas vidas.

10.3.2. O FUNDAMENTO DA LÓGICA

Fé é o fundamento da [lógica](#). Lógica é a ciência do raciocínio. Na lógica, o que você aceita como sendo verdadeiro no começo diretamente afeta o que você conclui no fim. **As coisas aceitas no começo são chamadas [premissas](#): inclinações do pensamento sobre os quais o raciocínio é construído.** Nenhuma premissa pode ser dita como tendo sido derivada logicamente porque, se fosse, seria o produto final de algum raciocínio anterior ao invés de um ponto de partida em si mesmo. **Premissas são simplesmente aceitas como verdadeiras. É necessário fé para o início de um raciocínio.**

Com uma ilustração, o antropologista Arthur C. Custance contrasta a fé do cientista ateu contra a fé de uma pessoa que crê na Bíblia:

Em qualquer sistema de pensamento, sempre é preciso começar de algum lugar, e a validade do ponto de partida sempre deve ser aceita por fé. O cientista diz: “Eu acredito que há apenas um tipo de realidade, a ordem física das coisas, a natureza na qual vai, em última instância, ser entendida apenas pelo método científico.” O cristão diz: “Eu acredito que há dois tipos de realidade, uma física, a qual é reconhecida pelo cientista, e uma espiritual, a qual não pode ser entendida sem a revelação das Escrituras.” É inútil colocar essas duas uma contra a outra: cada lado deve permitir o ponto de vista do outro. [...] **O que ambos se apoiam são básicas suposições que não podem ser provadas (ou premissas) [74].**

Premissas, por essa definição, são todas questões de fé, sejam teístas ou ateístas. É nessa mesma base que a corte suprema americana pôde corretamente declarar qualquer sistema de crença, incluindo o ateísmo e o humanismo, como sendo religiosos. A [decisão do juiz Antonin Scalia](#) vai adiante, declarando que a exclusão do ponto de vista do criacionismo em favor do ensinamento da evolução ateísta dentro das escolas públicas viola a separação da igreja e estado. Scalia clarificou que é uma violação porque **a evolução ateísta é a doutrina central da religião do humanismo secular.**

Essa declaração particular (reconhecidamente, o sistema da corte sustenta declarações contraditórias na separação igreja/estado) alude à extrema dificuldade de separar religião da vida pública e de instituições. Não importa o que se sustente em fé, Deus ou nenhum deus, a prática dessa fé é uma reconhecida religião legalizada. **A exclusão deliberada de um reconhecimento de Deus pode ser tanto uma expressão da [visão de mundo](#) de alguém quanto uma inclusão deliberada da expressão da visão de mundo de outro alguém.**

Quanto ao agnosticismo puro (a filosofia em que nada pode ser conhecido, ou que tudo é para ser duvidado), ele simplesmente falha em fornecer um compromisso racional entre a presença e a ausência de fé em Deus. Quando o agnosticismo declara que nada pode ser conhecido, essa declaração, em si mesma, é:

1. Errada, uma vez que existe alguma coisa que pode ser conhecida: o fato de que nada pode ser conhecido ou que tudo é para ser duvidado.
2. Certa, porém, o fato de se saber que nada pode ser conhecido refuta a si mesmo, pois o agnosticismo sabe alguma coisa: que nada pode ser conhecido.

Ou seja, agnosticismo puro é logicamente impossível. Assim, nos resta apenas a confirmação de que, para qualquer coisa em que alguém acredite, a crença é, em última análise, baseada em fé.

10.3.3. A EXTENSÃO DA CONFIANÇA

Fé pode ser também a extensão de confiança para o futuro baseada em uma fidedignidade provada no passado. Essa é uma expressão comum de fé com a qual podemos crer na Bíblia.

A antiga lista telefônica é uma boa ilustração desse princípio. Imagine checar em uma lista telefônica cinco números de telefone que você ligou muitas vezes no passado. Se os números encontrados na lista se provam idênticos aos números que você já sabe que são válidos (porque você tem ligado para eles por todos esses anos), então a lista é provada correta nesses cinco casos.

Nessa ilustração da lista telefônica, **confiança se torna fé quando você olha para o número de alguém que você não conhece naquela lista e liga, acreditando que a listagem está correta, baseado na fidedignidade da lista no passado. Nesse sentido, fé é a extensão da confiança para o futuro baseada sobre a fidedignidade no passado.** Ao checar aqueles primeiros cinco números, a lista telefônica provou ser perfeitamente confiável diante do que você já sabia ser verdade. Portanto, você concluiu que a lista iria ser fidedigna também quando você ainda não a tinha testado.

Essa é uma abordagem empírica para aplicar fé à Bíblia. Muito da Bíblia (como suas cidades mais notáveis, pessoas e profecias) podem ser provadas verdadeiras pela história, arqueologia, geografia e outros métodos. Outras partes ainda não foram provadas (como conversas específicas, cidades destruídas há muito tempo e profecias futuras). **Pessoas podem, portanto, escolher acreditar nas partes não provadas da Bíblia tanto como uma extensão da premissa que Deus existe quanto pela fé baseada na fidedignidade da Bíblia no passado.**

Pense na Bíblia como uma enorme lista telefônica que se manteve completa ao longo de mais de 1.500 anos. **Ao longo dos tempos, cétricos a têm testado e ainda não apresentaram um argumento irresponsível sobre ela.** Mas muitos cétricos mantêm a expectativa de que algum dia a Bíblia vai ser refutada.

Dispensar a exatidão da Bíblia à luz de mais de 1.500 anos de testes é como acusar uma lista telefônica de ser um pareamento aleatório de nomes e números. A Bíblia é como se alguém tivesse ligado para a maior parte dos números listados em uma lista telefônica e constatado que eles corresponderam. Já a posição de alguns cétricos nesse cenário é que, mesmo com as inúmeras correspondências, eles têm esperança de que algum dia a lista telefônica vai ser provada como mera coincidência.

Sem dúvida, uma lista telefônica não é um pareamento de nomes e números acidentais. Mas considere por um momento que alguém insista que é. Quantos números você esperaria que alguém testasse a fim de ser convencido do contrário? Cada um dos números? Só uns insignificantes milhares de números? Agora pense na Bíblia. [O que deveria ser tomado como sendo o bastante para se convencer da autenticidade dela?](#) Reflita sobre isso. **Em certo ponto, a ausência de fé se torna irracional.**

Em suma, fé não é acreditar em alguma coisa contrária à evidência ou acreditar contra toda a lógica e razão. A fé cristã é reconhecer que a humanidade vive na presença do Deus das Escrituras e agir de acordo com essa crença. De modo simples, a proximidade do relacionamento do cristão com Deus pode ser usada de maneira a mensurar sua fé.

10.4. O QUE É UM CRISTÃO?

Discordâncias sobre assuntos relacionados à Bíblia às vezes ocorrem por uma falha na definição do que é um cristão.

10.4.1. QUEM DIZ QUE É CRISTÃO?

“Cristão” é uma descrição que aparece apenas três vezes no Novo Testamento, mas descreve bem a relação especial dos discípulos com Cristo:

Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. (*Atos 11:26, “Nova Versão Internacional”*).

Qualquer um pode descrever a si mesmo como “cristão”, e muitas pessoas o fazem. No entanto, **“cristão” não é uma descrição subjetiva, é um estado definido de ser. Esse estado é definido pela Bíblia e, portanto, ela é o guia para determinar quem é e quem não é cristão.** A Bíblia define um cristão como alguém que espiritualmente nasceu de novo da água e do Espírito de Deus e que permanece obediente ao evangelho. Abordamos sobre o evangelho no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

O referido nascimento espiritual ocorre uma vez na vida, quando a pessoa sai das águas do **batismo**. O batismo deve ser precedido da **crença em Jesus como Senhor e salvador, da confissão da fé que Deus quer e do arrependimento**. Depois do batismo, a pessoa deve **perseverar** em seguir os ensinamentos de Cristo.

A definição bíblica e correta dos termos “Jesus como Senhor e salvador”, “confissão da fé que Deus quer”, “arrependimento”, “batismo” e “perseverança” é muito importante:

- 1. Crer em Jesus como Senhor e salvador:** as pessoas não têm muita dificuldade em aceitar Jesus como salvador, mas que dizer sobre a questão de se submeterem a ele como **Senhor**? Isso é o que falta para muitos. Primeiramente, para verdadeiramente se submeter a Jesus como **Senhor**, a pessoa deve reconhecer sua divindade, a qual é abordada no terceiro estágio deste estudo (veracidade) e também no quarto estágio deste estudo (divindade). Se Cristo é Deus, ele é Senhor, e a pessoa deve ser submissa a ele. Jesus manda, a pessoa obedece (pense em termos de rei e súdito). Jesus manda fazermos coisas que não vamos gostar e/ou coisas que não vamos concordar. Aquele que não é capaz de “negar a si mesmo e tomar sua cruz” não vai obedecer aos ensinamentos de Cristo e, portanto, ou é um rebelde, ou não crê nele como Senhor. Estamos apenas começando e, infelizmente, apenas neste ponto já podemos afirmar que a maioria das pessoas que afirma ser cristã na realidade não é. Quem crê em Jesus como Senhor vai querer **entender a vontade dele** (isto é, estudar as Escrituras adequadamente) e **vai querer aplicar o aprendizado na vida prática**, assim como o discípulo faz com o mestre, mesmo que não goste ou não concorde com alguns ensinamentos. A conversão da pessoa deve ser a Cristo, e não à “**igreja**”.
- 2. Confissão da fé que Deus quer:** todo mundo tem fé, mas **Deus não aceita qualquer fé**. A fé que Deus quer é a **fé bíblica** – é necessário **conhecer o evangelho e crer nele**. Falamos sobre o evangelho no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?). A pessoa deve confessar essa fé, não apenas na hora da conversão, mas durante toda a sua vida. Ligando isso com o reconhecimento de Jesus como Senhor, se o cristão fosse ameaçado de morte caso não renunciasse que Cristo é o Senhor, ele não renunciaria essa crença e enfrentaria a ameaça (provavelmente morreria). É uma constante confissão da fé segundo a Bíblia, mesmo em momentos difíceis, por toda a vida. **A fé verdadeira demanda conduta de acordo com a crença**.
- 3. Arrependimento:** ao contrário do que muitos pensam, **arrependimento não é remorso**. Remorso é se sentir mal por ter feito algo ruim. O arrependimento é **desistir de fazer o errado e tomar uma decisão firme de fazer o certo, e assim proceder**. Aquele que está arrependido vai desistir de pecar e vai querer agir conforme os ensinamentos de Cristo. O sentimento de remorso pode fazer parte do arrependimento, mas não é requerido (há pessoas que não são sentimentais, mas isso não as impede de desistir de pecar e seguir firmemente os ensinamentos de Jesus).
- 4. Batismo:** o batismo bíblico, o qual é o verdadeiro e único batismo (Efésios 4:5) para nascer novamente da água e do Espírito (João 3:5), ocorre quando a pessoa é **imersa em água com o entendimento dos conceitos acima explicados e com o objetivo de receber a remissão de seus pecados e o dom do Espírito** (Atos 2:38). O “dom do Espírito” é a própria salvação e a capacitação para nela permanecer. Se a pessoa mergulhou na água sem entender a crença em Jesus como Senhor e salvador, a confissão da fé que Deus quer e o arrependimento, ela apenas se molhou. Não foi verdadeiramente batizada. Quando a pessoa entendeu os conceitos acima explicados e é imersa em água com o objetivo de remissão de pecados e o recebimento da salvação e a capacitação para nela permanecer (o dom do Espírito), o nome do Senhor Jesus (sua autoridade) é invocado para salvação e, quando a pessoa se ergue das águas do batismo, sua “velha pessoa” foi sepultada nas águas e a “nova pessoa” se levanta delas, sendo liberta da

morte eterna. Nesse ponto, a pessoa inicia sua vida cristã – é uma ressurreição espiritual análoga à ressurreição de Cristo (Romanos 6:1-11). As pessoas fariam muito bem em perguntar a si mesmas quando creem que foram salvas: se a resposta for qualquer coisa diferente de “quando me levantei das águas do batismo”, essa pessoa deveria sinceramente reavaliar sua conversão.

5. **Perseverança:** após o batismo, a pessoa se torna cristã e deve persistir em **seguir os ensinamentos de Cristo em sua vida prática**. Isso é perseverança. O cristão continuará vivendo em um mundo cheio de más influências e pecado, e eventualmente vai pecar. Porém, com a confissão do pecado a Deus, o arrependimento e o pedido de perdão a Deus, o cristão será justificado de seu pecado e voltará a estar salvo (1 João 1:5-2:2), embora possa ter que enfrentar as consequências de seu pecado aqui na Terra. Ao contrário do que muitas “igrejas” ensinam, um cristão pode perder sua salvação, e até mesmo chegar ao ponto de ter uma consciência cauterizada que é incapaz de ter arrependimento por seus pecados (Hebreus 6:4-6).

A maioria das “igrejas” não prega a conversão a Cristo dessa forma, mas essa é a forma bíblica. **Será que temos tantos cristãos no mundo como se imagina?**

Enfim, um cristão acredita na pessoa e divindade de Jesus Cristo, tem dentro de si o Espírito de Deus, e busca seguir seus ensinamentos como dados na Bíblia. Um cristão é evidenciado pelo amor a Deus, a negação de si mesmo para fazer a vontade de Deus, e por um aumento no desejo e habilidade de executar a vontade de Deus.

Cristãos são simplesmente servos de Deus. A palavra “cristão” tem a conotação de “pequeno cristo” e representa alguém que almeja se tornar uma “cópia” de Cristo. **Um cristão procura servir a Deus segundo o padrão encontrado no Novo Testamento – e é assim que se verifica quem realmente é cristão e quem não é, começando pela examinação de sua conversão.** Não se pode dizer que uma pessoa é cristã se ela segue doutrinas de homens e tenta honrar a Deus apenas com os lábios. Disse Jesus:

Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vocês, dizendo: **“Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens.”** (Mateus 15:9, “Nova Versão Internacional”).

Paulo advertiu severamente contra qualquer tipo de deturpação do evangelho. Só existe um evangelho e a pessoa que segue ensinamentos humanos, ainda que também siga alguns preceitos do Novo Testamento, não segue o caminho para ser cristão:

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. **Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! Acaso busco eu agora a aprovação dos homens ou a de Deus? Ou estou tentando agradar a homens? Se eu ainda estivesse procurando agradar a homens, não seria servo de Cristo.** (Gálatas 1:6-10, “Nova Versão Internacional”).

Um cristão defende a pureza do evangelho, que é a sabedoria divina, acima de tudo. Se a doutrina não é pura, de nada vale. **Se alguém persiste em seguir uma doutrina diluída com ensinamentos que não são de Deus, recusando-se a seguir o padrão do Novo Testamento, não é um cristão. A pureza da Palavra de Deus tem prioridade até mesmo sobre a paz, a misericórdia e boas ações:**

Mas a **sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura;** depois, pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera. (Tiago 3:17, “Nova Versão Internacional”).

Um cristão reconhece que a **Palavra de Deus, a fé cristã, já foi revelada de uma vez por todas ainda no primeiro século, época em que os escritos bíblicos do Novo Testamento foram registrados – portanto, não vai inventar, revelar ou seguir “novas doutrinas”:**

Amados, embora estivesse muito ansioso por lhes escrever acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever-lhes **insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos.** (Judas 3, “Nova Versão Internacional”).

Seu divino poder **nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude.** (2 Pedro 1:3, “Nova Versão Internacional”).

Note que Judas afirmou que os cristãos devem batalhar pela “fé de uma vez por todas confiada aos santos”. **A fé cristã já tinha sido entregue de uma vez por todas quando ele escreveu esse texto (primeiro século).** Da mesma forma, Pedro afirmou que Deus “nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade”, ou seja, **quando ele escreveu esse texto no primeiro século, ele reconheceu que já tinha tudo que era necessário para seguir a Deus – a revelação da Palavra de Deus já tinha sido dada no primeiro século e já estava completa.**

Muitas tradições de “[igrejas](#)” vieram depois do primeiro século e se afastam do padrão do Novo Testamento. **Ir além da palavra escrita, a qual já foi totalmente revelada no fim do primeiro século, não faz parte da vida do cristão. Cristianismo misturado com mais alguma coisa não é cristianismo:**

Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho. (2 João 9, “Nova Versão Internacional”).

Irmãos, apliquei essas coisas a mim e a Apolo por amor a vocês, para que aprendam de nós o que significa: **“Não ultrapassem o que está escrito”.** Assim, ninguém se orgulhe a favor de um homem em detrimento de outro. (1 Coríntios 4:6, “Nova Versão Internacional”).

Deus já havia alertado a nação de Israel de que **ele não suporta a associação de coisas santas com iniquidade:**

Parem de trazer ofertas inúteis! O incenso de vocês é repugnante para mim. Luas novas, sábados e reuniões! **Não consigo suportar suas assembleias cheias de iniquidade.** (Isaías 1:13, “Nova Versão Internacional”).

Cristãos não apenas ouvem a Palavra de Deus, também a praticam:

Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer. (Tiago 1:22-25, “Nova Versão Internacional”).

Cristãos não buscarão obedecer apenas às partes do padrão bíblico que gostam ou que são convenientes a eles. Eles não vão buscar obedecer “apenas 99,9%” dos ensinamentos do Novo Testamento – devem buscar obedecer 100%:

Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente. Pois aquele que disse: “Não adulterarás”, também disse: “Não matarás.” **Se você não comete adultério, mas comete assassinato, torna-se transgressor da Lei.** (Tiago 2:10-11, “Nova Versão Internacional”).

Um cristão ama Jesus Cristo. Se alguém ama Jesus Cristo, seguirá seus mandamentos como ele os ensinou:

Se vocês me amam, **obedecerão aos meus mandamentos.** (João 14:15, “Nova Versão Internacional”).

Então ele [Jesus] chamou a multidão e os discípulos e disse: **“Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.”** (Marcos 8:34, “Nova Versão Internacional”).

Em suma, para que alguém seja cristão, deve **buscar e aplicar em sua vida o padrão bíblico, e não o que vem do ser humano.**

Também, **se alguém quer ser cristão, deve buscar uma [congregação local que siga o padrão bíblico](#)** (falando resumidamente, há mandamentos impossíveis de serem cumpridos por um cristão sozinho – veja Hebreus

10:25). Infelizmente, não é o caso de muitas “[igrejas](#)” da atualidade. Se não há uma congregação fiel disponível ou viável para o cristão participar, ele deve buscar mais pessoas que queiram servir o Senhor como descrito na Bíblia e passar a se reunir com elas como uma nova congregação local.

10.4.2. O BÁSICO

Embora muitos que compartilhem do desejo do cristão em obedecer a Deus possam concluir que o cristianismo é uma questão de “ser bom para ganhar um caminho para o céu”, essa conclusão é totalmente errada. Além disso, o conceito de que o amor e graça de Deus são de alguma forma ganhos ou merecidos é um dos erros mais comuns entre as pessoas. A obediência devota é o resultado de [nascido de novo](#), não a causa.

C. S. Lewis, no seu livro “Mere Christianity” (1952), disse o seguinte sobre os cristãos: “Deus não nos ama porque somos bons, ele nos faz bons porque ele nos ama.”

Cristãos reconhecem que:

1. **A natureza de Deus é ao mesmo tempo de amor e justiça.**
2. **Sua natureza justa exige perfeição absoluta.**
3. **O ser humano peca e não atinge essa perfeição por si mesmo.**
4. **A natureza justa de Deus exige a morte eterna do ser humano, porque ele peca.**
5. **Sabendo que o ser humano está sobre pena de morte, e ainda nos amando, Jesus Cristo, que também é Deus, fez-se humano e viveu o padrão perfeito, sem pecar.**
6. **Por causa de seu amor por nós, Jesus Cristo permitiu a si mesmo morrer na cruz como substituto pelos pecados do ser humano, embora ele mesmo fosse sem pecado.**
7. **Por esse ato sacrificial, a morte de Jesus satisfaz a natureza justa de Deus em nosso favor, removendo a ira de Deus contra aquele que se [converteu a Cristo](#) e que vive seu evangelho na prática.**

Crer em Jesus é efetivamente “crucificar” a própria vontade e tornar-se sujeito à vontade de Deus, como é revelado na Bíblia, pelo Espírito Santo, para a humanidade de forma coletiva e para cada indivíduo de forma pessoal. Sendo assim, Jesus aplica sua própria qualidade de retidão (ou perfeição) às pessoas, e é assim que elas são tornadas aptas para ir à presença de Deus. **Isso não ocorre por meio do mérito próprio de cada um – ocorre por meio da graça de Deus.**

A Bíblia retrata que Jesus fisicamente ressuscitou dos mortos como prova de ser o Messias e como prova de que o “débito do pecado” é “completamente pago” nele. Jesus agora vive para interceder pelo ser humano diante de Deus para aqueles que creem e seguem seus ensinamentos, e vive para expressar suas características na vida do cristão, e através dela também.

A Bíblia também diz que Jesus voltará para o [julgamento do mundo](#), depois do qual todos os que recusaram a crer (e é importante dizer que crer de verdade inclui obedecer a Cristo e viver seu evangelho na prática) serão irremediavelmente lançados de sua presença – e isso ocasiona tormento eterno. Mas todos os que creram serão “feitos como ele”, e habitarão com ele, e terão alegria eterna.

10.4.3. A IGREJA BÍBLICA

Como se chama a “igreja” que de fato é igreja? **A igreja descrita no Novo Testamento não tem um nome exclusivo.** Nas Escrituras são encontradas diversas descrições da igreja, mas nenhum nome próprio e exclusivo. Podemos usar quaisquer dessas descrições, mas **não temos direito de promover ou defender nenhum nome como a maneira certa e única de identificar a igreja.** Qualquer pessoa que faz isso estaria falando o que Jesus não falou, e assim acrescentando à Palavra que Deus revelou.

Primariamente, **deve-se entender que a essência da igreja não é uma edificação física, como um templo, prédio ou catedral.** Embora a palavra “igreja” às vezes seja utilizada na Bíblia para identificar um local onde se reunia um grupo de cristãos, a ênfase da igreja são as pessoas que a formam – cada [cristão](#) é uma “pedra viva” que constitui uma edificação espiritual que pertence a Deus e a Jesus Cristo. A igreja não é uma instituição e nem uma corporação, e sim um organismo. A igreja também é descrita como o sendo o corpo de Cristo, sendo os cristãos os membros do corpo. A imagem do corpo enfatiza os diversos papéis de cada membro e sua dependência e submissão a Jesus.

Há muitas passagens bíblicas que falam simplesmente da igreja. O Novo Testamento foi escrito originalmente em grego e a palavra para igreja é *ekklesia*, a qual significa, literalmente, “os chamados para fora” ou “assembleia”. **Pense em “chamados para fora” e “assembleia” como um chamado para que cristãos “saíam de um sistema de coisas onde Deus não é a prioridade na vida” e se reúnam entre eles.** Às vezes, a palavra “igreja” identificava o local onde se reunia um grupo de cristãos (nesse sentido é uma igreja local).

O Novo Testamento fala repetidamente do reino de Deus, ou reino dos céus. Esse foi um dos temas principais da pregação de João Batista, de Jesus Cristo e dos apóstolos, além de outros pregadores na igreja primitiva. **Enquanto a palavra “igreja” enfatiza o povo (cristãos), o termo “reino” destaca a autoridade do rei (Cristo).** O reino de Cristo não é deste mundo e é superior aos reinos humanos, uma vez que Jesus é “o Senhor dos senhores e o Rei dos reis”. **Ao invés de ser uma entidade política e mundana, é um reino espiritual fundado no santo caráter de Deus.** O caráter do rei do reino define, também, as qualidades dos seus súditos. Pessoas ingressam no reino de Deus por meio da [conversão a Cristo](#). **Como servos do rei espiritual, elas devem desenvolver as características espirituais de seu soberano.** Assim, nesse reino, são valorizadas qualidades como humildade e santidade.

A igreja, ou seja, uma reunião de pessoas em nome de Cristo, é a casa de Deus e santuário e habitação dele. É uma casa espiritual, e Deus habita nessa casa e mantém comunhão com aqueles que fazem sua vontade. A igreja é também o rebanho de Deus, sendo Jesus o bom pastor que deu a vida pelas ovelhas. Nessa ilustração, **as ovelhas que são de Jesus ouvem sua voz e o seguem para receber a vida eterna.**

Assim, as descrições acima são termos coletivos – identificam um conjunto. De maneira geral, podemos dizer que **a igreja é composta de pessoas que saíram do pecado para servir a Jesus.**

10.4.4. COMO É ORGANIZADA A IGREJA BÍBLICA?

O modelo de igreja da Bíblia não é difícil de entender e nem impossível de praticar. Na verdade, é bastante simples. **O problema é que séculos de interferência humana em termos da “organização da igreja” acabaram por distorcer a visão da simplicidade do plano original para a igreja, o qual é revelado no Novo Testamento.** Em lugar nenhum isso é mais evidente do que na diversidade dos planos de como as [igrejas dos dias atuais](#) se organizam.

A apresentação de uma defesa detalhada de como uma igreja bíblica é organizada não é o objetivo deste estudo. A ideia é definir a organização da igreja bíblica, demonstrando resumidamente e claramente a simplicidade do padrão do Novo Testamento. **Tão certamente quanto os cristãos primitivos foram capazes de se organizar em agrupamentos locais que funcionavam, os quais podemos chamar de igrejas locais, cristãos dos dias atuais podem – e devem – fazer o mesmo.** No entanto, como em todas as outras facetas da vida, quem é [cristão](#) precisa pôr de lado suas preferências, opiniões e políticas para, humildemente, estudar e aplicar o ensinamento das Escrituras.

No Novo Testamento, **uma igreja é simplesmente um grupo de cristãos que segue a Cristo.** A palavra “igreja” pode ser usada para falar de todos aqueles que servem Jesus, não importa onde estejam, sendo também usada frequentemente para descrever grupos locais de discípulos que se encontram para adorar, para edificar uns aos outros e para proclamar o evangelho de Jesus.

Com isso em mente, é nesse ambiente de igrejas locais que encontramos homens escolhidos para supervisionar e guiar. **Os sistemas comuns de superestruturas de denominações, de ligas internacionais de igrejas e de hierarquias que ligam, e até governam, milhares de igrejas locais, são invenções do homem.** Não há

modelo bíblico de tais arranjos. **No Novo Testamento, os cristãos serviam juntos em congregações locais.** Eles eram gratos pelos seus irmãos em outros lugares, mas não tentavam criar algum laço de organização onde os cristãos de um lugar pudessem dirigir ou governar o trabalho de discípulos de outro lugar.

Segue um breve resumo da história bíblica da igreja: os primeiros cristãos partiram de Jerusalém e se espalharam pelo mundo, levando o evangelho a outras pessoas. A Palavra de Deus pura foi pregada e mais pessoas se [tornaram cristãs](#). Esses novos discípulos começaram a adorar e a trabalhar juntos no serviço de Deus. Em cada cidade onde homens e mulheres obedeciam ao evangelho, igrejas locais eram formadas e passaram a se reunir regularmente para participar da Ceia do Senhor, para servir a Deus e para edificação mútua. Os membros dessas igrejas locais contribuíam voluntariamente para a obra que Deus incumbiu à congregação.

Quando essas congregações se formaram, eram grupos de recém-convertidos que tinham que crescer espiritualmente. Conforme amadureciam, homens que satisfaziam às qualificações exigidas por Deus para proverem supervisão a essas congregações locais se desenvolviam. Esses homens eram selecionados para servirem como presbíteros. A Bíblia também usa a palavra “bispo” para descrever os mesmos homens, atribuindo a eles o papel de pastorear os fiéis. **A distinção que muitos grupos religiosos fazem entre pastores, bispos e presbíteros não é baseada na Bíblia – todos os três termos se referem ao mesmo servo de Deus.**

Os presbíteros/bispos/pastores serviam na igreja local para pastorearem o “rebanho de Deus”, mas apenas no meio no qual estavam. A responsabilidade e autoridade deles para supervisão se limitava ao rebanho local. Não há nenhuma base bíblica para presbíteros/bispos/pastores de uma congregação local supervisionarem uma igreja de outro local. É também interessante e importante observar que as passagens que falam de presbíteros/bispos/pastores nunca falam de apenas um servindo em uma mesma congregação – sempre há mais de um. O modelo do Novo Testamento é ter uma pluralidade destes homens numa mesma igreja local. **Não há autorização bíblica para homem algum supervisionar, sozinho, uma igreja local.**

Há duas passagens que indicam claramente as qualificações que um homem deve possuir para servir como presbítero/bispo/pastor, importantes demais para não serem citadas aqui: 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:5-9.

Esta afirmação é digna de confiança: se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função. **É necessário**, pois, que o bispo seja **irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro.** Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? **Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o Diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do Diabo.** (1 Timóteo 3:1-7, “Nova Versão Internacional”).

A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você pusesse em ordem o que ainda faltava e constituísse presbíteros em cada cidade, como eu o instruí. **É preciso que o presbítero seja irrepreensível, marido de uma só mulher e tenha filhos crentes que não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão.** Por ser encarregado da obra de Deus, **é necessário que o bispo seja irrepreensível: não orgulhoso, não briguento, não apegado ao vinho, não violento, nem ávido por lucro desonesto.** Ao contrário, **é preciso que ele seja hospitaleiro, amigo do bem, sensato, justo, consagrado, tenha domínio próprio e apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela.** (Tito 1:5-9, “Nova Versão Internacional”).

Note, nas duas passagens, as palavras “é necessário” e “é preciso”. **Nenhum homem que não possua todas essas qualificações deverá ser selecionado para servir como presbítero/pastor/bispo.** Antes de selecionar seus pastores, **os membros da igreja local deverão estudar cuidadosamente essas listas para estarem certos de que tenham dois ou mais homens verdadeiramente qualificados.**

É bem evidente que Deus quer homens espiritualmente maduros que se dedicarão aos seus irmãos para servirem como presbíteros/bispos/pastores. **Esse não é o trabalho dos jovens, dos novos convertidos, ou de homens que ainda não aprenderam a guiar suas próprias famílias, nem é papel atribuído a mulheres.** Essas qualificações não se adquirem recebendo diplomas de cursos de seminários, mas dedicando-se ao serviço de Deus.

Há também outros servidores. Diáconos são homens especialmente qualificados e escolhidos para servirem sob a supervisão dos presbíteros/bispos/pastores. Suas qualificações são encontradas em 1 Timóteo 3:8-12:

Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos. Devem apegar-se ao mistério da fé com a consciência limpa. Devem ser primeiramente experimentados; depois, se não houver nada contra eles, que atuem como diáconos. As mulheres [dos diáconos] igualmente sejam dignas, não caluniadoras, mas sóbrias e confiáveis em tudo. **O diácono deve ser marido de uma só mulher e governar bem seus filhos e sua própria casa.** Os que servirem bem alcançarão uma excelente posição e grande determinação na fé em Cristo Jesus. (1 Timóteo 3:8-12, “Nova Versão Internacional”).

Evangelistas ou pregadores são homens que proclamam as boas novas de Jesus Cristo. Eles não têm papéis de autoridade ou supervisão na igreja. Eles servem Jesus como seus anunciadores e têm que ser completamente fiéis à Palavra de Deus:

Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente: **pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina.** Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos. Você, porém, seja moderado em tudo, suporte os sofrimentos, **faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério.** (2 Timóteo 4:1-5, “Nova Versão Internacional”).

A prática comum de chamar um pregador de “o pastor” e de dar a ele autoridade para governar uma igreja não tem base nas Escrituras.

Em uma era onde muitas “igrejas” se assemelham a corporações multinacionais ou a empresas, o plano simples de Deus para organizar sua igreja parece muito simples. **Qualquer grupo de cristãos pode começar a adorar a Deus e a trabalhar unido como uma igreja local a partir do momento do [batismo bíblico](#).** Não há necessidade de treinamento em seminário, nem necessidade de permissão de qualquer diocese ou convenção.

O cristão não precisa se filiar a nenhuma denominação ou liga de igrejas, nem esperar que algum corpo eclesiástico envie a ele um padre ou pastor. O que é necessário para que cristãos formem uma igreja local cujo padrão é bíblico é um inabalável respeito à Palavra de Deus, bem como uma determinação a fazer tudo o que ele exige, e nada do que ele não autorizou.

10.4.5. DENOMINAÇÕES

Uma questão muito séria é que nomes humanos para “igrejas” causam divisões. Jesus Cristo, vivendo como judeu na Palestina há cerca de 2.000 anos antes do presente, teve oportunidades para participar das várias seitas que existiam na época, mas não há nenhum registro de ele ter ingressado em qualquer uma delas. **Ele simplesmente fazia a vontade de Deus sem seguir as tradições e doutrinas humanas. Ele procurava e andava com pessoas que compartilhavam o seu desejo de honrar a Deus.** Todos que observaram e ouviram Jesus ficaram admirados com a postura “radical” dele.

Durante sua vida na Terra, Jesus prometeu edificar a sua [igreja](#) e ensinou os seus discípulos a seguirem seus ensinamentos e exemplos. Isso vale para qualquer época – deve-se fazer como ele fazia e como ele ensinava. Deve-se buscar o conhecimento da vontade de Deus e obedecê-lo para que Deus seja honrado. Apesar da influência forte das muitas denominações com suas próprias tradições e doutrinas, as pessoas deveriam ser simplesmente [cristãs, seguidoras de Cristo](#).

Quando alguém tem o desejo de servir a Deus, rejeitará as tendências de criar e manter igrejas humanas – grupos que honram homens e defendem doutrinas humanas. Certamente, as diversas “igrejas” hoje, com suas placas destacando fundadores, tradições doutrinárias e ministérios criados por homens, não dão a devida honra a Deus.

Como é possível servir a Cristo sem participar da confusão das denominações? Como é possível evitar as divisões que acontecem quando homens são elevados a posições de honra? **Retornando ao padrão bíblico.** Paulo falou do mesmo problema quando escreveu aos coríntios:

Com isso quero dizer que algum de vocês afirma: “Eu sou de Paulo”; ou “Eu sou de Apolo”; ou “Eu sou de Pedro”; ou ainda “Eu sou de Cristo”. **Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?** (1 Coríntios 1:12-13, “Nova Versão Internacional”).

Nomes humanos e destaque impróprio dado aos homens criam divisões. Para evitar tais divisões, as pessoas devem seguir o único salvador e mediador, Jesus Cristo. Deve ser estudada a mesma Palavra de Deus, a Bíblia apenas, para que se possa falar e pensar a mesma coisa. **Cada pessoa deve comparar as práticas de sua igreja com o padrão do Novo Testamento e verificar se não está sendo enganada por falsa doutrina.**

Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês; antes, **que todos estejam unidos num só pensamento e num só parecer.** (1 Coríntios 1:10, “Nova Versão Internacional”).

Para que as pessoas tenham “um só pensamento e um só parecer” sobre Cristo **é absolutamente necessário voltar-se ao padrão do Novo Testamento.**

Denominações têm doutrinas e práticas conflitantes umas em relação às outras. O Espírito Santo foi o revelador da Palavra de Deus. **Se é verdade que cada denominação tem o Espírito Santo, por que as suas práticas e doutrinas conflitam umas com as outras? Não é a Palavra de Deus é a mesma? Estaria o Espírito Santo se contradizendo? Obviamente não. O problema não é a Palavra de Deus – é a atitude do ser humano.**

10.4.6. VOCÊ SÓ VIVE DUAS VEZES

Ninguém é [cristão](#) porque seus pais foram cristãos, ou somente porque foi “batizado”, ou porque é boa pessoa, ou vai para a igreja, ou porque é católico, protestante, etc. Como Billy Sunday uma vez observou: **“Sentar em um banco de igreja não faz você ser mais cristão do que sentar em uma garagem faz de você um carro.”**

Frequência na igreja e boas obras são todas questões periféricas a isto: ser espiritualmente renascido para a família de Deus e, então, compartilhar um relacionamento íntimo e ativo com Deus, por meio da fé em Jesus Cristo, enquanto se é fortalecido pelo Espírito Santo.

Como pode Deus fazer isso por alguém? De acordo com a Bíblia, quando alguém [se converte a Cristo](#), esse alguém vai saber que tem um lugar seguro no céu preparado por Deus.

De acordo com a Bíblia, uma pessoa “vive duas vezes” no seguinte sentido: a vida física aqui na Terra e, depois, em um contexto espiritual, a vida para regozijo no céu ou para o tormento eterno.

10.5. O QUE É JUSTIÇA?

Discordâncias sobre assuntos relacionados à Bíblia também ocorrem por uma falha na definição do que é a justiça.

10.5.1. NÃO QUERO VENENO, OBRIGADO

A Bíblia indica que todo mundo vai passar a eternidade em apenas um de dois lugares: céu ou inferno. Apenas aqueles [justificados por Deus](#) (os justos) passarão a eternidade no céu.

Um dos mais comuns enganos sobre o cristianismo é que a justificação por parte de Deus, ou aprovação para com ele, é alguma medida relativa que tem que ser ganha com bondade ou caridade. Na verdade, **a Bíblia ensina que Deus não dá a boa eternidade para quem mostra um pouco de bondade, ou para quem pesa mais para o lado bom do que para o lado mau, ou mesmo para aqueles que são 99,999% bons. O céu é para perfeição, e Deus não avalia ninguém com base em um gráfico.** Apenas aqueles com a justiça de Deus, sua própria

qualidade de perfeição, podem existir em sua presença no céu. Deus é quem justifica as pessoas para que elas sejam aptas a viver em sua presença.

A desmotivação de Deus em trazer em sua presença qualquer coisa menor que a perfeição é de alguma forma como a nossa desmotivação para beber veneno. Enquanto nós obviamente não beberíamos um copo cheio de veneno letal, tampouco acharíamos mais atraente tomar meio copo ou um quarto de copo de veneno. Para nós, a palavra-chave nessa ilustração é veneno. Para Deus, a palavra-chave é [pecado](#).

Como a nossa preocupação pela pureza do que bebemos, a santidade de Deus requer justiça perfeita naqueles que ele traz para junto de si. **A Bíblia demonstra que só há duas maneiras de ter essa justiça. Uma é jamais pecar (algo que, na prática, não ocorre para o ser humano), a outra é [receber a justificação](#) de Deus.**

10.5.2. DEUS NOS DEU LEIS QUE NÃO PODEMOS CUMPRIR?

Para que alguém nunca tenha pecado, é necessário que esse alguém nunca tenha transgredido qualquer lei de Deus por toda a vida. Contudo, as leis de Deus não são facilmente mantidas pelo ser humano, e nem sequer há alguém, na prática, que chegue perto de ser perfeito. O único ser humano que certamente nunca pecou foi Jesus Cristo.

Por que Deus elaborou leis que são tão difíceis para os seres humanos cumprirem? Com base no conhecimento bíblico, as leis nos foram dadas pelos seguintes motivos:

1. **Para que as pessoas possam entender melhor a perfeição e pureza de Deus** (em última análise, uma meta dos [cristãos](#)).
2. **Para o próprio bem-estar do ser humano.**
3. **Para que as pessoas possam vir a reconhecer a necessidade da ajuda de Deus** pelo fato de que ninguém pode cumprir perfeitamente as leis. As transgressões são a razão pela qual Deus condena, a não ser que o transgressor seja [justificado](#).

Basta uma transgressão de uma simples lei e qualquer “autojustiça” é imprestável. **Após um único pecado, a pessoa já não é mais perfeita diante de Deus e não há nada que ela possa fazer para se restaurar por si mesma.** É como um time de futebol que tenha 10.000 vitórias e apenas uma derrota: não importa quantas vitórias ele tenha, o número de vitórias jamais mudará o fato de que ele tem uma derrota. **Nem mesmo uma vida inteira de perfeição a partir do ponto em que ocorreu o erro vai apagar esse erro.**

Similarmente, um registro de motorista perfeito não serve para nada a partir do momento em que uma autoridade descobre a transgressão desse motorista e o condena. Quando o policial manda o motorista parar o carro, ele não pesa os meses ou anos em que o motorista passou obedecendo a lei em relação aos poucos minutos em que ele desrespeitou o limite de velocidade. **Nesse sentido, as leis de trânsito são similares às leis de Deus, no tocante em que elas não existem para avaliar o motorista em como ele age na maior parte do tempo. Se ele quebrou a lei uma vez, isso basta para a punição. Nem um passado perfeito, nem a promessa de um futuro perfeito, vão livrar o motorista da multa.**

10.5.3. SEM ALTERNATIVA

Segundo a Bíblia, tendo em vista que todos os seres humanos pecam mais cedo ou mais tarde, a “autojustiça” é inadequada e insuficiente para qualificá-los a estarem na presença de Deus. **Assim, para receber a [justificação](#) da parte de Deus, não há outra alternativa além da fé que leva à [conversão a Cristo](#).** Especificamente, o ser humano pode ser justificado pela fé operante em Jesus Cristo para que haja “pagamento suficiente” pela penalidade dos pecados. **Com os “débitos” dos pecados “pagos”, e com a justiça de Cristo imputada às pessoas, como é prometido na Bíblia para os que creem, a “cobrança legal” contra os pecados é satisfeita e as pessoas podem estar diante de Deus como se nunca tivessem pecado.**

Assim, apenas Cristo fez o que ninguém mais pode: cumprir totalmente a lei de Deus (ser perfeito) e, assim, estava apto a morrer (pagar a penalidade) pelos pecados dos seres humanos, ao invés dos seus próprios. E, ao ressuscitar dos mortos, ele coloca em exibição o fato de que seu sacrifício em nome das pessoas pecadoras foi aceito e que elas podem seguir seus passos. Assim, a fé cristã não é apoiada meramente na realidade de Jesus ter vivido, ou de ter morrido pelos pecados dos outros, ou de ter se erguido dos mortos como prova de que os pecados foram pagos. **A fé cristã é, na realidade, interativa tanto com a pessoa de Cristo ressuscitada e viva agora mesmo quanto com seus princípios pelo resto da eternidade.**

Nas palavras da Bíblia:

Se você **confessar** com a sua boca que **Jesus é Senhor** e crer em seu coração que **Deus o ressuscitou** dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação. Como diz a Escritura: **“Todo o que nele confia jamais será envergonhado.”** (Romanos 10:9-11, “Nova Versão Internacional”).

“Portanto, que todo o Israel fique certo disto: este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez **Senhor e Cristo**”. Quando ouviram isso, ficaram aflitos em seu coração e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: “Irmãos, que faremos?” Pedro respondeu: **“Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.”** (Atos 2:36-38, “Nova Versão Internacional”).

E, agora, que está esperando? Levante-se, **seja batizado e lave os seus pecados, invocando o nome dele.** (Atos 22:16, “Nova Versão Internacional”).

Vocês **precisam perseverar**, de modo que, quando tiverem **feito a vontade de Deus**, recebam o que ele prometeu; pois em breve, muito em breve “Aquele que vem virá e não demorará. Mas **o meu justo viverá pela fé**. E, se retroceder, não me agradarei dele”. Nós, porém, **não somos dos que retrocedem** e são destruídos, mas dos que **creem e são salvos.** (Hebreus 10:36-39, “Nova Versão Internacional”).

10.6. PECADO

A Bíblia define o pecado como a transgressão da lei divina, conforme 1 João 3:4:

Todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei. (João 3:4, “Nova Versão Internacional”).

A desobediência das instruções de Deus é o pecado, o qual traz várias consequências negativas. A conotação mais literal para pecado é “errar o alvo” – ou seja, alguém que peca se desvia do propósito para o qual foi criado, o qual é ter comunhão com o criador. Deus não apenas dita o correto – ele próprio é o correto. Quem não considera Deus já está em erro.

De acordo com a Bíblia, Deus falou, ainda antes do primeiro pecado humano, que a consequência seria a [morte espiritual](#) (o banimento da presença de Deus):

Mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, **certamente você morrerá.** (Gênesis 2:17, “Nova Versão Internacional”).

Na prática, o ser humano acaba pecando cedo ou tarde. E o salário do pecado é a morte:

Todavia, **não há um só justo na terra, ninguém que pratique o bem e nunca peque.** (Eclesiastes 7:20, “Nova Versão Internacional”).

Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Romanos 6:23, “Nova Versão Internacional”).

Uma forma de entendimento muito boa para a compreensão da consequência do pecado sobre nós é como se ela fosse uma “dívida” para com Deus que é impossível de ser paga pelo pecador. Deus, como o criador de tudo, tem direito sobre tudo. A nossa própria existência e a nossa alma são, na verdade, devidas a ele, e não a nós mesmos. Como não somos capazes de nos trazer à existência a partir da não existência, não somos de nós mesmos.

Não temos direito sobre nós mesmos. Nossa existência e nossa alma são de Deus. Ele apenas nos dá concessão para utilizar nossa existência e nossa alma. Porém, disso daremos conta a Deus após nossa morte (2 Coríntios 5:10).

Quando pecamos, “estragamos” nossa alma. E não temos poder, nem recursos, nem condições, para fazer o “reparo”. Nem mesmo o mundo inteiro é suficiente para fazer o resgate de uma alma que foi estragada pelo pecado (Mateus 16:26; Salmo 49:7-9). E essa alma é de Deus, ou seja, estragamos algo que não é nosso – por isso nos tornamos devedores em relação a Deus.

A única coisa que pode reverter o efeito do pecado sobre nossas almas é a morte de Jesus Cristo, a qual pode liquidar a nossa “dívida impossível de ser paga” para com Deus. No entanto, esse resgate é realizado apenas para aqueles que se [convertem a Cristo e vivem seu evangelho na prática](#).

Para aqueles que não aceitarem o resgate por meio de Cristo, a “dívida” permanece. Como é uma “dívida infinita”, e o pecador não pode pagá-la por si mesmo, e negou a única coisa que podia pagar sua dívida, a única coisa que resta a ele é passar a eternidade em tormento, como se tivesse que labutar para saldar uma dívida terrível – porém, essa dívida é interminável.

Essa ideia de o pecado resultar em uma “dívida impossível de ser paga” pelo pecador é bem exemplificada nesta passagem bíblica, a qual também ensina a importância do perdão:

Por isso, o Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata. Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida. O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: “Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo”. O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir. Mas, quando aquele servo saiu, encontrou um de seus conservos, que lhe devia cem denários. Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: “Pague-me o que me deve!” Então o seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe: “Tenha paciência comigo, e eu pagarei a você”. Mas ele não quis. Antes, saiu e mandou lançá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Quando os outros servos, companheiros dele, viram o que havia acontecido, ficaram muito tristes e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido. Então o senhor chamou o servo e disse: “Servo mau, cancelei toda a sua dívida porque você me implorou. Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?” Irado, seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que devia. Assim também fará meu Pai celestial a vocês se cada um de vocês não perdoar de coração a seu irmão (*Mateus 18:23-35, “Nova Versão Internacional”*).

10.7. MORTE

Nascemos, vivemos... E morremos. O que é a morte? Não trataremos aqui das definições legais ou clínicas de quando considerar um organismo como morto. Elas são um tanto complicadas e não nos edificarão muito no contexto deste estudo. Vejamos o ponto de vista bíblico.

A morte sempre significa uma separação. Em termos físicos, a morte ocorre quando o corpo se separa do espírito. Tiago demonstrou essa realidade quando escreveu que não basta alguém apenas ter fé sem ter uma conduta que a comprove:

Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta. (*Tiago 2:26, “Nova Versão Internacional”*).

A Bíblia também diz que o que acontece no fim da vida física:

O pó volte à terra, de onde veio, e o espírito volte a Deus, que o deu. (*Eclesiastes 12:7, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, a morte, no sentido físico, é a separação do corpo e do espírito.

No entanto, a Bíblia ensina que a morte no sentido físico não é o pior que pode acontecer a uma pessoa. **Há morte no sentido espiritual, ou seja, o estado de estar separado de Deus – e é esse o pior destino que alguém**

pode ter. Assim, alguém pode estar vivo na Terra (ainda ter seu espírito), mas morto espiritualmente (separado de Deus). Os [pecados](#) separam as pessoas de Deus:

Mas as suas maldades separaram vocês do seu Deus; os seus pecados esconderam de vocês o rosto dele, e por isso ele não os ouvirá. (*Isaías 59:2, “Nova Versão Internacional”*).

Nesse sentido, a humanidade já está separada de Deus (considerada como morta espiritualmente, uma vez que, na prática, as pessoas acabam pecando). Porém, neste mundo, as pessoas ainda têm acesso a certo nível de bondade, justiça, alegria, etc. – chamemos tudo isso de “boas dádivas”. A Bíblia afirma que as “boas dádivas” são dádivas de Deus:

Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes. (*Tiago 1:17, “Nova Versão Internacional”*).

No entanto, chegará uma hora em que a vida terminará, seja pela pessoa morrer por algum motivo, ou quando chegar o fim do mundo no retorno de Cristo – o que vier primeiro.

Aqueles que morrem fisicamente e que não forem [justificados](#) do pecado serão condenados a uma separação total de Deus – a morte no sentido espiritual.

A sentença, na verdade, é aquilo que a pessoa que não buscou Deus escolheu: permanecer longe de Deus. A diferença é que, dessa vez, a separação será total – 100%. E, com isso, vem o grande problema: o condenado estará afastado de todas as “boas dádivas”, as quais vêm de Deus. Uma pessoa condenada para estar para sempre longe de Deus não terá nada de alegria, nada de amor, nada de justiça. Assim, tudo o que restará é o “choro e ranger de dentes”, como Jesus mencionou. Com essa ilustração, torna-se mais fácil entender a ideia do tormento eterno.

Ao contrário da difundida ideologia popular de que a vida humana (física) é o bem mais importante que existe, **o foco bíblico é prioritariamente a salvação da vida espiritual, não da vida material.**

10.8. AMOR

As Escrituras do Novo Testamento foram originalmente escritas em grego. O Antigo Testamento foi traduzido para o grego. O grego é uma linguagem mais específica do que o português. É interessante que, dentre as palavras gregas para o amor, quatro se destacam pelos seus usos gerais:

1. **Eros:** no sentido mais comum se relaciona com atração física: amor romântico, erótico, sensual. Não necessariamente tem que ser de natureza sexual. Tal amor também é conhecido como “paixão”. Pode ser interpretado como um amor mais intenso do que o “amor de amizade” (*philos*). Pode também se aplicar a relacionamentos, bem como união. Embora talvez possa ser o mais intenso em termos de sentimento, é de um caráter mais passageiro e inconstante.
2. **Philia/philos/phileo/fileo:** comumente expresso pelo “amor amizade”, inclui o amor entre os seres humanos – um amor fraternal e social. Esse é o tipo de amor que nos impulsiona a nos preocuparmos com os outros, um amor filantrópico. Algumas palavras são derivadas desse vocábulo: “Teófilo” que quer dizer “amigo de Deus” (“*Teos*”, “*Deus*”, mais “*phileo*”, “amizade” ou “amigo”); “Filadélfia” que significa “amor entre irmãos” ou “amizade fraternal” (“*phileo*”, “amor amizade”, mais “*adelphos*”, “irmãos”); “filantropia” que significa “amor humano” (“*phileo*”, “amizade”, mais “*antropos*”, homem). Requer virtude, igualdade e familiaridade. Em textos antigos, geralmente denota um tipo de amor global, usado como amor entre amigos, um desejo, ou a apreciação de uma atividade.
3. **Storgé:** comumente expresso como “afeição natural”, acontece especialmente com a família e entre seus membros, normalmente afeição dos pais aos filhos. Tem um caráter não interesseiro, humilde, objetivo e sacrificial – o amor de um lar onde há harmonia em família.
4. **Ágape:** amor de decisão, incondicional, não espera nada em troca, sem conotações sexuais, segundas intenções, malícia e interesses pessoais. Também é um amor de satisfação, pois é compartilhado e tem

resposta entre todos aqueles que se reúnem para formar uma fraternidade. É o tipo de amor ao próximo que Cristo ensinou. Esse é o amor com o qual é possível amarmos até os nossos inimigos (como Jesus ensinou em Mateus 5:44).

Eros e *philos* são, basicamente, **fundamentados na atração**. *Storgé* basicamente está ligado aos laços da **família física**. *Ágape* tem raiz na natureza da pessoa que ama, a natureza especial que leva a pessoa a amar tanto o que é atraente quanto o que não é – **não encontra sua base na paixão humana**. Note a diferença: quando Jesus amava leprosos, seu amor não era uma reação a algo que eles tinham, uma vez que tal reação não seria amor – seria o que chamamos de “sentir pena”.

Tratando o assunto de maneira bem simplificada, sentimos *eros* por alguém que nos atrai fisicamente e nos deixa apaixonados. Sentimos *philos* por uma pessoa que nos induz a atar profundos laços de respeito e amizade. **Esses dois tipos de amor representam nossa resposta a algum estímulo por parte da outra pessoa**. *Eros* e *philos* combinados podem, por exemplo, possibilitar um bom casamento. No entanto, acrescentando-se *ágape* a eles, temos um casamento que força nenhuma consegue romper.

No entanto, *eros* e *philos* podem trair votos solenes de compromisso. O *eros* que fez com que a mulher sentisse atração pelo marido pode, mais tarde, levá-la a outro homem, por quem ela também pode vir a sentir *philos*. Ou o *philos* que ligou um homem à mulher afetiva do escritório pode, mais tarde, misturar-se com *eros*... E, quanto mais crescerem dentro dele *eros* e *philos* pela mulher do escritório, menos “amor” ele sentirá pela sua esposa.

Assim, o amor divino, demonstrado muitas vezes pela palavra grega *ágape*, **não provém de sentimento, mas de decisão**.

Nas epístolas do apóstolo Paulo é comum encontrar suas orações a favor dos cristãos. Um bom exemplo encontra-se na Epístola aos Filipenses:

Esta é a minha oração: **que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção**, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus. (*Filipenses 1:9-11, “Nova Versão Internacional”*).

O objetivo principal dessa oração é o aumento do amor dos cristãos filipenses. **O amor é fundamental à vida espiritual**. Dois mandamentos de Jesus incluem todas as outras coisas reveladas na Palavra de Deus:

“Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Respondeu Jesus: **“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento**. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: **ame o seu próximo como a si mesmo**. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.” (*Mateus 22:35-40, “Nova Versão Internacional”*).

Deus define o amor, uma vez que ele é amor:

Amados, amemos uns aos outros, pois **o amor procede de Deus**. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque **Deus é amor**. Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que **ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados**. Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar uns aos outros. (*1 João 4:7-11, “Nova Versão Internacional”*).

Voltando ao exemplo da oração de Paulo na carta aos cristãos filipenses, a explicação do apóstolo demonstra que o amor deve aumentar **“cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção”**. Observe que o amor não é apenas sentimental, mas exige **conhecimento e discernimento (percepção)**. O crescimento nesse conhecimento é importante:

Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao **conhecimento da verdade que conduz à piedade**. (*Tito 1:1, “Nova Versão Internacional”*).

Graça e paz lhes sejam multiplicadas, pelo **pleno conhecimento de Deus e de Jesus**, o nosso Senhor. **Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude.** Dessa maneira, ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça. **Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade; à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor.** Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, **no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo**, sejam inoperantes e improdutivos. (2 Pedro 1:2-8, “Nova Versão Internacional”).

Cresçam, porém, na **graça e no conhecimento** de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, agora e para sempre! Amém. (2 Pedro 3:18, “Nova Versão Internacional”).

No exemplo da oração de Paulo na carta aos cristãos filipenses, **a noção popular que “o amor não deve ser crítico” é refutada com o uso da palavra “percepção” (discernimento).** Na verdade, o amor que Deus exige é capaz de discernir entre o certo e o errado, sempre apoiando o certo e rejeitando o errado:

mas **ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom. Afastem-se de toda forma de mal.** (1 Tessalonicenses 5:21-22, “Nova Versão Internacional”).

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. **O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.** Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1 Coríntios 13:4-7, “Nova Versão Internacional”).

Assim, “conhecimento” e “percepção” têm objetivos práticos na oração do apóstolo aos cristãos filipenses. O aumento do amor pelo qual Paulo orou tinha o objetivo de que aqueles cristãos fossem “puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.”

O ditado popular que afirma que “o amor é cego” não se aplica ao amor de Deus.

10.9. MUNDO

Eventualmente é possível notar o escárnio que alguns descrentes dirigem àqueles que falam do princípio bíblico de “não amar o mundo”. A resposta, muitas vezes, é algo como “Você vive no mundo!” ou “Você é do mundo!”, com um tom de zombaria.

Além do sentido mais geral da palavra, na Bíblia, podemos resumir o sentido de “mundo” como sendo **sistemas, regras, preceitos ou tipos de conduta, criados pelo ser humano, que se desviam dos ensinamentos de Deus, ou que incitam o ser humano a um comportamento que o desagrada.** Portanto, biblicamente, “não amar o mundo” significa, basicamente, aborrecer tais coisas e viver fora delas.

10.10. OS CHAMADOS “PAIS DA IGREJA”

Os chamados “pais da igreja”, também conhecidos como “padres da igreja” e “santos padres”, foram influentes cristãos cujos escritos foram utilizados como referência em séculos vindouros. O estudo de seus escritos é denominado **patristica** e eles estão classificados entre os séculos 2 d.C. a 7 d.C.

A designação “pais da igreja” (assim como “padres da igreja” e “santos padres”) é inexata, razão pela qual, neste estudo, sempre se faz referência a eles com palavras entre aspas. Embora seus trabalhos fossem notáveis, **o verdadeiro pai da igreja é Cristo. Nenhum dos “pais da igreja” tinha autoridade para criar doutrinas bíblicas – o cristianismo já estava totalmente revelado no final do primeiro século.**

Embora suas obras sejam cheias de importância para o estudo das Escrituras, é importante colocar as coisas em seus devidos lugares. **Ainda que um escrito tenha sido deixado por um dos “pais da igreja”, em uma situação de conflito entre a opinião de qualquer um deles com o ensinamento bíblico, é o ensinamento bíblico que**

prevalece. Eles foram bons homens, mas isso é o que foram – homens. A inspiração cessou após a publicação do último escrito bíblico e a morte dos autores inspirados, pois tudo já estava revelado no final do primeiro século.

11. SOBRE O QUE É A BÍBLIA?

O livro, chamado Bíblia, está repleto de passagens igualmente horríveis, injustas e atrozes. (*Robert G. Ingersoll*).

Na ciência, tenta-se dizer às pessoas, de forma a ser entendida por todos, algo que ninguém jamais soube. Mas na poesia, é exatamente o oposto. (*Paul Dirac*).

É uma incrível enganação quando você pensa sobre isso, acreditar em algo agora em troca de algo após a morte. (*Gloria Steinem*).

Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. (*1 Coríntios 1:18, “Nova Versão Internacional”*).

Esta é uma introdução bem geral sobre a Bíblia e seus temas principais.

11.1. MAIS DO QUE UM LIVRO

A Bíblia, na verdade, não é um só livro, mas a coleção de sessenta e seis livros e cartas individuais. Esses livros e cartas foram escritos por cerca de quarenta a cinquenta autores separados, de várias ocupações, de muitos lugares diferentes, em três linguagens [75]. As datas de autoria abordam um período de tempo excedendo 1.500 anos. As formas literárias empregadas incluem diários, biografias, história, lei, poesia e parábolas.

Os autores bíblicos foram bem isolados um do outro por séculos, culturas e localizações distantes. Ainda assim, cristãos dizem que todos os livros da Bíblia relatam seus ensinamentos com consistência de ponto de vista e exatidão. Cristãos acreditam que esses ensinamentos para conhecer a Deus e conhecer a respeito do [amor](#), ética, e um [julgamento por vir](#) são relevantes a todas as culturas por todo o tempo.

Os escritos coletivamente contam a contínua história da redenção da humanidade por Deus. A Bíblia e a tradição judaica registram que, no começo da história humana, Deus se comunicou diretamente com indivíduos. Conforme o tempo progredia, Deus divinamente inspirou pessoas para escrever aquilo que serviria para edificar gerações futuras. Desde o primeiro século depois de Cristo, quando ele completou seu ministério na Terra, e desde que Jerusalém foi logo destruída (subsequentemente dispersando os seguidores de Cristo por todo o mundo), aqueles escritos inspirados têm continuado a servir como a voz de Deus na Terra. Abordamos sobre inspiração no segundo estágio deste estudo (integridade).

A coleção de escritos inspirados é referida como Bíblia, as Escrituras, a Mensagem, a Palavra de Deus ou, simplesmente, a Palavra. A Palavra de Deus existe para servir como a autoridade moral dada por Deus à humanidade sobre como as pessoas lidam tanto com Deus como com outras pessoas.

11.2. ANTIGO TESTAMENTO E NOVO TESTAMENTO

A Bíblia é dividida em livros da Antiga Aliança, ou Antigo Testamento, e em livros da Nova Aliança, ou Novo Testamento. Os documentos do Antigo Testamento foram escritos antes do nascimento de Jesus Cristo e os documentos do Novo Testamento depois. F. F. Bruce resumiu desta forma:

Os livros da Antiga Aliança, então, contam como Deus fez necessária preparação para enviar seu Filho para inaugurar a Nova Aliança. Os livros da Nova Aliança contam como o Filho de Deus veio para fazer isso e anunciar as implicações dessa Nova Aliança. Ambas as coleções falam de Cristo; ele é quem dá unidade a cada uma e às duas juntas. A coleção anterior olha adiante com esperança de seu aparecimento e obra; a posterior conta como essa esperança foi cumprida [76].

Uma das ênfases maiores do Antigo Testamento é o cenário da separação do povo de Deus. Deus amadureceu um grupo de pessoas para que o usasse na forma da nação de Israel. Esse grupo de pessoas tinha a intenção de ser seu porta-voz para o mundo, e sua nação tinha o propósito de produzir o santo Messias de Deus. Foi quando Israel estava sendo mantido em sujeição às forças romanas que Cristo nasceu. Não muito tempo depois

do ministério e da morte expiatória de Cristo fora da capital dos judeus (Jerusalém), Roma destruiu totalmente a cidade em 70 d.C.

A destruição de Jerusalém teve o efeito de forçar a dispersão das muitas testemunhas do ministério e dos milagres de Cristo para o mundo conhecido da época. A dissolução efetiva da nação de Israel no momento oportuno, e dessa forma particular, era como espalhar as sementes de trigo para o vento. Judeus e gentios (não judeus) [convertidos](#) a Cristo foram espalhados por todo o mundo, levando com eles as boas notícias (o evangelho). Abordamos o evangelho no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

A ênfase do Novo Testamento é Jesus Cristo, que foi o prometido Messias (ou Cristo) do Antigo Testamento. Os livros e cartas do Novo Testamento documentam a vida, morte e ressurreição de Jesus. Eles existem para contar a gerações sucessivas a respeito de Jesus e para guiá-las por seus ensinamentos. Esses escritos também incluem a promessa de Cristo de retornar fisicamente à Terra. Uma das formas da Bíblia se referir a esse evento é "[o último dia](#)".

A chegada do último dia é imprevisível. O retorno de Cristo então vai trazer a ressurreição física dos mortos, a destruição da presente criação, o julgamento de cada pessoa e a criação de novos céus e nova terra.

11.3. PARA QUE SERVIRAM OS SACRIFÍCIOS NO CONTEXTO BÍBLICO?

Uma característica proeminente do Antigo Testamento foi a oferta de sacrifícios pelo [pecado](#). Os sacrifícios, leis rituais e exemplos históricos dentro do Antigo Testamento revelaram a [fé](#) como sendo a solução de Deus para salvar a humanidade da penalidade pelo pecado. **A fé na prática do sacrifício era real, mas a prática em si apenas simbolicamente prefigurava aquilo que iria realmente prover a salvação: a morte de Cristo (futura, no caso do Antigo Testamento).**

O sacrifício envolvia quatro diferentes elementos, como exemplificados nesta passagem:

Quando a oferta de alguém for sacrifício de comunhão, assim se fará: se oferecer um animal do gado, seja macho ou fêmea, apresentará ao Senhor um animal sem defeito. Porá a mão sobre a cabeça do animal, que será morto à entrada da Tenda do Encontro. Os descendentes de Arão, os sacerdotes, derramarão o sangue nos lados do altar. (*Levítico 3:1-2, "Nova Versão Internacional"*).

Aqui estão os quatro maiores simbolismos envolvidos na realização do sacrifício:

1. **O sacrifício apresentado tinha que ser perfeito:** ele tinha que ser perfeito (sem defeito – representando “sem pecado”) para que pudesse ser corretamente visto como morrendo em substituição de outros. Se o sacrifício tivesse defeito (representando pecado), esse sacrifício estaria morrendo pelo seu próprio pecado, e não pelo pecado de outro.
2. **O pecado da pessoa era imputado, ou transferido, para o sacrifício:** a morte do substituto sacrificial efetivamente carregava para longe, ou expiava, o pecado de quem ele tinha sido transferido, o qual passava a estar livre do pecado.
3. **A morte do sacrifício:** uma vez que a penalidade para pecado é morte, o substituto carregando o pecado imputado tinha que morrer. O sangue da vítima, simbolizando sua vida, tinha que ser derramado no lado do altar.
4. **O sangue derramado:** indicava publicamente e firmemente que aquele que carregava o pecado tinha morrido e que a justiça de Deus estava agora satisfeita e completa.

Como isso é representativo da morte de Jesus Cristo? A Bíblia também deixa isso claro:

1. **Apenas Cristo é perfeito (sem pecado):** “Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado” (Hebreus 4:15).

2. **Os pecados do povo de Deus foram imputados a Cristo:** “[...] o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. [...] e o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (Isaías 53:5-6).
3. **Cristo morreu por nós:** “Não por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Lugar Santíssimo, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção” (Hebreus 9:12).
4. **O sangue de Cristo:** “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados” (Mateus 26:28); “[...] aos eleitos de Deus [...] escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue [...]” (1 Pedro 1:1-2).

11.4. SOBRE O QUE É O JULGAMENTO?

Considerando o julgamento que a Bíblia profetiza para o fim do mundo e o fato de que as pessoas na prática acabam [pecando](#), a vida não é um “teste” diante de Deus – já estaríamos aguardando a sentença. Veja mais sobre isso no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Embora todos morram fisicamente, o [“débito” dos pecadores em relação a Deus é “infinito”](#). O Salmo 49 declara isso de forma que nenhum pagamento é o bastante:

Homem algum pode redimir seu irmão ou pagar a Deus o preço de sua vida, pois o resgate de uma vida não tem preço. Não há pagamento que o livre para que viva para sempre e não sofra decomposição.” (*Salmo 49:7-8, “Nova Versão Internacional”*).

É por isso que esse “débito” só aceita uma “morte de valor infinito” – Deus em Cristo – para completamente “quitar” essa “dívida infinita”. Pode ser por isso também que o inferno é para sempre: **com o fim de “pagar” o “débito” da pessoa pelo pecado, uma “vida de valor infinito” (Cristo) deve morrer por um “tempo finito”, ou uma vida de “valor finito” (como a vida as pessoas) deve morrer por um “tempo infinito”**.

A Bíblia ensina que, depois do julgamento, Deus promete aos [cristãos](#) uma ressurreição em perfeitos e eternos corpos para que morem em novos céus e nova terra, em sua presença, retendo o mesmo caráter dele. Aqueles que não creem em Cristo também ressuscitarão, mas para viver no mesmo inferno que foi preparado para o diabo e os anjos que o seguiram, banidos para sempre da presença de Deus.

12. REFERÊNCIAS

- [1] Adaptado de ProvetheBible.net/T1/Introduction01.htm, acessado em 12/2022. [Retornar](#).
- [2] Russell, Bertrand, “ABC da Relatividade”, Zahar, 2005, p. 29. [Retornar](#).
- [3] Bloom, John A. & Montgomery, John Warwick, “Evidence for Faith: Why Isn’t the Evidence Clearer?”, Word Publ., 1991, p. 30. [Retornar](#).
- [4] Adaptado de Answersingenesis.org/evidence-against-evolution/probability/what-are-some-good-questions-to-ask-an-evolutionist, acessado em 07/2016. [Retornar](#).
- [5] Adaptado de Y-jesus.com/more/scc-science-christianity-compatible, acessado em 01/2016. [Retornar](#).
- [6] Harrison, E., “Masks of the Universe”, New York, Collier Books, Macmillan, 1985, p. 252, 263. [Retornar](#).
- [7] Greene, Brian, “The Elegant Universe”, New York: Vintage, 2000, pp. 81-82. [Retornar](#).
- [8] Smoot, George & Davidson, Keay, “Wrinkles in Time”, New York: Avon, 1993, p. 241. [Retornar](#).
- [9] Jastrow, Robert, “God and the Astronomers”, London: W. W. Norton, 1992, p. 13. [Retornar](#).

- [10] Jastrow, Robert, *“God and the Astronomers”*, London: W. W. Norton, 1992, p. 104. [Retornar](#).
- [11] Jastrow, Robert, *“God and the Astronomers”*, London: W. W. Norton, 1992, p. 103. [Retornar](#).
- [12] Jastrow, Robert, *“God and the Astronomers”*, London: W. W. Norton, 1992, p. 14. [Retornar](#).
- [13] Smoot, George & Davidson, Keay, *“Wrinkles in Time”*, New York: Avon, 1993, p. 241. [Retornar](#).
- [14] Hawking, Stephen, *“The Illustrated A Brief History of Time”*, New York: Bantam, 1996, p. 156. [Retornar](#).
- [15] Ross, Hugh, *“The Creator and the Cosmos”*, 3rd ed., Colorado Springs, CO: NavPress, 2001, p. 224. [Retornar](#).
- [16] Hawking, Stephen, *“A Brief History of Time”*, New York: Bantam, 1990, p. 125. [Retornar](#).
- [17] Ross, Hugh, *“The Creator and the Cosmos”*, Colorado Springs, CO: NavPress, 2001, p. 198. [Retornar](#).
- [18] Greenstein, George, *“The Symbiotic Universe”*, New York: William Morrow, 1988, p. 27. [Retornar](#).
- [19] Greenstein, George, *“The Symbiotic Universe”*, New York: William Morrow, 1988, p. 189. [Retornar](#).
- [20] Robert Jastrow, *“God and the Astronomers”*, London: W. W. Norton, 1992, p. 105. [Retornar](#).
- [21] Davies, Paul, *“God and the New Physics”*, New York: Simon & Schuster, 1983, p. 174. [Retornar](#).
- [22] Hoyle, Fred, *“Let there be Light”*, *Engineering and Science*, November 1981. [Retornar](#).
- [23] Einstein, Albert, *“Ideas and Opinions – The World As I See It”*, New York: Bonanza, 1931, p. 40. [Retornar](#).
- [24] *“Christopher Hitchens Fine Tuning”*, [Youtube.com/watch?v=GDJ9BL38PrI](https://www.youtube.com/watch?v=GDJ9BL38PrI), acessado em 04/2016. [Retornar](#).
- [25] Davies, Paul, *“The Cosmic Blueprint”*, New York: Simon & Schuster, 1988, p. 203. [Retornar](#).
- [26] Crick, Francis, *“Life Itself”*, New York: Simon & Schuster, 1981, p. 88. [Retornar](#).
- [27] Citado em Dembski, William A. & Kushiner, James M., eds., *“Signs of Intelligence”*, Grand Rapids, MI: Brazos, 2001, p. 108. [Retornar](#).
- [28] Citado em Habermas, Gary, *“My Pilgrimage from Atheism to Theism”*, *Interview with Antony Flew*, *Philosophia Christi*, Winter, 2005. [Retornar](#).
- [29] Boslough, John, *“Stephen Hawking’s Universe”*, New York: Avon, 1989, p. 109. [Retornar](#).
- [30] Jastrow, Robert, *“God and the Astronomers”*, London: W. W. Norton, 1992, p. 13. [Retornar](#).
- [31] Margenau, H. & Varguese, R. A., eds., *“Cosmos, Bios, Theos: Scientists Reflect on Science, God, and the Origins of the Universe, Life, and Homo Sapiens”*, Open Court Pub. Co., La Salle, IL, 1992. [Retornar](#).
- [32] Adaptado de [Evidenceforchristianity.org/what-is-your-response-to-astro-theology](http://evidenceforchristianity.org/what-is-your-response-to-astro-theology), acessado em 05/2015. [Retornar](#).
- [33] Sire, James W., *“The Universe Next Door”*, Inter Varsity Press, 1997. [Retornar](#).
- [34] Adaptado de Carm.org/presuppositional-apologetics; Carm.org/i-lack-belief-god; Carm.org/there-no-proof-god-exists; Storage.carm.org/school-demos/demo3/1_tools/logic.htm; Storage.carm.org/school-demos/demo3/1_tools/information.htm; Storage.carm.org/school-demos/demo3/1_tools/knowing.htm; Storage.carm.org/school-demos/demo3/2_logic/3logic.htm; Storage.carm.org/school-demos/demo3/2_logic/absolutes.htm; Storage.carm.org/school-demos/demo3/2_logic/absolutes-God.htm; acessados em 06/2015. [Retornar](#).
- [35] Russell, Bertrand, *“ABC da Relatividade”*, Zahar, 2005, p. 29. [Retornar](#).

- [36] Adaptado de Infidels.org/library/modern/michael_martin/martin-frame/tang.html; Carm.org/answer-refutation-transcendental-argument, acessados em 11/2015. [Retornar](#).
- [37] Infidels.org/library/modern/michael_martin/martin-frame/tang.html, acessado em 11/2015. [Retornar](#).
- [38] Infidels.org, “The Transcendental Argument for the Nonexistence of God”, acessado em 11/2015. [Retornar](#).
- [39] Infidels.org, “The Transcendental Argument for the Nonexistence of God”, acessado em 11/2015. [Retornar](#).
- [40] Infidels.org, “The Transcendental Argument for the Nonexistence of God”, acessado em 11/2015. [Retornar](#).
- [41] Infidels.org, “The Transcendental Argument for the Nonexistence of God”, acessado em 11/2015. [Retornar](#).
- [42] Infidels.org, “The Transcendental Argument for the Nonexistence of God”, acessado em 11/2015. [Retornar](#).
- [43] Adaptado de Estudosdabiblia.net/jbd162.htm, acessado em 07/2015. [Retornar](#).
- [44] Adaptado de Estudosdabiblia.net/jbd170.htm, acessado em 07/2015. [Retornar](#).
- [45] Allis, Oswald T., “The Old Testament: Its Claims and Its Critics”, Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1972, p. 356-357. [Retornar](#).
- [46] “Bíblia de Estudo Arqueológica NVI”, Vida, 2013, p. 800. [Retornar](#).
- [47] “Bíblia de Estudo Arqueológica NVI”, Vida, 2013, p. 576. [Retornar](#).
- [48] Butler, Trent C., gen. Editor, “Holman Bible Dictionary”, Holman Bible Publishers, Nashville, TN, 1991, pp. 227-228, 1381. [Retornar](#).
- [49] Allis, Oswald T., “The Old Testament: Its Claims and Its Critics”, Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1972, p. 353. [Retornar](#).
- [50] Archer, Gleason L. Jr., “A Survey of Old Testament Introduction”, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 215. [Retornar](#).
- [51] Harrison, R.K., “Introduction to the Old Testament”, Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 103. [Retornar](#).
- [52] Adaptado de Tracer345.org/zeitgeist.html, acessado em 05/2015. [Retornar](#).
- [53] Adaptado de Benwitherington.blogspot.com.br/2007/12/zeitgeist-of-zeitgeist-movie.html, acessado em 07/2015. [Retornar](#).
- [54] Adaptado de Coldcasechristianity.com/2016/why-we-shouldnt-be-surprised-some-pre-christian-deities-are-similar-to-jesus/; Coldcasechristianity.com/2016/why-the-pre-jesus-mythologies-fail-to-prove-jesus-is-a-myth/; Coldcasechristianity.com/2016/how-to-respond-to-claims-jesus-is-a-copycat-savior-free-bible-insert/; acessados em 04/2017. [Retornar](#).
- [55] Adaptado de Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2013/07/as-mitologias-indicam-um-passado-comum.html; Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2013/07/cristo-na-mitologia.html; acessados em 07/2015. [Retornar](#).
- [56] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, “Guia Ilustrado Zahar” – Mitologia, Zahar, p. 37. [Retornar](#).
- [57] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, “Guia Ilustrado Zahar” – Mitologia, Zahar, p. 173. [Retornar](#).
- [58] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, “Guia Ilustrado Zahar” – Mitologia, Zahar, p. 197. [Retornar](#).

- [59] Unger, Merrill Frederick, "Manual Bíblico Unger", Vida Nova, p. 42. [Retornar](#).
- [60] Fachini, A. S. & Seganfredo, Carmen, "As Melhores Histórias da Mitologia Nórdica", Artes e Ofícios, pp. 12, 165-168, 178. [Retornar](#).
- [61] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, p. 319. [Retornar](#).
- [62] Fachini, A. S. & Seganfredo, Carmen, "As 100 Melhores Histórias da Mitologia", L&PM, pp. 27-28. [Retornar](#).
- [63] Fachini, A. S. & Seganfredo, Carmen, "As 100 Melhores Histórias da Mitologia", L&PM, p. 200; Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, p. 61. [Retornar](#).
- [64] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, p. 64. [Retornar](#).
- [65] Mesquita, Antônio Neves, "Povos e Nações do Mundo Antigo, Uma História do Velho Testamento", Casa Publicadora Batista, 1973. [Retornar](#).
- [66] Fachini, A. S. & Seganfredo, Carmen, "As 100 Melhores Histórias da Mitologia", L&PM, p. 140. [Retornar](#).
- [67] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, p. 147. [Retornar](#).
- [68] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, p. 20, 28, 56, 57, 146, 339, 340, 341 e 343; Fachini, A. S. & Seganfredo, Carmen, "As 100 Melhores Histórias da Mitologia", L&PM, p. 12. [Retornar](#).
- [69] Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, pp. 26-27, 50, 175. [Retornar](#).
- [70] Pollard, Randal Milton, "No Princípio", Gênesis, p. 43. [Retornar](#).
- [71] Unger, Merrill Frederick, "Manual Bíblico Unger", Vida Nova, pp. 46-47; Wilkinson, Philip & Philip, Neil, "Guia Ilustrado Zahar" – Mitologia, Zahar, p. 147; Mesquita, Antônio Neves, "Povos e Nações do Mundo Antigo, Uma História do Velho Testamento", Casa Publicadora Batista, 1973; Unger, Merrill Frederick, "Arqueologia do Velho Testamento", Batista Regular. [Retornar](#).
- [72] C. S. Lewis citado em Tucker, Ruth, "Fé e Descrença", Mundo Cristão, p. 64. [Retornar](#).
- [73] Adaptado de ProvetheBible.net/T1/Introduction01.htm, acessado em 12/2022; adaptado de Estudosdabiblia.net/d143.htm, Estudosdabiblia.net/a14_8.htm, Estudosdabiblia.net/d12.htm, Estudosdabiblia.net/jbd078.htm, acessados em 07/2015. [Retornar](#).
- [74] Custance, Arthur C., "Science and Faith", Zondervan Publ. House, Grand Rapids, MI, 1978, p. 200. [Retornar](#).
- [75] Hall, Terry, "How the Bible Became a Book", SP Publ. 1990, p. 7. [Retornar](#).
- [76] Bruce, F. F., "The Books and the Parchments", Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd., 1950, 1984, pp. 68-69. [Retornar](#).